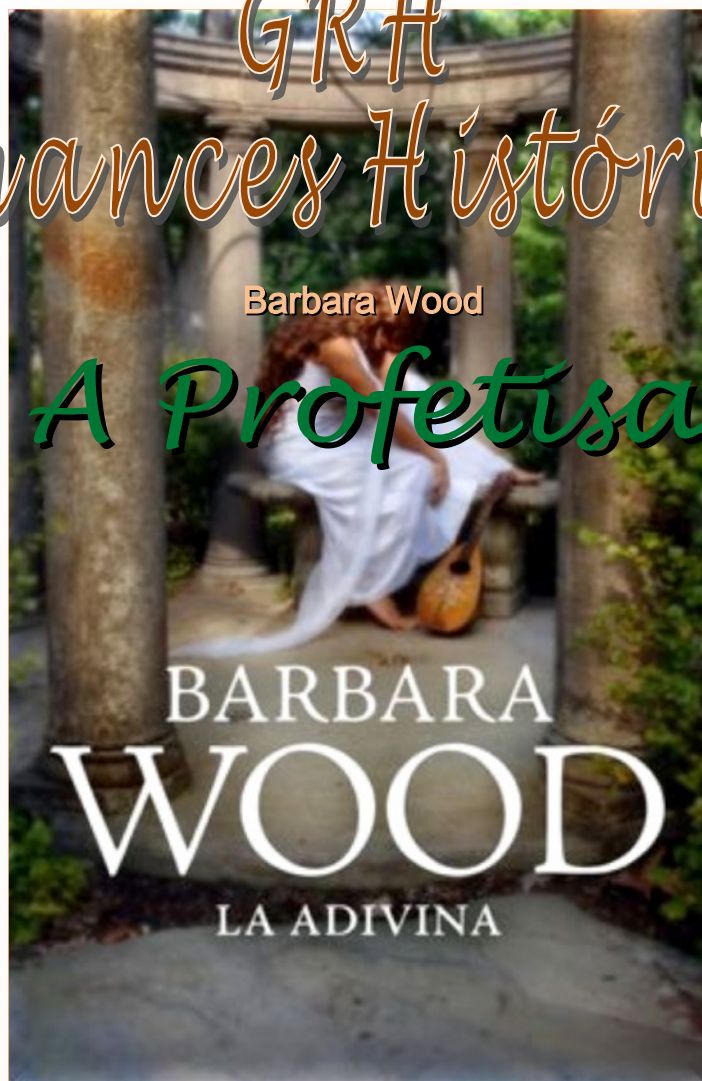




GRH Romances Históricos



Tradução/Pesquisa:GRH
Revisão Inicial: Tania Candida
Revisão Final: Déia
Formatação:Ana Paula G.



ARGUMENTO

No século I D.C Ulrika faz uma longa viagem até Roma para encontrar seu pai e descobrir o significado de suas visões.

Desde muito pequena, Ulrika teve que esconder as estranhas visões que tinha repentinamente e cujo significado desconhecia. Agora, além disso, sente que o mundo deixou de estar em harmonia. Quando compartilha suas inquietações com uma profetisa, ela responde com uma perturbadora pergunta: «Terá suficiente



coragem para responder quando a chamarem?» Mas essa pergunta só consegue desconcertá-la mais ainda.

Do mesmo modo, tem visões recorrentes de um lobo, cujo significado não entende até que sua mãe conta a ela a verdade sobre seu pai, um grande líder militar germano chamado Wulf, «o Lobo». Durante um jantar, Ulrika escuta os planos do exército romano para derrotar a rebelião germana que seu pai comanda, assim decide empreender uma longa viagem para avisá-lo dos perigos que se abatem sobre ele. Mas embora o objetivo principal de Ulrika seja proteger seu pai, em seu caminho cruzarão também a descoberta de seu próprio destino e um homem que a ajudará em sua aventura e do qual se apaixonará para sempre.

Comentário da Revisora Tania Cândida:

Pra quem gosta de um pouco de história vai gostar, pois o que o livro mais conta é sobre um pouco da história das religiões. Romance só muito de longe mesmo e pouquíssimo, o livro é mais baseado na busca de cada um separadamente. Não me empolgou não.

Comentário da Revisora Déia: Ao contrário da Tania, eu gostei! Gosto bastante de história antiga e apesar de concordar que o romance não é o forte do livro, me empenhei ao máximo em tentar colocar notas de tradução de termos que nem conhecia, afinal o livro se passa no ano I D.C! Tem referências a expressões que nem imaginava..Valeu pela aula de história!!rsrsrsrs

LIVRO 1

Roma, ano 54 D.C

Em busca de respostas.

Ulrika, de dezenove anos, despertou essa manhã com a sensação de que algo não estava bem. A sensação aumentou enquanto tomava banho e se vestia, enquanto suas servas penteavam seu cabelo, amaravam suas sandálias e serviam o café da manhã de papa de trigo e leite de cabra. Já que a inexplicável sensação não diminuía, tinha decidido ir à Rua dos Adivinhos, onde videntes, místicos, astrólogos e pitonisas¹ prometiam soluções aos mistérios da vida.

Enquanto era transportada pelas buliçosas ruas de Roma em um palanquín² com cortinas, perguntou-se de onde provinha seu mal-estar. Nada extraordinário tinha acontecido no dia anterior. Visitou umas amigas, bisbilhotou em livrarias e dedicou um momento ao tear, o típico dia de uma jovem de sua classe e educação. Mas então teve um sonho estranho...

Logo depois da meia-noite sonhou que se levantou da cama, subiu ao batente da janela e caiu descalça em um chão coberto de neve. No sonho estava rodeada de altos pinheiros em lugar das árvores frutíferas que havia detrás da casa; de um bosque em lugar de uma horta, e as nuvens deslizavam sigilosas sobre o rosto de uma lua invernial. Viu passos, rastros de grandes pés que entravam no bosque. Consciente da carícia da lua em seus ombros nus seguiu os rastros até encontrar um lobo grande e peludo de olhos amarelos. Sentou-se na neve e o lobo se aproximou, deitou-se junto a ela e pôs a cabeça em seu colo. A noite estava limpa como os olhos do lobo que a olhavam de seu colo e podia notar o batimento regular de seu potente coração. Os olhos amarelos piscavam e pareciam dizer: «A confiança está aqui, o amor está aqui, seu lar está aqui».

Ulrika despertou desorientada.

«Por que sonhei com um lobo? – se perguntou –. Meu pai se chamava Wulf. Faleceu faz muitos anos na longínqua Pérsia. »

O sonho seria um sinal? Mas um sinal do que?

Seus escravos pararam o palanquín e Ulrika desceu; uma moça alta, embelezada com um vestido de seda longa de cor rosa pálido e uma estola que cobria recatadamente a cabeça e os ombros, ocultando um cabelo loiro avermelhado e um pescoço elegante. Caminhava com uma desenvoltura e um aprumo que escondiam uma crescente inquietação.

A Rua dos Adivinhos era um beco estreito abraçado pela sombra de abarrotadas casas de vizinhos. Pintados de vivas cores e adornadas com objetos que muito brilhavam; as bancas e postos de videntes e profetas, adivinhos e pitonisas eram prometedores. O negócio ia de vento em popa para os vendedores de talismãs, amuletos da boa sorte e relíquias mágicas.

Conforme Ulrika entrava no beco, impaciente para descobrir o significado de seu sonho com o lobo, os marreteiros a chamavam de suas bancas e barracos afirmando

serem «caldeus autênticos» que gozavam de canais diretos com o futuro e possuíam o terceiro olho. Foi primeiro ao indivíduo das pombas engaioladas cujas vísceras lia por umas poucas moedas. Com as mãos meladas de sangue, o homem assegurou a Ulrika que encontraria um marido antes que finalizasse o ano. Em seguida parou no posto do homem que lia a fumaça, que declarou que o incenso augurava a ela cinco filhosãos.

Percorridas três quartas partes do beco vislumbrou uma pessoa de aspecto humilde sentada em uma esteira puída, sem sombra nem barraco nem banca. A vidente vestida com uma túnica branca que tinha conhecido tempos melhores, estava sentada com as pernas cruzadas e as mãos, longas e ossudas, sobre os joelhos. Mantinha a cabeça encurvada, exibindo o cabelo penteado com uma raia branca no meio e mais negra que o azeviche, que caía sobre os ombros e as costas. Ulrika ignorava que razão podia ter para escolher uma profetisa tão pobre — talvez a essa profetisa interessasse mais a verdade que o dinheiro — mas o caso é que parou frente a ela e aguardou.

Logo a vidente levantou a cabeça e Ulrika se sobressaltou com o peculiar aspecto de seu rosto. Emoldurada pela negra cabeleira, era estreita e alargada, toda osso e pele amarela. Uns olhos negros e tristes coroados por duas sobrancelhas extremamente arqueadas pousaram em Ulrika. A mulher parecia quase desumana e era impossível calcular sua idade. Tinha vinte anos ou oitenta? Um gato de pelagem marrom com bolinhas negras dormia aconchegado a seu lado. Ulrika reconheceu a raça dos maus egípcios, da qual se dizia que era a mais antiga das raças felinas, podendo ser inclusive a mãe de todas as demais.

Devolveu sua atenção a esses olhos negros que transbordavam tristeza e sabedoria.

—Tem uma pergunta — disse a profetisa em um latim impecável, olhando-a com calma das profundas conchas de seus olhos.

O bulício do beco amainou. Ulrika ficou apanhada nesses olhos egípcios enquanto o gato marrom cochilava alheio ao que ocorria a seu redor.

—Quer me perguntar pelo lobo — continuou a egípcia com uma voz que soava mais antiga que o Nilo.

—Me apareceu em um sonho, sábia. É um sinal?

—Um sinal do que? Formule sua pergunta.

—Não sei onde é meu lugar, sábia. Minha mãe é romana, meu pai germano. Eu nasci na Pérsia e passei a maior parte de minha vida viajando de um lado a outro com minha mãe por causa de sua profissão. Ali onde fomos tenho me sentido uma estranha. Preocupa-me, sábia, que se não descobrir aonde pertenço, nunca chegue, a saber, quem sou. Era o sonho do lobo um sinal de que meu lugar está na Germânia, com o povo de meu pai? É hora de que abandone Roma?

—Os sinais estão em todas as partes filha. Os deuses nos guiam em todo momento e em todo lugar.

—Fala em enigmas, sábia. Não poderia, ao menos, ler meu futuro?

—Terá um homem —disse a profetisa — que te oferecerá uma chave. Agarrea.

—Uma chave? Do que?

—Saberá quando chegar o momento.

Quando Ulrika entrou no jardim situado atrás do alto muro, na colina de Esquilino, levou a mão ao peito e notou sob a seda do vestido a cruz de Odín, um amuleto protetor que a acompanhava desde menina. Sentiu seu contorno e dureza reconfortante e tentou convencer-se que tudo estava bem. Mas o mal-estar com que despertou essa manhã tinha permanecido com ela todo o dia, e agora que o sol começava a se pôr atrás dos monumentos marmóreos de Roma, custava respirar. Queria que tudo voltasse a ser como antes. Essa tarde inclusive tinha aceitado coisas que tão só um dia atrás a irritavam. Por exemplo, a esperança que muitos tinham que se casasse com Druso Fidelio.

Ulrika não queria desobedecer. Roma educava suas filhas para ser esposas e mães. Todas suas amigas estavam casadas ou comprometidas (com exceção da pobre Cássia, cujo lábio partido e disforme a condenava a uma vida de celibato). Não tinham em conta outras aspirações. Uma jovem sozinha, sem o amparo de um homem, constituía uma raridade. Inclusive as viúvas eram acolhidas por familiares varões. Ulrika tinha confessado à sua melhor amiga seu desejo de não se casar com Druso Fidelio nem com nenhum outro homem, ao que esta tinha respondido: «Nenhuma moça escolhe ficar solteira! Ulrika, o que seria de você?». Ulrika só pôde responder que sempre tinha tido a vaga sensação que

estava destinada a fazer outra coisa na vida, embora não pudesse dizer o que. Sua mãe a tinha iniciado nas artes curativas — na fabricação e no emprego de remédios, o conhecimento da anatomia humana e o diagnóstico de doenças — mas Ulrika não queria seguir seus passos, não queria ser curandeira.

Enquanto observava no jardim a chegada dos convidados para o jantar, pensou: “Os romanos recebem suas irmãs e filhas com um beijo no rosto, não como sinal de afeto, mas para comprovar se cheiram a álcool”. Ela, entretanto, tinha ouvido que na Germânia os homens tratavam as mulheres com mais respeito e equidade.

Ulrika tinha se tornado mulher entre as vilas, ruas e templos de Roma. Tinha conhecido cidades grandes e buliçosas e uma vida de luxo em uma bela casa de **Esquilino**³. Mas e as árvores alpinas envoltas de bruma e mistério? Desde o dia em que aprendeu a ler tinha devorado até o último livro a respeito dos germanos, o povo de seu pai, e absorvido sua cultura e seus costumes, suas crenças e sua história. Inclusive tinha aprendido sua língua.

«E com que fim?», perguntava-se conforme ia reconhecendo os convidados que entravam no pátio de sua tia Paulina, as damas com vestidos vaporosos, os cavalheiros com túnicas longas abaixo com magníficas togas. Acaso todo esse estudo tinha servido de preparação para viajar a qual era realmente sua terra? Não seria uma viagem fácil. Wulf, seu pai, tinha morrido antes dela nascer. Se ele tinha parente, Ulrika não teria forma de saber quem era nem como se encontrar com eles. Só sabia que seu pai tinha sido um príncipe e herói de seu povo dos bosques e que ela descendia de chefes tribais e de profetisas místicas da Germânia.

Um sopro de brisa percorreu o jardim agitando ramos e folhas e o delicado linho de seu vestido. Ulrika ia à última moda, a qual pedia muitas capas, efeito criado mediante um vestido até o joelho e múltiplos xales de diferentes tamanhos e tons de azul que iam do marinho até o celeste. Usava o cabelo, trançado e recolhido em um coque, oculto sob um vaporoso véu de cor açafrão chamado pala que cobria os braços e caía abaixo da cintura. Pendentes e braceletes de ouro completavam seu traje.

Sentiu um calafrio. «Se meu destino é partir, quando e como o farei?»

—Está aqui, carinho.

Ulrika se virou e viu sua mãe entrar no jardim. Com seus quarenta anos, Selene era uma mulher elegante. De figura esbelta, usava um vestido de capas de delicado linho em diferentes tons de vermelho e laranja e o cabelo, castanho escuro, recolhido em um modesto coque oculto sob um véu vermelho.

—Paulina me disse que te encontraria aqui — disse aproximando-se de sua filha com as mãos estendidas.

Paulina era uma viúva nobre e aquela era sua casa. Ulrika a chamava «tia Paulina» porque era a melhor amiga de sua mãe, uma mulher que se relacionava com as mais altas esferas de Roma. Paulina só convidava à sua mesa os cidadãos mais distinguidos, e Selene, a mãe de Ulrika, sendo como era médica e boa amiga do imperador Cláudio, estava entre eles.

Ulrika enlaçou seu braço ao de sua mãe; ao aproximar-se da casa encontraram com três homens de rígido porte militar que estavam discutindo uma estratégia de combate. Vestiam longas túnicas brancas e togas com o cós arroxeadado. Ao ver as duas mulheres, interromperam a conversa para apresentar-se e as saudar, e quando um deles, um homem arrogantemente atraente de dentes brancos e rosto bronzeado, disse chamar-se Gaio Vatinio, Ulrika advertiu que sua mãe ficava tensa.

—Comandante Vatinio? —disse Selene—. Ouvi falar de você?

Um dos homens riu.

—Se não for assim, querida senhora, arruinaste o dia dele! Vatinio ficaria destróado se descobrir que há uma mulher formosa em Roma que ignore quem ele é.

Consciente da voz grave de sua mãe, Ulrika observou atentamente o homem que Selene tinha chamado «comandante». De quarenta e poucos anos, era alto, de olhos afundados e nariz proeminente e reto. Seu rosto possuía uma beleza severa, como se estivesse cinzelado em mármore, e sua atitude arrogante se refletia no sorriso de suficiência que brincava em seus lábios.

—Não será por acaso o Gaio Vatinio que combateu faz uns anos em Rin? — ouviu sua mãe perguntar com a voz entrecortada.

O sorriso do militar se alargou.

—O que quer dizer que ouviu sim falar de mim.

Gaio Vatinio olhou Ulrika e seus olhos passearam por seu corpo com uma parcimônia que a incomodou. Um instante depois um escravo anunciou o jantar e os três indivíduos se desculparam e se dirigiram à casa.

Ulrika se virou para sua mãe e viu que tinha empalidecido.

—Esse Gaio Vatinio te pôs nervosa, mãe. Quem é?

Selene evitou o olhar de sua filha quando disse:

—Faz anos, antes que você nascesse, dirigiu as legiões de Rin. Entremos.

Havia quatro mesas, cada uma rodeada de divãs por três de seus lados. A colocação dos convidados seguia um estrito protocolo, com os mais importantes reclinados no extremo esquerdo de cada divã. O quarto lado da mesa ficava espaço para que os escravos pudessem ir e vir com a comida e a bebida. No centro de cada mesa havia um faisão assado vestido com suas plumas e, a seu redor, outras fontes das quais os comensais podiam servir-se a vontade. A conversa de trinta e seis pessoas encheu a sala de jantar enquanto se instalavam em seus divãs, afogando virtualmente o som da melodia de um músico que tocava flauta.

Quando Ulrika se dispunha a ocupar seu lugar junto a um advogado chamado Máximo, levantou a vista para Gaio Vatinio, que estava em sua frente, e viu algo que a parou em seco.

Sentado no chão, aos pés do comandante, havia um cão de grande tamanho.

Franziu o sobrecenho. Como ousava um convidado trazer seu cão ao jantar?

Olhou os outros comensais; estavam servindo-se dos manjares entre risadas. Ninguém mais achava isso estranho?

Ulrika olhou novamente para o cão e por um momento perdeu a respiração. Não, não era um cão. Era um lobo! Grande, cinza e peludo, de olhos penetrantes e orelhas bicudas. Como o de seu sonho. E estava olhando para ela enquanto Gaio Vatinio conversava com seus companheiros de mesa.

Ulrika não podia afastar os olhos da bela criatura.

Mas enquanto ela permanecia aí, cravada e com o olhar fixo, o lobo começou a desvanecer lentamente, até que desapareceu por completo. Ulrika piscou. O animal não se levantou. Não tinha saído da sala de jantar. Simplesmente tinha se evaporado diante de seus olhos.

Sentiu que o chão desaparecia sob seus pés. Agarrou-se ao divã e se deixou cair nele. O medo fechou sua garganta. Por fim compreendia o porquê do desassossego que a tinha acompanhado todo o dia.

A doença havia voltado.

Ulrika pensava que a doença secreta que havia embaçado sua infância, e da qual não tinha falado com ninguém, nem sequer com sua mãe, tinha desaparecido quando tinha doze anos.

Não podia recordar a primeira vez que tinha visto algo que outros meninos não podiam ver ou sonhado algo antes que acontecesse ou acariciado a mão de uma pessoa e sentido seu sofrimento interno. Aos oito anos, no açougue, com sua mãe, o açougueiro procurando uma faca enquanto os clientes aguardavam impacientes, Ulrika dizendo «caiu debaixo da mesa da venda», o açougueiro entrando embaixo da mesa e retornando com a faca na mão e rosto de estranheza. Ulrika havia visto suficientes rostos como esse para saber que as coisas que via e sentia, quer fosse em sonhos ou em visões, não eram normais. Dado que se sentia como uma estranha em cada cidade em que ela e sua mãe viviam temporariamente, tinha aprendido a se calar e deixar que o povo encontrasse por si só suas facas perdidas.

Então, sete anos atrás num um dia de verão, Ulrika estava com sua mãe desfrutando de um lanche no campo quando, à tarde, entre o zumbido das abelhas e o perfume embriagador das flores, viu uma moça que corria entre as árvores com o cabelo agitado; a boca aberta em um grito silencioso e os braços manchados de sangue.

—Mãe, do que foge essa mulher? —perguntou enquanto pensava que deveriam ir ajudar—. Parece muito assustada e tem as mãos cobertas de sangue.

—Que mulher? —perguntou Selene olhando a seu redor.

Quando a aterrorizada mulher desapareceu diante de seus olhos, Ulrika compreendeu, assustada, que tinha tido outra de suas visões, embora mais intensa e vívida que todas as anteriores.

—Ninguém, mãe. Já se foi.

Isso fazia sete anos, e depois disso não havia tido mais alucinações nem sonhos sobre acontecimentos futuros ou lugares fantásticos; sentido as emoções de outras pessoas, nem conhecido o paradeiro de objetos extraviados. Ulrika tinha entrado na puberdade e por fim era uma garota normal e sã como as demais. Mas nesse momento, na casa de tia Paulina, acabava de ter uma visão.

A voz do comandante Gaio Vatinio a arrancou de seu pensamento.

—Terá que derrotar os germanos — estava dizendo a seus companheiros de mesa—. Durante o reinado do Tibério assinamos tratados de paz com os bárbaros, e agora estão descumprindo o acordo. Eu me encarregarei de sufocar os distúrbios de uma vez por todas.

Na sala de jantar de Paulina os convidados se reclinavam sobre os divãs apoiando-se no braço esquerdo e pegando a comida com a mão direita. O comandante Vatinio ocupava o lugar de honra na mesa de Ulrika. Selene, que se fazia de anfitriã, jazia no divã situado à sua esquerda. Ulrika estava em frente. No meio havia um casal chamada Máximo e Juno, um contador aposentado chamado Horacio, e Aurélia, uma viúva de idade avançada. Com a mão agarravam cogumelos fritos com alho e cebola, anchovas rangentes e gordos pardais recheados de pinhões.

Ao reparar em como o olhava Ulrika, o comandante Gaio Vatinio, um solteiro contumaz, calou e a olhou também. E não pôde menos que admirar sua peculiar beleza, a pele de marfim, o cabelo da cor do mel escuro. Também seus olhos azuis eram uma raridade entre as mulheres romanas. Uma veloz olhada a sua mão esquerda indicou que não estava casada, o qual chamou sua atenção, pois parecia ter ultrapassado a idade de casamento.

Esboçou um sorriso encantador e disse:

—Estou te aborrecendo com meu bate-papo militar.

—Absolutamente, comandante — repôs Ulrika—. Sempre me interessou a Germânia.

—Por que não podem sentar a cabeça e civilizar? — disse Aurélia com cara de chateio—. Não há mais que ver o que nós contribuímos ao resto do mundo. Nossos aquedutos, nossos meios-fios.

Vatinio se virou para a anciã.

—O que mantém tão desgostados os bárbaros é que quatro anos atrás o imperador Cláudio elevou uma praça forte de Rin à categoria de colônia, a que pôs o nome de Colônia Agrippinensis em honra a sua esposa Agripina, nascida ali. Foi então quando começaram realmente as incursões. Pelo visto, a romanização de um velho território germânico despertou rançosos sentimentos de patriotismo tribal e orgulho racial. — Vatinio agitou seus longos dedos carregados de anéis—. Cláudio depositou em mim a honrosa responsabilidade de fazer com que a Colônia seja defendida a qualquer preço.

Ulrika pegou sua taça de vinho, mas não pôde beber. Primeiro o lobo... e agora Vatinio falando de reatar os combates na Germânia.

—Os bárbaros estavam há muito tempo sem dar problemas —interveio Máximo, o advogado gordo e rico. Elevou uma mão e seu escravo pessoal se aproximou para limpar a gordura dos dedos—. Ouvi que as tribos estão sendo incitadas por um rebelde. Sabe quem é?

O atraente rosto de Vatinio se escureceu.

—Não sabemos quem é, nem sequer sabemos como se chama. Nunca o vimos. Segundo nossos informantes, apareceu de repente, como saído do nada, e agora está dirigindo tribos germânicas em novos levantamentos. Atacam quando menos esperamos e logo se escondem no bosque.

Vatinio bebeu um gole de vinho, aguardou que seu escravo secasse seus lábios e acrescentou em tom contundente:

—Mas eu encontrarei esse líder, e então ordenarei que o executem publicamente como advertência a outros germanos que estejam pensando em rebelar-se.

—Como pode estar tão seguro de seu êxito, comandante? —perguntou Ulrika—. Tenho lido que os germanos são gente ardilosa. O que está baralhando em sua mente para ter a certeza que vencerá?

—Um plano que não pode falhar — respondeu o militar com um sorriso firme —, porque se apoia no efeito surpresa.

O coração de Ulrika acelerou. Pegou uma azeitona com mão trêmula e disse:

—Eu acredito que a estas alturas os germanos já sabem de todas as estratégias que utilizam as legiões, inclusive as que pretendem surpreender.

—Este plano será diferente.

—Em que sentido?

O comandante meneou sua atraente cabeça.

—Não entenderia.

Ulrika insistiu.

—Os temas militares não me aborrecem comandante. Tenho lido as memórias de Julio César. Por exemplo, tem intenção de utilizar máquinas de guerra em sua campanha?

Vatinio a olhou um instante, admirando seus cabelos cor mel, seu delicado rosto oval, sua expressão franca —não podia dizer que a moça fosse tímida— e, adulado por seu interesse no plano, além de impressionado por sua capacidade para compreendê-lo, não pôde resistir a tentação de responder:

—Isso é precisamente o que esperarão os bárbaros. Portanto, tenho em mente um plano diferente. Desta vez pagarei na mesma moeda.

Ulrika lançou um olhar inquisitivo.

—O imperador Cláudio me concedeu liberdade plena nesta campanha. Gozo de autoridade para recrutar a quantos legionários e quanta maquinaria de assédio precisar. E isso é o que os bárbaros verão. Catapultas e torres móveis, tropas montadas e unidades de infantaria. Tudo muito organizado e muito romano. O que não verão — fez uma pausa para beber um gole de vinho e prolongar a espera da encantada jovem— são as guerrilhas, adestradas e dirigidas por bárbaros e desdobradas pelos bosques atrás deles.

Ulrika olhou ao Gaio Vatinio dos pés à cabeça sentiu que um punho gelado espremia seu coração. Aquele homem tinha intenção de utilizar as estratégias de guerra germânicas contra os próprios germanos.

Baixou a vista para suas mãos, onde sentiu o pulso com força em seus dedos, e pensou: «Será uma chacina».

Ulrika era incapaz de conciliar no sono.

Jogou a capa de lã sobre a camisola e saiu do dormitório. A casa estava às escuras e em silêncio, mas sabia que sua mãe não dormia. Selene aproveitava esses momentos de calma para escrever em seu diário, estudar textos médicos e preparar remédios. Quando bateu na porta de seu quarto, Ulrika percebeu que sua visita não a surpreendia.

—Esperava por você — disse Selene fechando a porta. No braseiro ardia carvão, e duas cadeiras estavam dispostas a seu lado.

Ulrika tinha partido do jantar de tia Paulina cheia de preocupação, mas naquela pequena sala onde sua mãe mesclava beberagens, elixires, pós e unguentos, se sentiu mais tranquila. A sala estava cheia de pergaminhos e livros, textos antigos e folhas de papiro com feitiços, orações, conjuros e palavras mágicas para curar os doentes. Porque isso era o que sua mãe fazia: curava às pessoas.

E agora, pela primeira vez em sua vida, Ulrika queria falar das visões, dos sonhos e das premonições de sua infância, contar a visão do lobo no jantar, e perguntar o que significava e se existia um remédio para sua doença.

Mas em lugar disso, depois de tomar assento disse:

—Mãe, no jantar não comeu quase nada. Estava pálida e taciturna. E olhava de uma maneira muito estranha ao comandante Vatinio... por que se altera desse modo?

Selene ocupou a outra cadeira, agarrou um atiçador negro e agitou as brasas.

—Foi Gaio Vatinio quem anos atrás reduziu a cinzas o povoado de seu pai e levou seu pai preso. Durante os anos que estivemos juntos, Wulf sempre falava de retornar a Germânia e vingar-se de Gaio Vatinio.

Selene soltou um longo suspiro. Sempre tinha sabido que esse dia chegaria, sempre o tinha temido. E agora que tinha chegado, sentia que a coragem a abandonava. Recordou o dia em que Ulrika, com nove anos, entrou em casa chorando porque um valentão do bairro a tinha chamado de bastarda. «Disse que os bastardos não têm pai e que eu não tenho pai. » Selene a consolou dizendo: «Não faça caso do que diz o povo. Falam sem conhecimento de causa. Você tem um pai, mas morreu e agora está com a deusa».

Ulrika começou então a fazer perguntas, e Selene a ensinou o que sabia do povo de Wulf. Falou da Árvore do Mundo e da Terra dos Gigantes Gelados e do Mundo Intermediário, onde morava Odín. Explicou-lhe que tinham posto em Ulrika o nome de sua avó germana, a profetisa da tribo; segundo Wulf, Ulrika significava «o poder do lobo». Contou deste modo que seu pai era um príncipe de sua tribo, filho do herói Armínio. (Mas não disse que era filho ilegítimo, pois que bem podia fazer isso?)

A partir daí Ulrika se criou um pai imaginário. Brincava com colheres de madeira que como se fossem pinheiros e com uma sarjeta no jardim que enchia de água

para formar um perfeito rio Rin. Elaborava histórias sobre o príncipe Wulf nas quais, depois de muitas aventuras, batalhas e romances, seu pai sempre saía vitorioso. «Volte a me contar como era meu pai, mamãe», dizia Ulrika, e Selene descrevia o guerreiro Wulf, sua longa cabeleira loira e seu corpo belo e musculoso. Quando fez doze anos e deixou de lado as bonecas e as fantasias, debruçou-se nos livros e devorou todos os temas e textos sobre a Germânia a fim de conhecer a história do povo e a terra de seu pai.

Ulrika estudou agora o rosto de sua mãe à luz ambarina dos rescaldos.

—Há algo mais, não é mesmo, mãe? Há algo que não me contou.

Selene levantou a vista e ficou olhando sua filha, a essa criatura que tinha estado rodeada de magia e mistério do momento de sua concepção na longínqua Pérsia. Pensou de novo no dom que suspeitava que Ulrika tivesse herdado de seus antepassados germanos, um tipo de clarividência que tinha observado nela durante a infância. Desde menina, Ulrika era capaz de encontrar objetos perdidos, preparava-se para sucessos imprevisíveis como se tivesse sabido onde moravam e falava da tristeza de alguém quando nem a própria Selene percebia. Ulrika acreditava que tinha mantido seu dom em segredo, e Selene o tinha respeitado esperando que algum dia fosse a ela para pedir uma explicação, para falar das percepções que tinha. Sete anos atrás Selene pensou que esse dia tinha chegado quando estavam lanchando no campo e Ulrika disse que via uma mulher assustada correndo entre as árvores. Mas não havia nenhuma mulher. Selene sabia que se tentava outra de suas visões. E depois disso, curiosamente, o dom pareceu esfumar-se, como se a puberdade tivesse afogado por completo sua especial capacidade perceptiva.

Soltando outro suspiro, disse:

—É algo que devia ter te contado há muito tempo. Queria contar. Não me parecia adequado explicar isso quando era menina, sempre me dizia «Quando for um pouco maior», e o momento adequado nunca chegava. Ulrika contei que seu pai morreu em um acidente de caça antes que você nascesse na época em que ele e eu vivíamos na Pérsia. Não é verdade. Seu pai abandonou a Pérsia e retornou à Germânia.

Ulrika olhou atônita a sua mãe enquanto sons longínquos flutuavam na noite: o chiado de rodas no deserto beco que transcorria paralelo ao muro da casa, o som de cascos sobre os paralelepípedos, a chamada solitária de uma ave noturna.

—Foi porque eu insisti — prosseguiu Selene—. Estávamos há pouco tempo na Pérsia quando ouvimos que Gaio Vatinio tinha estado ali antes de nós. Contaram-nos que ia à Germânia. Roguei a seu pai que partisse, que fosse atrás dele enquanto eu ficava na Pérsia.

—E partiu? Sabendo que estava grávida?

—Seu pai ignorava que esperava um filho. Não contei. Sabia que teria ficado comigo, porque seu pai era um homem de honra, e que uma vez que tivesse tido o bebê nunca nos deixaria. Não tinha direito a interferir em sua vida, Ulrika.

—Que não tinha direito? Era sua esposa!

Selene negou com a cabeça.

—Não era. Não estávamos casados.

Ulrika a olhou estupefata.

—Wulf tinha esposa — prosseguiu Selene com calma, evitando o olhar de sua filha—. Tinha uma esposa e um filho na Germânia. OH, Ulrika, seu pai e eu não estávamos destinados a passar juntos os restos de nossa vida. A dele estava na Germânia, e sabe que eu tinha minha própria busca pessoal. Devíamos tomar caminhos diferentes.

—Partiu da Pérsia —disse lentamente Ulrika— sem saber que estava grávida. Sem saber nada de mim.

—Sim.

De repente Ulrika abriu muito os olhos.

—E tampouco sabe nada de mim agora! Meu pai não sabe que existo!

—Está morto, Ulrika.

—Como sabe?

—Porque se seu pai tivesse chegado a Germânia, teria encontrado Gaio Vatinio e levado a cabo sua vingança.

O horror se refletiu nos olhos da moça.

—E Gaio Vatinio está vivo — disse horrorizada—. O que só pode significar que meu pai está morto.

Selene tentou pegar a mão mas Ulrika a afastou bruscamente.

—Não tinha o direito de me esconder isso! Gritou—. Todos estes anos foram uma mentira!

—Fiz por seu bem, Ulrika. Quando era menina não teria sido capaz de entender. Não teria compreendido por que deixei que seu pai partisse.

—Faz muito que já não sou uma menina, mãe — replicou Ulrika com voz grave—. Podia ter me contado isso antes em lugar de permitir que o averiguasse deste

modo. —levantou-se—. Privou-me de meu pai. E esta noite, mãe, deixou que compartilhasse a mesa com esse monstro.

—Ulrika...

Mas Ulrika já tinha cruzado a porta e desaparecido.

Ulrika olhava o teto com o longínquo rumor do tráfego noturno que percorria as ruas da cidade como ruído de fundo. Sentia que a cabeça ia estalar. Tinha chorado um momento e depois se pôs a pensar. Estendida em seu leito com os olhos fixos na escuridão, tentava pôr em ordem suas emoções. Remoia a terrível forma com que tinha tratado a sua mãe, partindo desse modo, faltando ao respeito.

«Pedirei desculpas pela manhã, assim que me levantar. E pode ser então que falemos de meu pai, e isso nos ajudará a reparar o distanciamento que não teria que ter se produzido entre nós.

»Pai... »

Como podia sua mãe estar tão segura que estava morto? Até que ponto era Gaio Vatinio prova suficiente disso? Que o comandante estivesse vivo não significava forçosamente que Wulf não tinha retornado à Germânia.

Levantou-se e caminhou até a janela, onde aspirou o perfume dessa noite da primavera. O chão estava branco e se estendia colina acima como um manto de neve; pétalas de árvores frutíferas em flor, de cor rosa e laranja, caíam como flocos de neve e pareciam brancos sob a lua.

Pensou na Germânia nevada, imaginou seu pai guerreiro tal como sua mãe o havia descrito tantas vezes: alto, musculoso, com uma frente feroz, orgulhosa. Se, como dizia sua mãe, abandonou a Pérsia vinte anos atrás, teria chegado a Germânia depois da assinatura dos tratados de paz, quando a região já não estava em guerra com Roma e gozava de estabilidade. Wulf teria tido que estabelecer-se, como muitos de seus compatriotas, e dedicar-se a outras ocupações, como a criação de animais. Foi o recente decreto de Cláudio que elevava de categoria a Colônia e ordenava o corte dos bosques circundantes para permitir o assentamento, que abriu velhas feridas, reavivou velhos rancores e reiniciou a luta.

Era possível? Podia estar seu pai entre esses lutadores? Podia ser o novo herói da rebelião de seu povo?

Agora compreendia o significado do sonho do lobo. Era, em efeito, um sinal de que devia ir à Germânia.

Quando, adolescente, se dispôs a aprender tudo sobre o povo de seu pai, sua mãe foi a uma das muitas livrarias de Roma e comprou o mapa mais recente da Germânia. Juntas, mãe e filha analisaram as características topográficas e, apoiando-se em como havia descrito Wulf seu lar a Selene, o que incluía até o último meandro do afluente que alimentava o rio Rin, foram capazes de marcar o lugar onde vivia seu clã. Ali, segundo palavras de Wulf, sua mãe era a guardiã de um antigo lugar sagrado.

Selene assinalou com tinta o lugar, o bosque sagrado da Deusa das Lágrimas de Ouro, ao mesmo tempo em que explicava à sua filha: «Contam que Freya amava tanto a seu marido que sempre que este empreendia uma longa viagem derramava lágrimas de ouro».

Ulrika correu até o arca de mogno que descansava aos pés de sua cama, caiu de joelhos frente a ele e levantou a pesada tampa para pinçar entre as roupas de sua infância e as valiosas lembranças de uma vida itinerante. Achou o mapa e o desenrolou com dedos trêmulos. Aí estava o lugar, ainda marcado, que indicava onde vivia o clã de Wulf.

Apertando o mapa contra seu peito, sentiu que a coragem corria de repente por suas veias, e também uma nova razão de ser. E obrigação. Gaio Vatinio estava reunindo a suas legiões nesse preciso instante. No dia seguinte iniciariam sua marcha para o norte.

Agarrou sua toga. «Devo contar a ele a mãe. Devo me desculpar por meu comportamento egoísta, lhe pedir perdão por ter faltado ao respeito e rogar que me ajude a organizar minha viagem.»

Mas Ulrika não viu luz nem ouviu ruído nos aposentos de sua mãe e não quis despertá-la. Selene trabalhava longas horas ajudando infatigavelmente a outros.

Retornaria pela manhã.

Ulrika despertou quando suas escravas entraram com o café da manhã e água quente para o banho, mas estava impaciente por desagrar a sua mãe e compartilhar com ela a maravilhosa notícia.

«Necessitarei de dinheiro — pensou quando se aproximava de sua porta—. Levarei poucos escravos para poder viajar a bom ritmo. Mamãe saberá qual rota é a mais rápida. Gaio Vatinio partirá hoje com uma legião de sessenta centuriões, isto é, seis mil homens. Tenho que chegar a Germânia antes que ele. Devo encontrar o acampamento secreto de meu pai para o pôr de sobre aviso. »

—Sinto muito, senhora — disse Erasmo, o velho servente, depois de abrir a porta do dormitório de Selene—. Sua mãe não está. Teve que partir por causa de uma emergência antes da alvorada. Um parto difícil... Pode ausentar-se por dois dias.

Dois dias! Ulrika retorceu as mãos. Não queria perder nem sequer um dia.

—Sabe aonde foi? A casa de quem?

Mas o velho servente o ignorava.

Ulrika se pôs a refletir. Roma era uma cidade grande, com uma população enorme. Sua mãe poderia estar em qualquer lugar desse interminável labirinto de ruelas.

De retorno ao seu aposento, mudou de planos. «Posso fazer isso só — pensou —. Mamãe entenderá. Quantas vezes nós partimos repentinamente de um povoado ou cidade sob o amparo da noite? Quantas vezes fomos daqui pra lá devido à busca pessoal de sua mãe?»

Agarrou uma folha de papiro de seu escritório, umedeceu uma pastilha de tinta que abrandou com a ponta de uma varinha de cana e, depois de meditar uns instantes, escreveu: «Mãe vou embora de Roma. Acredito que meu pai está vivo e devo o avisar da emboscada que Gaio Vatinio planeja contra seus guerreiros. Quero contribuir à luta. E também quero conhecer o povo de meu pai, o meu povo».

Interrompeu-se para escutar como a casa voltava para a vida conforme os escravos se dirigiam às suas tarefas e a voz rascante do velho Erasmo gritava ordens. Observou as cortinas de suas janelas balançadas pela brisa e estremeceu de emoção e de orgulho por sua nova razão de ser. Pensou no povo que ia conhecer nos mágicos bosques com os quais tinha sonhado tantas vezes. E compreendeu com surpresa que tinha outras razões para querer chegar o quanto antes à terra de seu pai; razões que tinham a ver com

sua doença secreta, com as visões e os sonhos que tanto a tinham assustado desde menina e que pareciam ter voltado. Possivelmente por isso tinha sonhado com o lobo a noite anterior, possivelmente a resposta à sua doença — e o remédio — estivesse no povo de seu pai, nos bosques brumosos do longínquo norte.

Continuou escrevendo. «Estou a dezenove anos sem um pai. Desejo recuperar o tempo perdido. E desejo dar algo ao homem que me deu a vida. Amo você, mãe. Protegeu-me quando não tinha plumas e meu ninho era frágil. Disse que eu era um presente da Deusa, o milagre que foi concedido em seu solitário exílio, e como tal sempre soube que não te pertencia de tudo; que a Deusa me chamaria algum dia para uma missão especial. Acredito que a chamada chegou. Acredito que logo descobrirei onde é meu lugar, e uma vez ali, compreenderei quem sou.

»Querida mãe, amarei você e te honrarei sempre, e reza que algum dia voltemos a nos reencontrar. Aonde quer que me leve meu caminho, mãe, seja qual for o destino que me aguarde, levarei você sempre em meu coração. »

Orvalhou a tinta com pó para secá-la e afiançá-la e, quando estava enrolando o papiro e selando-o com lacre vermelho, derramou uma lágrima. A pequena mancha se estendeu sobre o papiro criando uma curiosa figura em forma de estrela.

Encontrou Erasmo no átrio, fiscalizando a limpeza das pilhas de mármore para os pássaros. Ulrika confiava nele para que entregasse a carta à sua mãe.

—Sim, sim, senhora — disse o homem inclinando sua calva cabeça e guardando o papiro em um dos muitos bolsos secretos que continha sua vistosa túnica—. Entregarei assim que retorne.

Enquanto preparava cuidadosamente sua bagagem, a mente dava voltas. Como chegaria ao longínquo norte? A Colônia se achava virtualmente no topo do mundo. Devia levar escravos ou viajar sozinha? Baralhou a possibilidade de pedir conselho a tia Paulina; a seu padrasto ou a sua melhor amiga, mas em seguida o descartou, pois sabia que tentariam fazê-la desistir da ideia.

Guardou em uma esteira sua roupa mais resistente, sandálias, artigos de limpeza e cuidados pessoais, dinheiro e uma capa de reserva. Feito isto, agarrou alguns itens das reservas medicinais de sua mãe: potes com remédios, bolsas de ervas, mofo de pão, bandagens, um escalpelo e linha.

Saiu de sua casa sem despedir-se e caminhou resolutamente até o foro, em cujo mercado comprou mantimentos e um odre de água. Depois de dobrar pela via principal que atravessava os muros da cidade em direção norte. Ulrika apertou o passo enquanto rogava à Deusa que a acompanhasse e rezava para que a Mãe de Todos proporcionasse forças para dar as costas à única família e o único mundo ao qual conhecia e fazer frente a um destino desconhecido com aprumo e coragem.

Sebastiano Galo estava inquieto, esperando notícias de seu astrólogo pessoal. Tinham que sair de Roma esse mesmo dia.

O próspero chefe da caravana, um homem jovem de costas largas, cabelo da cor dourada e barba muito curta, parou diante da tenda para observar a seu velho amigo.

O grosso grego estava sentado ao sol frente a uma mesa baixa, inclinado sobre cartas e mapas astrais e com instrumentos de seu ofício de astrólogo em suas mãos roliças. Timónides estava toda a vida ao serviço da família Galo, pelo menos desde que Sebastiano se lembrava, e o rico mercador jamais dava um passo sem consultar primeiro com o astrólogo. Essa manhã, entretanto, algo estava errado, e Sebastiano estava preocupado.

Timónides era um homem volumoso sem um só dia de doença em sua vida. Ultimamente, não obstante, tinha contraído uma doença que diminuía sua capacidade para elaborar horóscopos precisos. Sebastiano o tinha levado aos melhores médicos de Roma, mas todos tinham meneado a cabeça e assegurado que nada podiam fazer. Timónides estava destinado a viver com dor o resto de seus dias.

Enquanto aguardava que o pobre astrólogo, cinzento por causa de sua tortura fizesse o horóscopo do dia, Sebastiano deu voltas ao grosso bracelete de ouro que usava no braço direito e esquadrinhou a bruma de uma centena de fogueiras matutinas. A escala para as caravanas que faziam a rota norte-sul se encontrava fora dos muros, na via Flaminia.

Dito enclave, situado ao norte da cidade, onde Sebastiano Galo se achava temporariamente acampado com um pequeno complexo de tendas, mercadorias e trabalhadores, fervia com a agitação e o bulício das caravanas que chegavam de

todos os rincões da terra com novos artigos ou se preparavam para partir para longínquos destinos. Para Galo, sua caravana, formada de carretas, cavalos, mulas e escravos, estava demorando em partir para a Baixa Germânia, no norte de Rin, onde os assentamentos aguardavam novas remessas de vinho procedente da Espanha, cereais egípcios, tecidos italianos e luxos vários que Sebastiano tinha comprado de comerciantes atracados do Egito, África e Índia.

Teria que ter partido há dois dias, mas Sebastiano não ousava levantar seu acampamento até que Timónides assegurasse que contavam com a permissão das estrelas. Acreditava firmemente que os deuses revelavam suas mensagens através dos céus e bastava que um astrólogo observasse o escrito nele pelas estrelas, os planetas, a lua e os cometas para que soubesse qual caminho seguir. Mas não tinha previsto que seu astrólogo se veria impedido por uma misteriosa doença que obrigaria Sebastiano a ver com impotência como outros mercadores e comerciantes ordenavam a seus homens que arrancassem as estacas a fim de partir para o norte, o este ou o oeste.

—Por aqui, senhorita! Esse indivíduo com certeza te engana. Eu, em troca, sou um homem honrado. Levarei você aonde quiser!

Sebastiano se virou ao reconhecer a voz rascante de Hashim ao-Adnan, um árabe de tez escura que ganhava bem a vida levando papiros egípcios aos fabricantes de livros do norte. De pé, sob o toldo rajado de sua tenda, dava a impressão de estar tentando roubar uma cliente do chefe de outra caravana, um sírio fornido chamado Kaptah, o Nono, (por ser o nono de quinze irmãos). Rodeado de ânforas repletas de azeite de oliva e preparado para partir para os assentamentos alpinos do norte, Kaptah dirigiu um gesto grosseiro a Hashim, que se virou para a potencial cliente e disse:

—Esse homem é um porco, querida dama. Tirará de você até a última moeda e então te abandonará nas montanhas para que os corvos biquem seus olhos. Eu sou o homem mais honrado por aqui, pergunte a quem quiser.

As caravanas de mercadorias aceitavam viajantes independentes sempre e quando pagassem bem e pudessem cuidar de si mesmos. Dado o amparo que ofereciam, as caravanas grandes eram a forma de viajar mais segura tanto se fosse por negócios, para visitar familiares ou simplesmente por turismo. O próprio Sebastiano tinha aceitado essa

manhã uns irmãos que se dirigiam a Massilia para assistir a um casamento. Tinham carro próprio e pagavam bem pela escolta.

Sebastiano examinou o objeto de disputa entre o árabe e o sírio: uma mulher. Jovem, deduziu pelo porte e a esbelteza de seu corpo. E rica, a julgar pelo tecido do vestido e pela pala jogada sobre a cabeça. Entretanto, não parecia ir acompanhada por escravos nem por escolta. E mais, levava duas esteiras pendurados aos ombros, além de um odre com água e uma bolsa com comida. Uma moça viajando sozinha? Por força não podia ir muito longe, possivelmente ao povoado mais próximo.

Enquanto os avaros mercadores a disputavam como vira-latas com um osso, Sebastiano retornou a seus agitados pensamentos e a sua impaciência por partir, a qual nada tinha a ver com suas atividades comerciais com o passar de Rin. Sebastiano Galo estava competindo para chegar aos extremos da terra, onde se dizia que os navios ultrapassavam o fio e os cavalos entravam em brumas geladas para não retornar jamais.

Competia pelo cobiçado diploma imperial para conduzir uma caravana até a longínqua China. E o que o tinha tão inquieto essa manhã da primavera transbordando bulício, fumaça e sol eram que seus competidores eram quatro mercadores conhecidos em pessoa e sabia serem cidadãos responsáveis que comercializavam limpamente e mereciam a rota da China tanto quanto ele. Mas o imperador Cláudio só concederia o diploma a um deles.

Cada mercador devia completar sua rota acostumada e destacar ao mesmo tempo em algum empenho. Sebastiano sabia que seus quatro rivais conseguiriam se sobressair ante os olhos de Cláudio. Badru, o Egípcio, tinha partido para a África com ninharias e roupas para trocá-las por marfim e carapaças de tartaruga, e Sebastiano sabia que talvez conseguisse retornar com uma besta singular para a areia. Sahir, o Hindu, se dirigia ao sudeste a fim de recolher perfumes e incensos, e era provável que encontrasse livros de inestimável valor para o imperador. Adon, o Fenício, ia caminho da Espanha com pimenta e prego, e com certeza retornaria com um vinho antigo que seria do agrado de Cláudio. E não duvidava que Gaspar, o Persa, cuja rota comercial entrava nos Montes Zagros, acharia uma estranha flor com poderosas propriedades afrodisíacas (todo mundo sabia quão desesperado estava Cláudio para agradar sua jovem esposa Agripina). Mas

Sebastiano Galo, o Espanhol, se dispunha a seguir sua habitual rota do norte para comercializar com âmbar e estanho, sal e peles. O que poderia encontrar ele na Germânia que surpreendesse o imperador Cláudio o bastante para conceder a ele o cobiçado diploma?

Mais ainda o inquietava o rumor que as legiões romanas, comandadas por Gaio Vatinio, dirigiam-se ao norte para cercar uma cruel batalha com os renegados bárbaros. Embora a guerra pudesse beneficiar o negócio, neste caso também podia minar as oportunidades de Sebastiano de conseguir o diploma.

Olhou com impaciência para Timónides, que estava tentando, com pouco êxito, aplicar um transportador de cobre a uma carta zodiacal. Perguntou-se se não deveria procurar os serviços de outro astrólogo. O tempo estava contra ele!

Galo ansiava fazer seu nome. Seu pai, seu avô e seus tios tinham aberto rotas comerciais novas, acrescentando com isso o prestígio da já conhecida e respeitada família Galo. Sebastiano desejava demonstrar sua valia assegurando ao imperador Cláudio a rota da China. Era a última fronteira conhecida, a última oportunidade de abrir uma nova rota e, simultaneamente, obter a singular distinção de ter sido o primeiro homem do Ocidente a chegar ao palácio imperial da China.

—Eu te levarei até mesmo à Colônia! Este homem se detém em Lugdunum! Com certeza te abandona ali! Eu tenho um agradável carro onde só viajam outros três passageiros!

Ao ouvir os latidos de Hashim, Sebastiano se virou imediatamente. A jovem dama queria viajar até Colônia?

Viu o Kaptah trabalhar com seu ábaco, um instrumento de cálculo portátil feito de cobre e contas utilizado por mercadores, engenheiros, banqueiros e coletores de impostos. O corpulento sírio estava calculando a tarifa da moça por milha e comida, acrescentando extras aqui e lá pela água, o uso de um asno e até um lugar junto à fogueira pelas noites.

—Um roubo! —gritou Hashim ao mesmo tempo em que seu rosto moreno adquiria uma tonalidade púrpura—. Minha querida senhora, comigo não viajará de asno mas em um carro, e por isso só te cobrarei um preço um pinga mais alto.

A jovem olhava de um a outro mercador com cara de desconcerto; quando Kaptah e Hashim a viram dirigir a vista à direita para contemplar a fileira de acampamentos congregados sob um letreiro poeirento que rezava BAIXA GERMÂNIA, começaram a tagarelar ao mesmo tempo, assegurando que todos os outros que se dirigiam ao norte tirariam dela até a última moeda e logo a venderiam aos bárbaros como escrava.

Vendo que a moça se achava a mercê desses dois abutres, a quem Galo conhecia bem — ambos careciam de escrúpulos —, decidiu intervir.

—Irmãos! —exclamou em tom cordial, aproximando-se—. Sempre me surpreendeu comprovar que quanto mais gritam, maiores são seus embustes.

Virou-se para a jovem dama e, antes que pudesse pronunciar outra palavra, recebeu uma forte impressão. Sob o modesto véu vislumbrou cabelos claros e olhos azuis. A moça sustentava uma ponta do véu sobre o queixo, tal como faziam às jovens romanas, sem cobrir do todo o rosto, mas dando a sensação de estar disposta a isso se a situação o requeria. Sebastiano contemplou seu rosto oval, o delicado queixo terminado em ponta, as sobrancelhas arqueadas, o pequeno nariz. Mas o que mais chamou sua atenção foram os olhos.

Ficou momentaneamente mudo enquanto recordava o dia em que visitou a célebre Gruta Azul. Os olhos da moça eram da mesma cor que aquela laguna.

—Estes homens não são de confiança — disse com um sorriso. Quando os mercadores começaram a protestar, lançou-lhes um olhar de advertência—. São grossos, adoráveis, isso sim, mas grossos assim mesmo. Se desejar, eu posso te ajudar a encontrar um mercador honesto que te deixe sã e salva em seu destino. Aonde te dirige? — perguntou seguro de que tinha ouvido mal.

Ela, entretanto, respondeu:

—A Colônia. —E Sebastiano escutou uma voz forte e segura, e voltou a procurar com o olhar a seus acompanhantes. Pode ser que não tivessem chegado ainda, provavelmente devido a abundante bagagem que com certeza conduziam a jovem e enriquecida dama.

—Quantas pessoas há em seu grupo? —perguntou.

Ulrika levantou a vista para o desconhecido que tinha ido em sua ajuda. Era uma cabeça mais alto que ela e seu cabelo adquiria reflexos dourada sob o sol da manhã.

Tinha a mandíbula forte, o nariz reto e estreito e uma barba tão curta que era mais uma sombra sobre o queixo. Ulrika suspeitava que não fosse romano, pois seu latim tinha um ligeiro acento; não parecia que fosse sua língua materna. Então, sobre seu torso largo, pendurando de uma cinta de couro sobre o linho branco da túnica, viu uma concha de Vieira do tamanho de sua mão. Sabia que procedia de um molusco da costa norte da Espanha, e tinha ouvido que seus habitantes as usavam para recordar sua terra e mostrar os orgulhosos que estavam de sua raça e sua herança.

Perguntou-se por um momento sobre esse Espanhol. Parecia ter a testa permanentemente enrugada, como se um problema não resolvido levasse tempo rondando. Um homem que não estava em paz consigo mesmo, pensou, ou com o mundo. Chegaram-lhe várias impressões: embora de sorriso fácil, estava zangado, embora Ulrika ignorasse com quem ou com o que; seu olhar era aberto, mas dava a impressão de estar em guarda; e apesar sua atitude relaxada, parecia contido, como se temesse perder o controle. Acaso algo, ou alguém, tinha-lhe ferido no passado?

—Viajo sozinha — respondeu dando um passo atrás para criar espaço entre ela e o homem e voltar para a fileira de acampamentos. Essa manhã, quando saiu de sua casa com a firme intenção de chegar à Germânia, em nenhum momento lhe passou pela cabeça que teria dificuldades para encontrar um grupo com o que viajar. Em quem podia confiar?

—Viaja a Colônia sozinha? —inquiriu atônito, o comerciante—. É um lugar extremamente hostil para uma moça sozinha.

Olhando-o de novo, Ulrika se perguntou onde tinha visto umas íris tão verdes.

—Tenho família ali.

O homem enrugou um pouco mais a testa.

—Mesmo assim - repôs—. Uma moça viajando sozinha...

—Estou acostumada a viajar. Nasci na Pérsia e estou desde os três anos percorrendo o mundo. Vi Jerusalém e Alexandria, inclusive cruzei o Grande Verde em navio.

—Parece estupendo, mas o mundo só verá em você uma mulher vulnerável e desprotegida. Terá que encontrar uma família que se dirija ao norte e esteja disposta a permitir que se una a ela, ou um grupo de mulheres. Por desgraça, minha caravana se

compõe exclusivamente de homens, e não posso me fazer responsável por sua segurança em todo momento. —Sorriu—. Chamo-me Sebastiano Galo e te ajudarei a encontrar um guia honrado que te leve até Colônia. Conheço quase todos os homens das caravanas, tanto aos honrados como aos estelionatários.

—Eu me chamo Ulrika, e te agradeço seu amável ajuda.

Assim que Hashim e Kaptah, que tinham escutado a conversa com supremo interesse, começaram a protestar porque ele roubou a cliente, Sebastiano cravou neles um olhar que os deixou mudos. Enquanto se afastava com a moça, deixando os dois mercadores acusando-se mutuamente de perder uma viajante rentável, virou o olhar para seu acampamento, onde Timónides, o astrólogo, continuava sustentando a cabeça e choramingando.

Ulrika seguiu a direção de seus olhos e reparou no homem gordo e inchado que tinha uma auréola de cabelo branco ao redor da calva cabeça.

—O que houve com ele? —perguntou.

—Não sabemos. É meu astrólogo e já não se vê capaz de fazer o horóscopo.

Ulrika vacilou. Tinha pressa para partir para o norte, mas era evidente que esse homem estava sofrendo.

—Possivelmente possa o ajudar.

Com as cartas astrais flutuando ante sua vista nublada, Timónides acreditou que ia estalar em soluços. Nunca tinha experimentado tanto desespero, tanto desconsolo. As estrelas eram sua vida, sua alma, e as mensagens que continham eram para ele mais valiosos que seu próprio sangue. Tinha dedicado sua existência aos céus e a interpretar os segredos escritos neles, mas nesse momento era incapaz de distinguir Cassiopéia de Leão!

Quando levantou a cabeça com a esperança de aliviar a dor, só sentiu que aumentava, viu que seu senhor caminhava para ele, e o acompanhava uma jovem dama.

Timónides se esqueceu por um momento de seu mal-estar ao ver que Sebastiano agarrava as esteiras, o odre com água e a bolsa com comida da moça e o carregava tudo no ombro, deixando ela livre para que pudesse sustentar modestamente o véu sobre o queixo, uma habilidade das mulheres romanas que nunca deixava de assombrá-lo.

«Que jovem tão curiosa», pensou. Pelo drapeado e a cor do vestido e a pala parecia patricia, mas conduzia sua própria bagagem. Com certeza se dirigia a visitar familiares, ou a um nascimento, pois essas eram as razões que estavam acostumados a impulsionar às mulheres a viajar. Para sua surpresa, a moça se separou de Sebastiano e se aproximou dele.

—Doem os dentes?

Timónides tropeçou com uns olhos azuis emoldurados por um cabelo da cor de um cervo jovem. Grande Zeus, onde tinha encontrado seu senhor a essa jovem?

—Dos que ficam, senhora — respondeu —, nenhum me aflige, graças aos deuses. O que me dói é a mandíbula.

—Meu nome é Ulrika — disse ela com doçura—. Permite-me que o examine?

—Para surpresa do astrólogo, a moça se sentou em frente e, com muita delicadeza, apalpou-lhe a mandíbula e o pescoço com as pontas dos dedos—. Aumenta a dor quando come?

—Em efeito — respondeu Timónides consternado. Estava gordo por uma boa razão. Enquanto que a astrologia era o centro de sua vida religiosa e espiritual, a comida era o centro de sua vida terrestre. Viviam para comer. Do café da manhã, composto por tortas de trigo e mel, até o jantar, que compreendia porco frito em azeite com cogumelos, seu dia consistia em mastigar e tragar e encher a pança em um constante festim de texturas e sabores. Quando não comia, recordava seu último amor e sonhava com o seguinte. Timónides renunciaria às mulheres antes que à comida. E agora era incapaz de comer! Merecia a pena viver?

—Acredito que posso te ajudar — disse a jovem em um tom doce, mas firme.

—Duvido muito! — gemeu o astrólogo—. Meu senhor me levou a um médico da cidade que me envolveu o pescoço e a mandíbula com um cataplasma de mostarda que me produziu uma erupção abrasadora. O segundo médico me receitou um vinho de papoula que me sumia em um sono profundo. O terceiro me extraiu um molar. Não quero mais médico!

Com receio, deixou que a moça prosseguisse sua exploração, mas tinha de reconhecer, o seu tato era suave e delicado, não como o desses torpes médicos que abriam tanto sua boca que temia quebrar sua mandíbula.

Quando os dedos de Ulrika apalpavam um lugar sensível e Timónides soltou um grito, a jovem assentiu lentamente com a cabeça e pediu a Sebastiano que trouxesse algo doce ou amargo. Sebastiano entrou em uma tenda e retornou com uma fruta pequena de cor amarela. A estendeu e Ulrika reconheceu nela uma fruta cara importada da Índia. Em lugar de cortá-la, introduziu o limão inteiro na boca do velho grego e disse:

—Mastigue.

Depois de muito protestar — ignorava a moça que os limões eram uma medicina e não um alimento?—, Timónides obedeceu, e enquanto se esforçava por não cuspir a ácida fruta, os dedos de Ulrika foram imediatamente a um ponto situado debaixo da mandíbula, que procedeu a esfregar e a espremer sem piedade.

Sebastiano observou, fascinado, que à medida que os dedos mediam e manipulavam, da boca do astrólogo emanava saliva e baba. Depois de uma pausa angustiosa, a moça disse:

—Já pode cuspir o limão.

Timónides não necessitou que insistissem. Cuspiu polpa e saliva na mão da jovem.

—Eis aqui a causa de seu mal-estar. —Mostrou-lhe uma bolinha que descansava em sua mão—. Tinha formado um cálculo diminuto na glândula salival, necessitava o fluxo da saliva para purgá-lo.

—Grande Zeus — murmurou Timónides esfregando o queixo.

—Incomodará ainda ligeiramente durante uns dias — explicou Ulrika ao tempo que se levantava com gesto gracioso—, mas passará e já não voltará a te importunar. —limpou a mão na barra do vestido.

—Como desejas que te pague? —perguntou Sebastiano sem dar crédito ao que acabava de presenciar. Como tinha sabido o que devia fazer?

—Não quero que me pague. Só quero que me apresente a um comerciante honrado que me leve a Colônia o quanto antes possível.

Sebastiano recolheu a bagagem e disse:

—Conheço a pessoa idônea. —virou-se para Timónides—. Suponho que agora já poderá fazer uma leitura certa.

—Certamente, senhor, assim que coloque algo substancioso no estômago! Sebastiano assentiu e, sob o olhar atento de Timónides, perdeu-se com a estranha moça entre a buliçosa multidão.

No acampamento de Galo, entre duas tendas, fervia uma panela de ferro sobre um fogo. Junto a ela, um forno fabricado com pedras desprendia aroma de pão cozido. Sobre as pedras candentes do forno chispavam ovos frescos em azeite de oliva.

Um homem corpulento, vestido com uma túnica cinza salpicada de manchas, mexia a panela com uma colher de madeira. Tinha a cara redonda e chata, os olhos enviesados e um sorriso de bebê. Ao ver Timónides seu rosto se iluminou.

—Boas notícias, moço! —bramou o astrólogo—. Estou curado! Pelos deuses que posso voltar a comer. Sirva-me uma terrina desse guisado, estou faminto.

Néstor era o cozinheiro chefe da caravana de Galo. Cozinhava para Sebastiano e seu círculo mais íntimo, formado por um contador, um ajudante de câmara, um secretário, dois ajudantes para dirigir a caravana e Timónides o astrólogo. Não sabia escrever, pois era curto de ideia, de modo que jamais tinha lido uma receita, mas possuía um talento natural para preparar pratos seguindo seu instinto e sabia que especiaria concreta acrescentar em cada caso e em que quantidade.

—Sim, papai — disse com uma risada. Néstor tinha trinta anos e era o único filho de Timónides.

Quando o velho grego se sentou frente ao rico guisado, impaciente para saborear cada bocado, esfregou a mandíbula agora indolor e pensou na moça dos dedos hábeis, na presteza e a facilidade com que o tinha resgatado do pior inferno imaginável. Inferno que esperava não voltar a visitar...

Parou em seco. Com o pão na mão, a ponto de levar um bocado de porco e cogumelos à boca, contemplou a gritaria de mercadores e trabalhadores, comerciantes e viajantes, e em sua mente apareceu um pensamento atroz.

Timónides o astrólogo levava muito a sério seu cargo. Antes de elaborar um horóscopo sempre se banhava, meditava e vestia roupa limpa; em definitivo, desencardia-se física e espiritualmente. Acreditava firmemente que a preparação de um horóscopo era

tão sagrada e solene como qualquer ritual de um templo, que os astrólogos mereciam a mesma veneração que um sacerdote. Os deuses utilizavam as estrelas para enviar mensagens aos mortais, e a interpretação de tais mensagens constituía um assunto sério e elevado.

À diferença de muitos videntes e agoureiros, jamais passava pela sua cabeça utilizar seu talento em benefício próprio. Timónides recebia sustento e alojamento, um lugar seguro na casa de Galo, e estava satisfeito sabendo que se dedicava a assuntos sagrados. O mundo estava cheio de adivinhos que utilizavam sua arte para enriquecer, e viviam muito bem contando mentiras. Mas não tinha dúvida que tais enganadores arderiam para sempre no fogo do inferno. Não Timónides o astrólogo, cujo coração albergava um desejo profundo e íntimo.

Eis aqui a trágica ironia de Timónides. Destinado a interpretar as estrelas para outras pessoas, o astrólogo nunca poderia ter seu próprio horóscopo. Ignorava sua data e lugar de nascimento, assim como a identidade de seus pais. Tinha sido encontrado em uma das muitas pilhas de lixo de Roma onde o povo abandonava aos bebês não desejados. Algumas vezes eram reclamados como escravos, outras por alguma mulher estéril desesperada por ter um filho. A maioria desses meninos morria, pois o povo considerava que os bebês não desejados tinham algum defeito ou eram malditos. Mas uma viúva do bairro grego de Roma encontrou o desconsolado pequeno entre carne putrefata e excremento de cavalo, compadeceu-se dele e o levou a casa.

E assim o astrólogo cresceu ignorando seu signo, seus planetas e casas, e onde tinha a lua e o sol. Por conseguinte, era seu eterno desejo, e mais fervente pedido, que algum dia os deuses revelassem a seu humilde servidor as estrelas de seu nascimento. Com dito fim Timónides tinha mantido pura sua prática astrológica. Jamais tinha elaborado um horóscopo inexato, jamais tinha manipulado a mensagem das estrelas para obter uma leitura favorável.

Até esse dia.

Porque o terrível pensamento que o tinha assaltado de repente era: e se a pedra voltasse a se formar?

E sentiu um golpe no peito mais forte que um coice de mula. Poderia sua glândula salival produzir outro cálculo? Retornaria a dor?

«Terei que me manter outra vez afastado de minha adorada comida?»

«Tenho que ter à moça a meu alcance», pensou então.

O pânico se apropriou de Timónides, o honrado e inquebrável astrólogo.

«Grande Zeus», pensou enquanto sua mente corria por um caminho infestado de blasfêmias e irreverências. Tinha que assegurar-se que a garota viajasse com eles. Mas sabia que não seria possível persuadir seu senhor que aceitasse a uma mulher sozinha em uma caravana formada exclusivamente por homens. Só existia uma solução: Timónides, o sagrado astrólogo, devia falsificar o horóscopo de Sebastiano.

Dizendo que não era boa ideia tomar decisões com o estômago vazio, pôs umas partes de porco com molho no pão, o levou a boca e mastigou com grande prazer. Enquanto outros bocados de guisado cruzavam seus lábios e desciam por sua garganta, despertando suas papilas gustativas ao alho e a cebola, recordando a ele o martírio que tinha sido para ele não poder comer, o enchendo de temor que semelhante privação pudesse repetir. Timónides o astrólogo pensou: «Será uma mentira sem importância. De fato, mais que uma mentira será uma invenção. Além disso, não direi exatamente que isso é o que transmitiram as estrelas, só insinuarei e deixarei que meu senhor chegue por si mesmo a tão importante conclusão».

Timónides baixou o guisado com cerveja mantida fresca entre palha umedecida, e enquanto lambia e indicava a Néstor para servir outra porção, pensou o que se dispunha a fazer era um mínimo favor que solicitar dos deuses. Em todos seus anos de serviço aos céus e as estrelas jamais tinha pedido recompensa alguma, jamais tinha utilizado a astrologia em benefício próprio. Com certeza aos deuses não importaria uma pequena transgressão interessada de um velho que tinha dado amostras de uma lealdade incondicional.

À medida que novas partes de porco gordurento e cebolas amadurecidas alegravam seu paladar, recordando os prazeres culinários que estavam por vir, Timónides o astrólogo começou a sentir-se bem com sua decisão.

Quando Sebastiano e Ulrika retornaram ao acampamento depois de ter encontrado um guia de confiança para levá-la até Colônia, um guia que tinha famílias em sua caravana, foram recebidos por um Timónides reposto e grandemente animado que, com cartas astrais na mão, declarou:

—Senhor, a mensagem é surpreendente claro. Esta moça, Ulrika, deve viajar conosco.

Falava apressadamente por temor que a voz o delatasse. Mostrando seus cálculos a Sebastiano, disse:

—Senhor, sabe que seu signo solar é Libra e seu signo lunar é Capricórnio. — E procedeu a encher o ar de palavras como casa e aspecto, elíptico e ascendente, conjunções e crescente; a explicar a posição dos cinco planetas com respeito ao sol e a lua e como estes afetavam não só a Sebastiano Galo, mas a toda a caravana, à moça chamada Ulrika e o resultado da corrida pelo diploma imperial.

Sebastiano observou a folha de papiro cheia de números com expressão carrancuda, mas carecia de razões para duvidar do resultado dos cálculos. Timónides utilizava um pequeno instrumento calibrado para determinar o ângulo de intercessão entre os planos do horizonte e a eclíptica; e seu bem mais prezado era uma roda zodiacal de ouro, finamente batido, com símbolos e graus gravados no metal, que dizia tinha pertencido ao grande Alexandre. Todo isso deixava uma escassa margem de engano na elaboração de seus horóscopos.

Mesmo assim, a leitura o surpreendeu.

—O que tem a ver esta jovem dama conosco?

Timónides evitou o olhar de Sebastiano e se concentrou em Ulrika.

—Tem sua lógica, senhor. Eu era incapaz de fazer boas leituras devido à dor e à fome. Os deuses nos enviaram à moça para que me tirasse de meu padecimento e enchesse de novo a pança, e agora já posso voltar a servi-lo. Esta jovem está aqui por uma razão, senhor, razão que só os deuses conhecem.

Sebastiano não podia discutir com esse raciocínio. Tampouco podia negar que a moça, a diferença dos médicos romanos, tinha conseguido curar Timónides, por isso possivelmente fosse uma boa decisão incluí-la na caravana. Mas como viajaria? Onde dormiria? Como ele faria para ter vigiado a todos seus homens?

—Disponho de pouco tempo — disse Ulrika—. Devo viajar depressa e sua caravana é muito grande. Demorará muito em chegar a Colônia.

—Dá a casualidade — se apressou a assinalar Timónides — que meu senhor também tem pressa e tem que chegar à Baixa Germânia o quanto antes, por isso viajará a bom ritmo. —Ao ver que seu senhor titubeava, acrescentou—: Senhor sabe que nas próximas populações se unirá a nós alguma família ou algum grupo de mulheres. Sempre o fazem. O tempo que a jovem dama passe sem acompanhantes será breve.

Sebastiano meditou e, como nunca tinha duvidado das estrelas, finalmente aceitou, tal como Timónides sabia que faria.

Bem! A moça viajaria com eles e Timónides teria a ausência garantida de dor salival. Esforçou-se para esconder seu regozijo.

Chegaram a um trato. Com a ponta do véu sobre os dedos, Ulrika estreitou a mão de Sebastiano e nesse momento uma visão assombrosa apareceu em sua mente: uma explosão de luzes brilhantes sulcando um céu negro e descendo, como uma chuva dourada, sobre um vasto vale coberto de erva. A imagem era tão potente, tão vívida, que a deixou momentaneamente paralisada.

A seguir viu uma imponente paisagem de colinas verdes e costas rochosas açoitadas por ventos marinhos. Embora não tivesse estado ali, sabia que era uma terra chamada Galícia. E soube que era a terra que esse homem amava; uma terra povoada de bosques verdes e frondosos e limitada por uma costa agreste e escarpada, um lugar que seus habitantes chamavam a Terra dos Mil Rios. Entretanto, pensar em sua terra o enchia de pesar. «Ele sente saudade de lá — pensou Ulrika—, mas não pode voltar. Sebastiano Galo é um homem sem pátria. »

Enquanto ele recolhia suas esteiras e ela o seguia até uma fileira de carroções, o coração acelerava ao pensar que finalmente conheceria seu pai, assaltou-a um pensamento arrepiante. Se a doença havia retornado, o que outras visões e sensações aterradoras a aguardavam nessa viagem ao desconhecido?

LIVRO 2

Germânia

—Afastem-se em nome da Roma Imperial!

Ulrika não reconhecia o estranho que estava exigindo passagem.

—Quem são?

—Agentes de Cláudio César. Está escondendo alguém.

—Não escondo ninguém. Somos uma caravana comercial que se dirige aos postos avançados do norte. Fale com Sebastiano Galo, chefe da caravana. É inconfundível. Alto, de cabelo dourado, voz profunda e autoritária e um porte que não passa despercebido. É solteiro, embora não entendo por que, pois é extremamente atraente, muito bonito, de fato...

Ulrika abriu os olhos em meio a escuridão e tirou o chapéu estendida na cama. Onde se achava? Com quem tinha estado falando?

«Outro de meus sonhos... ».

Contendo a respiração, aguçou o ouvido e ouviu atrás das paredes de lona de sua pequena tenda, cavalos galopando pelo acampamento. Homens vociferando. Mulheres gritando.

Franziu o sobreceño. Mal tinha amanhecido. Ainda faltavam duas horas para levantar o acampamento.

Atando o xale ao pescoço, com o cabelo caído sobre os ombros, saiu e esquadrinhou o exterior: havia uma névoa densa e fumaça. Figuras de aspecto inquietante percorriam o acampamento brandindo espadas e uivando ordens. Legionários romanos despertavam às pessoas, perturbavam cafés da manhã e interrompiam rezas.

Enquanto observava a comoção sob a débil luz da alvorada, Timónides se aproximou.

—O que houve? —perguntou com a boca cheia. Na mão sustentava uma gordurenta costela de cordeiro que já faltava um pedaço; o mel das tortas de trigo caía por sua túnica em forma de gotas. Para o corpulento grego, que tinha descoberto a alegria de voltar a comer, essa era primeira de suas muitas refeições do dia.

—Não sei — murmurou Ulrika.

O astrólogo enrugou o nariz quando viu os legionários com suas capas vermelhas percorrer o concorrido acampamento invadindo tendas e carroças, derrubando fardos de feno a chutes e atravessando tonéis e fardos de mercadorias com a espada.

—Parece que estão procurando algo — disse antes de fincar os dentes na carne.

«Ou alguém», pensou Ulrika.

—Onde está seu senhor? —perguntou a Timónides enquanto via os legionários tirarem bruscamente as pessoas das tendas, aproximar uma tocha de seus rostos para examiná-las e, em seguida, afastá-las de um empurrão.

—Sebastiano não demorará em vir. Volte para sua tenda, senhora. Com esses cabelos claros e esse símbolo que tem em seu pescoço...

Ulrika levou a mão ao peito, onde descansava a cruz germana de Odín, e dirigiu a vista ao Rin, um rio largo, liso e prateado que adquiria um ar irreal com a bruma da manhã. Naves romanas patrulhavam as águas, grandes embarcações avançando pelo impulso das velas ou de rítmicos remos, um aviso constante da presença imperial e poderosa de Roma naquelas terras do norte. Do outro lado do rio, bosques de cor verdes escuros repletos de segredos ancestrais se estendiam até onde alcançava a vista.

Ulrika devolveu sua atenção ao acampamento e aos intrusos. A caravana de Sebastiano Galo estava, junto com caravanas de menor tamanho e grupos de comerciantes

e viajantes, em uma praça chamada Forte Bonna, a um dia de viagem de Colônia, o lugar de nascimento da imperatriz Agripina e a causa do novo estalo bélico na região. Desde que a caravana abandonou Lugdunum, na Gália, para seguir o caminho do leste que circundava os contrafortes alpinos, respirava-se certo nervosismo e inquietação no ambiente. Lugdunum era um importante centro comercial, uma cidade cosmopolita de torres de mármore, fortes e calçadas que se estendiam como os raios de uma roda de carro. E por essas calçadas viajavam homens que traziam rumores não confirmados sobre combates no leste, embora nenhum deles pudesse dizer com certeza o que estava ocorrendo —ou ia ocorrer, ou já tinha ocorrido— na Baixa Germânia.

Nesse momento, depois de vários dias de crescente apreensão, a caravana se achava a quinze milhas do destino de Ulrika. O coração pulsava depressa. Onde estavam Gaio Vatinio e suas legiões? Todo mundo contava que estava dirigindo suas tropas através dos Alpes, uma rota mais perigosa que a escolhida pelas caravanas, mas também mais direta: milhares de homens avançando para o norte como uma maré mortal, introduzindo cavalos, armas e máquinas de guerra nos bosques antigos do povo do pai de Ulrika. A quantas milhas se achavam as legiões? Quanto tempo tinha para encontrar seu pai e o avisar?

Sem perder de vista os soldados que entravam na intimidade das pessoas com estrondo de couraças e esmurrando o chão com suas sandálias de tachinhas, Ulrika se perguntou onde estava Sebastiano. Dirigiu um olhar fugaz à sua tenda. Achava-se às escuras e vazia, como de costume. Tampouco essa noite tinha dormido em seu leito.

«Aonde vai cada noite?»

Ao longo da concorrida rota entre Roma e Massilia, entre Lugdunum e o Rin, Ulrika tinha visto Sebastiano interagir com mercadores, comerciantes e viajantes, a quem convidava a compartilhar fogueira e comida. Em cada lugar que acampavam, realizavam operações comerciais, faziam conta com ábacos, contavam moedas, cestas e fardos de mercadoria trocavam de mãos, e Galo fiscalizava cada acordo. Finalizada a atividade comercial, banhava-se em sua tenda, vestia túnica e capa limpa, saía do acampamento, geralmente com presentes, em direção ao povoado ou a cidade, e retornava na manhã seguinte.

Embora se perguntasse o que ele fazia quando se ausentava do acampamento — se perguntava muitas coisas mais sobre o chefe de sua caravana—, uma coisa sim ela sabia dele: sua paixão pelas estrelas.

Ulrika tinha averiguado que Sebastiano Galo não era um homem religioso no sentido tradicional da palavra. Não erigia um pequeno altar cada vez que acampavam nem oferecia comida ou vinho aos deuses. Em lugar disso, consultava as estrelas através de Timónides e suas cartas astrais.

Pensou no bracelete de ouro que usava. Era uma joia bela, delicadamente gravada com motivos intrincados. Destacava um fragmento de pedra muito feia encravada no centro, não era agradável à vista nem valiosa na aparência, uma pedra prosaica encontrada em qualquer rua. Perguntou-se qual seria seu significado.

Enquanto observava os legionários avançarem para sua tenda ao mesmo tempo em que Timónides permanecia nervoso ao seu lado, Ulrika pensou nos aldeãos que a caravana tinha encontrado no caminho: germanos que não eram escravos —como estava acostumada a ver— mas homens e mulheres livres que trabalhavam sua própria terra participavam de artes e ofícios e se aproximavam da caravana para comercializar. Ulrika se fascinava ao observar aquela raça em seu próprio entorno de bosques, suaves colinas e vales brumosos. As mulheres com blusas e saias longas, e o cabelo preso em tranças. Os homens com túnicas e malhas, o cabelo longo e quase todos barbudos, o que lembrava a Ulrika que a palavra «bárbaro» significava literalmente «barbudo», mesmo que nos últimos tempos tivesse terminado por ser aplicado a qualquer pessoa incivilizada.

Estremeceu ao pensar no perto que estava da terra de seu pai. Enchia-se de orgulho saber que não longe dali, quarenta e cinco anos atrás, três legiões comandadas por Quintílio foram derrotadas pelo herói germânico Armínio. O avô de Ulrika! Mas também se sentia mal por não ter se despedido de sua mãe. Além disso, em seu coração albergava o temor que a doença de sua infância não tivesse cura, e que fosse passar o resto de sua vida acossada por sonhos muito reais e vívidos para ser meros sonhos.

Quando dois legionários foram em direção de sua tenda ficou em guarda.

Ulrika estava ciente do clima político da região. Sob a *Pax Romana* do império, várias tribos germânicas importantes trabalhavam pacificamente com Roma e não

pareciam se ressentir pela presença de fortes e guarnições imperiais em seu território. De fato, tão pacífica era a região que Cláudio se viu obrigado a retirar as ociosas tropas de Rin e dar a elas algo que fazer: invadir a Britania. Mas tinha surgido um novo problema: um guerreiro germano de nome desconhecido estava avivando as tribos e as unindo contra Roma pela primeira vez em quarenta anos.

E Ulrika tinha a certeza que esse guerreiro era seu pai.

Quando os dois legionários estavam perto, prendeu o xale nos ombros e endireitou as costas, decidida a fazer frente. Não ia permitir que revistassem sua tenda. Não tinha nada a esconder, mas era uma questão de princípios.

Na zona mais afastada do acampamento, onde começava o bosque do oeste, um centurião de rosto curtido coçava os testículos e observava a agitação com cara de aborrecimento. Veterano de campanhas no estrangeiro, o amadurecido soldado desejando ir com sua gorda esposa a um vinhedo do sul da península itálica, onde esperava viver o resto de seus dias vagabundeando ao sol e contando histórias a seus netos. Essa busca de bárbaros insurgentes — em uma caravana comercial! — era uma perda de tempo. De fato, segundo seu acostumado parecer, toda a ofensiva militar contra o norte dos Alpes era. A Germânia era muito grande e seu povo era muito orgulhoso para deixar-se conquistar. Mas o centurião jamais punha em dúvida uma ordem. Fazia o que mandavam e cada mês recebia seu pagamento.

Ficou tenso. Seu experiente olho disse que chegavam problemas.

—O que está acontecendo aqui? —bramou Sebastiano Galo aparecendo entre as árvores a galope. Saltou da égua e se aproximou do centurião—. O que fazem aqui esses soldados?

—Estamos procurando rebeldes, senhor — respondeu o centurião ao reconhecer no jovem de cabelo acobreado, túnica branca e magnífica capa azul um homem de elevada posição.

Sebastiano contemplou a caótica cena com expressão carrancuda. Necessitaria uma hora para restaurar a ordem e outra para levantar o acampamento e pôr em marcha a caravana. Tinha que chegar a Colônia antes do anoitecer.

—Quem ordenou? —espetou—. E por que não fui informado?

—O comandante Vatinio, senhor — respondeu cansativamente o centurião recordando o vinhedo e os quentes dias italianos—. Ordenou uma revista surpresa, o melhor para encontrar fugitivos. Ao não estar acautelados, não tem oportunidade de fugir.

—Aqui não escondemos ninguém — grunhiu Sebastiano antes de afastar-se a grandes pernadas.

O inesperado alvoroço no acampamento era a única causa de seu mau humor. Tinha passado a noite em uma granja próxima convidado por um granjeiro romano que o conhecia há anos, mas não tinha dormido bem. Por culpa da moça, de Ulrika. O dia anterior tinha anunciado sua intenção de abandonar a caravana assim que chegasse a Colônia para empreender a busca do povo de seu pai. A notícia o tinha pegado de surpresa. Sebastiano tinha imaginado que a ajudaria a reunir um grupo de guias, escoltas e escravos germanos. O séquito mais seguro possível.

Mas partir sozinha? Estava louca? Até que ponto ignorava o perigo que corria?

Lamentava tê-la aceito como passageira, mas Timónides tinha insistido em que as estrelas mostravam o caminho de Ulrika alinhado com o seu. E em cada horóscopo diário aí estava ela, ligada ao destino de Sebastiano. «Quando se separarão nossos caminhos?», perguntou a Timónides no acampamento de Lugdunum. O astrólogo simplesmente deu de ombros e respondeu: «Os deuses nos farão saber isso».

Embora tivesse se preocupado que uma moça sozinha na caravana pudesse trazer problemas, Ulrika não tinha causado o mínimo conflito. Manteve-se discreta e calada, lendo, dando passeios, sempre com a pala jogada modestamente sobre o cabelo e os braços. Tinha viajado sem queixa em um carroção puxado por dois cavalos por atalhos pedregosos que sempre provocavam os protestos dos passageiros ao final da jornada. Mas Ulrika nunca dizia nada quando procurava um lugar frente à fogueira enquanto os escravos de Sebastiano montavam a tenda.

Em certo modo tinha sido uma ajuda valiosa. Sebastiano a tinha visto curar as pessoas. Uma simples moça de presença serena e discreta que possuía uma curiosa caixa repleta de remédios mágicos. Escutava o problema da pessoa e logo dizia: «Isto vai além de minha competência» ou «Posso ajudar».

Tinha contado que tinha aprendido com sua mãe algumas artes curativas. Sebastiano, não obstante, suspeitava que seu talento não fosse o resultado da mera aprendizagem, pois as pessoas às quais tinha ajudado asseguravam que a moça tinha sabido o que tinham inclusive quando eram incapazes de descrever devidamente seus sintomas.

Enquanto atravessava o transtornado acampamento acalmando as pessoas e afirmando que os soldados não demorariam a partir, Sebastiano olhou entre a fumaça e a bruma e a vislumbrou frente a sua pequena tenda falando com Timónides. Surpreendeu-o vê-la com o longo cabelo caído sobre as costas. Normalmente o usava preso em um coque grego e oculto sob o véu.

Mas o que mais o surpreendeu foi sentir uma pontada de desejo sexual.

Afastando-a de seus pensamentos — depois de tudo, no dia seguinte tomariam caminhos diferentes—, percorreu o acampamento tranquilizando seus escravos e trabalhadores e a quem viajava sob seu amparo, detendo-se pelo caminho para endireitar fardos de feno, aplacar nervos e restabelecer a ordem. Mas não podia deixar de pensar. Normalmente demorava sessenta dias para chegar a Forte Bonna e desta vez tinha feito em quarenta e cinco. Tinha apertado o ritmo e não se entretive em seus habituais entendimentos comerciais nos povoados e cidades que visitava. Segundo seus cálculos, se conseguisse fazer uma rápida parada em Colônia, poderia ter a caravana de volta a Roma em outros quarenta e cinco dias, com uma excelente probabilidade de chegar antes que os outros quatro mercadores à meta, que era o palácio imperial e uma audiência com o imperador Cláudio.

Por desgraça, chegar primeiro não bastava. Sebastiano ainda tinha que encontrar uma maneira de se destacar ante o imperador. Que obséquio podia levar a Roma que o fizesse se destacar acima do Badru, Sahir, Adon e Gaspar, quem com certeza se apresentariam ante Cláudio com esplêndidos troféus?

Enquanto fiscalizava o acampamento avaliando danos e estado de ânimo viu que dois legionários se dirigiam à tenda de Ulrika, onde ela aguardava firme e erguida. Rapidamente, foi para ela e a ouviu dizer:

—Nesta tenda não há ninguém.

—Sinto muito, senhorita, mas devemos comprovar isso pessoalmente.

Ulrika não se moveu.

—Eu não dou refúgio a criminosos.

—Afasto-se.

Elevou o queixo.

—De quem obedecem ordens?

—É o comandante Vatinio bastante bom para você? Agora...

Ulrika deixou cair as mãos.

—Quem disse? O comandante Vatinio? Se ainda está a muitas milhas daqui...

—O comandante está em Colônia com suas legiões.

Ulrika afogou um grito.

—Vatinio está aqui? Já?

Sebastiano viu que seu rosto perdia a cor. Antes que pudesse intervir, ela o surpreendeu pondo-se de lado e dizendo aos soldados:

—Procurem. Não encontrarão nada.

Ulrika aguardou que os legionários revistassem tudo retorcendo as mãos.

Sebastiano nunca a tinha visto tão nervosa.

—Está preocupada com a família de seu pai — pensou, lamentando não poder fazer mais por ela. Sabia pouco da legião recém-guarneçada em Colônia. Tinha escutado testemunhos contraditórios, informação apoiada mais em rumores que em fatos reais.

Ulrika o olhou e Sebastiano viu medo em seus olhos.

—Tenho que avisá-los — sussurrou.

—Avisar quem?

Os legionários saíram da tenda e Ulrika entrou sem dizer outra palavra.

Sebastiano ficou parado uns instantes, presa do desconcerto. Logo se virou e foi em busca de Timónides.

Ao ver seu senhor entrar no acampamento e parar para falar com o centurião, Timónides tinha largado a carne de cordeiro e ido até a tenda que compartilhava com seu filho Néstor com o fim de preparar-se para a leitura astral da manhã. Era o primeiro assunto que seu senhor atendia quando retornava; antes mesmo que o café da manhã. Quando Sebastiano o chamasse, ele teria o horóscopo preparado.

Estava inclinado sobre suas cartas astrais à luz de uma luz de azeite, dirigindo seus instrumentos e rabiscando equações em uma folha de papiro, quando sentiu uma pontada de culpa pelas falsidades que tinha pronunciado nas últimas semanas. Embora

parecessem invenções inofensivas, nunca antes tinha utilizado seu sagrado posto de astrólogo em benefício próprio. Mas queria que a moça fosse com eles se por acaso a mandíbula voltasse a dar problemas ou contraísse alguma outra doença. Tentou tranquilizar sua consciência recordando-se que em todos os anos que tinha servido aos deuses e as estrelas jamais tinha pedido nada em troca. Com certeza não davam importância a essa pequena recompensa por seu leal serviço, mas o sentimento de culpa...

Interrompeu-se bruscamente. Algo não estava bem.

Releu suas notas, recolocou o transportador, comprovou os graus, as casas e os ascendentes. E notou que seu sangue gelava. Grande Zeus. Não havia dúvida. No dia anterior o horóscopo de seu senhor tinha sido tão claro e aprazível como um dia de verão. Entretanto agora, de repente...

Pressagiava uma catástrofe. Algo grande e aterrador que não tinha estado aí os dias anteriores. Timónides umedeceu os lábios. Por que agora? O que tinha mudado? Tinha a ver com o registro do acampamento?

«Ou é meu castigo por falsificar as leituras?»

Começou a suar profundamente. Sabia que quando transmitisse esta leitura, Sebastiano ia quer saber por que seu horóscopo tinha mudado de maneira tão súbita. Se Timónides contasse a verdade, se contasse que em Roma tinha mentido em relação à moça, que castigo lhe daria Sebastiano? O astrólogo não estava preocupado consigo mesmo; já era velho, tinha tido uma boa vida e estava disposto a aceitar qualquer castigo dentro do razoável. Quem o preocupava era Néstor. Devia estar em boas relações com seu senhor pelo bem de seu filho. Gordinho e com cara torta, com o doce temperamento dos anjos e a inocência das pombas, Néstor não poderia se cuidar sozinho.

Timónides lutou com o remorso e a indecisão.

O dia em que colocaram o recém-nascido nos seus braços, a cara de asco da parteira, os comentários de suas irmãs e primas de que seria preferível para o menino deixá-lo em uma pilha de lixo... Timónides quase se deixou convencer, até que sentiu a delicada pele, os diminutos ossos da indefesa criatura. Nesse momento o coração bateu forte e soube que não podia fazer ao pequeno o mesmo que tinham feito a ele. E ficou com seu filho, o qual tinha chegado tarde na vida para o grego e sua esposa, uma surpresa, de fato, pois Damaris já não se acreditava em idade de procriar. E quando Damaris faleceu,

tende Néstor apenas dez anos, Timónides voltou a jurar que cuidaria do moço custasse o que custasse.

Agora, vinte anos depois, os deuses o estavam pondo a prova. E não havia dúvida. Não podia contar a seu senhor a verdade, isto é, que se aproximava uma grande catástrofe porque seu fiel astrólogo tinha cometido sacrilégio ao falsificar os horóscopos. Pelo bem de Néstor, Timónides devia criar outra mentira.

Esfregando a pança e lamentando ter molhado suas costeletas de cordeiro enquanto molho de alho, saiu à bruma da manhã para fazer a entrega da leitura.

Encontrou Sebastiano sentado em uma mesa instalada frente à tenda onde o rico mercador nunca dormia, com um pergaminho repleto de relatórios comerciais diante de si e o acostumado ábaco na mão. O jovem cheirava a sabão e vestia uma túnica limpa. Fez a barba e lavagem a consciência as mãos e os pés. Ao vê-lo com a capa azul atada ao pescoço, Timónides soube que estava preparado para levantar acampamento e fazer a última etapa da viagem.

—As estrelas têm uma mensagem nova esta manhã, senhor. Está a ponto de te acontecer algo grande.

Sebastiano arqueou as sobrancelhas.

—Grande? Do que está falando? Não mencionou nada disso na leitura de ontem à noite.

—As coisas mudaram — disse Timónides desviando o olhar.

—Mudaram? — Sebastiano meditou—. Os soldados — disse. Virou-se para a tenda de Ulrika, onde podia adivinhar sua silhueta andando no interior, e um novo pensamento começou a formar-se em sua mente.

Os soldados...

Um pouco relacionado com os soldados e a moça chamada Ulrika.

«Tenho que avisá-los», havia dito.

O que tinha querido dizer com isso? Avisar do que? Sebastiano acreditava que simplesmente se dirigia à sua terra. Era o que ela tinha contado.

Não obstante..., nas últimas semanas, uma palavra aqui, um comentário lá. «As terras de meu povo rodeiam um vale sagrado e oculto, abraçado por dois rios pequenos com forma de meia lua. No coração do vale descansa um bosque de carvalhos sagrado onde dizem que a deusa Freya vertia lágrimas de ouro.» E em outra ocasião, com grande orgulho: «A minha é uma tribo de guerreiros».

Nesse momento, recordando sua reação ao ouvir que o comandante Vatinio estava em Colônia, perguntou-se: era sua tribo a impulsora do novo levantamento? Eram eles os rebeldes aos quais Vatinio devia derrotar de uma vez por todas?

E estavam esses insurgentes nesse momento acampados no vale oculto do qual Ulrika tinha falado?

Sebastiano ficou em pé e, ao mesmo tempo em que novas ideias brotavam em sua mente, escolheu cuidadosamente suas palavras.

—Velho amigo — disse a Timónides—, esse grande sucesso do que falas, poderia significar que estou a ponto de conhecer alguém muito importante?

Timónides titubeou. Em nome do Grande Zeus, de que diabo falava seu senhor? O velho grego ignorava, mas de repente vislumbrou uma faísca de esperança, inclusive de entusiasmo, nos olhos de seu senhor.

—Exato, isso mesmo — disse, assentindo energicamente e detestando-se por semelhante mentira, por semelhante sacrilégio. Mas não podia fazer outra coisa. Se os deuses acabassem com sua vida agora mesmo, não o reprovava—. Dispõe-se a conhecer alguém muito importante que mudará sua vida.

Sebastiano sentiu de repente uma poderosa agitação. Só podia ser Gaio Vatinio, comandante de seis legiões! Acaso havia alguém mais importante que ele naquela região? «E possuo uma informação de inestimável valor. Sei onde se escondem os insurgentes bárbaros!»

Sabia que com essa informação Gaio Vatinio teria a vitória assegurada. E que o imperador Cláudio outorgaria uma generosa recompensa ao homem que a tinha facilitado. O diploma imperial para a rota da China.

«Partirei imediatamente para o norte para falar com o comandante de um vale oculto abraçado por dois rios com forma de meia lua... »

Ulrika prendeu apressadamente o cabelo e agarrou seus bens. Tinha decidido que não esperaria até chegar a Colônia. Devia partir imediatamente. Vatinio já se encontrava ali, e só ela estava a par da armadilha que planejava fazer a seu povo.

Tirou a camisola, escolheu um prático vestido de viagem de algodão branco com uma pala combinando, e enquanto se vestia pensou na miríade de embarcações

pequenas que tinha visto no rio Rin: comerciantes locais que percorriam o rio com sua mercadoria sob o olhar atento das galeras romanas. Ulrika falava seu dialeto e sabia que contava com moedas suficientes para pagar a passagem até a outra margem.

Envolveu pão e queijo em um tecido e pensou em Sebastiano Galo. Deveria informá-lo que tinha intenção de deixar a caravana esse mesmo dia. Então se deu conta que ele poderia impedir que partisse, poderia inclusive lhe atribuir um escolta para que zelasse por sua segurança até deixá-la sã e salva em Colônia, tal como tinham concordado.

Depois de despedir-se mentalmente dele, duvidando que voltassem a se ver, saiu da tenda e se encaminhou para o Rin.

9

Estava perdida.

Ulrika estava há vários dias caminhando, seguindo o mapa, esforçando-se para recordar os detalhes que sua mãe tinha contado muito tempo atrás — uma infinidade de rios pequenos com forma de meia lua! — e agora se achava no coração do bosque, ao leste de Rin, sem ter a mínima ideia de onde estava.

Ao chegar ao Rin tinha pagado a um barqueiro para que a levasse à outra margem e no trajeto tinha perguntado se sabia um pouco de Vatinio e suas legiões, mas o homem falava depressa, com um acento que ela desconhecia, e só pôde pescar palavras soltas.

Uma coisa ela sabia: estava a ponto de livrar uma grande batalha.

Mas onde?

Esquadrinhou o ensolarado bosque onde os abetos e os carvalhos projetavam sombras escuras e os pássaros trilavam pousados em seus ramos. O estalo de um ramo rompia de vez em quando o silêncio, a recordando que havia criaturas observando-a. Criaturas famintas...

Onde estava? Depois de atravessar o rio e ir rumo ao este, deixando atrás todo rastro de civilização, tinha ido encontrando cada vez menos pessoas em seu caminho, e agora se achava completamente só na profundidade do bosque, com uma adaga e sua força

interior como únicas armas. Sabia que devia avançar para o nordeste, mas ignorava aonde. À diferença de Roma, nestes bosques não havia postes indicadores.

Sentia pavor só de pensar em passar outra noite naquele terreno hostil. Embora só faltassem duas semanas para o solstício de verão e os dias fossem cada vez mais quentes, o frio se apoderava da noite. Ulrika tinha dormido em buracos que tampava com folhas, aproximada de árvores e no amparo das rochas, envolta em sua pala e rogando por que no dia seguinte encontrasse seu pai. Não tinha mais comida. Tinha o vestido feito farrapos e as sandálias quebradas. E agora caminhava cansativamente por um bosque que lhe desejava o mesmo do dia anterior.

Com cada raiz tortuosa que tropeçava, com cada arbusto espinhoso que enganchava a saia, com cada coruja que ululava e cada sombra que a ameaçava, Ulrika se sentia um pouco mais perto das lágrimas. Tinha acreditado que na terra de seus pais se acharia em casa. Depois de tantos anos ignorando qual era seu lugar, sentindo-se uma estranha inclusive na casa que compartilhava com sua mãe em Roma, estava convencida que a Germânia pareceria um lugar seguro, familiar e acolhedor. Em lugar disso, esse bosque selvagem e imprevisível inspirava medo.

Não podia crer em sua ingenuidade. Como tinha pensado que seria tão fácil encontrar seu pai quando nem um só espião ou agente do serviço de inteligência de César tinha conseguido?

Apoiou-se em uma árvore para recuperar o fôlego. O sol estava justo no alto. Quantas horas de luz restavam ainda antes que tivesse que procurar um lugar seguro para passar a noite? Deveria retornar? Saber-se sequer como retornar?

O mapa, comprado de um cartógrafo de Lugdunum que apregoava sua mercadoria em um posto do mercado garantindo «os últimos e mais precisos detalhes geográficos», era imprestável. Os rios e as correntes indicados no mapa não existiam, enquanto que aqueles dos quais tinha bebido brilhavam por sua ausência. Quanto ao vale situado entre dois rios com forma de meia lua, era possível que já tivesse cruzado sem precaver-se disso.

Arrependia-se por ter abandonado às escondidas o acampamento da caravana, de não ter dito pelo menos a Timónides aonde ia. De fato, quando teve suas coisas prontas,

assegurou-se de que ninguém a visse descer até o rio. Estariam Sebastiano Galo e o astrólogo grego preocupados com ela nesse momento? Suporia Galo que tinha partido em busca de sua família? Estaria Sebastiano Galo em Colônia, recuperando forças para a viagem de volta a Roma?

«Pensa sequer em mim?»

Ulrika não surpreendia que o mercador aparecesse em seus pensamentos naquele lugar e nessa hora, pois tinha sonhado com ele cada noite desde que deixou o acampamento.

Recordando sua missão e o fato que acabava seu tempo, parou para escutar o bosque. Imaginou milhares de soldados empurrando máquinas de guerra, oficiais a cavalo bramando ordens e tropas de infantaria formando colunas. Sabia que a batalha começaria com o lançamento de armas: catapultas, aríetes e lanças.

Recomeçou a marcha. Um vento frio percorria o bosque. Arrebentou uma correia da sandália e de repente ficou descalça. A dor atravessou seu pé direito e gritou. As esteiras pareciam agora mais pesadas e as pernas mais lentas. Nunca em sua vida tinha estado tão faminta. Uma voz do passado, de tia Paulina, sussurrou-lhe: «As senhoritas nunca limpam o prato. É próprio de uma dama deixar comida».

Tia Paulina, que era como uma segunda mãe para Ulrika porque Selene, sua mãe de verdade, andava sempre ocupada com sua prática médica e seus numerosos pacientes. «Uma jovem romana educada —dizia Paulina— nunca exhibe o cabelo em público. Não se altera. Não fala mais da conta. Cada tarde trabalha em seu tear. Sempre se mostra amável e cortês e espera com impaciência o dia em que se case e tenha filhos. »

Enquanto caminhava a tropeções pelo chão irregular do bosque, com os ramos e pedrinhas cravando no pé, pensou: «É este meu castigo por quebrar as normas?».

O vento mudou subitamente de rumo e sacudiu as copas das árvores, mas desta vez trouxe consigo o aroma de fumaça. Ulrika parou e levantou a cabeça. Sim! Perto dali havia fogueiras! Possivelmente um fogo com uma panela fumegante, carne girando em um espeto. E, o mais importante, gente...

Avançou entre as árvores e ouviu vozes. Atravessou o pinhal e encontrou-se em uma grande pradaria verde. Olhou a seu redor procurando alguma choça, alguma sinal

de vida, e viu um homem estendido sobre a erva. Aproximou-se com cautela. O homem tinha uma postura estranha.

Agachou-se muito devagar e o tocou. Estava frio e rígido.

Retirou rapidamente a mão. Examinou a pradaria.

E viu...

Outro corpo.

E outro...

Dirigiu a vista para o limite da pradaria e vislumbrou o começo de um terreno enegrecido: uma paisagem desoladora de árvores disformes, muitos dos quais ainda despediam colunas de fumaça. Tinham posto fogo à terra, selo característico dos romanos, que tinham como política esfaquear e incendiar depois da batalha.

Com o corpo intumescido, entrou na pradaria, onde encontrou mais cadáveres, e saiu em um vale coberto de centenas de mortos, talvez milhares.

Seguiu caminhando entre a fetidez, as moscas, as mutilações, os corpos ensanguentados, as cabeças imateriais, os corpos decapitados, um manto grotesco de extremidades e vísceras. Viu cabeças sem olhos e línguas apontando para ela como se zangassem que as visse em semelhante estado. Via corvos bicando olhos, levantando o voo com línguas inchadas nas garras, grasnando e brigando por um testículo, arrancando e devorando a tenra carne. Lobos roendo ossos.

Assaltaram-lhe as náuseas. Soluçou ao ver homens empalados e sem braços, o sangue que tinha saído em fervuras agora estava negro e coagulado. Ouviu gemidos. Alguns deles estavam vivos!

Seguiu os fracos gemidos e chegou até um guerreiro germano que jazia em uma postura antinatural. Tinha as pernas viradas de uma maneira impossível, como se tivesse partido a coluna. A metade superior do corpo estava em posição para cima enquanto que as pernas ficavam de barriga para baixo. Tinha os olhos abertos. Ulrika olhou horrorizada ao moribundo, sem poder mover-se, sem poder respirar.

O homem abriu os lábios. O queixo tremeu. Sussurrou algo. Queria que o matasse que pusesse fim a seu sofrimento.

Ulrika desembainhou sua adaga e, empunhando-a firmemente com as duas mãos, elevou-a para o céu e com um grito afogado afundou a folha no peito do guerreiro. Manteve os olhos abertos, mas notou que sua luz se apagava e que deixava de respirar.

Cegada pelas lágrimas, retrocedeu e contemplou o campo de batalha. Milhares de mortos. Estava seu pai entre eles?

Procurou desesperadamente o herói chamado Wulf, mas só via corpos em processo de decomposição cravados às árvores. Cadáveres de mulheres violadas, mulheres que se uniram a seus maridos e filhos na batalha e que tinham sofrido uma morte espantosa.

Parou em seco. Tinha interpretado mal ao barqueiro que atinha ajudado a cruzar o Rin. Não a tinha advertido de uma batalha iminente, mas sim de uma batalha já acontecida. Vatinio não só tinha chegado a Colônia com suas legiões, mas sim tinha entrado em combate e ganhado!

«Teria conseguido salvá-los! Cheguei muito tarde!»

Avançou entre os massacrados cadáveres chorando amargamente.

—Sinto — sussurrava aos caídos—. Sinto muito. Peço-lhes perdão.

O sol se ocultou atrás dos pinheiros e projetou uma sombra lúgubre sobre o campo de batalha. De repente se viu envolta por um silêncio inquietante. Virou lentamente, varrendo os cadáveres com o olhar, e notou um estranho calafrio nos ossos. Era a morte, que vinha roubar sua alma.

Um forte estalo rompeu o silêncio. Ulrika se virou bruscamente e vislumbrou movimento dentro do bosque. Petrificada, notou que um suor frio brotava entre suas omoplatas. Os espíritos dos mortos!

Das árvores emergiram por fim umas figuras brancas e sigilosas, de estatura alta e cabelo longo. Sentiu que seu coração subia à garganta. O pânico se apoderou dela. Quando saíram ao claro, ficou estupefata. Não eram espíritos, mas mulheres. Caminhavam em silêncio entre os cadáveres, agachavam-se, levantavam-se, assinalavam o céu. O que faziam?

Ulrika observou que duas mulheres incrivelmente formosas pararam seus curiosos movimentos, olharam-na e se puseram a andar para ela. Eram altas e robustas, de pernas longas, vestiam saias amplas e blusas de cores vistosas e uma longa cabeleira loira caía sobre um busto generoso. Ulrika sabia que eram «mulheres da vitória» ou «donzelas do escudo». No dialeto local eram Valquírias, isto é, servas de Odín que escolhiam os

heróis caídos em combate para levá-los a sentar-se no grande Valhalla e beber hidromel pelo resto da eternidade.

Enquanto se aproximavam andando por cima de membros amputados, inclinando-se para acariciar testas geladas, cantarolando baixinho, avançando entre os caídos para sussurrar — o que? — A imagem foi se transformando até que Ulrika viu que não eram mulheres jovens e robustas, mas anciãs com uma coroa de tranças brancas na cabeça, com o estragado corpo coberto por uma túnica presa com um cinto, uma saia longa e um xale tosco jogado sobre os ombros. Apesar de sua avançada idade, caminhavam com as costas erguidas e os ombros retos. Embora envelhecidas pelos anos, pensou, o orgulho as tinha mantido fortes.

Ulrika vislumbrou na coroa da primeira um belo aro de prata retorcida, com folhas e caules de prata entrelaçados que se uniam na frente para sustentar uma coruja diminuta sobre duas folhas de carvalho. Entre as duas folhas descansava uma forma de ovo, como se a coruja se dispusesse a incubá-lo.

As duas mulheres pararam para examiná-la. Quando uma delas viu a cruz de Odín em seu peito, assinalou-a com o dedo e murmurou algo ao mesmo tempo em que sua companheira apertava os lábios. Os leitosos olhos azuis escrutinaram Ulrika por debaixo de sobrelancelhas brancas.

—Perdeu-se, filha?

Era um dialeto que Ulrika entendia.

—Estou procurando... Sua voz se quebrou.

—Não deveria estar aqui — disse docemente a mulher —, entre os mortos.

—Tenho que encontrar a...

A anciã tinha as maçãs do rosto e o queixo proeminente e o nariz fino e aquilino, e Ulrika pensou que em sua juventude devia ter sido muito bela. Mas a carne tinha desaparecido, reduzindo-a a ossos e tendões, embora continuasse desprendendo força. Pousou uma mão no braço de Ulrika.

—Está cansada, filha. Vêem, nos afastemos de toda esta morte.

—Estou procurando meu pai. Wulf, o filho do Armínio.

A anciã meneou a cabeça com tristeza.

—Wulf morreu. De fato, toda sua família pereceu. Agora vem conosco, precisa comer e descansar.

—Morto! Não é possível, deve estar enganada. Vim em sua procura. Não pode estar morto.

Mas as duas mulheres já se viraram para encabeçar a marcha; então elevaram as saias para passar por cima dos cadáveres e Ulrika vislumbrou suas botas de pele forradas de cabelo. Seguiu-as em silêncio conduzindo sua carga e sua dor, descalça de um pé sobre um chão empapado de sangue.

Ao chegar ao limite do prado entraram na terra que os romanos tinham incendiado antes de retirar-se com prisioneiros e armas roubadas dos mortos. Ulrika sabia que não muito longe dali os legionários deram a seus mortos a devida sepultura em fossas comuns, com orações e oferendas aos deuses.

Enquanto seguia às anciãs pelo calcinado chão, onde não tinha sobrevivido nenhuma fibra de erva, percebeu que tinham entrado no que restava de uma aldeia. O incêndio perpetrado pelos romanos não tinha deixado mais que os alicerces carbonizados do que um dia foram robustas cabanas de troncos. A fumaça entrava em seus olhos ao passar pelos lugares onde ainda ardiam rescaldos, palha e madeira. Árvores que tinham sido magníficos pinheiros e carvalhos apareciam agora negros e raquíticos, retorcidos e grotescos. O fedor era entristecedor.

A anciã de diadema de prata parou frente ao que se assemelhava a um montão de ervas e ramos que, não obstante, resultou ser um refúgio rudimentar.

—Dentro há comida e bebida.

Ulrika agachou a cabeça e entrou na cabana. Estava na penumbra, mas uma vez que seus olhos se acostumaram viu um chão de terra coberto de peles, odres de água e cestas cheias de frutas e hortaliças.

Aceitou agradecida o que suspeitava que fossem suas últimas provisões. Embora estivesse faminta, comeu frugalmente, e logo bebeu do odre que deram.

—Quem são? —perguntou às duas mulheres que a observavam.

—As guardiãs de um bosque sagrado — respondeu a anciã—. E fomos ao longo de incontáveis gerações, desde que a deusa Freya derramou suas lágrimas de ouro sobre os carvalhos ancestrais. Agora deve dormir. Nós, enquanto isso retomaremos a tarefa de enterrar nossos filhos e maridos.

—Sim. —Ulrika se recostou sobre uma grossa manta de pele de urso—. Estou muito cansada...

Ignorava quanto tempo dormiu, mas quando despertou tinha anoitecido e as guardiãs do bosque sagrado estavam acendendo tochas e mexendo algo em uma panela fumegante. Quando Ulrika se sentou trabalhosamente — doíam todos os ossos e músculos —, a mulher de diadema se aproximou.

—Tome — disse com um sorriso—. Caldo de cogumelos. Te dará forças.

Ulrika esfregou os olhos ao ver que as duas mulheres rejuvenesciam de novo.

À luz das tochas, a pele enrugada estirou, os olhos leitosos se iluminaram e os cabelos brancos se tornaram milagrosamente negros.

—Por que vieste? —perguntou a mulher de diadema. Sua companheira não tinha pronunciado ainda uma só palavra.

Ulrika piscou. Estavam envelhecendo outra vez.

—Para avisar ao povo de meu pai da iminente invasão. Mas cheguei tarde.

Os olhos da anciã, cheios de sabedoria, pousaram no rosto de Ulrika e ali permaneceu longo momento enquanto de fora as aves noturnas ululavam e o vento assobiava. Finalmente disse:

—Não vieste por isso. Essa não é sua missão. Foi gasta até aqui com outro propósito, filha. —Assinalou a cruz de Odín que pendia de seu pescoço—. Leva contigo o símbolo sagrado de Odín. É serva dos deuses e está cumprindo sua vontade.

—Por que foram me escolher para ser sua serva?

—Porque herdou um dom especial, minha filha. —A anciã fez uma pausa—.

Porque tem um dom especial, não é verdade?

A mulher aguardou enquanto sua companheira observava a cena em silêncio.

A terrina de caldo parou nos lábios de Ulrika. Devolveu-o ao colo e perguntou:

—Que dom especial?

A anciã levou um braço longo e ossudo e durante um breve instante Ulrika viu uma pele firme e uns músculos fortes. A mulher a tocou na testa e sussurrou:

—Chama-se o dom da profecia.

A fumaça da tocha pareceu fazer-se mais densa. Ulrika notou um breve enjoo na cabeça.

—Fala das minhas visões? É uma doença.

A mulher meneou a cabeça e de seus cabelos saíram brilhos chapeados.

—É um dom, filha. Suas visões a assustam, mas não deveria ter medo. Tem que aceitar porque procedem dos deuses e são, portanto, sagradas.

—Como sabe?

—Diz que é filha de Wulf. O dom da profecia está em sua linhagem.

—Mas minhas visões não têm sentido. E não posso as controlar. São sonhos aleatórios que vêm e vão e carecem de interpretação. Que tipo de dom é esse?

—Aprenderá a controlar e a interpretar.

—Com que fim? Eu não desejo conhecer o futuro.

—Esse não é o propósito das visões.

—Qual é então? —Ulrika deixou a terrina—. Do que podem me servir essas visões desatinadas?

—Não é para você, filha. Deve utilizar seu dom para ajudar aos outros, não para te ajudar.

Ulrika esfregou as têmporas.

—Continuo sem entender.

—O dom foi passado através de uma longa estirpe de mulheres. Mas seu dom é jovem e indisciplinado, por isso suas visões não têm sentido. Tem que aprender a domesticá-lo, controlá-lo e utilizá-lo para ajudar outras pessoas.

—Mas o que é?

—Saberá quando tiver aprendido a disciplina.

—Quem me ensinará essa disciplina?

—Deve surgir de seu interior, mas contará com professores. Entrará em contato com eles, mas não saberá que são professores até que os tenha deixado para trás. Por isso tem que abrir sua mente e seu coração a todos os seres que encontrar em seu caminho. Volte a dormir, menina. Descanse. Amanhã tem que retornar ao lugar ao qual pertence. Amanhã empreenderá uma viagem nova e especial.

Sob a suave carícia da pele de urso, na acolhedora intimidade da cabana, Ulrika fechou os olhos e se inundou em um sono profundo.

Quando o sol que penetrava pela ramagem do teto a despertou, veio-lhe a lembrança da noite anterior.

Enquanto se banhava em um riacho próximo e repunha as forças com um humilde café da manhã de cogumelos e bolotas, refletiu sobre as misteriosas palavras da anciã.

Na hora de partir, a guardiã do bosque entregou frutos secos e bagos, um odre com água e botas.

—Não retorne pelo campo de batalha — a aconselhou—. Daqui vá rumo ao sul e encontrará outro riacho. Siga seu curso, te levará até o rio que seu povo chama de Rin. Nada mau te acontecerá pelo caminho, filha, pois os espíritos do riacho a protegerão.

Como medida de precaução, introduziu a mão em uma bolsinha de couro que pendurava do cinturão e extraiu um punhado de pedras de aspecto curioso. Eram plainas, de formas diferentes, e tinham símbolos desenhados no centro. Jogou-as sobre o chão e, enquanto o gorjeio dos pássaros alagava o ar, estudou os símbolos. Franzindo as sobancelhas, endireitou-se e disse:

—As runas dizem que se desviou de seu caminho. Tem que voltar ao início e começar de novo. Desta vez permanecerá fiel a seu destino.

Ulrika olhou as runas.

—Onde está o início?

—No lugar onde foi concebida, pois é aí onde começa sua vida.

—Mas esse lugar é na Pérsia, um território imenso! Como vou encontrá-lo?

—É o lugar ao que deve ir. Ali encontrará seu destino.

Desconcertada, Ulrika agradeceu às duas mulheres e partiu para o sul.

Enquanto a viam afastar-se, a anciã que não tinha aberto a boca pousou uma mão ossuda no braço de sua companheira e disse:

—Irmã, como pode estar tão tranquila?

—Não estou tranquila, Hilde. Queria abraçá-la, mas tive que me conter por seu bem.

—Sabia Wulf que viria?

—Wulf nem sequer sabe que existe.

Quando a silhueta de Ulrika desaparecia entre as árvores calcinadas, a segunda anciã disse:

—Por que mentiu? Por que não contou a verdade a ela?

Não podia, pois a verdade era um grande segredo: depois que sua esposa, Thusnelda e seu único filho morreram, Armínio, o herói germano, nunca voltou a casar-se. Mas um dia que estava chorando amargamente a perda encontrou consolo no bosque sagrado dedicado à Deusa das Lágrimas de Ouro, onde a formosa e jovem sacerdotisa o acolheu em seus braços. Wulf era o fruto dessa união secreta.

—Não pôde lhe dizer ao menos que seu pai está vivo? —insistiu docemente Hilde.

Os olhos da anciã se encheram de lágrimas.

—Um destino grande e desconhecido aguarda minha neta. Se soubesse que seu pai vive, ficaria aqui para ir a sua busca e jamais cumpriria seu destino. Se achar que está morto, seguirá o caminho correto.

—Voltaremos a vê-la?

—Pode ser que algum dia, se os deuses quiserem — respondeu a profetisa da tribo dos Queruscos, também chamada de Ulrika e da qual sua neta tinha herdado o nome.

O dia chegou a seu fim e o bosque se tornou ameaçador.

Ulrika tinha seguido o riacho como indicou a anciã, mas não parecia conduzir a nenhum lado. Quanto faltava para chegar ao rio? A corrente parecia descer sem rumo fixo através de um denso bosque de pinheiros e carvalhos para um vale salpicado de antigas cavernas, e as esteiras pesavam cada vez mais. Podia sentir o olhar das criaturas do bosque: observavam seu avanço sobre aquele chão coalhado de agulhas.

Crac!

Parou em seco, conteve a respiração e aguçou o ouvido.

Crac!

Uma pegada. Muito pesada para ser de animal.

Rangidos na mata. Algo —ou alguém— a seguia.

Abrindo muito os olhos, esquadrinhou o bosque sob a luz mortiça. As sombras adotavam formas assustadoras, pareciam mover-se. O som da água foi se apagando ao mesmo tempo em que outros sons cobravam força: o chiado de um falcão, o vento entre as copas das árvores, outro estalo na mata.

Perguntando-se se poderia escapar do que fosse que a seguia, virou-se para os sons, divisou umas silhuetas e advertiu que eram homens. Quando o primeiro saiu a pequena clareira situada junto ao riacho e Ulrika viu que era alto e barbudo e vestia uma túnica com cinturão e malhas de couro, quando viu as tatuagens tribais e a larga cabeleira, procurou desesperadamente com o olhar um lugar onde esconder-se.

Quatro homens mais emergiram entre os carvalhos e pinheiros com espada em mão e com a raiva desenhada no rosto. Um deles tinha o braço coberto de sangue ressecado, outro coxeava por uma ferida na perna. Brandindo suas espadas

ensanguentadas, aproximaram-se e Ulrika reparou em seu olhar. Pensou na adaga que guardava em um de suas esteiras, agora fora de seu alcance.

Deu um passo atrás. Os homens falavam palavras que não compreendia, mas captou a intenção. Sobreviventes de uma derrota humilhante, a sede de matar ardia em seus olhos.

Retrocedeu outro passo e notou a inclinação do chão onde começava a descer para o riacho. O sol tinha abandonado o bosque; Ulrika e os cinco guerreiros estavam agora rodeados de penumbra. Aproximaram-se um pouco mais. Podia cheirar seu suor. Podia ver suas cicatrizes, as velhas e as novas. A barba loira e longa, o cabelo rebelde. O rosto manchado de sangue e barro.

O homem que fechava a marcha, um gigante ruivo, separou-se do grupo e, com um sorriso lascivo e desdentado, avançou em círculo para aproximar-se de Ulrika por trás. Ulrika levou uma mão ao ombro, desprendeu um de suas esteiras e o brandiu com todas suas forças. Rindo, o guerreiro a agarrou e a jogou no chão.

Ulrika brandiu a outra esteira, mas também esta foi arrebatada. Tentou escapular para um lado, mas um terceiro homem bloqueou seu passo. Rodearam-na. Não podia vigiar todos.

O líder levantou a espada sorrindo a seus camaradas, mas a sede refletida em seu rosto já não era de matar, mas sim de outra coisa. O indivíduo que tinha à suas costas a agarrou pelo cabelo, pois o cabelo tinha soltado da trança durante a caminhada pelo bosque. Soltou um grito. O homem a atraiu para si e Ulrika notou os braços fortes ao redor da cintura. Começou a dar chutes e dentadas. O líder a agarrou pelos tornozelos. Ulrika amaldiçoou sua debilidade. Todas essas tardes sentada frente ao tear e folheando livros...

Estenderam-na no chão e a imobilizaram. O líder deitou sobre ela, sorrindo enquanto subia o vestido. De repente a olhou com cara de pasmo. Ulrika contemplou seu rosto cicatrizado e seus olhares se encontraram um instante antes que o homem caísse sobre ela, asfixiando-a com seu peso. Seus companheiros deram um passo atrás e gritaram. Depois de tirar de cima o homem inconsciente, Ulrika se sentou e viu que Sebastiano Galo saía correndo do bosque brandindo uma espada, vestido com uma túnica branca e uma

capa azul. Aterrorizada, observou como os quatro guerreiros avançavam sobre ele com suas espadas.

Levantou-se de um salto e procurou algo que utilizar como arma. Reparou na adaga afundada nas costas do morto, a qual Galo tinha lançado enquanto corria. Pegou e procurou um alvo, mas os homens se moviam muito depressa.

O jovem mercador desabotoou a capa e a lançou sobre as cabeças dos assaltantes. Um deles se enredou no tecido e caiu para trás. Os outros três continuaram a luta, atacando com suas espadas bárbaras de todos os lados enquanto Galo desviava habilmente as investidas.

Ulrika agarrou a adaga e, lançando um poderoso grito, se jogou sobre o ruivo e afundou a arma no ombro dele. O homem soltou um grito e começou a cambalear. Ulrika recuperou a adaga e saltou para um lado para afundá-la em outro guerreiro.

Com o estrondo de metal contra metal repicando em seus ouvidos enquanto cravava, golpeava e gritava levada pela fúria, a dor e o entorpecimento. Cegados os olhos pelas lágrimas, Ulrika tinha imagens fugazes de Sebastiano Galo lutando com os bárbaros. Seus braços musculosos brandiam a enorme espada uma e outra vez, desestabilizando seus rivais com seus golpes.

Embora o superassem em número, Galo conseguiu mantê-los a raia investindo, fatiando, girando em todas as direções e desviando um golpe atrás de outro, até que um dos assaltantes caiu ao chão, e logo outro. Quando só ficava um homem em pé e Galo o obrigou a retroceder avançando implacavelmente com sua espada, os outros se levantaram e todos fugiram para o bosque entre juramentos e blasfêmias.

Sebastiano os viu afastar-se respirando agitadamente. Logo secou a testa e se virou para Ulrika.

—Está bem?

—Sim... — Realmente ele estava aí diante dela ou se tentava uma visão? Que fazia Sebastiano ali? Como tinha dado com ela? Cada vez que inspirava, os músculos de seu peito se expandiam e esticavam o tecido da túnica. O cabelo e a barba dourada brilhavam com o suor do combate. A imagem tinha deixado Ulrika sem fala. Em que pese a sua magnitude, Sebastiano tinha dirigido a espada com toda habilidade.

—Voltarão. —Sebastiano recolheu do chão sua capa e as esteiras de Ulrika e olhou ao redor. A noite estava caindo—. Separei de meu grupo. Não poderei encontrá-lo na escuridão. Essas cavernas parecem seguras no momento.

Ulrika pôs-se a andar a seu lado. Estava muito abalada para poder falar. A julgar pelas tatuagens tribais, seus atacantes eram queruscos, compatriotas de seu pai. Em troca seu salvador era um estranho para ela, alguém com quem não tinha vínculo algum e que se materializou como por arte de magia, sobressaltando-a com sua força e seu poder, um homem que se sentava com seu ábaco para contar sacos de mercadorias.

—Aí — disse quando chegaram a uma caverna rodeada de amoras e árvores raquíticas. A estreita abertura mal se via de fora—. Aí não nos encontrarão.

Ulrika parou.

—Aí não — disse.

—Por que não? É defensável. E, além disso, podemos camuflar a entrada.

Sebastiano se virou para o bosque. Tinham que encontrar rapidamente um esconderijo. Quando se pôs a andar para a caverna Ulrika disse:

—Aí nos encontrarão.

Virou-se e inspecionou o arvoredo, escutou o murmúrio do riacho próximo. Ao outro lado de um carvalho divisou uma caverna maior com uma abertura larga e sem mata ao redor.

—Ali — disse assinalando-a com o dedo—. Ali estaremos a salvo.

Sebastiano a olhou atônito.

—Ali com certeza nos encontrarão!

Mas Ulrika se encaminhou para ela e a luz mortiça do anoitecer tingiu sua figura de um branco espectral. Sebastiano correu atrás dela. Ulrika desapareceu pela abertura e Sebastiano não teve mais remédio que segui-la.

Uma vez dentro viu que a caverna era larga e profunda, sem gretas nem formações rochosas atrás das quais poderiam se esconder. Era como estar sentados em meio de um prado! Antes que ele pudesse expressar seu desacordo, ouviram vozes graves e coléricas. Os bárbaros haviam voltado e, a julgar pelo alvoroço, trouxeram ajuda.

Sebastiano soltou as esteiras e empunhou a espada, mas Ulrika não parecia preocupada quando virou em círculo para contemplar o teto rochoso da caverna. Finalmente parou junto à entrada.

—Aqui estaremos a salvo — repetiu.

Balbuciando uma maldição, Sebastiano a agarrou pela mão, separou-a da entrada e a aproximou da parede; logo apareceu a cabeça para vigiar os bárbaros.

Mas Ulrika não prestava atenção ao avanço dos germanos. Em lugar disso tirou o chapéu admirando os fortes braços de Sebastiano. A túnica, empapada de suor, lhe aderiu as costas e realçava a dureza de seus músculos. Prendeu a respiração.

Então reparou no rasgão do tecido, na mancha vermelha que se estendia por seu braço. Estava ferido gravemente! Pousou uma mão na ferida e exerceu uma pressão suave.

—Chis! —sussurrou Sebastiano com uma careta de dor.

Viram os bárbaros entrar em outras cavernas, procurar atrás das rochas, atravessar a densa mata com a espada e blasfemar enquanto se perguntavam onde se colocaram os romanos. Para surpresa de Sebastiano, nem sequer se voltaram para a caverna onde ele e Ulrika se escondiam, nem sequer fizeram gesto de aproximar-se, mas que com certeza a tinham visto. Aguardou com o fôlego contido enquanto os guerreiros germânicos continuavam bosque adentro, esmagando ramos e folhas, até que suas vozes e pegadas se perderam na distância.

Virou-se para Ulrika. Seus rostos estavam muito juntos.

—Como sabia que fariam isso? —perguntou em voz baixa.

Mas ela simplesmente se aproximou de uma de suas esteiras e a abriu. Sob o atento olhar de Sebastiano, pinçou em seu interior e tirou um frasco pequeno e um cilindro de algodão. Tinha o vestido manchado e rasgado, a pala feita farrapos e a metade do cabelo caído sobre um ombro enquanto a outra metade continuava comodamente recolhido em um lado da cabeça. Sua imagem era trágica, mas orgulhosa, pensou. As curvas de seu esbelto corpo, os movimentos graciosos de suas mãos, tudo nela era elegante e harmonioso.

Sebastiano desviou o olhar e se concentrou no bosque.

Embora já não pudesse ouvir os germanos, continuou fazendo guarda na entrada da caverna com a espada pronta para atacar. Ulrika se aproximou, levantou-lhe a manga e cobriu a ferida com um unguento. Para Sebastiano não era mais que uma ferida sem importância que teria deixado secar e cicatrizar sozinha, mas ela a estava limpando.

Aplicou um pouco mais de bálsamo e finalmente enfaixou o braço com tiras de tecido de algodão.

«Um trabalho impecável», pensou, recordando que Ulrika tinha contado que sua mãe era médica.

Quando terminou, Ulrika levantou a vista na escuridão da caverna e durante um instante ambos ficaram sem respiração. Sebastiano teve a sensação que as sombras se moviam a seu redor, como se estivessem produzindo mudanças cósmicas, e recordou que estava longe de sua caravana, de seu astrólogo. Essa noite, pela primeira vez desde que se lembrava, dormiria sem seu horóscopo noturno.

A ideia o inquietava, assim como a proximidade da moça. Tinha-a muito perto. Podia notar seu fôlego suave no pescoço. Admirou seu lábio inferior, carnudo, úmido e sensual.

Deu um passo atrás, baixou a manga e murmurou um agradecimento. Queria perguntar de novo como sabia que os bárbaros não iam procurá-los nessa caverna, mas estava apanhado em seus olhos azuis. Reparou nas manchas de terra que cobriam suas bochechas. Recordou a forma em que tinha brigado contra aqueles bárbaros.

—Está anoitecendo — disse—. Necessitaremos de fogo.

Cansada, Ulrika se sentou no chão e olhou como Sebastiano golpeava a pederneira e punha um punhado de folhas secas. Tinha recolhido pedras e as tinha disposto em círculo para fazer uma fogueira, e nesse momento acrescentava galhos e pedaços de madeira.

—Obrigado — disse Ulrika.

—Pelo quê?

Sebastiano se concentrou em preparar o fogo. Inquietava-se a forma em que a moça ocupava seus pensamentos. Sabia que não era só por sua proximidade. Suspeitava que embora estivesse a mil milhas dali, seguiria sem poder afastá-la de sua mente. Além de sua beleza, sua elegância e sua feminilidade, Ulrika possuía uma força curiosa. O modo em que se jogou com a adaga sobre os bárbaros, o sangue-frio que mostrou na hora de procurar um esconderijo seguro... E agora o estava observando serenamente com seus cativantes olhos azuis.

—Por salvar minha vida — disse.

—Enquanto viajar com minha caravana estará sob meu amparo. É meu dever me assegurar que chegue sã e salva a seu destino. Quando desapareceu do acampamento, enviei um grupo de homens em sua busca. —Não a olhou quando acrescentou—: Fiquei furioso quando compreendi que tinha ido voluntariamente. Tive que enviar a caravana na frente enquanto reunia um grupo de busca.

Ao vê-la tremer de frio e rodear o torso com os braços, desabotoou a capa e a jogou sobre os ombros dela. Ulrika contemplou à luz do fogo o broche de estanho que segurava a capa. Era um belo desenho galo.

Sebastiano reparou em seu interesse.

—Uma viúva de Lugdunum me deu de presente. Um homem do bairro estava fazendo insinuações pouco gratas e a mulher não tinha familiares varões que pudessem protegê-la. Um dia fiz uma visita ao homem. Não voltou a incomodá-la.

Ulrika recordou algo que Timónides havia dito frente a Massilia, a noite em que Sebastiano entrou na cidade carregado de presentes. «Meu professor tem amigos por todo o império. Cuida das pessoas desprotegidas. Basta com que difunda que tal homem ou tal mulher se acha sob o amparo de Sebastiano Galo, o mercador, para que ninguém o incomode. » Ulrika perguntou então o que lhe dava esse povo em troca, e Timónides respondeu: «Sua amizade».

Quando acariciou o estanho veio a ela a imagem da viúva — uma mulher bonita abandonada por um homem que bebia muito— e soube que o astrólogo grego não tinha mentido quando disse que a única coisa que Sebastiano pedia em troca era amizade, pois percebeu que não tinha havido nada mais entre eles.

—Como me encontrou? —perguntou.

Sebastiano agitou o fogo com um ramo verde.

—Separei-me de meu grupo e encontrei uma anciã que me disse que uma jovem romana que viajava sozinha tinha passado por ali não fazia muito tempo. A anciã me indicou o caminho até o riacho. Por que abandonou a caravana? Por que não esperou até chegar a Colônia?

—Queria avisar ao povoado de meu pai.

Sebastiano levantou a vista e o fogo brilhou em seus olhos verdes.

—Avisar do que?

—De que Gaio Vatinio tinha um plano que lhe asseguraria a vitória. —
Explicou o jantar na casa de Paulina, a estratégia secreta da qual Vatinio tinha alardeado
—. Mas cheguei tarde.

Sebastiano escutava o extraordinário relato enquanto avivava em silêncio um
fogo acolhedor. Olhou por cima das chamas e reparou na palidez de Ulrika, no muito que
tremia não de frio, mas sim de cansaço. Tinha visto um campo de batalha coberto de
cadáveres. Tinha percorrido uma longa distância para reunir-se com um pai que não
conhecia unicamente para descobrir que tinha morrido.

—É muito valente — disse.

—Sou uma insensata. Poderiam ter me matado. Poderiam ter matado você por
minha culpa. Sinto muito.

—Pelo menos nos trouxe para a segurança desta caverna. Sabia que esses
homens não entrariam aqui. Como soube?

Ulrika meneou a cabeça e olhou as mãos.

—Tenho comida — disse Sebastiano alcançando sua esteira—. Deve estar
faminta.

Ao ver que não respondia, virou-se e a encontrou de costas ao fogo,
esquadrinhando a escuridão da caverna.

—O que houve? —perguntou.

—Pensava... — começou Ulrika, mas se virou sacudindo a cabeça.

Sebastiano tirou de sua esteira uma fogaça de pão grosseiro e um pedaço de
queijo forte. Cortou vários pedaços com sua faca e os estendeu para ela. Enquanto ela
comia com delicadeza, contemplando o fogo, percebeu que de vez em quando seus olhos
se voltavam fugazmente para a entrada, onde se estendia um bosque escuro e severo. Sabia
que não a preocupava que seus assaltantes voltassem. Seu olhar era de angústia, como se
visse imagens que não estavam ali.

«Está no campo de batalha — pensou—, está procurando seu pai... ».

—O que fará agora? —perguntou-lhe—. Ficar e procurar sobreviventes da
família de seu pai?

—Não sei. Quando deixei Roma estava convencida que aqui encontraria
respostas, e o resultado é que estou mais perdida que nunca. —Ulrika refletiu uns
instantes, olhando com olhos frágeis. «Tem que retornar ao lugar de sua concepção»—.
Não estou certa que haja algo ou alguém na Germânia para mim, mas se voltar a Roma se

esperará de mim que me case. —Deu uma mordida em seu pão—. É casado, Sebastiano Galo?

Ele negou com a cabeça.

—Nunca passo em um lugar o tempo suficiente para ser bom marido e bom pai. Tenho uma casa em Roma, mas quase nunca estou ali. Às vezes minhas viagens me mantêm ausente vários anos. Que mulher iria querer um marido assim?

Guardou silêncio e ficou preso em uns olhos azuis e sinceros. Olhou Ulrika através das chamas douradas da fogueira e sentiu que estranhos desejos se agitavam em seu interior.

Liberando do feitiço de seus olhos, pigarreou, olhou as mãos e contemplou o entorno escuro da caverna.

—Esta caverna me traz lembranças de minha infância, quando tinha treze anos. Havia um homem, Malachi, que possuía o vinhedo maior da zona. Era gordo e rico, e meu irmão Lucio e eu tínhamos ouvido dizer a meu pai que Malachi era cruel com seus escravos e animais. Nós não gostamos nada disso, de modo que entrávamos em suas vinhas e comíamos suas uvas até que nos descobria e nos perseguia com um látego. Uma noite entramos no vinhedo às escondidas e roubamos uma boa quantidade de uva amadurecida que logo vendemos na cidade. Quando Malachi se queixou para nosso pai, ele nos deu a maior surra de nossa vida. Lucio e eu decidimos que tínhamos que nos vingar. Nosso plano implicava uma caverna muito parecida com esta.

Ulrika escutava sem afastar o olhar dele.

—Lucio e eu cavamos um fosso bem na entrada da caverna e o enchemos de excrementos de porco. Então passamos correndo diante da casa de Malachi falando com gritos do tesouro que tínhamos encontrado na caverna, para que nos ouvisse. Como era um homem avaro, ou isso nós acreditávamos, estávamos certos que não poderia resistir a tentação de nos seguir. Sabendo que Malachi nos observava, dedicamo-nos a entrar e sair da caverna conduzindo sacos. Finalmente, Lucio e eu convimos em voz alta que já tínhamos suficiente tesouro e que podíamos voltar para casa.

Sebastiano riu calmamente.

—Nos achamos muito espertos. Naturalmente, ignoramos que Malachi andava atrás de nós. Estávamos vigiando a entrada da caverna quando chegou por trás e

gritou: «Bu!». Pulando e gritando, corremos diretamente para a caverna e caímos no fosso. Minha mãe passou uma semana nos esfregando com sabão para nos tirar o fedor e meu pai nos deu outra surra. Então Lucio e eu não rimos, mas anos mais tarde sim.

Sebastiano meneou a cabeça.

—Eu sempre andava metido em confusões, e Lucio, que era menor, seguia-me. Os vizinhos nos chamavam «os diabos Galo». Meu pai passava o dia pedindo desculpas por nossas travessuras, mas no fundo nos admirava. Quando acreditava que não estávamos olhando, deixava escapar um sorriso.

—Me fale de sua família — disse Ulrika, reconfortada por sua voz.

—Somos comerciantes há gerações. Está no sangue. Meus antepassados percorriam a Ibéria de cabo a rabo levando artigos às numerosas tribos que viviam ali há vários milênios. Quando, faz dois séculos, os romanos cruzaram os Pirineus, minha família não opôs resistência como outros de minha raça. Viram como uma oportunidade de expandir o comércio. Meus antepassados assinaram contratos com os invasores romanos e procederam a abrir rotas para terras longínquas seguindo as novas estradas construídas por legionários romanos. Quando Julio César acabou de conquistar Ibéria, minha família adotou nomes e costumes romanos, aprendeu latim e cultivou amizades romanas, e quando foi oferecida a cidadania romana, adotou-a. Minha terra natal, Galícia, está no extremo noroeste da Espanha, e nela tenho terras e uma vila. Minhas três irmãs vivem ali com seus maridos e filhos. Faz cinco anos que não as vejo, mas escrevo regularmente e envio dinheiro mesmo que as coisas estejam bem. Tenho saudades da minha terra e da minha família.

—Minha mãe é a única família que conheço. —Ulrika imaginou uma casa Galícia cheia de filhos—. Nunca tivemos um lar. Sempre andamos que um lado a outro pela busca pessoal de minha mãe. Chegamos a Roma faz sete anos, mas nunca a senti como minha casa. Nunca soube realmente onde é meu lugar. Pensei que se achava aqui... — Suspirou—. Deve ser maravilhoso ter um lar com raízes, saber que as relações de sangue estão aí e que algum dia, se desejar, pode voltar para ele.

—Algum dia... — repetiu Sebastiano com o olhar cravado no fogo. Esse era o problema. Sebastiano era um homem que queria caminhar por duas ruas de uma vez:

queria permanecer solteiro e livre para explorar o mundo e abrir novas rotas comerciais, mas também desejava ter um lar, sentar a cabeça, casar-se e criar uma família. Não podia fazer ambas as coisas, de modo que ia de um lado a outro com sua exótica mercadoria e o coração dividido—. Minha próxima viagem, os deuses o queiram, será a China. Se o imperador Cláudio me conceder o diploma imperial, claro. —«E se encontrar a maneira de me sobressair por cima de Badru, Gaspar, Adon e Sahir», acrescentou para si.

Sebastiano pretendia reunir-se com Gaio Vatinio para informá-lo da localização do acampamento rebelde, quando o assaltou o remorso. Embora a informação tivesse um valor incalculável e teria garantido a ele o diploma; de repente pensou que entre os insurgentes poderia ter familiares da moça. E se viu incapaz de traí-la. Ela confiava nele, pôs-se sob seu amparo, e Sebastiano sempre foi um homem de honra. Assim deu meia volta, decidido a ganhar o diploma por outros meios.

—Não pode ir à China sem esse diploma? —perguntou Ulrika—. Não há mercadores fazendo essa rota?

—Nenhum mercador de Roma chegou ainda à China. A rota é longa e está infestada de perigos. As caravanas são constantemente assaltadas por bandoleiros e tribos das montanhas. Um diploma da corte imperial de Roma garante certo grau de segurança, mas só até a Pérsia. A partir daí pouco se sabe dessas longínquas e legendárias terras.

Ou! Ou!

Ulrika se assustou.

Sebastiano agitou o fogo.

—É só uma coruja — disse com calma. Ou possivelmente pensou, um sinal secreto, e imaginou os bárbaros utilizando o amparo da noite para planejar o ataque à caverna. Aproximou-se da espada.

Ulrika se virou para o escuro interior da caverna.

—O que houve? —perguntou Sebastiano.

—Pareceu-me ouvir...

—Aí não há nada — repôs ele contemplando o negro abismo que se estendia do outro lado do fogo e sentindo à suas costas a escuridão do bosque, com sua miríade de sons e rumores.

Ulrika se levantou devagar, com o olhar fixo no interior da caverna.

Sebastiano tocou o braço dela para acalmá-la. Ulrika soltou um grito e se virou para ele.

—Tranquila, sou eu.

Os olhos de Ulrika viajaram até a concha que descansava em seu peito, um molusco de cor nata com a superfície estriada e o canto rugoso.

—O que representa? —perguntou enquanto voltava a sentar-se.

—Perto de minha cidade há um velho altar. Ninguém sabe quem o construiu, nem quando, nem a que deus foi dedicado. Depois da chegada dos romanos alguém gravou na pedra a palavra «Júpiter», mas eu acredito que originalmente o altar era dedicado a uma deusa, porque está decorada com centenas de conchas, a concha é o símbolo sagrado das deusas Ishtar e Mari. Durante muitos anos chegaram peregrinos de todas as partes e cada um contribuía com uma concha. Desse modo o altar foi crescendo e embelezando.

Sebastiano estava orgulhoso de descender dos longínquos antepassados que construíram esse altar. De fato, tinha adquirido sua concha diretamente do altar, não da praia, como faziam outros. Era muito antiga, sem dúvida uma das primeiras que foram colocadas, por isso tinha um grande poder.

—Por desgrça — acrescentou com nostalgia—, os caminhos que conduziam ao remoto altar se encheram de bandidos que assaltavam os peregrinos. Atualmente poucas pessoas o visitam. Temo que possa cair algum dia no esquecimento.

—Significa muito para você?

Sebastiano meditou sua resposta.

—Dez anos atrás estava rezando ali uma noite quando... — Titubeou.

«Lucio», pensou Ulrika sem afastar os olhos dele.

O fogo crepitou. A escuridão do bosque espreitava frente à entrada da caverna, os recordando constantemente os perigos do exterior. Ulrika sentiu atrás dela o negrume da caverna, vazia e faminta. Observou como o fogo intensificava os reflexos dourados do cabelo de Sebastiano.

—Faz dez anos — seguiu rememorando Galo em voz baixa enquanto a luz das chamas se refletia em seus olhos verdes — devia transportar um carregamento a Chipre com uma frota de nossos navios mercantes. Meu irmão Lucio devia viajar com uma caravana pela Espanha. Não obstante, estava a par de meus desejos de ir a China, sabia que não fazia muito tinha adquirido mapas novos do Oriente, que tinha que estudá-los, planejar a rota e me reunir com comerciantes que tinham chegado recentemente dos reinos que se achavam no caminho a China, de modo que se ofereceu para trocar de lugar.

Nosso pai não teria permitido, mas naquele tempo em Roma e não foi informado da mudança. Assim Lucio levou os navios a Chipre. Pereceu durante uma tormenta no mar.

Acariciou o bracelete de ouro que usava.

—Uma noite em que caiu do céu uma chuva de estrelas eu me encontrava no altar das conchas —prosseguiu—. Uma capa de pequenos fragmentos de gelo e rocha cobriu o chão, mas enquanto contemplava a chuva estelar vi que uma estrela caiu na terra e saí a procurá-la. —Acariciou a pedrinha cinza incrustada no bracelete—. A princípio estava quente, mas esfriou e a guardei como um troféu, como um fragmento de estrela.

O rosto escureceu quando disse:

—Mais tarde chegou a carta que me informava da morte de Lucio. Quando o autor da carta especificou a data exata, o décimo dia do mês dedicado a Julio César; dei-me conta que era o mesmo dia em que eu tinha encontrado a parte da estrela e soube que era um sinal de meu irmão. Mas também compreendi que tinha enviado meu irmão a uma morte que era a minha; então nesse dia jurei sobre a sagrada concha que, em memória de meu irmão, jamais tiraria este bracelete.

—Sinto — disse Ulrika—. É uma história triste. —levantou-se bruscamente—. Ouviu isso?

—O que?

Ulrika aguçou o ouvido. Sem um só raio de lua que aliviasse a noite, a escuridão do bosque era completa. Virou-se para o interior da caverna.

—Não estamos sozinhos — sussurrou—. Tem alguém aqui.

Sebastiano meneou a cabeça.

—Isso é impossível. Não há mais entradas.

—Há alguém no fundo da caverna, sei disso.

Sebastiano fabricou uma tocha envolvendo a ponta de um ramo com uma trepadeira seca e entrou na caverna seguido de Ulrika. Mas a luz só iluminava paredes rochosas, um chão de terra e um teto tão baixo que tinham que agachar a cabeça. Quando chegaram ao fundo não encontraram nenhuma abertura pela que tivesse podido entrar um intruso.

—Vê? —disse Sebastiano—. Não há ninguém.

—Olhe! —Ulrika assinalou algo com o dedo.

Sebastiano se virou, elevou a tocha e viu que a rocha adquiria vida. Estava coberta de pinturas, e ao examinar as figuras, desenhadas com vermelhos, amarelos e

marrons intensos, reconheceu nelas bisões, cervos e lobos. Também havia homens pequenos caçando os animais com lanças. Tudo representado com supremo realismo. Nunca tinha visto nada igual.

—Aqui há alguém enterrado — murmurou Ulrika—. Foi um homem santo... faz muito tempo.

Sebastiano viu a cara de Ulrika envolta em estranhas sombras. Estava esquadrinhando a escuridão com os olhos muito abertos, como se procurasse esse homem santo, como se esperasse encontrá-lo aí, dando as boas vindas aos dois intrusos.

—Por isso estamos a salvo aqui — acrescentou com voz trêmula—. Por isso os homens não entraram na caverna. Porque é um lugar sagrado, e para eles pisar neste chão é tabu.

—Como soube?

—Acredito... — começou Ulrika—. Lembra-se da anciã que te indicou o caminho que eu tinha tomado? Levou-me a sua cabana e me contou que possuía um dom.

—Que tipo de dom?

—Tenho visões e sonhos. Eu pensava que era uma doença, mas a anciã disse que é um poder que me outorgaram os deuses e devo utilizá-lo para ajudar às pessoas.

Sebastiano assentiu com a cabeça e disse:

—Minha mãe acreditava nesse poder. Chamava-o: O Olho Invisível. — Contemplou o cabelo de Ulrika, caído parcialmente sobre um ombro, as manchas de terra nas bochechas e no queixo, o vestido feito farrapos que falava de decepção e tristeza, e sentiu um impulso repentino de abraçá-la, de protegê-la, de lhe fazer amor—. É tarde, precisa dormir.

De retorno ao fogo, ambos trataram de ignorar o bosque, estranho reino de fantasmas, corujas e rebeldes bárbaros à espreita de intrusos despreparados. Ulrika devolveu a capa, tinha suficiente com a sua, agora que o fogo tinha esquentado a caverna, e se deitou frente às chamas ambarinas embrulhada em sua capa.

No momento, imagens perturbadoras assaltaram sua mente adormecida. O vale coberto de vítimas pela traição romana, seu pai atravessado por uma espada imperial. Lutou até o final? Necessitaram dez soldados para derrotar o grande Wulf? Em seu sonho, Ulrika chorava até acreditar que ia partir o coração.

De repente se deu conta que já não estava estendida junto ao fogo, mas no fundo da caverna, só sob o teto abobadado.

Pés calçados com sandálias apareceram de repente ante seus olhos. Ulrika se sentou e viu, sobre ela, um ancião com uma pele de urso como toda indumentária e uma lança na mão. Tinha o cabelo e a barba longos e de cor branca.

—Sou o xamã de nossa tribo — disse—. O Clã dos Lobos. Eu criei essas pinturas milhares de anos atrás. Contam a história de nosso povo. De seu povo. Esqueceu quem é, os nomes de seus antepassados, seu propósito e seu destino. Não nasceste para se sentar ante um tear, se reclinar em divãs de seda e ser atendida por escravos. Por suas veias corre sangue ancestral. Sinta. Seus ossos, seus nervos, sabem quem é. Também sabe que os deuses a escolheram para uma tarefa especial. Concederam-lhe um grande dom, o qual deve utilizar para o bem da humanidade. Mas primeiro tem que retornar ao lugar de sua concepção.

—Minha concepção... — sussurrou Ulrika—. Não sei onde é esse lugar.

—Sua mãe te contou a história faz muito tempo. Não a esqueceu. O nome do lugar dorme nas profundidades de sua alma. Pense Ulrika!

Tentou se lembrar. Sim, sua mãe tinha contado sua viagem pela Pérsia com Wulf. Mas mencionou muitos lugares...

—Se inunde nesse lugar onde poucas vezes ousa entrar, Ulrika, essa parte de sua alma que dorme; esse depósito de valiosas lembranças. Sua mãe e seu pai pararam para descansar em um lugar chamado...

—Recordei — disse Ulrika com cara de assombro—. Pararam nos Lagos Cristalinos de Shalamandar.

—É aí aonde deve ir...

O ancião estava curvado e era só pele e ossos, mas enquanto Ulrika o observava a carne começou a crescer nos seus membros, a pele recuperou o músculo e o corpo ganhou estatura. O cabelo passou do branco ao dourado, e a frágil mandíbula adquiriu firmeza e desenvolveu uma barba de três dias.

Sebastiano!

Só usava uma tanga. Ulrika reparou na ferida do braço que ela mesma tinha limpado e enfaixado, uma ferida infligida a músculos que haviam brandido a pesada espada quando Sebastiano foi a seu auxílio. A pele brilhava pelo suor.

O que tinha ele a ver com essa caverna, com o xamã que dormia nela?

Sebastiano alagou o espaço rochoso com sua energia masculina. Ulrika jamais tinha conhecido um homem tão forte, tão viril. Notou que a percorria um calor febril. Levantou-se para olhar frente a frente a esse homem imponente.

Sebastiano falou com a voz do xamã.

—Não deve ignorar a chamada dos deuses. É valente, Ulrika. Não dará as costas a seu destino.

—Mas não sei como encontrar os Lagos Cristalinos de Shalamandar. Além disso, é uma viagem longa e perigosa.

—Os grandes destinos não são fáceis.

Levou uma mão e soltou o resto do cabelo, desfazendo por completo o coque grego. A pele de Ulrika se inflamou com o contato. Nunca em sua vida tinha experimentado um desejo sexual como esse. Mas notava algo mais, um poder que não havia sentido antes e que parecia estar despertando de uma letargia longa e profunda.

Rodeou-a com os braços, atraiu-a para si e uniu seus lábios aos dela. Ulrika se abraçou ao seu pescoço e respondeu ao beijo, desfrutando da dureza de seu corpo, de sua força e seu poder masculino.

Então Sebastiano desvaneceu, a deixando de braços vazios e frios.

«Não me deixe... »

Do outro lado do fogo, Sebastiano via Ulrika dormir. Tinha um sono agitado, as pálpebras tremiam e de sua boca saíam pequenos sons. «O que estará sonhando?», perguntou-se. Estava em certo modo encantada, tocada por uma magia especial. A admissão de seu dom especial não o surpreendia. Mas a que lugar do mundo pertencia essa criatura singular?

Quando começou a tremer violentamente se deitou a seu lado, tampou-a com sua capa azul, e a envolveu com seus braços. A mão de Ulrika subiu até seu pescoço e Sebastiano lutou contra o desejo. Estava dormindo, achava-se em uma situação vulnerável, e ele era seu protetor. Jamais trairia essa confiança.

Acariciou o cabelo dela e sussurrou palavras tranquilizadoras, e no momento Ulrika se acalmou e deixou de tremer. Contemplando suas pálpebras fechadas, as longas pestanas sobre a pele branca, pensou no maravilhoso presente que ela tinha dado sem

saber, um artigo de inestimável valor que Sebastiano pensava mostrar a Cláudio César em sua volta a Roma e o qual lhe asseguraria o diploma da China.

Com esses estimulantes pensamentos dando voltas em sua cabeça, Sebastiano dormiu abraçado à moça encantada, protegendo-a com sua força e calor. Inspirou profundamente e ao expelir o ar, de sua garganta emergiu um gemido grave.

Ulrika abriu os olhos e notou o arranhão de uma barba curta na frente. Quando notou os fortes braços que a rodeavam, aspirou seu aroma masculino e percebeu que estava deitada junto a um homem, afogou um grito.

Ulrika tinha crescido em companhia de mulheres. Não tinha irmãos, primos nem tios. Ela e sua mãe sempre tinham vivido em casas habitadas por mulheres. Jamais a tinha acariciado um homem. Jamais tinha deitado com um varão, nem sentido sua força e seu calor. Afligida pelo poder desse homem que a envolvia com seus braços musculosos, conteve o fôlego e se apertou contra seus ombros para sentir sua firmeza. Descansou o rosto em seu peito e desfrutou do batimento regular de seu coração.

Recordou o sonho que acabava de ter. O que podia significar? O que tinha a ver esse comerciante com um xamã milenar? Cheia de perguntas, sentiu que suas dúvidas começavam a dissipar. Começou a compreender que não tinha vindo à Germânia por sua própria vontade, mas sim a haviam trazido.

«Trouxeram-me aqui para que conhecesse a verdadeira natureza disso que eu via como uma doença. Não posso dar as costas a minha vocação. Mamãe me dirá onde estão os Lagos Cristalinos de Shalamandar e dali iniciarei meu verdadeiro caminho. »

Pousou os dedos no braço de Sebastiano e a dureza que notou sob o tecido da túnica a tranquilizou. Sebastiano Galo transmitia uma segurança nova, quase entristecedora. Foi acalmando e, então, conciliou um sono aprazível.

Despertaram com vozes e os raios de sol que alagavam a caverna. Estava sozinha junto a um fogo apagado.

Levantou-se e, arrumando o vestido, a pala e o cabelo, caminhou até a entrada da caverna e viu Sebastiano entre árvores e matagais verdes, brilhando como o ouro sob o sol, falando em voz baixa com Timónides, Néstor e uma companhia de escravos e soldados.

Quando se virou para ela, Ulrika sorriu. Por fim sabia o que devia fazer. Não daria as costas ao dom dos deuses, não voltaria a considerá-lo uma doença. Estava decidida a procurar o significado e o propósito de suas visões e encontrar com isso seu próprio significado e propósito na vida e, finalmente, seu lugar no mundo.

LIVRO 3

Itália

Enquanto Néstor seguia a moça de cabelos dourados pelo concorrido mercado, seu fino olfato percebeu, entre os muitos aromas que alagavam o ar, o aroma de um cordeiro generosamente condimentado assando sobre um fogo.

Virou a cabeça procurando e quando viu a imensa perna girando no espeto, rangente e coberta de pimenta, aproximou-se do posto e soube imediatamente que a carne estava perfeitamente rosada no centro, a gordura ligeiramente amarela pronta para fundir-se na boca, e a pele quebradiça e fácil de cortar.

A levaria para seu pai.

O homem que estava assando a carne, um armênio gorducho de nariz proeminente, com um arbusto de cabelos cacheados caídos sobre os ombros, olhou-lhe com suspeita.

—O que quer? —espetou.

Néstor sorriu e alargou um braço para retirar do fogo a perna de cordeiro.

—Ei! —gritou o armênio, atraindo a atenção de sua esposa e filhos, que se achavam atrás de um mostrador de madeira atendendo a outros clientes, trocando carne e cerveja por moedas.

Antes que o armênio pudesse golpear Néstor com um pau, uma voz doce disse:

—Não, Néstor, não deve pegar isso.

Néstor notou uma mão no braço que insistia em afastá-lo do posto.

Era a moça dos cabelos dourados. Chamava-se Reeka e era boa com ele.

Outras pessoas o insultavam e diziam que não deveria ter nascido. Tinha as que inclusive o pegavam com paus e o machucavam. Mas Reeka sempre o tratava com doçura, sempre sorria.

De modo que a seguiu, esquecendo do cordeiro.

Depois de desculpar-se com o armênio, Ulrika guiou Néstor para o lugar ao que iam, para o templo de Minerva. Não se importava de cuidar de Néstor enquanto Timónides visitava os banhos públicos da cidade. Cuidar de Néstor requeria dedicação exclusiva, e Ulrika sabia que o astrólogo agradecia ter de vez em quando um pouco de tempo para ele.

Néstor precisava de vigilância porque não entendia o conceito de compra e venda que imperava no mercado. Pensava que as coisas estavam aí para que quem as desejasse as agarrasse. Também teria de vigiá-lo porque tendia a assustar as pessoas. Ulrika sabia que o pobre moço não faria mal nem a uma mosca, mas era grande e pesado e caminhava com um balanço que lhe dava um aspecto agressivo. E embora Timónides se esforçasse por mantê-lo asseado, Néstor tinha o costume de derramar comida e limpar as mãos na túnica, o que fazia que parecesse um ser descontrolado, outra razão para inspirar temor.

Mas Ulrika sabia que as pessoas repudiavam Néstor, sobre tudo, por seu rosto redondo de olhinhos puxados e sorriso permanente. Esses traços inquietavam as pessoas porque os recordavam quão cruel podia ser a natureza, e acreditavam que se eles e seus filhos eram normais se devia unicamente à graça dos deuses.

Cuidar de Néstor constituía, contudo, uma tarefa fácil e agradável. Nunca discutia ou desobedecia. Mostrava-se sempre agradável e só parecia conhecer duas emoções: a felicidade e a tristeza, sendo a primeira muito mais frequente que a segunda.

E seu assombroso dom nunca deixava de surpreender Ulrika. Uma única lambida em um molho novo, um único gole em uma sopa desconhecida, e Néstor podiam retornar ao acampamento e refazer a receita até o último grão de sal.

—Já chegamos — disse Ulrika às duas criadas e à escolta que a acompanhavam. Tinham chegado ao templo de Minerva.

Depois de deixar Forte Bonna, a caravana de Galo tinha continuado até Colônia, onde Sebastiano trocou com mercadores locais artigos do Egito e Espanha por artigos germanos muito solicitados em Roma, como carne, joias de prata e âmbar, couro e peles de animais. Os passageiros que tinham viajado com a caravana se despediram de Sebastiano ao tempo em que outros novos compravam um lugar na mesma para retornar ao sul.

Sebastiano tinha diminuído a estadia em Colônia porque tanto ele como Ulrika estavam impacientes para voltar para Roma. A caravana se encontrava agora acampada frente a Pisa, a cento e sessenta milhas de seu destino. Cada vez que se detinha para descarregar artigos e passageiros, aceitar viajantes e mercadorias novas, Ulrika aproveitava para visitar um templo local que fosse célebre por albergar deuses poderosos.

Esperava encontrar conselho ali, no lugar de culto de Minerva. A anciã da Germânia havia dito que devia aprender a ter disciplina. Mas como podia fazê-lo sem ajuda?

Estava feliz com a ideia de descobrir seu verdadeiro destino, de descobrir afinal qual era seu lugar no mundo. Por desgracia, ir atrás de seu destino significava que ela e Sebastiano deviam separar-se.

Quanto mais se aproximavam de Roma, mais mapas do misterioso Extremo Oriente consultava ele. Onde estava exatamente a China? Sua impaciência por se por em

marcha crescia com as horas. Ulrika sabia que Sebastiano tinha sido informado que dois de seus quatro rivais que competiam pelo diploma levavam vantagem sobre ele. Adon, o Fenício, se achava a só uma travessia por mar de Roma e levava ao imperador um estranho animal chamado «grifo»; Gaspar; o Persa; retornava dos Montes Zagros com duas irmãs gêmeas unidas pelo quadril de nascimento e das quais se dizia que podiam dar prazer a vários homens de uma vez. Tentadores obséquios para o Cláudio. Assim mesmo, Sebastiano tinha assegurado a Ulrika que estava convencido que seu presente agradaria ainda mais ao imperador.

Ao pensar em Sebastiano sentiu que seu coração se voltava para ele como uma flor se voltava para o sol. Sabia que estava se apaixonando por esse homem que, qual herói mitológico, tinha saído do bosque brandindo uma espada gigantesca para reduzir um após outro seus assaltantes.

Sua mente conservava a cena com tal clareza que era como se Sebastiano estivesse nesse momento lutando com seus inimigos e cerceando o ar com sua espada para protegê-la com sua força e seu poder.

Sabia, contudo, que esse amor era um luxo que nunca poderia lhe pertencer. Sebastiano estava destinado a alcançar os limites da terra, enquanto que ela tinha que seguir seu próprio caminho.

Subiu os degraus do templo com Néstor e seus acompanhantes, pensando nos muitos santuários e lugares sagrados que tinha visitado desde que saiu de Colônia para acender incenso, fazer oferendas e pedir a cada um de seus deuses que a iluminasse. Se seu dom era um presente dos deuses, pensava, a eles correspondia lhe indicar qual devia ser seu seguinte passo.

Por uma moeda de cobre comprou uma pomba branca do vendedor nos degraus do templo, que assegurou que o pássaro era perfeito e imaculado. Quando foi pegar a pequena jaula que estendia o vendedor, viu ao seu lado um homem jovem que não estava aí um momento antes. Ulrika aguardou, escutou, e um instante depois a visão desapareceu.

Era frustrante. Tinha experimentado vários fenômenos visuais e auditivos dessa índole durante a viagem de volta a Roma, todos aleatórios e carentes de significado.

Talvez, pensou esperançada ao chegar ao alto da escada, onde se achava a entrada principal do templo, talvez a compassiva Minerva lhe mostrasse o caminho.

Passaram ao escuro interior do grande santuário, uma sala circular rodeada de colunas brancas com um lustroso chão de mármore, tochas suspensas no teto e, ao fundo, a imponente deusa sentada em um trono. Os sacerdotes acendiam incenso e cantavam ao mesmo tempo em que os cidadãos entregavam pombas e cordeiros como oferendas.

Ulrika parou na entrada para acalmar a mente e abrir o coração às mensagens que a deusa pudesse lhe enviar. Seus acompanhantes também pararam, em seu caso para admirar as magníficas paredes de mármore e a cúpula do teto enquanto pensavam que a deusa da poesia e a música, da cura e a costura — mas, sobre tudo, da sabedoria — devia ser certamente influente.

Um fornido sacerdote com uma túnica branca que cheirava a essências e incenso se aproximou.

—No que pode a deusa ajudá-los, queridos visitantes?

Sua voz era doce e feminina; seu olhar, amável e sorridente.

—Vim em busca de conselho sobre um problema pessoal — disse Ulrika, e estendeu a ele a pomba.

—Veio ao lugar adequado, querida senhora, pois Minerva é a deusa da cercania, e agora mesmo se acha perto de você para escutar seu pedido. Siga-me.

Quando o sacerdote se virou, uma argola repleta de chaves tilintou em seu cinturão e Ulrika se perguntou se a profecia da egípcia estava a ponto de cumprir.

Mas o sacerdote não ofereceu nenhuma chave nem abriu nenhuma porta quando os conduziu, a ela e a seus acompanhantes, até um nicho com um altar sobre o que se erigia um mosaico de Minerva. Para surpresa de Ulrika, o sacerdote abriu a jaula e libertou a pomba. Tinha esperado que a sacrificasse como exigiam a maioria dos deuses. A pomba sobrevoou o interior do templo e, feito isto, partiu procurando o sol.

O sacerdote sorriu.

—É um bom sinal. As pombas são as mensageiras dos deuses. Minerva escutou seu pedido.

—Como poderei ouvir sua resposta?

O sacerdote subiu ao altar, onde Ulrika viu uma réstia de pergaminhos, cada um preso com uma fita de diferentes cores.

—Escolha — disse.

Ela assinalou o cilindro preso com uma fita azul.

O sacerdote o abriu e leu em voz alta:

—Seus pulmões têm pressa. Parecem estar em uma corrida de bigas. —E para surpresa de Ulrika, enrolou de novo o pergaminho, pôs outra vez a fita e o devolveu ao altar.

—Isso é tudo? —perguntou.

—A deusa escutou seu pedido e guiou sua mão. Essa é sua resposta.

—Mas o que significa?

—Os deuses nos falam com uma linguagem própria. Às vezes suas mensagens nos escapam, não podemos interpretá-los imediatamente. —Inclinando ligeiramente a cabeça, acrescentou—: Minerva te benze. —E partiu.

O grupo desceu pela escada do templo para entrar de novo no mercado, os acompanhantes de Ulrika pensando no almoço, ela dando voltas à secreta mensagem da deusa, e Néstor contemplando uma terrina com umas coisas redondas e brilhantes que pensou que gostaria de levar.

Ulrika não reparou no mendigo cego agachado à sombra do templo de Minerva, não viu Néstor levar subitamente a mão e agarrar um punhado das moedas que cidadãos generosos tinham jogado na terrina do mendigo.

Tudo aconteceu muito depressa. O homem se levantou de um salto e gritou:

—Como se atreve a roubar um inválido? E nada menos que um cego! —E antes que Ulrika pudesse reagir, a bengala que supostamente evitava que se chocasse contra os edifícios se elevou no ar e aterrisou na cabeça de Néstor com um sonoro estalo.

Néstor caiu ao chão. Rompeu a chorar. A dor era mais de que podia suportar. Por que o homem tinha batido nele? E de repente aí estava Reeka, detendo a bengala quando iniciava uma nova descida, o protegendo de seu agressor e dizendo:

—Tem a mente de um menino, não volte a bater nele. E como se atreve a acusá-lo de roubo quando você mesmo rouba os cidadãos compassivos se passando por cego?

E em seguida se ajoelhou ao lado de Nestor, falando com doçura e o acariciando na dolorida cabeça, da que agora gotejava sangue. A dor desapareceu sob suas carícias. O perfume do cabelo e da roupa de Reeka entrou por seu nariz e alagou sua cabeça como faziam os aromas culinários. Começou a se sentir melhor. As lágrimas e os medos foram remetendo à medida que sentia suas suaves carícias e escutava sua doce voz.

Queria ficar assim, em seu abraço, para sempre. Néstor, que só tinha conhecido duas emoções em sua vida, sentiu que uma terceira brotava em seu coração como um girassol radiante.

Apaixonou-se.

Sebastiano estava no acampamento da caravana fazendo acordos com um comerciante de vinho quando viu Ulrika e seu grupo chegar. Néstor tinha a cabeça enfaixada e Ulrika parecia consternada.

Sebastiano foi a seu encontro.

—O que aconteceu?

Enquanto Ulrika relatava o incidente, Sebastiano viu o sol refletido em seus olhos azuis. Reparou na forma em que os longos cabelos de cor mel apareciam travessamente por debaixo da pala e em como o azul do vestido de linho realçava a cor de seus olhos. Era consciente do movimento de seu peito enquanto falava atropeladamente dos falsos inválidos e a honestidade dos inocentes e da mensagem secreta de Minerva.

Sebastiano sabia que poderia apaixonar-se por ela. Desejava-a. Queria fazer amor com ela. Mas não podia permitir isso. Em Roma deviam dizer adeus.

—Está aí! —exclamou uma voz entre a multidão, e viram um Timónides nervoso aproximar-se com passo rápido—. Terríveis notícias, senhor! —gritou.

—O que houve?

—É o imperador Cláudio — ofegou o astrólogo—. Morreu!

—Morto! —exclamou Ulrika.

—Assassinado, segundo se comenta. Dizem que Lucio Domicio Ahenobarbo foi proclamado seu sucessor e que está eliminando sistematicamente todas as pessoas que tinham uma relação estreita com Cláudio. Não pode voltar para Roma, senhor! Agora é um inimigo do estado!

Conforme se aproximavam de Roma, depois de dias escutando rumores que falavam de caos e distúrbios na cidade e ignorando o que iam encontrar, o humor dos membros da caravana de Sebastiano se tornou taciturno.

Tinham passado por terras que não pareciam afetadas pelas notícias políticas. As casas dos granjeiros e as vilas dos ricos, cravadas em verdes colinas entre pastos e vinhedos, pareciam tão tranquilas e aprazíveis como nos últimos séculos. Sebastiano, contudo, não tinha entrado nas cidades e povoados de noite, como era seu costume, não tinha abandonado a caravana um só instante nem tinha recebido convidados. Ficou junto de seus passageiros e trabalhadores, acalmando nervos e assegurando a quem viajava com ele que tudo estava sob controle. À sua habitual leitura matutina e noturna do céu tinha acrescentado horóscopos para o meio-dia e a tarde, o que mantinha Timónides ocupado com suas cartas e instrumentos enquanto os pensamentos de Ulrika centravam em sua mãe e seus amigos, todos eles aliados do assassino de Cláudio.

Estavam se aproximando de seu destino; Sebastiano guiava a caravana nos lombos de sua égua e Ulrika viajava em um carroção particular. Embora nesses momentos Roma fosse um lugar perigoso para eles, a nenhum dos dois tinha ocorrido sequer evitá-la. Ulrika precisava retornar para sua casa o quanto antes possível para comprovar se Selene e seus amigos estava bem. Sebastiano estava preocupado por sua vila em Roma e o pessoal a seu encargo.

Mas mais ainda o preocupava o diploma da China. Estaria o novo imperador interessado no assunto?

Sebastiano tinha conseguido reunir pelo caminho um pouco de informação sobre o sucessor de Cláudio, um jovem de dezesseis anos chamado Lucio Domicio Ahenobarbo que, conforme contavam depois de sua coroação se pôs o nome de Nero Cláudio César Augusto Germânico. O povo dizia que o jovem Nero tinha anunciado uma nova era para Roma, ambicionava expandir a diplomacia e o comércio. Isso constituía um tênue raio de esperança para Sebastiano se conseguisse evitar que o prendessem por sua conexão, efêmera, com Cláudio (tinha visto o defunto imperador uma vez em sua vida, e só brevemente). Sabia que devia tentar aproximar-se do imperador, quem sem dúvida estaria rodeado de um exército de guardas, tutores e protetores, sem esquecer a sua poderosa mãe Agripina, que era, além disso, a viúva de Cláudio. Tinha que informar ao ambicioso jovem de seu plano de abrir uma nova rota comercial até a China, estabelecer

pelo caminho relações diplomáticas com outras nações e expandir assim o Império romano além do que o próprio Nero teria ambicionado jamais.

Mas como se aproximar bastante a ele para explicar tudo isso?

Trotando a seu lado nos lombos de um asno, Timónides se acossava com suas próprias preocupações. Pensava na catástrofe que tinha aparecido nas estrelas de seu senhor em Forte Bonna e que continuava escurecendo suas leituras astrais. Era possível que o desastre sem nome os aguardasse em Roma? Era possível que ele, Timónides, em outros tempos astrólogo honrado, tivesse provocado isso com seus horóscopos falsos? E se o novo imperador executasse Sebastiano? O que seria então de Timónides e Néstor? Não tinham dinheiro. Timónides era velho, e Néstor, curto das ideias. Gelava seu sangue só de imaginar aos dois mendigando pelas ruas.

«Tudo isto é por minha culpa!», lamentou-se em silêncio, desprezando as multidões às quais agora se somavam, odiando os muros da cidade, zangado com o imperador Cláudio por ter se deixado matar e furioso consigo mesmo por ter enganado Sebastiano para que aceitasse Ulrika na caravana. «Deuses — gemeu o velho coração do astrólogo—. Juro pelo mais sagrado, pela alma de minha amada Damaris, que nunca mais falsificarei um horóscopo nem blasfemarei em nome das estrelas. Se ajudarem meu filho e a mim a sair graciosos desta hora escura, servirei aos deuses e os céus com a máxima honradez e respeito e não pronunciarei outra mentira no que resta de minha vida. »

Depois de chegar ao lugar de acampamento e assegurar a caravana, Sebastiano, Ulrika, Timónides, Néstor e alguns escravos e guardas se uniram às pessoas que tentava entrar na cidade. Graças a suas excelentes referências e a seu passe de comerciante-mercador, os sentinelas deixaram Sebastiano passar pela porta pequena destinada aos pedestres, onde os membros de seu grupo foram inspecionados, interrogados e registrados. Depois da ordem de que se encaminhassem diretamente à suas casas, pois o toque de silêncio devia cumprir-se à risca durante a lei marcial, por fim os permitiram entrar.

Para sua surpresa, a cidade não estava sumida no caos nem em uma rebelião civil, mas em uma tranquilidade inquietante conforme caía a noite e um estrondo de trompetistas anunciava o toque de silêncio. Chegaram à colina de Esquilino no instante em

que as estrelas começavam a aparecer, e quando subiam pelo caminho pavimentado Ulrika viu residências às escuras atrás de muros elevados e um silêncio maior que o habitual para uma noite agradável e temperada. Para seu alívio, mais adiante viu, à esquerda, a casa de tia Paulina iluminada com tochas, e ouviu vozes que prorrompiam em risadas acompanhadas por uma música de fundo. Atrás da vila de Paulina vislumbrou a casa que compartilhava com sua mãe. Estava às escuras e em silêncio, o qual era habitual tendo em conta que Selene passava muitas noites na casa de sua amiga e em muitas ocasiões inclusive ficava para dormir. Nesses tempos de agitação, enquanto o novo imperador não acalmasse a população e assegurasse que tudo continuaria como antes, Ulrika achou lógico que sua mãe procurasse a segurança da casa de Paulina.

Agradeceu a Sebastiano e garantiu que estaria bem.

Sebastiano insistiu em entrar com ela, mas Ulrika recordou que ele também tinha uma casa e um pessoal ao que atender e que não devia atrasar-se. «Você e eu não podemos ir mais longe», sussurrou em seu coração enquanto admirava seu belo rosto, seu cabelo dourado à luz das tochas, sua estatura e sua força. Tinham passado seis meses juntos, tinham compartilhado comida e fogueira e tinham dormido abraçados em uma caverna mágica. Mas ele estava destinado a viajar à remota a China, enquanto que Ulrika estava predestinada a seguir outro caminho.

Dizendo que devia dizer adeus e partir, Sebastiano a tomou pelos braços e se aproximou um pouco mais para olhá-la nos olhos. Queria nadar nesse azul cativante, refrescar-se na gruta que era a íris de seus olhos.

Inclinou a cabeça e roçou a bochecha dele com os lábios. Ulrika conteve o fôlego. Sentiu que o coração acelerava. Queria girar o rosto, unir sua boca a dele. Em lugar disso, as lágrimas alagaram seus olhos e desceram por seu rosto. Sebastiano a beijou, e seus beijos acenderam a pele da moça.

—Que os deuses a acompanhem, Ulrika — murmurou em seu ouvido, resistindo a deixá-la ir—, e que as estrelas a conduzam para a felicidade. Se alguma vez precisar de mim, faça-me saber.

Depois de despedir-se de Timónides e Néstor — que chorava como um menino — e os ver desaparecer rua abaixo, Ulrika se virou para a porta encaixada no alto muro. Ao encontrá-la fechada, puxou da corda, e quando um escravo foi a abri-la, disse:

—Por favor, diga a Paulina que Ulrika está aqui.

O homem enrugou o nariz.

—Quem é Paulina?

Ulrika o olhou atônita.

—Sua senhora, quem se não? —Caindo na conta que não reconhecia o escravo, olhou por cima de seu ombro e viu que no átrio havia gente rindo e bebendo. Não reconheceu nenhum rosto—. De quem é esta casa? —perguntou.

—Agora pertence ao senador Publio. —E o escravo fechou a porta no seu nariz.

Ulrika ficou petrificada. A vila de tia Paulina tinha sido confiscada? Onde estavam Paulina e seus serventes? Virou-se para sua casa, escura e vazia.

Onde estava sua mãe?

Correu até a casa e recebeu um segundo impacto: um letreiro na porta informava que a propriedade tinha sido requisitada pelo governo imperial e que entrar nela sem autorização era delito. Ulrika rompeu o aviso e entrou.

O jardim oferecia um aspecto descuidado, cheio de pó e ervas daninhas, com as fontes secas e os bancos de mármore cobertos de folhas. Atravessou o átrio e o vestíbulo, andou por corredores desertos e entrou em dormitórios silenciosos. As cozinhas, o tanque e as dependências dos escravos estavam igualmente desertos.

Consternada, Ulrika retornou ao átrio. Teriam levado os guardas imperiais a sua mãe? Estaria na prisão? Ou, pior ainda, a teriam executado?

Partiu em busca de uma lamparina. Encontrou uma, ainda cheia de azeite, acendeu-a com uma pederneira e retornou ao átrio, onde tentou pensar. Devia ficar na casa confiando que sua mãe voltaria? Ou quem voltaria seriam os soldados? Tinha quebrado o lacre da entrada, o qual era delito. Ao entrar tinha desobedecido a ordens imperiais...

Quando ouviu um ruído, levantou-se bruscamente e viu Erasmo, o velho servente, cruzar uma coluna com uma esteira ao ombro.

—Erasmo! —gritou.

O ancião deu um salto.

—Ei? É um espírito? Ah, senhora! —exclamou quando reconheceu Ulrika—. Graças aos deuses que está viva. Mas não pode ficar aqui. Ordenaram-me que arrumasse a casa para os novos donos e agora também eu devo ir.

—Onde está minha mãe?

—Foi — respondeu com voz rouca—. Ela e outros abandonaram precipitadamente Roma faz uns dias. Sabiam que já não estavam seguros na cidade.

—Aonde foram?

Erasmus encolheu os ombros.

—A senhora me deixou uma carta para você, se por acaso retornasse. — Pinçou em um dos muitos bolsos secretos de sua túnica e tirou um pergaminho preso com uma fita vermelha. Dispunha-se a partir a toda pressa quando parou em seco e levou a mão novamente ao bolso, de onde extraiu um segundo pergaminho— Há outro, tome. Adeus, senhora. E tome cuidado, estes são tempos perigosos para os amigos de Cláudio, a paz seja com ele na outra vida.

Ulrika reconheceu o selo lacrado de sua mãe em um dos cilindros, mas o outro a desconcertou. Quem mais tinha deixado uma carta a ela? Virou-o, procurando um selo, e viu uma mancha de água seca no pergaminho, como se alguém tivesse chorado e derramado nele uma lágrima. A mancha tinha forma de estrela...

Ficou paralisada. Era a carta que tinha escrito com seu punho e letra meses atrás!

—Espere! —Pôs-se a correr atrás do velho—. Por que me devolveu minha carta? —Mas o homem tinha desaparecido. A rua estava deserta.

Olhou de novo a carta e, ao ver que permanecia intacta, compreendeu que Erasmus a tinha tirado do mesmo bolso onde a tinha guardado no dia em que Ulrika partiu de Roma.

«Minha mãe nunca recebeu minha carta. »

Sentou-se e leu o pergaminho de sua mãe à luz da lamparina.

Queridíssima filha, escrevo apressadamente porque nos vemos obrigados a fugir. Não sei aonde me dirijo. Toda a família está comigo. Ignoro se meus inimigos políticos irão atrás de você. Já não está segura em Roma. Talvez, se a Deusa assim quiser, reencontremo-nos algum dia. Rogo, queridíssima filha que chegou para mim fruto do amor e quando te necessitava, que encontre isso que está procurando. Lamento que sentisse que

devia partir de Roma sem se despedir de mim, sem me deixar umas linhas, mas entendo. Suplico que não esqueça sua parte romana nem despreze seu sangue romano, pois eu sou parte de você tanto como o é seu pai, Wulf.

A lua iluminou as folhas secas que deslizavam pelas pedras do piso empurradas por uma brisa suave e Ulrika pensou: «Fui em busca de meu pai e ao fazê-lo perdi minha mãe».

Recordou a última vez que a vira a discussão que tiveram, a forma em que se virou e partiu deixando sua mãe com a palavra na boca. «Essa é a última lembrança que minha mãe tem de mim!» Porque Selene nunca chegou a ler suas palavras de desculpa e amor.

Um soluço escapou de sua garganta. Os olhos se encheram de lágrimas e estas caíram sobre a carta de sua mãe, rabiscando as palavras «Não despreze seu sangue romano».

Enquanto olhava as folhas secas que se deslizavam pelo chão do átrio, tentou decidir qual deveria ser seu seguinte passo. Ir em busca de sua mãe? Tentar localizar seus velhos amigos? Pensou em Sebastiano e se perguntou se poderia pedir ajuda a ele, mas caiu na conta de que, dada sua relação com Paulina e com sua casa confiscada pelo governo, se o fizesse o poria em perigo.

De uma coisa estava certa: ali não podia ficar.

Estava levantando do banco quando ouviu passos. Ao se virar divisou a silhueta de um homem sob a lua.

Sebastiano.

Entrou no átrio.

—Inquietava-me te deixar sozinha e quis me assegurar que estava bem. Quando o escravo da casa de Paulina me disse que uma desconhecida tinha tentado entrar na vila do senador Publio, soube que algo acontecia.

—Foram-se, Sebastiano — sussurrou Ulrika—. Minha mãe, minha família, todos. Estou sozinha.

Sebastiano a atraiu para si e a abraçou com força, acariciando o cabelo e notando seu fôlego quente no pescoço.

—Não está sozinha, Ulrika — disse—. Levarei você para minha casa.

—Assassinarão a todos enquanto dormimos!

Primo agarrou pelo braço a histérica lavadeira e grunhiu:

—Contenha essa língua, mulher, ou só conseguirá piorar as coisas. —E a despachou com um doloroso beliscão.

«Pelo sangue da Mitra», blasfemou Primo para si ao mesmo tempo em que cuspiu no chão. As mulheres eram incapazes de manter a cabeça fria nas situações de emergência.

E essa noite era a pior de todas as emergências possíveis, pois pela rua circulava o rumor de os soldados do novo imperador estavam assassinando sistematicamente a tudo o que tivesse alguma conexão com Cláudio César, incluído um comerciante chamado Sebastiano Galo que conheceu Cláudio só fugazmente, mas cujo nome aparecia na lista das pessoas que podiam ser admitidas no palácio imperial.

Primo reatou sua inspeção da casa de Galo: percorria as salas como uma pesada máquina de guerra e girava a cabeça de um lado a outro para fiscalizar o trabalho que sempre marcava a volta de seu senhor.

Primo era um homem corpulento e feio; tinha quebrado o nariz tantas vezes, que mal parecia um nariz. Teria sido condenado a uma vida de mendicância, se não fosse por Sebastiano Galo, cuja casa agora dirigia com a disciplina e a precisão do entregue soldado que fora em outros tempos. Primo sabia que, se não fosse por sua presença tranquilizadora, essa casa, situada nos subúrbios da cidade, teria ido a rivalidade há dias. Eram tantos os escravos que tinham fugido durante a noite, que mal ficava pessoal para atender a cozinha, os jardins, a lavanderia e os animais. Nas salas iluminadas com lâmpadas de azeite se respirava tensão enquanto os escravos preparavam a casa para a volta de seu senhor sob o olhar vigilante de Primo, veterano de tantas campanhas no estrangeiro e sobrevivente de tantos combates que poucas coisas conseguiam o alterar.

Mesmo assim, detestava os gritos estridentes de uma lavadeira histérica!

Enquanto andava pelas salas infundindo obediência aos escravos simplesmente com sua aparência - ainda vestia o peitilho de couro, a túnica curta e as sandálias militares de seus dias no exército—, pensou que não teria sabido explicar, se

tivesse perguntado alguém, de onde vinha seu ódio pelas mulheres. Pode ser que unicamente houvesse dito: «As mulheres são criaturas estúpidas e inúteis».

Ou talvez tivesse reconhecido que se devia à vergonha que produzia sua própria mãe, uma prostituta do cais que atendia os marinheiros enquanto seu filho estava enrodilhado feito um novelo em um canto, fingindo não ouvir os sons animais que chegavam da cama. Quando ele tinha doze anos, um cliente a matou a golpes e Primo conseguiu sobreviver nas ruas de Roma até alcançar a idade necessária para alistar-se no exército.

Ou possivelmente seu desprezo pelas mulheres se devesse ao fato que nunca tinha perdoado a sua torpe mãe que pusesse em seu único filho o nome do Fidus, que significava «fiel», sem compreender, em seu perpétuo estado de embriaguez, que com dito nome o estava condenando a uma vida de mofas e brincadeiras, pois o diminutivo do Fidus era Fido, nome popular em Roma para os cães mascote. Tão humilhante era esse nome — seus amigos ladravam quando o viam chegar — que quando se alistou como legionário disse que se chamava Primo, pois soava importante, e em Primo ficou.

Mas se tivesse examinado seu fechado coração, teria descoberto que não odiava nem sua mãe nem às mulheres. De fato, o homem que assegurava desprezar as mulheres na realidade as amava.

O mau era que elas não o amavam.

Embora houvesse uma, tempo atrás, que não só o tratou amavelmente, mas também salvou sua vida...

—Primo, Primo! —exclamou um escravo jovem irrompendo no átrio, onde umas dúzias de tochas mantinham a noite a raia—. Chegou a caravana! O senhor está na cidade!

Primo cruzou o jardim como uma flecha e saiu à estreita rua flanqueada pelos muros altos de outras residências privadas. Esquadrinhando a escuridão — havia poucas tochas naquela parte da cidade— recordou o dia em que, oito anos atrás, tinha caminhado por essa mesma rua chamando as portas para pedir trabalho, pois era um soldado recém retirado e necessitava de um emprego para arredondar sua magra pensão.

Tinha servido a seu imperador e ao império até que, depois dos vinte e cinco anos de rigor, licenciaram-no e se encontrou sozinho e na rua, sem dinheiro para manter-

se. Negava-se a contar histórias das batalhas nos botequins em troca de cerveja, como faziam a maioria dos soldados veteranos, por isso decidiu procurar um emprego honrado.

Mas o que podia oferecer ele? Muitos legionários recebiam uma formação que ia além das acostumadas técnicas de combate de um soldado normal. Eram soldados «especializados» que exerciam também de engenheiros, artilheiros, instrutores de armas, carpinteiros ou médicos. Quando abandonavam o exército, ditos homens contavam com o respaldo de uma profissão.

Mas Primo tinha sido um simples soldado de infantaria. Ele só podia oferecer força e músculos, traços que possuía em abundância, pois a vida militar tinha fortalecido seu corpo já por si fornido. Nas marchas pelo território hostil o soldado a pé tinha de levar nas costas um escudo, elmo, duas fêmeas de javali, espada curta, adaga, sandálias pesadas, uma mochila, comida para quatorze dias, um odre com água útil para cozinhar, estaca para construção de paliçadas e uma pá ou cesta de vime. Assim, não havia nada que o veterano Primo não pudesse mover ou levantar.

Entretanto, em sua busca de um emprego honrado tinham fechado muitas portas na cara, até que chegou a casa do comerciante-mercador Sebastiano Galo e topou com uma desordem atroz. O escravo que atendia a porta era antissocial e grosseiro, o administrador da casa usava uma túnica cheia de manchas. Os chãos estavam cobertos de migalhas, nas cozinhas e nos tanques se ouviam risadas escandalosas e os animais passeavam tranquilos pelas salas principais. Depois de averiguar o nome do proprietário da vila, que se achava ausente com sua caravana, Primo alugou um cavalo e foi a seu encontro. Sebastiano Galo, ao escutar o surpreendente relatório sobre o estado de sua casa, deixou a caravana e retornou com Primo para pegar de surpresa seu administrador e demais serventes, e descobriu que estes só arrumavam a casa quando sabiam que seu senhor estava para chegar. Primo assegurou que ele se ocuparia de manter a ordem durante suas ausências e Sebastiano o contratou no ato. Assumiu o cargo de administrador, embora depois tivesse também exercido o de escolta, carreteiro e supervisor da manutenção geral da casa.

Quando viu o grupo aproximar-se pela rua e ouviu Timónides queixar-se de algo em voz alta, coçou a nuca e cuspiu no chão. Timónides e o simplório de seu filho não

eram de seu agrado. O astrólogo grego se mostrava pretensioso com suas cartas e instrumentos. Primo, como a maioria dos soldados, não sabia ler nem somar, por isso desprezava os homens com erudição. Timónides, para cúmulo, irritava-o com seus discursos de que no universo existia uma ordem, que tudo acontecia por uma razão e que um homem podia controlar seu destino lendo as estrelas. Primo sabia que isso não era verdade. Nada ocorria por uma razão, o universo era um caos e o destino não podia ser controlado. Tudo na vida era fortuito e aleatório. E quanto à vida depois da morte da qual falava Timónides, nada tinha a ver com esta, portanto, do que servia preocupar-se com ela?

Franziu o sobreceño ao ver que os acompanhava uma mulher.

Sabia o que as mulheres pensavam quando o olhavam: «Que besta tão feia com tantas cicatrizes de guerra no rosto não há por onde salvá-lo». Unicamente pagando uma soma generosa podia acessar ao corpo de uma mulher. Às vezes se perguntava se o celibato, sobre tudo em nome de um deus, não seria mais indulgente com a vaidade de um homem que o repúdio constante das mulheres. E também com o bolso!

Quando se afastava da porta para ir ao encontro de seu senhor, um pelotão de soldados apareceu pelo outro extremo da rua martelando os paralelepípedos com as botas. Primo abriu os olhos como pratos. Pela insígnia do escorpião que usavam no peitilho metálico deduziu que eram do guarda pretoriana, uma tropa de elite que atuava sob as ordens diretas do imperador. Também o surpreendeu que fossem armados, pois isso desafiava a velha tradição que proibia aos soldados andar armados dentro dos muros da cidade.

Não era bom sinal.

O capitão do guarda, um indivíduo baixo, enxuto e de rosto estreito que levava o elmo com penacho encarnado de oficial, aproximou-se e disse:

—É Sebastiano Galo?

Sem perder a compostura, Sebastiano deu um passo à frente.

—Sou — respondeu.

—Deve nos acompanhar por ordem do imperador.

Sebastiano assentiu e se virou para Primo. Quando se dispunha a ordenar que atendessem ao resto do grupo, os pretorianos rodearam a todos utilizando suas lanças como agulhões.

—Deixe-os ir — disse Sebastiano—. Eles não fizeram nada.

Mas suas palavras caíram em ouvidos surdos e capturaram a todos: Sebastiano e Ulrika, Timónides e Néstor, inclusive Primo, quem, como veterano das legiões, pôs-se a andar junto ao guarda ao ouvir as palavras «por ordem do imperador».

Levaram-nos em um carro até o monte Palatino, onde segundo a lenda uma loba tinha amamentado aos bebês Rômulo e Remo, fundadores de Roma, o que conferia ao lugar um grande poder místico. Com vistas ao foro e o circo máximo, o majestoso palácio imperial, com suas paredes de mármore branco, seus terraços, suas colunas e fontes, resplandecia contra o escuro céu iluminado por incontáveis abajures e tochas, como se o novo imperador tivesse ordenado à noite que se retirasse.

O carro passou por debaixo de arcos enormes e por diante de estátuas colossais enquanto Timónides se culpava em silêncio do terrível destino que os aguardava. Tanto horóscopo falsificado! Realmente tinha acreditado que podia sair ileso de seu embuste?

Primo, que viajava de pé sobre o carro balançando como se estivesse em meio de uma tormenta no mar, pensava tristemente na quantidade de batalhas das quais tinha saído com vida para ao final morrer como um covarde.

Segurando com firmeza Ulrika pela cintura, Sebastiano tentava pensar no que podia dizer e a quem podia subornar para conseguir a libertação de seus amigos; se Nero queria castigar aos amigos de Cláudio, unicamente a ele, Sebastiano Galo, deveria pedir contas. Tinha que compreender que aquela moça, o velho astrólogo, seu filho simplório e o administrador de sua casa não tinham culpa alguma.

Mas Sebastiano tinha ouvido falar do que os imperadores faziam para assegurar a lealdade plena de seus súditos: não deixar a um só amigo de seu predecessor com vida. Seria Nero diferente do Tibério, Calígula e Cláudio?

O carro parou em um beco estreito iluminado por tochas e os detidos receberam a ordem de descer. Rodeados pela coorte de pretorianos, Sebastiano e seus companheiros cruzaram uma porta sem vigilância, percorreram um corredor longo e estreito e subiram por uma escada levantada para atravessar mais corredores. O som de seus passos retumbava fracamente nas paredes de mármore e suas sombras se alongavam e

encolhiam com a luz dos abajures de azeite. Sebastiano viu o medo refletido nos rostos de seus companheiros e tentou procurar palavras tranquilizadoras.

Finalmente desembocaram em um corredor mais largo; uma miríade de serventes cruzava com vasilhas e jarras; ouviram um murmúrio de vozes. Quando o capitão do guarda retirou uma pesada tapeçaria e deixou à vista um salão profusamente iluminado, Sebastiano e seus companheiros piscaram.

Pelo espaçoso salão de audiências imperial — com um bosque de colunas, altas estátuas com adornos em ouro e pedras preciosas, e um chão de mármore que brilhava como o cristal—, passeava pessoas vestidas com togas romanas, uniformes militares e trajes de outras terras. Sebastiano e seus companheiros olharam assombrados os visitantes que esperavam audiência: estadistas e senadores, oficiais e dignitários estrangeiros, embaixadores e príncipes. Havia escravos e serventes, mensageiros iam e vinham com seus bastões alados, secretários escreviam em tabuletas de cera e papiros, cortesãos adutores faziam reverências... O barulho gerado por todos eles alcançava os elevados tetos, onde deslumbrantes mosaicos de ouro e prata davam fé da riqueza e a majestuosidade dos césores.

Quando compreendeu onde se achavam, que aquele era o salão onde Cláudio recebia os visitantes e os dignitários estrangeiros, que era, de fato, o salão do trono imperial (embora nem o trono nem o novo César se achavam visíveis entre a multidão), Sebastiano disse ao capitão pretoriano:

—Por que nos trouxeram ante o imperador? —Conforme tinha ouvido, os inimigos de Cláudio tinham sido presos e levados diretamente a prisão ou executados. A ninguém tinha sido concedida uma audiência com o novo César.

O capitão não respondeu. Manteve o olhar cravado no imenso salão, como se esperasse um sinal.

Esquecendo-se momentaneamente de seus temores, Timónides reparou nas fontes de comida que passavam por seu lado e a boca fez água enquanto se perguntava para quem eram e por que algumas retornavam intactas às cozinhas. A seu lado, Néstor ria da variada multidão, dos divertidos sons de outras línguas e dialetos e dos cômicos gestos que o povo fazia ao discutir, contar histórias ou expressar opiniões.

Primo, o veterano de guerras no estrangeiro, contemplava a cena com cara de aborrecimento. Sabia que os embaixadores estavam ali para criar ou romper tratados; enviados, para fazer ou romper promessas; os homens, para implorar, enrolar ou beijar as nádegas imperiais, e sabia também que nada do que esses presunçosos conseguissem esse dia ali teria valor dentro de cem anos.

Ao lado de Sebastiano, Ulrika observava a cena com apreensão. Tampouco ela entendia por que os tinham levado ante o imperador.

Então, de pé entre dois dignitários vestidos com a túnica característica do império parto, viu uma mulher conhecida. Tinha a boca aberta em um grito silencioso e os braços e as mãos manchadas de sangue. Percebeu que era a aparição que tinha visto no bosque aos doze anos. «O que faz aqui? —perguntou em silêncio—. Por que rondas este lugar?»

Ao precaver-se que seu coração tinha acelerado e estava respirando cada vez mais depressa, levou uma mão ao peito e tentou serenar. Suas visões não eram algo que devia temer, mas controlar. Portanto, o primeiro que tinha que fazer era vencer o medo.

Deixou de respirar.

«Seus pulmões têm pressa...»

A estranha mensagem de Minerva! Tinha um significado depois de tudo? Enquanto seus companheiros aguardavam com inquietação ser chamados, concentrou-se em sua respiração, obrigou-se a acalmá-la e manteve o medo a raia. Nesse momento escutou, por debaixo do barulho que retumbava no salão de mármore, um sussurro suave. Olhou a seu redor. Havia outras aparições? O que estavam tentando lhe dizer? O sussurro se afastou e a mulher assustada se desvaneceu lentamente.

Mas Ulrika estava contente. Tinha conseguido exercer certo controle sobre seu dom. Era o que a deusa Minerva havia dito. Tinha que ser consciente de sua respiração antes de poder controlar o dom da profecia. Minerva tinha sido sua primeira professora!

O capitão pretoriano, que pareceu cobrar vida de repente, grunhiu uma ordem a seus guardas e estes empurraram aos cinco recém chegados para frente.

Ninguém se incomodou em limpar o caminho. Tiveram que abrir passagem aos trancos entre os muitos homens e mulheres que, aborrecidos ou impacientes, irritados ou esperançados, aguardavam seu turno para ver o novo imperador.

Mas tampouco ao aproximar-se conseguiram vislumbrar o jovem Nero, pois estava rodeado de conselheiros que, inclinados sobre o trono imperial como galinhas poedeiras, com suas togas debruadas de arroxeadado e seus uniformes militares, sussurravam conselhos na orelha imperial.

O personagem que todo mundo via, alta e poderosa junto ao trono de mármore branco, era a imperatriz Agripina, uma mulher atraente de quarenta e poucos anos que tinha fama de desumana, ambiciosa, violenta e dominante. Também se dizia dela que tinha duas presas no lado direito da mandíbula superior, um sinal de boa Sorte.

Agripina usava um vestido arroxeadado sob uma pala de cor açafão debruada em ouro e a cabeça coroada por centenas de cachos diminutos. Era célebre por inundar-se em longos banhos de leite de cabra e aplicar diariamente no rosto claras de ovos e farinha para aumentar sua palidez. Bisneta do imperador Augusto, sobrinha neta e neta adotiva do imperador Tibério; irmã do imperador Calígula; sobrinha e quarta esposa do imperador Cláudio e mãe do novo imperador Nero, Agripina tinha passado a seu filho a herança de uma ilustre linhagem.

Ninguém duvidava que tivesse envenenado seu marido Cláudio para que Nero pudesse reclamar o trono, mas onde estavam as provas? Os serventes falavam dos heroicos esforços da imperatriz durante o jantar por salvar seu marido, ajoelhando-se a seu lado e abrindo a boca para inserir o canhão de uma pluma e lhe provocar desse modo o vômito. Cláudio, certamente, vomitou, por isso devia expulsar o veneno ingerido (por uns cogumelos, se rumoreava), mas faleceu de todos os modos. Ninguém foi capaz de encontrar mancha alguma no comportamento da imperatriz, embora corresse o rumor de que o canhão tinha sido submerso previamente em uma toxina obtida de um estranho peixe e que foi este segundo envenenamento o que rematou ao imperador.

A imperatriz se inclinou para frente, apertou o ombro de seu filho com seus longos dedos, murmurou algo e o coágulo de conselheiros se dissolveu. Quando os homens retrocederam, Sebastiano e seus amigos viram um moço sentado no trono; vestia uma túnica branca, uma toga com cós arroxeadado e uma coroa de louros. O jovem, de dezesseis anos, possuía umas feições regulares, barba aveludada e olhos surpreendentemente azuis.

O pescoço, grosso em excesso para alguém de sua idade, conferia-lhe uma aparência atlética.

—A reputação da família Galo é bem conhecida, Sebastiano — disse, sem preâmbulos, o jovem César—. Você, seu pai e seu avô serviram a Roma e a seu povo. E agora nos contam que quer abrir uma rota diplomática até a China?

—Isso mesmo, senhor — respondeu, piscando, Sebastiano. Isso era o último que esperava—. Quero que os homens da China conheçam o poder e a grandeza de Roma. Também desejaria ampliar a rede de amigos e aliados de César.

—Outros homens desejam o mesmo que você. Por que deveria escolher a você?

Sebastiano olhou fugazmente Ulrika e, pensando na noite que passaram na caverna, na ideia tida a partir de algo que Ulrika havia dito e que o diferenciaria de seus rivais, disse:

—Porque, senhor, só eu posso te garantir que chegarei até o Extremo Oriente. Eu terei êxito onde outros sem dúvida fracassariam. E te prometo que não só retornarei com novos amigos para Roma e com tratados, mas com um tesouro inimaginável.

Nero olhou ao suplicante com o queixo elevado e as pálpebras entreabertas. Sebastiano se perguntou se teria praticado o gesto frente ao espelho.

—Me diga Galo, como pode garantir algo assim quando nenhum outro comerciante pode?

—Acabo de retornar da Baixa Germânia, onde realizo atividades comerciais com regularidade em Colônia, e ali aprendi um segredo muito especial.

—E qual é esse segredo? —perguntou Nero.

Agripina, os conselheiros imperiais e todos quantos se achavam perto aguçaram o ouvido.

O coração de Sebastiano acelerou. Era o momento com o que tinha sonhado toda sua vida.

—Diz-se, senhor, que o comandante Gaio Vatinio empregou métodos enganosos para proporcionar a seus soldados uma vantagem tática. Operava sob a inteligente estratégia de que as coisas não sempre são o que parecem. Quando ouvi isso, compreendi que tais táticas podiam empregar-se ao longo de uma rota comercial. Por exemplo, os bandoleiros que assaltam as caravanas estão cegados pela avareza e revistam

ver unicamente o que esperam ver. Sabem que os comerciantes e mercadores passam mais tempo à mesa que no ginásio, de modo que os ladrões que aguardam a chegada de uma caravana esperam cair sobre homens brandos e fracos. Por isso tais missões fracassam. Mas neste caso, empregando a estratégia do comandante Vatinio, minha caravana será diferente. Os bandoleiros não saberão que nossas túnicas, turbantes e barbas ocultam homens treinados na luta. O que os bandoleiros não esperarão é o elemento surpresa.

Nero apertou os lábios quando um de seus conselheiros, um militar, inclinou-se para murmurar algo em seu ouvido.

—Continue, Sebastiano Galo — disse o jovem imperador depois de uma pausa.

—Além, senhor, quando os bandidos assaltarem minha caravana não só se encontrarão lutando inesperadamente contra soldados, mas também descobrirão que os atacam por trás. Outra tática que aprendi do comandante Vatinio.

O assessor militar voltou a murmurar algo no ouvido de Nero, que disse:

—Uma estratégia inteligente, Sebastiano Galo. Mas como pensa criar essa unidade de combate?

—Posso pedir a meu administrador que se aproxime senhor? Não é um escravo, mas um homem livre e veterano das legiões de elite romanas.

Quando Primo deu um passo à frente com o desconcerto desenhado em sua desfigurada cara, Sebastiano prosseguiu:

—Conforme me contou meu leal administrador sobre a guerra e como ganhá-la, existem três regras fundamentais: atacar antes de ser atacado, liberar a batalha no território do inimigo para que suas perdas sejam maiores e utilizar o elemento surpresa, pois esta é a arma mais mortífera de todas. Tais regras são garantia de vitória, grande César; e Primo é um professor nas três.

—Esperas que um homem faça tudo isso? —perguntou Nero com certo desdém.

Sebastiano não se alterou.

—Embora Primo esteja retirado do exército, ainda tem contatos militares, amigos que servem ao império, o que quer dizer que tem acesso a tudo os lugares fortes e barracões. Além disso, conhece muitos legionários retirados que estariam encantados de voltar a lutar por Roma. Mas isso não é tudo — acrescentou Sebastiano, animando-se—.

Enquanto faça a rota do leste enviarei adiante um espia, homens disfarçados de aldeãos, para que se mesquem com o povo e falem nos botequins e à beira dos caminhos e averiguem tudo quanto possa sobre possíveis assaltos. Feito isto, mandarei uma tropa antes para que surpreenda aos bandidos que possam estar nos esperando.

—Me diga Galo — disse Nero elevando o queixo—. Como averiguou as estratégias secretas do comandante Vatinio? Vatinio teve uma entrada triunfal em Roma depois de sua vitória na Germânia, e como recompensa recebeu o comando das legiões na Britania, onde atualmente está aplicando uma vez mais suas estratégias. Como se inteirou de seus segredos?

Sebastiano reparou que todos os olhares pousavam nele, incluído o de Ulrika, azul e interrogadora.

—Toda Colônia fala delas, senhor — respondeu—, pois assim ganhou a batalha. Já não é um segredo.

Agripina se inclinou para dizer algo no ouvido de seu filho, depois do qual os conselheiros se aproximaram para discutir o assunto.

Terminado o debate, separaram-se do moço de dezesseis anos cuja voz ainda chiava quando falava.

—Bem, Sebastiano Galo — disse—, é nosso desejo que seja você quem leve nosso diploma imperial a China e estabeleça uma missão internacional com o dirigente desse território. Pelo caminho converterá aos monarcas e chefes em nossos aliados lhes oferecendo nosso amparo em troca de pequenos favores. Enviaremos você com presentes como amostra da generosidade romana e em troca nos trará amostras de seus recursos. Também mandaremos homens especializados em diplomacia estrangeira para que estabeleçam conexões políticas ao longo da rota. Desejamos que algum dia as águias romanas protejam o mundo inteiro.

Nero bocejou e o capitão dos pretorianos deu um passo à frente. Fazendo gestos a seus guardas, reuniu Sebastiano e seus companheiros e os fez retirar-se. Mas a escolta durou pouco. O capitão e os guardas desapareceram em seguida atrás de uma tapeçaria que ocultava uma porta, deixando Sebastiano e seu séquito no meio do concorrido salão de audiências sem saber o que dizer.

Quando Sebastiano falou com fim, seu tom era de incredulidade.

—Pelo visto ganhei a rota da China! Timónides, necessitaremos das cartas astrais mais precisas e exatas que possa riscar. Quero saber que dia é o mais propício para a partida.

—Em seguida, senhor. Mas meus velhos ossos intuem já que a leitura será muito favorável. Depois da vitória desta noite não poderia ser de outro modo. — Timónides mal que podia conter sua alegria. A catástrofe que ele tinha temido não só não aconteceu, mas em vez disso seu senhor tinha recebido um maravilhoso presente.

A China! Tinha ouvido grandes coisas sobre a comida dali, os manjares, os estranhos aprimoramentos. Uma especialidade chamada arroz, suave e esponjosa, que mesclavam com carne ou verduras fritas ou fervidas e condimentadas ao gosto. E não se encontrava a Babilônia no caminho? Timónides tinha ouvido falar de um prato especial que consistia em postas de pescado molhadas em azeite de sésamo e envoltas em pão. As tripas grunhiram. Estava impaciente para partir.

Quando agarrou Néstor pelo braço para partir, jurou que desde esse momento levaria uma vida exemplar. Não voltaria a falsificar horóscopos, não voltaria a mentir sobre as estrelas em benefício próprio.

Sebastiano disse a seu administrador:

—Primo, te ponha imediatamente a recrutar homens, pois deveríamos zarpar para a Antioquia o quanto antes possível.

—Sim, senhor — respondeu o velho veterano com um entusiasmo inaudito nele. Uma missão militar! Uma missão que implicava estratégias e combates. O rosto se iluminou até quase perder a fealdade e sua entorpecida mente de soldado despertou e começou a pensar em nomes, planos, táticas e listas dos equipamentos que iam necessitar. Virou-se e se afastou com passo enérgico.

Sebastiano se virou finalmente para Ulrika.

—Estou em dívida contigo. —ficou olhando-a um longo instante, alheio à multidão que os rodeava, consciente só de sua proximidade. Queria que todo esse povo, esse salão colossal, toda Roma se esfumasse e o deixassem a sós com ela—. Como posso agradecer

Quando Ulrika levantou a vista, perdeu a respiração. Sebastiano estava tão perto... Seus olhos a perfuravam, sua voz afogava o barulho reinante no salão, só era

capaz de ouvir os ricos tons que saíam de sua garganta. Não existia ninguém mais, o mundo ficava longe. Queria se aconchegar em seus braços, apertar-se contra seu corpo, sentir seu calor e sua força tranquilizadora.

—Não há nada que agradecer — sussurrou enquanto pensava que não queria separar-se desse homem—. Mas quero te pedir um favor. Acaba de dizer a seu administrador que partem a Antioquia. Minha mãe viveu desde menina nessa cidade. Criou-se na casa de Mera, a curadora, até os dezesseis anos. Talvez ela e minha família se dirigissem para lá depois de fugir de Roma. Não me ocorre outro lugar aonde ir. Preciso saber que minha mãe está bem. Além disso, é a única pessoa que pode me dizer onde se encontram os Lagos Cristalinos de Shalamandar.

Sebastiano sentiu uma onda de alívio. Tinha temido que aqueles fossem seus últimos momentos juntos, que fossem se separar nesse salão surpreendente.

—Será um prazer te levar a Antioquia — disse.

E enquanto calavam de novo, olhando-se nos olhos, pensando nas próximas semanas e inclusive meses juntos — pois Antioquia ficava longe—, enquanto Sebastiano pensava iludido na nova aventura que se dispunha a empreender e no reino mítico que aguardava no final de um caminho desconhecido, enquanto Ulrika pensava em Antioquia, a terceira cidade maior do mundo e lar de incontáveis deuses, de incontáveis templos e bosques sagrados onde poderia encontrar respostas, nenhum viu a imperatriz Agripina dar ordens encobertas a um escravo, o qual abriu passo entre o povo, deteve primo na porta e o conduziu de novo para o trono, onde o convidaram a cruzar uma porta oculta atrás de uma tapeçaria.

Em uma sala privada, iluminada por lamparinas de ouro, Primo, o soldado leal, escutou palavras que o fizeram perder a cor e desejar não ter nascido. Pela primeira vez em uma vida de entrega ao dever e de obediência cega, o veterano Primo considerou a possibilidade de fugir e assegurar-se que ninguém o encontrasse jamais.

—Entendeste minhas ordens? —perguntou secamente a imperatriz Agripina.

—Sim, senhora — respondeu com o coração em um punho, sabedor que seu amado senhor, Sebastiano Galo, achava-se nesse momento celebrando uma vitória oca. Pois o que Primo, o amigo leal, acabava de descobrir era que o novo imperador não era, depois de tudo, um generoso benfeitor, mas um inimigo perigoso e mortal.

LIVRO 4

Síria

Quando Ulrika viu a aparição atrás do hospedeiro enquanto este limpava o mostrador alheio à mesma, deixou a taça de vinho quente sobre a mesa, recostou-se na cadeira e, fechando os ouvidos às tênues vozes da estalagem, concentrou-se em acalmar sua respiração.

No salão de audiências de Nero tinha aprendido que controlar os pulmões a ajudava a controlar as visões, e durante as semanas transcorridas depois tinha praticado o que denominava «respiração consciente». Tinha necessitado vários intentos — dois em Roma, três no navio que cruzava o Grande Verde e um em uma rua de Antioquia— para compreender que não só devia respirar devagar, mas ritmicamente, inspirando pelo nariz e exaltando pela boca.

Assim, procedeu a inalar os aromas da estalagem nessa noite chuvosa — aroma de cerveja rançosa, cordeiro assado, à fumaça da lareira, onde as chamas rugiam e mantinham o frio do inverno a raia— e, conforme se serenava e se concentrava em seu interior, enviou uma voz silenciosa pela sala cheia de fumaça, pelo éter sobrenatural, e disse: «Quem é? Que desejos que faça?».

Ulrika continuava sem saber o que era a adivinhação, sem conhecer a natureza de seu dom especial, mas como apareciam para ela sobre tudo pessoas — de

todas as idades e condições—, supunha que era capaz de falar com os mortos. Supunha que estes sentiam que podia se fazer de intermediária com o mundo dos vivos e tentavam comunicar-se através dela com seus seres queridos.

Observou que o jovem, que tinha o cabelo longo e vestia uma túnica singela, olhava o hospedeiro com olhos tristes. Seu filho, possivelmente? «transmita-me sua mensagem», disse para si, mas o moço não respondeu e, igual a suas visões anteriores, acabou por desaparecer.

Ulrika suspirou presa da frustração. Embora fosse capaz de prolongar as visões, de fazê-las mais sólidas e nítidas, estas se desvaneciam sem mais. Também tinha descoberto, para seu desespero, que embora tivesse feito progressos com as visões que tinha, ainda não podia as provocar, não podia controlar quando e onde fazer com que uma visão se materializasse.

Na Germânia, a guardiã dos bosques sagrados havia dito que não saberia quem eram seus professores até depois de receber seus ensinamentos. Ulrika só via Minerva. E a vidente egípcia havia dito que aceitasse uma chave quando fosse oferecida. Seus quartos tinham portas com fechaduras, mas o hospedeiro não tinha entregado nenhuma chave. Quem seria seu seguinte professor? E quando receberia uma chave? E de que?

Enquanto Timónides e Néstor, que compartilhavam a mesa com ela, engoliam seu jantar de pescado oleoso e porros guisados, alheios ao silêncio de Ulrika, esta dirigiu sua atenção à porta da estalagem; fora fazia frio e chovia.

Onde estava Sebastiano? Fazia horas que entrou na cidade. Teria se perdido?

A estalagem se achava na zona norte do gueto de Antioquia, em uma levantada ruela chamada O Mago Verde por razões que ninguém conhecia, já que ali não vivia nenhum mago nem havia árvores ou vegetação de outro tipo. Assim, tudo, estava em um labirinto de ruas onde era fácil se perder, e dado que era quase meia-noite e fazia um tempo inclemente, Ulrika temia que Sebastiano tivesse se perdido ou algo pior.

Tentou não inquietar-se, mas na estalagem reinavam silêncio e sombras. Nenhuma só pessoa tinha cruzado a porta na última hora e poucos clientes ficavam naquela atmosfera carregada de fumaça. Acotovelados no balcão com uma jarra de cerveja, dois carpinteiros completamente ébrios se queixavam da falta de trabalho, e havia

três mesas com clientes dormitando sobre suas taças. O hospedeiro, um homem corpulento e jovial, também estava um pouco chapado depois de provar sua mercadoria.

Ulrika notou que o coração e a respiração se aceleravam. O dia que descobriu que respirando conscientemente obtinha um maior controle de suas visões, também se deu conta que conseguia uma grande serenidade interior. Assim, começou a respirar devagar enquanto se recordava que Sebastiano saía da estalagem cada manhã e sempre encontrava o caminho de volta pelo tortuoso labirinto de ruelas. A caravana da China seria a maior tinha já dirigido e, portanto, tinha muito que organizar e fiscalizar.

E uma vez mais se maravilhou da rede de amigos e contatos que tinha. Até nessa cidade tão afastada de Roma parecia conhecer uma infinidade de indivíduos que lhe deviam favores ou, simplesmente, estavam encantados de ajudá-lo.

Entretanto, o homem com quem devia reunir-se essa noite nada tinha a ver com a caravana. Sebastiano estava ajudando Ulrika em sua busca. Não tinha encontrado sua mãe em Antioquia, por isso decidiu comprovar se alguém naquela cidade portuária tinha ouvido falar dos Lagos Cristalinos de Shalamandar. Durante suas pesquisas, Sebastiano tinha ouvido falar de um ermitão que vivia no deserto de Dafne, próximo a Antioquia, um estrangeiro chamado Bessas que tinha chegado à cidade síria muito tempo atrás e que, conforme diziam, possuía informação sobre lugares estranhos e esotéricos. Mas Ulrika tinham advertido que ninguém tinha conseguido lhe tirar jamais essa informação. Nada tinha funcionado, dizia todo mundo. Nem os subornos, nem os raciocínios, nem os pedidos. Tampouco as ameaças.

Sebastiano havia dito que ele conseguiria tirar a informação do ancião, e Ulrika de certo modo acreditava, pois Sebastiano Galo podia ser um homem muito persuasivo. Nesses momentos se encontrava com o ermitão, e Ulrika pediu por que saísse vitorioso.

O relógio que descansava em um canto da sala — uma urna de pedra com as horas marcadas e da qual gotejava água que descia de nível cada hora — assinalava as doze passadas.

Ulrika notou um puxão no braço. Quando se virou, viu que Néstor estava oferecendo um pêssego roliço. Agradeceu e comeu um bocado da fruta suculenta. Desde o

episódio do mendigo de Pisa que se fazia passar por cego, Néstor a seguia como um cachorrinho, sorria com adoração e trazia presentes. Não a incomodava. Sua inocência infantil, no corpo de um homem tão crescido, e sua natureza cândida a comoviam.

Suspeitava que Néstor não possuísse uma boa percepção de tempo e distância e que a agressão do mendigo provavelmente lhe parecia que tinha ocorrido o dia anterior e nessa cidade. Isso fazia que, a diferença da maioria das pessoas, sua lembrança nunca se apagasse, e tampouco sua gratidão para ela por tê-lo defendido.

Devolveu sua atenção à entrada da estalagem, onde esperava que Sebastiano não demorasse a aparecer. Sentiu um estremecimento no coração. Aquele homem se instalou nele, levava-o em seu peito e em seu pensamento dia e noite. Quando Ulrika estava em sua presença, o calor de seu corpo aumentava e ansiava o contato de sua pele. Nunca tinha experimentado um desejo semelhante. Um dia, durante a travessia entre Roma e Antioquia, estalou uma tormenta e Sebastiano a reconfortou entre seus braços enquanto o navio dava inclinações bruscas. Ulrika pensou que se beijariam, que fariam amor. Mas ele não deu esse passo crucial.

Tinha visto como Sebastiano a olhava quando acreditava que estivesse distraída e sabia que ele agradecia seu contato. Ambos procuravam maneiras e desculpas para estar com o outro. Mas nenhum dos dois tinha dado ainda o passo irrevogável, nenhum tinha ousado pronunciar palavras para as quais não teria volta atrás. Ulrika sabia que a razão era que não eram livres. Seus destinos deviam seguir caminhos diferentes.

Olhou de novo o relógio e sua inquietação aumentou.

—Rogo por que meu senhor tenha conseguido o que queria — disse Timónides depois de reparar também na hora e perguntar-se onde estava Sebastiano. Teria encontrado o ermitão Bessas? Teria conseguido saber dele onde se encontravam os Lagos Cristalinos? Timónides ignorava que ardil tinha pensado utilizar, ou por que seu obstinado e jovem senhor acreditava que sua estratégia ia funcionar quando outras tinham falhado, mas confiava que tivesse êxito—. Do contrário — balbuciou uma vez que limpava seu gordurento prato arrastando com pão a cebola frita as últimas migalhas de pescado—, meu senhor deveria arrancar a cabeça desse bastardo e tirar a informação a colheradas.

O fogo crepitou e as faíscas voaram para cima. Néstor soltou uma risada. Tinha o queixo coberto de gordura e manchas de óleo na túnica, mas Timónides se ocuparia disso mais tarde, como era seu costume. De um primeiro momento, Néstor tinha surpreendido ao hospedeiro com seus dotes culinários quando reproduziu uma de suas especialidades, um aprimoramento elaborado com mel e frutos secos picados. Ao longo dos anos, hospedeiros e governantas acomodadas tinham tentado comprar Néstor — com seu excepcional talento poderiam roubar as receitas dos mais célebres cozinheiros de Roma e as servir em suas mesas — mas o astrólogo se negava a vender seu filho, não só porque também ele desfrutasse de seus peculiares dotes. Néstor era o centro do antigo universo grego, e para Timónides seu filho não era curto de ideia, mas, simplesmente, um moço cândido. Pouco importava que não soubesse onde se encontravam nesse momento ou aonde se dirigiam. Nem sequer a travessia em navio o tinha intimidado quando, de pé frente ao corrimão, sorria ao mar. Logo veriam coisas novas e diferentes que encheriam de alegria a esse menino-homem.

Que vontades tinham de se por em marcha!

Timónides estava cansado de sua estadia em Antioquia. Para cúmulo, tinham demorado quase um mês em alcançá-la. Depois de conseguir um navio para transportar a mercadoria e os escravos de Sebastiano, sua partida se viu atrasada por causa de um pesadelo que o capitão do navio tinha tido a noite antes de zarpar. A segunda demora a provocou um corvo espionando em um dos mastros justo quando se dispunham a levantar âncoras, um mau augúrio para a navegação. Depois de uma semana de adiamentos, o Poseidon zarpou por fim e atracou em Antioquia depois de ter desfrutado de um tempo aprazível.

Mas tinha transcorrido já um mês, acabavam de celebrar o solstício de inverno. Um céu cinza sobre a cidade e chovia todo o dia. Assim, não tinha sido um mês ocioso. Instalado temporariamente na praça forte romana, Primo tinha passado os últimos trinta dias recrutando e adestrando homens para sua unidade militar especial, armando-os, preparando-os para a perigosa viagem e, sobre tudo, ensinando as táticas militares e as estratégias secretas que teriam que utilizar. Sebastiano, enquanto isso tinha estado ocupado

organizando sua enorme caravana, comprando camelos e escravos, reunindo-se com mercadores, adquirindo mercadoria, falando com banqueiros, em resumo, todos os assuntos relacionados com o comércio. Timónides, naturalmente, entregou-se ao estudo diligente dos astros, de seus alinhamentos, casas, ascensões e descidas, prestando particular atenção à lua, as constelações e os planetas. A missão à China não podia fracassar. Corria o rumor de que Nero podia ter muito mau gênio e detestava decepções.

Quando um forte trovão sacudiu a estalagem centenária, Timónides olhou na tênue luz Ulrika, que estava vigiando a porta de entrada.

A moça era hábil com seu estojo de primeiro socorros, pensou recordando os terríveis enjoos que tinha sofrido durante a travessia, até o ponto de não poder comer. Ulrika tinha acudido uma vez mais em seu auxílio e tinha administrado um tônico preparado com uma raiz cara e difícil de encontrar chamada gengibre. O tônico funcionou e o permitiu voltar a comer, e agora estava em dobro dívida com ela.

Na Ostia, enquanto aguardava a ordem de zarpar, Ulrika tinha surpreendido Timónides ao sugerir que poderia ajudar Néstor. Não a sua mente, naturalmente, pois esta não tinha remédio. Mas Néstor, além de algumas sílabas incompreensíveis, não tinha aprendido a falar como é devido. Timónides entendia o que o moço dizia, mas o resto das pessoas não. Ulrika suspeitava que pudesse ter algo chamado «trava sublingual curta». Sua mãe, contava, tinha nascido com ele, e aos sete anos liberaram a língua. Recomendou a Timónides que levasse seu filho a um médico que fosse destro com a faca. Timónides esteve tentado, mas logo pensou: «Realmente quero que Néstor possa falar? Acaso o povo não burla já dele o suficiente? E se ao conseguir falar perde seu dom culinário?». Sabia-se que essas coisas ocorriam, que eram consequências inesperadas da boa sorte, uma espécie de troca, pois os deuses eram brincalhões caprichosos.

Não, melhor deixar as coisas como estavam. Sobre tudo porque havia assuntos mais urgentes que atender; para começar, o problema da catástrofe que continuava aparecendo no futuro de seu senhor. A primeira vez que Timónides reparou na possibilidade que uma desgraça aguardasse Sebastiano, em Forte Bonna, uns meses atrás, alarmou-se. Não obstante, depois de observar as estrelas, riscar seus rumos e ver que o

escuro presságio continuava aparecendo no futuro — como se avançasse no tempo junto de Sebastiano—, o pânico deu passo a uma reflexão mais objetiva.

Não havia dúvida que algo terrível espreitava a seu senhor. Flutuava como uma nuvem negra no horizonte, mantendo-se sempre distante por mais depressa que viajasse para ela. Mas era impossível saber onde ou quando se produziria o desastre. Timónides tinha deixado de culpar-se por isso, de pensar que a falsificação dos horóscopos havia trazido má sorte a seu senhor. Além disso, não havia dito uma só mentira desde que deixaram Roma, rodeou-se de nobres princípios, tinha tratado os deuses e a astrologia com o máximo respeito, manteve-se limpo e puro moral e fisicamente, e tinha chegado a essa noite chuvosa sentindo-se espiritualmente sem mancha.

Assim, fosse qual fosse o desastre, e acontecesse quando acontecesse, ninguém poderia culpar a Timónides, o astrólogo.

Subindo pela ruela, inclinado contra a chuva e sonhando com um bom fogo e uma taça de vinho quente, Sebastiano pensou na cadeia extraordinária de acontecimentos que o tinha levado até esse momento. No dia seguinte iriam rumo a Babilônia! E depois da Babilônia...

Devia sua boa sorte a Ulrika.

Não estaria então ali, a ponto de empreender a aventura de sua vida, se Ulrika não tivesse falado da estratégia de combate secreta de Gaio Vatinio. Embora o grifo de Adon e as gêmeas de Gaspar fossem mais atraentes para um moço de dezesseis anos, os conselheiros de Nero tinham apreciado o valor de um comerciante capaz de garantir o transporte seguro de mercadoria e embaixadores imperiais até Extremo Oriente, ampliando desse modo o alcance do império.

E Sebastiano estava seguro de seu êxito. Primo tinha estado adestrando sem descanso a sua seleta unidade, um pequeno exército de mercenários, veteranos leais, gladiadores retirados e atiradores de arco e flecha. Um exército temível.

E devia tudo a Ulrika, e agora tinha um presente para ela!

Chegou à estalagem, cujo letreiro se balançava com o vento. Era impossível lê-lo porque a chuva tinha apagado a tocha, mas a estalagem do Pavão Azul estava a várias gerações naquele lugar. Cálida no inverno e porto fresco no verão, oferecia comida e

bebida aos cansados caminhantes e um lugar de encontro aos residentes da rua do Mago Verde, assim como um lar temporário para Sebastiano e seus três companheiros.

Ulrika dormia no quarto contíguo ao seu, no primeiro andar da estalagem, enquanto que Timónides e Néstor compartilhavam um terceiro. Mas ultimamente o sono se mostrou esquivo com Sebastiano. Virava a noite dando voltas no leito, despertando a todas as horas para afastar a manta face às noites inverniais. Sonhava com Ulrika, que também ocupava seus pensamentos de dia. Várias vezes tinham estado por um tris, enquanto a tinha abraçada durante uma tempestade no mar ou em um carro instável ou cruzando um mercado concorrido, de revelar seus sentimentos, mas Ulrika se achava ainda sob seu amparo como chefe da caravana, e essa era uma regra pessoal que Sebastiano jamais quebrantaria.

O que sentia ela por ele? Perguntou-se ao empurrar a pesada porta empapada de chuva. Havia momentos em que a descobria olhando-o fixamente. Outras vezes tinha a sensação de que se aproximava ou o tocava mais do que o necessário. Como teria gostado de poder abraçá-la embora só fosse uma vez, beijá-la, acariciá-la...

Irrompeu na estalagem anunciando sua boa nova: tinha encontrado Bessas, o velho ermitão, e tinha feito uma proposta impossível de recusar.

Timónides se levantou de um salto e seus pulmões assobiaram. O resto clientes já partiram, o hospedeiro se retirou a seus aposentos e Néstor dormia. Na sala de jantar só ficavam o astrólogo e Ulrika.

—Sabe onde está Shalamandar? —perguntou Timónides.

Ulrika se aproximou de Sebastiano, tomou-o pelo braço para aproximá-lo do fogo e retirou a capa empapada dos ombros. Entre suas mãos frias colocou uma taça de vinho quente.

Sebastiano fez uma pausa para admirar a figura dessa donzela de cabelos claros recortada contra o fogo. «Oxalá —pensou— pudesse te dar muito mais. Oxalá pudesse encontrar sua mãe ou a explicação de seu dom divino. Oxalá pudesse te abraçar e não deixar nunca ir embora.»

Bebeu um gole de vinho e disse:

—Bessas conhece Shalamandar e os Lagos Cristalinos. E mais, aceitou nos mostrar o caminho.

—E você acredita? —uivou Timónides—. Não teme que pegue seu dinheiro e desapareça?

Sebastiano olhou Ulrika com um amplo sorriso.

—Bessas é um homem santo e o povo dos arredores de Dafne o conhece, preparam-lhe comida e oferendas e benze seu nome. Dizem que lhes trouxe sorte. E não pede dinheiro.

—Mas disse ou não disse como chegar ao Shalamandar? —perguntou, irritado, Timónides. Tinha visto florescer o amor entre Sebastiano e Ulrika com o passar das semanas, e com certeza que nada bom podia sair dele, estava impaciente por que seu senhor encontrasse uma cura.

—Disse que nos levaria até ali — respondeu Sebastiano voltando-se para o astrólogo—. Eu ofereci algo que ninguém mais tinha pensado, algo que anseia todo viajante em terra estranha: retornar a casa. Partimos para Babilônia pela manhã!

Timónides despertou com as tripas alvoroçadas. Entre baixos gemidos, desceu da cama, cruzou descalço o chão de madeira e se amaldiçoou por ter se servido aquele terceiro prato de joelhos de porco. A esposa do hospedeiro os tinha guisado com muito azeite e agora ele estava pagando.

O rangido de uma cama o deteve em seco. Olhou para a outra cama, um saco de palha jogado sobre o chão e coberto de mantas. Não queria despertar Néstor, pois às vezes custava voltar a conciliar no sono.

Timónides piscou na escuridão. Tinha deixado de chover e as estrelas brilhavam. Pelas frestas das portinhas entrava luz suficiente para mostrar um leito vazio. Onde estava Néstor?

Decidindo que seu filho tinha saído a fazer suas necessidades, reatou seus passos pelo reduzido quarto para agarrar de sua esteira os pós estomacais com os que sempre viajava.

Ao ouvir a porta, murmurou:

—Volte para a cama, filho, estou bem — pois sabia que Néstor se preocuparia com ele.

Mas em lugar de balbuciar seu incompreensível «Sim, papai. Boa noite», o moço ficou junto à porta.

Timónides se virou com expressão carrancuda. Néstor sorria e na mão direita sustentava um saco.

—O que é isso? —perguntou o astrólogo olhando o saco—. O que leva aí?

O sorriso infantil de Néstor se alargou quando levantou sua carga.

—Reeka — disse com deleite.

Timónides caminhou como um pato até ele amaldiçoando os porcos, as esposas dos hospedeiros, as noites de inverno e a vida em geral.

—Um presente para Ulrika? A estas horas?

Levou uma mão perguntando-se o que tinha ocorrido esta vez ao moço — Néstor estava acostumado a levar Ulrika flores ou pedras coloridas— e agarrou o saco pensando que, pelo peso e a forma, devia conter um melão.

Rogando por que o moço não o tivesse roubado e por não ter que procurar seu dono pela manhã e explicar a situação, abriu o saco, enrugou o nariz e esperou que seus olhos se acostumassem a tênue luz do quarto.

—O que...? —começou. Afiou o olhar. Aproximou a cara um pouco mais do saco— Não alcanço a...

E nesse momento...

Deixou ir um grito.

Soltou o saco, cambaleou para trás e aterrisou sobre seu traseiro.

—Néstor! —uivou—. Néstor! O que fez?

Pois o presente de Néstor era a cabeça de Bessas, o santo venerado pelas pessoas de Antioquia.

Passou um longo momento antes que um Timónides petrificado pudesse levantar-se. E foi correr até a janela, abrir as portinhas e aparecer a cabeça bem a tempo de vomitar sobre a rua. Assaltado por um suor frio, deixou-se reanimar pelo ar da noite.

A cabeça de Bessas...

Que demônio deu em Néstor?

Fechou os olhos e tentou pensar. Enquanto o suor descia por seu rosto e gotejava do nariz, enquanto era investido por uma onda de náuseas atrás de outra, recordou as palavras que tinha pronunciado essa noite junto ao fogo: «Meu senhor deveria arrancar a cabeça desse bastardo e tirar a informação a colheradas».

E aí estava Néstor, com sua habilidade especial para duas coisas: tomar as palavras ao pé da letra e desejar constantemente agradar às pessoas. Sobre tudo Ulrika.

—Pelas estrelas — sussurrou, notando que o conteúdo de seu estômago voltavam a subir. Vomitou outras duas vezes antes de poder levantar, depois do qual começou a se inquietar que alguém tivesse ouvido seu grito. Mas as paredes de tijolo cru da estalagem eram grossas. Se tivesse despertado a outros já saberia. A noite seguia sumida em seu silêncio e Timónides estava sozinho com seu filho e com um problema monstruoso.

O problema aumentou de tamanho conforme caía na conta de alguns feitos, o primeiro dos quais era que Sebastiano havia dito que o povo acreditava que Bessas trazia boa sorte.

E o povo não via com bons olhos que cortassem a cabeça dos homens Santos.

Quando por fim assimilou a gravidade do ato de Néstor, Timónides sentiu que se derretiam seus ossos e músculos. Temia desmaiar, devia manter o coração forte e a mente fria. O que podia fazer?

«Virão atrás de meu filho...»

Porque não duvidava que Néstor, que continuava sorrindo alheio à gravidade de seu ato tinha levado a cabo sua horripilante ação sem preocupar-se que alguém o tivesse visto ou apagar as pistas. Conhecendo-o, era capaz de ter mostrado seu «presente» a algum transeunte! Talvez o assunto já tivesse sido descoberto, talvez os guardas do turno de noite se achassem nesse momento a caminho da estalagem para levar Néstor a uma execução certa.

As pernas falharam e caiu pesadamente ao chão.

«Crucificarão meu filho...»

Enquanto via seu pai se sentar no chão Néstor pensou com grande satisfação no presente que havia trazido. Não era para seu pai, mas para a dama dos cabelos dourados.

Néstor amava Reeka e faria tudo por ela. Ela falava com muita doçura, acalmava-o, dizia que tudo ia bem. Ele adorava sua voz. Acariciava-a na mente. Como os mimos de uma mãe.

Olhou o saco que descansava no chão e soltou uma risada. Nos simples mecanismos de sua mente tinha discernido que seu pai e o tio Sebastiano estavam procurando um lago. Esperavam levar Reeka a esse lugar para fazê-la feliz. Mas seu pai e o tio Sebastiano pareciam ter problemas para encontrar o lago, e havia um homem que sabia onde estava, mas não queria dizer. Seu pai disse que podiam tirar-lhe do cérebro a colheradas. O tio Sebastiano disse que o homem vivia em uma cabana junto à grande estatua de Dafne. Néstor se lembrava da estátua porque era muito graciosa, uma mulher com três ramos que brotavam do cabelo. Seu pai precisava tirar o lago do cérebro desse homem, de modo que aqui estava!

Um presente para Reeka, a dama dos cabelos dourados.

Timónides levantou sua exausta cabeça para olhar seu filho, que continuava junto à porta com um sorriso no rosto, e sentiu que o coração partia em mil pedacinhos.

De repente se sentia grande, torpe e estúpido, ele, um astrólogo capaz de ler as mensagens das estrelas com tal precisão que podia aconselhar se jantariam feijões ou lentilhas; um homem capaz de contemplar a escura cúpula da noite, reconhecer Vênus e dizer com exatidão onde se acharia ao fim de uma hora ou de um mês; capaz de fechar os olhos e assinalar diretamente o vermelho e remoto Marte enquanto outros homens o buscavam com olhos como pratos e perguntavam: «Onde está?».

Um homem de precisão e controle cuja vida acabava de desmembrar-se na miríade de fibras que compunham sua malha.

«Está feito — pensou cansado e derrotado—. Esta é a catástrofe que prediziam os astros. E a culpa é minha. Eu a provoquei. Utilizei as estrelas, e minha sagrada profissão, em benefício próprio. Queria manter a moça e suas habilidades curativas comigo, e ao fazer isso trouxe a desgraça a mim e a meu senhor. “Unicamente eu posso remediar isto.»

E só existia uma maneira. Timónides o astrólogo tinha que voltar a mentir.

«Meu castigo — pensou—, por ter mentido a primeira vez.» E o castigo, por irônico que parecesse, era estar condenado a continuar mentindo. Jamais, no que ficasse de vida, poderia contar a Sebastiano o acontecido essa noite.

Levantou do chão seu corpo gordo e procurou um plano. Tinham que partir da cidade imediatamente e achar-se bem longe dela para quando o juiz determinasse a identidade do desumano assassino de Bessas, o ermitão santo. «Será fácil convencer a Sebastiano de que viajemos a bom ritmo. “Sempre faz caso das estrelas...”»

Soltou um gemido ao lembrar-se subitamente de Ulrika. Não podia permitir que a moça os acompanhasse, pois Néstor seguiria cometendo crimes para agradá-la.

«Direi que fiz a carta e descobri que sua mãe está vivendo em Jerusalém.

»Sebastiano perguntará por Bessas. “Direi que o ermitão não é de confiança.»

Depois de pedir a Néstor que retornasse à cama, e de assegurar que seu presente era muito bonito e que papai estava muito contente, Timónides tirou de sua esteira a caixa de instrumentos e as cartas. O velho astrólogo sentiu o peso do mundo nas costas. Não queria fazer aquilo, não queria voltar a mentir, cometer sacrilégio, indignar aos deuses e provocar sua ira. Mas não tinha escolha. Devia salvar seu filho, embora isso pusesse em perigo sua própria alma imortal.

Quando tomou Néstor em seus braços sendo um bebê, Timónides aprendeu uma importante lição: não era o pai quem criava o filho, mas o filho quem criava o pai. E enquanto outros viam um bobo, Timónides, que acreditava na transmigração das almas, via além dos traços feios de Néstor e pensava na alma migratória que podia rondar em seu interior. Talvez Néstor possuísse a alma reencarnada do maior filósofo da história.

Seja como for, filho querido ou grande filósofo, Timónides não podia permitir que o executassem.

Acendeu uma vela e procedeu a elaborar o horóscopo de seu senhor com a esperança de encontrar alguma verdade que incluir em sua falsidade. Não passou previamente pelo ritual de banhar-se, orar e por roupa limpa, pois a mentira em seguida voltaria a sujá-lo.

Mas enquanto fazia seus cálculos, anotava números, graus e ângulos, apontava signos revestir e casas lunares, enquanto Antioquia dormia e as estrelas giravam no céu, indiferentes ao astrólogo da estalagem do Pavão Azul que transpirava sobre suas equações e números, Timónides viu emergir um indicador novo e inesperado.

Ficou gelado. Sussurrou um juramento. Esfregou o rosto suado. Empunhou de novo o lápis e repetiu os cálculos.

Finalmente se recostou chocado. Não havia dúvida: a orientação dos planetas em progressão e trânsito com respeito ao planeta natal de Sebastiano indicava uma nova direção. Os deuses, mediante a disposição precisa dos corpos celestiais, eram claros como a água em sua nova mensagem: Sebastiano tinha que partir de Antioquia em direção sul; ele e Ulrika deviam agora empreender uma viagem juntas nessa direção.

Timónides fechou os olhos e tragou com a garganta seca. Desastre sobre desastre! Seu destino estava selado, pois não só se dispunha a falsificar um horóscopo, mas a desobedecer a mensagem inequívoca e divina escrita nas estrelas.

Com o coração em um punho, mas sabedor de que não tinha escolha e o tempo corria, cruzou o corredor para esmurrar a porta de seu senhor.

Ulrika não dormia quando chamaram a sua porta. Tinha-a despertado um grito, e tinha permanecido estendida na escuridão tentando discernir se tinha sido real ou tinha sonhado. Logo ouviu vozes apagadas, um silêncio longo seguido de passos no corredor, golpes em uma porta e novamente vozes, mas desta vez fortes e prementes.

Dispunha-se levantar para ver o que acontecia quando a chamada anunciou que havia alguém em sua porta. Abriu-a e do outro lado encontrou Sebastiano. Estava claro que acabava de despertar, pois tinha jogado apressadamente uma capa sobre os ombros e debaixo só levava uma tanga.

Ao ver que a olhava da cabeça aos pés, Ulrika caiu na conta de sua própria escassez de roupa: uma camisola — uma anágua fina até o joelho — e o cabelo solto e caído sobre o peito. Sentiu-se nua.

Recuperando a compostura, Sebastiano disse:

—Ulrika, Timónides diz que sua mãe está em Jerusalém.

—Minha mãe! O que...?

O astrólogo abriu espaço agitando uma folha de papiro.

—Sim, sim, não há dúvida. Sua mãe está ali, vivendo com uns amigos.

Ulrika piscou, olhou Sebastiano e de novo o astrólogo.

—Mas por que está fazendo uma leitura a estas horas? E por que meu...?

—Despertei de um sonho —a interrompeu Timónides— no que me ordenava que aparecesse na janela, onde vi o rastro de uma estrela no céu. Sabia que era uma

mensagem que devia fazer o horóscopo de meu senhor, e aí estava! Uma nova mensagem dos deuses. Meu senhor deve partir imediatamente à Babilônia e você deve ir a Jerusalém.

—É certo que vivemos um tempo em Jerusalém — disse Ulrika—, em casa de uma mulher chamada Elisabeth.

—Exato, exato. — disse Timónides saindo pesadamente da sala—. Deve partir o quanto antes para Jerusalém, encontrar sua mãe antes que se vá. Casa de Elisabeth...

A voz do astrólogo se perdeu pelo corredor e Ulrika ficou a sós com Sebastiano, olhando-se na luz tênue com palavras não expressas nos lábios.

—Minha mãe pode me ajudar — se ouviu dizer fracamente. A imagem do torso nu de Sebastiano aparecendo entre as dobras da capa cortava sua respiração. Perguntou-se por que não estava mais contente com a notícia do astrólogo—. Ela me dirá onde está Shalamandar e os Lagos Cristalinos.

—Levarei você a Jerusalém...

Ulrika pousou os dedos em seus lábios.

—Não, Sebastiano, você tem que continuar para o leste. Deve partir ao amanhecer, tal como ordenam as estrelas.

Calaram envoltos pela noite e pelo desejo. O anseio ardia em seus olhos e ambos eram conscientes do desejo do outro. Mas os dois estavam atados por deveres e juramentos contraídos muito antes de se conhecerem.

Sebastiano recuperou por fim a voz.

—Enviarei contigo Sifax com um contingente de homens para que te proteja.

—Obrigado — disse ela, pensando que aquele homem forte e poderoso acudia uma vez mais em seu auxílio. Conhecia Sifax, um númida da costa norte da África, de semblante imperturbável, que se oferecia como escolta e mercenário. Levava seis anos acompanhando e protegendo a caravana de Sebastiano e sabia que podia confiar nele.

—Assegurar-se-á de que chegue sã e salva junto à sua mãe em Jerusalém — acrescentou Sebastiano. Olhou-a outro longo instante e, levado por um impulso repentino, agarrou-a pelos ombros, atraiu-a para si e disse com voz rouca— Ulrika, se tudo for bem e os deuses quiserem, chegarei a Babilônia dentro de seis semanas. Não pretendo partir para Oriente até o festival do solstício de verão, pois o seguinte dia é o mais propício do ano para começar uma longa viagem. Quando tiver encontrado sua mãe e averiguado onde está

Shalamandar, se reúna comigo na Babilônia. Esperarei até o último momento possível antes de partir para a China.

—Sim — sussurrou ela—, irei me encontrar contigo na Babilônia. —

Levantou uma mão para acariciar a mandíbula de Sebastiano e quando seus dedos roçaram a barba fina e dourada, Ulrika viu...

Sebastiano franziu o sobrecenho.

—O que ocorre?

Ulrika abriu a boca, mas não podia falar.

Sebastiano aguardou, perguntando-se se estava tendo outra visão. Tinha presenciado outras vezes, tinha visto como alargavam as delicadas aletas do nariz e dilatavam as pupilas. Ulrika empalideceu e a pele de suas têmporas se esticou.

Fora, sobre a cidade adormecida de Antioquia, uma nuvem cobriu a lua e sumiu na escuridão os quartos da estalagem. Subitamente cegos Sebastiano e Ulrika notaram que seus outros sentidos se afiavam. Ele sentiu a pele cálida dela sob as mãos, que continuavam agarradas a seus ombros, e pensou na suavidade dos cisnes e a névoa. Ela podia cheirar a chuva ainda nele e pensou em bosques e prados verdejantes. Ele ouvia suas delicadas respirações. Ela sentia seu calor.

A nuvem passou como um grande pássaro sulcando o oceano na noite e a luz das estrelas voltou a alagar a pequena sala. Ele viu um rosto feminino e pálido. Ela viu olhos da cor dos prados.

—Em sua caravana há traição — disse Ulrika ao fim—. Um de seus homens, próximo a você, te trairá.

—Qual deles?

—Não sei. Não posso ver seu rosto.

O certo era que não havia nenhum rosto para ver, pois o que acabava de ter não era uma visão, mas um sentimento. Ao roçar com seus dedos o rosto de Sebastiano a tinha alagado um sentimento de decepção entristecedor. De traição absoluta. Como um golpe físico que ia derrubar o espírito de Sebastiano Galo.

—Poderia ser um dos recrutas de Primo?

Ulrika negou com a cabeça.

—É um amigo.

—Confio em todos os homens próximos a mim, mas também confio em você, Ulrika, e em sua intuição, de modo que tomarei cuidado e permanecerei alerta. Despediremo-nos pela manhã, antes de partir para a parada das caravanas.

Ulrika o viu cruzar o corredor e entrar em seu quarto. Fechou a porta e, apoiando nela as costas, sussurrou:

—Vos rogo que cuidem deste homem. Velem por ele. Devolvam-me ele são e salvo.

Sebastiano nem sequer teve que chamar. Ulrika já sabia que havia voltado, que se achava do outro lado da porta. Abriu e aí estava, sem a capa, com o torso e os braços nus e um olhar cheio de desejo e incerteza. Elevou uma mão e Ulrika viu nela a concha do antigo altar.

—Fique com ela. disse—. É muito poderosa.

Ulrika a aceitou e jurou que a acompanharia sempre.

—Preciso te acariciar — sussurrou Sebastiano.

Olhou-o nos olhos e sentiu que a abraçavam, que a arrastavam para sua mente e seu coração.

—E eu a você.

Buscando-se o mesmo tempo, deslizaram as mãos no outro e encontraram os lugares idôneos para um abraço perfeito. Ulrika se entregou a um refúgio que sempre tinha desejado e Sebastiano aspirou uma doçura que sempre tinha desejado. Suas bocas se uniram em um beijo apaixonado. Desfrutaram do sabor do outro enquanto suas mãos exploravam, agarravam, acariciavam com urgência. Através dos lábios entreabertos sussurravam palavras entrecortadas: «Quero...» «Preciso...» «É...» «Somos...».

Ulrika se apertou contra Sebastiano e notou sua dureza. Estalou em chamas, ou essa foi sua sensação. Quente e úmida, sua pele ansiava ser devorada pela boca daquele homem. E Sebastiano queria inundar-se nela, unir seu corpo e sua força vital ao corpo dela, converter-se em parte de Ulrika, converter Ulrika em parte dele.

Mas então ouviram um estrépito, passos pesados e a voz mal-humorada de Timónides na sala contigua enquanto fazia a bagagem, resmungava e assegurava em voz alta e clara de que não podiam demorar mais sua partida.

Sebastiano retrocedeu a contra gosto.

—Parece que não vamos poder desfrutar de um momento sozinhos. — virou-se para a parede, a qual quase vibrava com a enérgica diligência do astrólogo—.

Timónides falava a sério quando disse que as estrelas nos ordenaram que nos dessem pressa.

Por quê? Queria perguntar Ulrika, detestando a sensação de sua retirada, o ar frio que corria agora entre os dois, o vazio espantoso que enchia seus braços. E o calor nos lábios, o formigamento na língua. Não queria parar.

—Ulrika. —Sebastiano a atraiu para si uma última vez—. Quero ficar contigo, estar contigo, mas Timónides tem razão. Devo ir. O privilégio e o luxo de te amar e desfrutar de seu amor não pode ser meu agora que me acho sob as ordens de César.

Inclinou-se e a beijou na testa.

—Ulrika, Ulrika — disse enchendo a boca com seu nome—. Contam que Eros, o deus do amor e do desejo, está constantemente desmontando pessoas e voltando a armar. E é verdade! Meu ser anterior se rompeu em pedaços e adquiriu uma forma nova. O homem que era, sempre controlando seus sentimentos e seu coração, já não existe. Ignoro por que Eros me escolheu para esta sorte concreta, mas sigo pensando que não a mereço. Não quero te deixar, mas devo fazer o que ditam as estrelas porque é a vontade dos deuses. Nenhum homem pode desobedecer porque é seu destino. Acredito firmemente e com todo meu coração que existe uma ordem no universo. E se os deuses decidem que não devemos nos reencontrar na Babilônia, espero que ache o que está procurando, assim como as respostas aos mistérios de seu interior. E quando retornar da China, e com certeza assim será porque as estrelas prometeram, a buscarei e encontrarei, minha queridíssima Ulrika.

O aroma acre de lã de ovelha e peles de cabra se mesclou com o do lampião de azeite quando Ulrika golpeou a pederneira e prendeu a mecha.

A chama cintilante iluminou a tenda, ainda às escuras porque o sol não tinha saído. Muito em breve a luz do dia e o aroma de comida alagariam a atmosfera fechada de sua tenda.

Enquanto se penteava fez uma pausa para acariciar a concha que descansava sobre seu peito, a promessa tranquilizadora de seu reencontro com Sebastiano. Ela e sua escolta tinham deixado Antioquia semanas atrás, mas então não tinha conseguido

encontrar com sua mãe em Jerusalém. Assim, Ulrika tinha ordenado ao Sifax que a levasse à Babilônia para unir-se à caravana de Sebastiano.

O coração se acelerava ante a ideia de voltar a vê-lo. Depois de despedir-se em Antioquia para seguir cada um seu caminho, Ulrika tinha ficado surpresa com a terrível sensação de vazio que se deu nela nos dias que seguiram. Enquanto viajava por um velho caminho em direção sul, subiu em um carroção escoltado por Sifax e seus homens, uma tristeza desconhecida a embargou. Teve que recorrer a toda sua força de vontade para não transmitir a ordem de dar meia volta e retornar junto a Sebastiano.

Não suportava estar separada dele.

Ela e sua escolta tinham deixado Jerusalém no dia anterior e pararam para passar a noite ao pé de umas montanhas que dominavam uma inóspita região de rocha e areia que não parecia ter fim. Sua seguinte parada era Jericó, onde tomariam uma antiga rota comercial que cruzava o deserto da Babilônia. Ulrika tremia de emoção. Cada momento que passava acordada pensava em Sebastiano, em sua última noite juntos, em seu beijo apaixonado. Fechava os olhos e voltava a sentir seu corpo, sua força. Suas carícias. Seu sabor. Na Babilônia, Ulrika e Sebastiano poderiam amar-se por fim.

«Logo Sebastiano irá a China enquanto eu procuro Shalamandar e seus Lagos Cristalinos. Depois meu amado e eu nos reencontraremos, estou segura disso.»

Ao sair da tenda se surpreendeu ao tropeçar, na pálida luz da alvorada, com um acampamento vazio. Olhou a seu redor. Não havia nem rastro de Sifax e seus homens. Estariam caçando? Recolhendo lenha para o fogo? Quando o sol apareceu por detrás das recortadas montanhas, iluminando o acampamento, Ulrika viu que os cavalos, as mulas de carga e as tendas tinham desaparecido.

Girando lentamente, sentindo o vento afiado no rosto, olhou ao redor e só viu penhascos ermos e montanhas de cor parda. Os raios dourados da alvorada dissolveram as sombras para mostrar um deserto avermelhado que se estendia em todas as direções sob um céu azul. Embora acabasse de celebrar o equinócio da primavera, mal havia vegetação. Aquela terra árida estava povoada de rochas, pedras e areia, penhascos e planaltos, mas não se via um só ser humano.

Ulrika sabia por que os homens tinham fugido na metade da noite: havia dito a Sifax que não restava mais dinheiro e que ele e seus homens não seriam recompensados

até que se reincorporassem à caravana de seu patrão. Conhecia os homens como Sifax e seus camaradas; só os interessava o dinheiro. Tinham protestado ante a perspectiva de ir à China e cair no fim da terra. Provavelmente essa tinha sido sua oportunidade de romper sua relação com Sebastiano Galo e procurar um trabalho mais seguro e lucrativo em outro lugar. Provavelmente tinham ouvido falar de empregos mais rentáveis quando estavam em Jerusalém.

Pelo menos não a tinham abandonado sem provisões, advertiu com alívio. Junto à porta da tenda viu um saco de lentilhas, uma bolsa de pão e um generoso odre com água. E amarrado a uma rocha havia um asno mastigando ervas daninhas.

Quando o sol coroou as montanhas Ulrika tentou orientar-se. Jericó se achava várias milhas ao nordeste. Justo em frente, embora não pudesse vê-lo, estendia-se o mar de Sal, onde o rio Jordão derramava suas águas. «Irei para o leste — pensou—, e quando chegar ao mar virarei para o norte. “Em Jericó poderei me unir a uma caravana que se dirija a Babilônia.»

Decidiu deixar ali a tenda, pois custava muito desarmá-la, dobrá-la e carregá-la sobre o asno. A criatura conduziria a comida, a água e seus pertences e ela caminharia. Mas quando se inclinou para recolher as bolsas, viu com consternação que estavam rasgadas e que o conteúdo se dispersou pelo chão, coberto de excrementos de pássaro. Também o odre de água aparecia quebrado. Alarmada, viu rastros deixados pelas garras de um felino grande, um leão ou um leopardo. E fazia tempo que a terra tinha absorvido a água.

Isso queria dizer que estava sozinha no deserto da Judeia, sem água e sem comida.

O ar da manhã era fresco e cortante, com um céu de um azul intenso salpicado de nuvens brancas. Ulrika guiava o asno pela corda, com as esteiras e o estojo de primeiro socorros amarrados ao lombo. Saltando rochas e penhascos, confiava que o terreno se aplainasse logo e se povoasse de vegetação. Embora fosse primavera e as chuvas tinham visitado recentemente a região, as flores e os pastos começavam a secar, deixando unicamente montanhas pardas com brechas profundas.

Avançava pausadamente para o leste com o sol nos olhos, procurando rastros de vida humana, embora só fosse a tenda solitária de algum pastor. Mas o sol subiu pelo céu, o dia se esquentou e ela não encontrou outras almas. Um asno selvagem fugiu espantado de sua trajetória e as aves a sobrevoaram em círculo. Ulrika permanecia atenta a leopardos e leões, pois com certeza com seu andar lento resultava uma presa fácil.

Achava-se em meio de uma terra erma, de colinas estriadas e salpicadas de cavernas que assemelhavam a pombais; muito tempo atrás, uma dessas cavernas tinha sido a morada de duas mulheres que viviam com seu pai. Ulrika conhecia a lenda local das duas irmãs sem filhos nem marido que confabularam para embebedar seu pai, deitar com ele e perpetuar desse modo a linhagem. Segundo a lenda, conseguiram seduzir o pai, um homem chamado Lot, e conceberam dois filhos que seriam patriarcas de novas nações.

O meio-dia chegou e se foi. O sol começou sua descida para o oeste enquanto Ulrika prosseguia sua caminhada por uma região de pedra calcária e vegetação ressecada, sem uma gota de água.

Finalmente a paisagem se aplainou. Ulrika deixou atrás as colinas e as rochas e divisou ao longe o resplendor de águas azuis. O mar de Sal.

Embora faminta e cansada, apertou o passo, convencida de que ali acharia pessoas, comida e repouso.

As sombras começavam a alongar-se e o sol estava avermelhando quando alcançou finalmente a costa. Contemplou a estranha beira, que parecia coberta de uma fina capa de cinza branca. Sabia que não era um lago de água doce, mas muito sal «morto», sem plantas nem peixes. Não obstante, tinha acreditado que ia encontrar água potável, mas em toda a costa, infestadas de fedidos depósitos minerais, não se divisava nenhuma tenda, nenhuma pessoa, nenhum camelo. E isso queria dizer que não havia água.

Nas montanhas que se elevavam ao outro lado do mar, na margem oriental, não havia rastro de povoados ou cidades. A sua esquerda, em direção norte, o rio Jordão transcorria junto à populosa e próspera cidade do Jericó, mas se achava a várias milhas dali, muito longe para chegar antes do anoitecer. Pelo sul, a sua direita, estendia-se um território desconhecido. E às suas costas, ao oeste, as colinas não pareciam sustentar vida alguma.

A costa era muito povoada de perigosas areias movediças e poços de alcatrão que despediam um aroma acre. Ulrika não se atrevia a entrar nesse terreno hostil a ponto de cair a noite.

Observou as colinas em busca de refúgio, possivelmente uma caverna. Procuraria um poço ou um manancial subterrâneo.

Um som horripilante atravessou subitamente o silêncio do deserto. O uivo de um chacal. Ao cabo de um instante outros uivos se elevaram para o céu crepuscular. Ulrika tentou determinar de onde vinham. Uma manada de chacais famintos não duvidaria em atacar um ser humano indefeso.

Quando se dispunha a agarrar a corda do asno para retornar à segurança das colinas, os chacais uivaram de novo e o asno pôs-se a correr.

—Espere! —gritou Ulrika, mas o animal se afastou a galope, levando suas esteiras.

Elevou a vista ao céu e viu que as primeiras estrelas adquiriam vida. Imaginou Sebastiano olhando essas mesmas estrelas.

Devolveu o olhar às montanhas do oeste, que agora eram silhuetas negras e irregulares recortadas contra o azul lavanda do céu. O sol se pôs. A noite caía. Sabia que o ocaso seria breve, que o deserto não demoraria a ficar sumido na escuridão. E no perigo.

Enrolando a pala ao corpo, começou a andar para os contrafortes de poente, onde sombras profundas ofereciam a promessa de amparo contra a noite.

Dado que a lua estava pendente de se elevar e as estrelas não eram ainda pontos fulgurantes no céu, a escuridão era completa. Ulrika se via obrigada a ir com tato. O chão estava coberto de pedras e rochas, salpicado de buracos de serpentes e roedores.

Frio e cortante, o vento aumentou e atravessou a pala. Pensou em sua grossa capa atada sobre o lombo do asno. Provavelmente não tinha ido muito longe, mas não podia esperar encontrá-lo naquela escuridão.

Os chacais uivaram de novo. Esta vez soava mais perto e Ulrika apertou o passo. De repente a terra cedeu sob seus pés e caiu no chão ao tempo que uma dor aguda percorria a perna. Ao levantar viu que tinha metido o pé em um buraco. Torceu o tornozelo e com muita dificuldade podia apoiar o pé. Capengante, reatou a marcha lenta e penosamente, repreendendo-se por não ter sido mais precavida, por não ter tido o bom julgamento de subir no asno.

Seu tornozelo uivava de dor com cada passo, e o fato de caminhar logo se converteu em um martírio. Pensou no estojo de primeiro socorros, nos calmantes que a permitiriam andar. Em qualquer caso, tais remédios vinham em forma de pós ou comprimidos que teria que ingerir com água. O suco de casca de salgueiro lhe aliviaria a dor, mas também requeria água para diluí-lo.

Ao chegar ao pé das colinas observou as estreitas passagens. A escuridão envolvia as ravinas e penhascos e não podia ver suas formas. Estava aquele dali bloqueado com pedras? Tinha aquele de lá arbustos verdes que poderiam indicar a presença de água? Podia aquele ponto escuro significar uma caverna ou a guarida de um animal?

Qual deles devia escolher?

Enquanto percorria com o olhar a extensa desolação que descansava entre as colinas e o mar, percebeu movimento com a extremidade do olho. Ao se virar viu um animal. Estava observando-a.

Ficou petrificada ante a imagem dessa besta faminta que a olhava com íris amarelas. Um lobo.

Mal respirando, sem afastar os olhos do animal — uma criatura marrom e peluda de orelhas rígidas e cauda reta—, perguntou-se se era real ou uma visão. O vento assobiava pelos penhascos com um canto triste. A areia se elevava do chão formando uma névoa estranha.

Ulrika e o lobo estavam olhando-se fixamente. Ulrika não se atrevia a mover-se. Se a besta era real, atacaria-a.

Finalmente o lobo deu meia volta e se afastou trotando, com a cabeça erguida. Percorrido um trecho parou e olhou atrás. Ulrika teve a sensação que queria que o seguisse, mas em lugar de entrar nas colinas, procurando o amparo de uma rocha, o animal parou no meio da planície, onde Ulrika estaria desprotegida e vulnerável.

—Equivoca-te — murmurou à visão. Virou-se para um dos penhascos, onde vislumbrou uma caverna. Ali estaria a salvo.

Mas o lobo seguiu andando na outra direção. Parou para olhar atrás e ordenou com seus olhos amarelos que o seguisse.

«Levaria-me a um espaço desprotegido!», queria gritar. Mas o lobo aguardou até que Ulrika, incapaz de resistir a seu poder, obedeceu.

O animal parou por fim e esperou que Ulrika o alcançasse. Em seguida, sentou-se sobre as ancas, como um ídolo de pedra aguardando um sacrifício, e ficou olhando-a com seus penetrantes olhos amarelos, as orelhas levantadas e alertas.

—O que quer de mim? —perguntou-lhe Ulrika.

Nesse momento o animal se desvaneceu ante seus olhos como sombras ao meio dia, como o lobo do comandante Vatinio, e a deixou sozinha no meio desse páramo, com o tornozelo dolorido, a boca e a garganta seca e os chacais lançando seus uivos sobrenaturais ao céu. Ulrika sabia que não demorariam a espreitá-la outros depredadores.

Virou-se e avançou um passo, mas o tornozelo cedeu e caiu ao chão com um grito. Quando tentou levantar-se comprovou horrorizada que não podia. Era incapaz de caminhar.

O esgotamento se apropriou dela, como se até a última gota de energia a tivesse abandonado. Os olhos se encheram de lágrimas enquanto esfregava a perna e percebia que as criaturas da noite a rodeavam, observavam-na, esperavam.

Sentia às impessoais estrelas olhando-a, presenciando sua angústia. Sentia o céu negro e os ventos frios, sentia como a natureza seguia seu curso ignorando a mulher em perigo.

«Ajude-me!», gritou sua mente assustada, enviando o pedido silencioso à Mãe de Todos, a que tinha venerado toda sua vida.

Enquanto tentava reunir forças para arrastar-se até as colinas, pousou uma mão na concha de Sebastiano para tranquilizar-se. Visualizou o homem que amava, alto e forte, evocou sua voz, seu aroma, a sensação que lhe produziam seu calor e seu poder. Oxalá tivesse ido a Babilônia com ele.

Vencida pelo cansaço, recostou a cabeça e sentiu que a areia do deserto se convertia em erva fresca sob sua bochecha. Quando abriu de novo os olhos era meio-dia e sobre sua cabeça brilhava um céu azul. Frente a ela, rodeada de uma paisagem virgem e selvagem, havia uma mulher alta e bela que construía um altar de conchas. O vento agitava seus longos cabelos e cinzelava sua túnica branca em uma obra de mármore.

—Quem é? —perguntou Ulrika.

A mulher esboçou um sorriso enigmático e sussurrou:

—Já sabe.

Sabia. Era a antepassada da qual Sebastiano tinha falado. Uma antiga sacerdotisa chamada Gaia da que era descendente.

—Por que me aparece? —perguntou Ulrika.

—Para te dizer que não tem nada que temer.

O altar desapareceu e Ulrika voltou a encontrar-se no deserto zombador, sob um céu cheio de estrelas.

Então viu...

Sebastiano!

Chorou de alegria. Estava ali! No deserto da Judéia, caminhando para ela pela casca salobra do chão, com a capa ondeando sobre suas costas como a vela de um poderoso navio. Elevou os braços para ele.

—Sebastiano, voltaste!

Mas não era Sebastiano. Frente a ela havia um estranho. Não podia vê-lo bem porque sobre sua cabeça brilhava agora, como uma auréola, uma luz cegadora que se perdia no cosmos.

Então ouviu uma voz. Mais que ouvi-la, sentiu-a a seu redor. A voz de um homem que ordenava:

—Pede ajuda, Ulrika.

—Não posso. Se pedir ajuda os animais saberão onde estou.

—Já sabem. Estão se aproximando.

Conteve o fôlego e aguçou o ouvido. Escutou passos, ofegos, grunhidos.

Gelou-lhe o sangue. As bestas da noite estavam cada vez mais perto.

—Pede ajuda — insistiu a aparição—. Depressa! Agora! Grite Ulrika, enche a noite com sua voz.

Ulrika abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Tinha a garganta muito seca.

—Tente de novo! —disse a aparição—. Vamos, com todas suas forças!

Ulrika inspirou fundo, reuniu a pouca energia que ficava e, abrindo a boca ao máximo, gritou com todas suas forças:

—Socorro! Que alguém me ajude!

De repente uma luz cálida a envolveu como braços amorosos e a levantou do chão, como se estivesse flutuando em um mar dourado. Uma onda de compaixão e segurança a alagou. Ouviu que a voz, profunda e doce, dizia:

—Não tenha medo. Tudo irá bem.

E nesse momento Ulrika se sentiu tranquila e serena. Jamais tinha experimentado semelhante calma, semelhante quietude. Era formoso.

«Estou morrendo — pensou com indiferença—. Os animais me encontraram. Estão me devorando. A morte é isto. “Mas não me importa.»

—Olá? Há alguém aí?

Ignorou a voz. Era só sua imaginação. E não queria sair da luz, de seu calor doce e acolhedor. Queria ficar aí para sempre.

—Quem é?

Abriu os olhos. Piscou a um céu coberto de estrelas gélidas, notou o frio da noite, veloz e cortante, penetrando em sua pele. Aonde tinham ido o calor e a luz?

Inspirou fundo e tentou injetar vigor a seus membros. O que tinha ocorrido? Sentou-se trabalhosamente e olhou a seu redor. Às suas costas as colinas se elevavam negras e silenciosas. Frente a ela, o mar de sal refulgia como a prata sob a inquietante luz das estrelas. Quem tinha falado?

E nesse momento viu as luzes, pequenos brilhos que aumentavam de tamanho conforme se aproximavam.

—Há alguém aí? —disse uma voz—. Grite para que possamos te encontrar.

—Estou aqui! —uivou Ulrika agitando os braços—. Aqui, aqui!

As luzes se aproximaram um pouco mais e viu que eram tochas levadas por duas mulheres.

—Está bem? —disse uma delas.

—Está sozinha, criatura? —perguntou a maior das duas.

—Torci o tornozelo —respondeu Ulrika. As mulheres falavam um dialeto muito estendido nessa zona do império, uma mescla de grego vulgar e aramaico que lhe era familiar.

Agarrando-a pelos braços, levantaram-na do chão. A mais jovem, uma mulher de quarenta e poucos anos, mas robusta, sustentou-a e a ajudou a caminhar.

Sem dizer uma palavra, chegaram até um afloramento rochoso. Rodearam-no e subiram por uma rocha estreita onde, protegido do vento, Ulrika viu um punhado de tendas feitas com pele de cabra negra. A mulher maior entrou na tenda maior enquanto a outra deixava sua tocha fora, em um suporte, e ajudava Ulrika a entrar.

Agradecendo o calor e a luz, deixou-se cair sobre um leito de mantas e peles de ovelha. A mulher mais jovem estendeu uma taça de água e disse:

—Meu nome é Raquel, e ela é Almah. Bem-vinda a nossa casa e que a paz seja contigo.

Ulrika bebeu com avidez e disse seu nome.

—Estava segura que ia morrer. Não sei o que teria feito se não me tivessem encontrado.

—Não sabíamos que estava ali — disse Raquel—, mas a ouvimos pedir ajuda. Menos mal que ainda ficavam forças para gritar.

—Estive a ponto de não fazê-lo. —Ulrika tentou recordar a visão que tinha tido. Primeiro, uma sacerdotisa chamada Gaia e logo um estranho que parecia brilhar com luz interior. Foi ele quem ordenou que pedisse ajuda.

À medida que a água a avivava, seu cérebro começou a registrar detalhes da morada. A casa se Raquel era uma tenda típica do deserto com um poste no centro que mantinha o teto alto e criava um espaço esquentado por um braseiro de carvão e iluminado por lamparinas de bronze e terracota. O chão estava coberto de tapetes e sobre uma mesinha descansavam terrinas, utensílios diversos e um cântaro. Uma sandália e uma capa pequena e feminina pendiam de um gancho. Ulrika supôs que as outras tendas que tinha visto, menores que aquela, utilizavam-se como armazém, ou talvez houvesse outras pessoas dormindo nelas.

Com um sorriso, a mulher maior, Almah, de cabelo cinza e encurvada sob a roupa e o véu negros, estendeu-lhe um prato com pastas de figo e uma terrina com tâmaras.

—Obrigado — disse Ulrika, aceitando gostosamente o oferecimento.

Enquanto comia pensou em suas salvadoras. Raquel, de constituição magra, mas forte, usava um vestido longo preso à cintura com um faixa. O tecido era de suave lã marrom com raias verticais de cor nata, e sua cabeleira negra ficava oculta sob um véu de lã também marrom que caía sobre os ombros formando delicadas dobras. Não usava joias nem maquiagem, mas seu rosto era fascinante: anguloso e de tez morena, com olhos grandes e negros enrugados nas extremidades e emolduradas por pestanas negras e por grossas sobrancelhas da mesma cor. Ulrika se perguntou por que Raquel e sua companheira viviam sozinhas nesse lugar desértico. Ou acaso havia outras pessoas às que conheceria pela manhã?

—O que te aconteceu? —perguntou Raquel enquanto tomava assento em uma almofada grande e recolhia os pés sob a saia—. O que fazia sozinha aí fora?

Ulrika falou da busca de sua mãe em Jerusalém, de sua intenção de ir a Jericó e logo a Babilônia, e do abandono que tinha sofrido essa manhã.

—Meu asno perambula por aí com todos meus pertences.

—Encontraremos tudo pela manhã — assegurou Raquel—. Quando tiver terminado de comer, cuidarei de seu tornozelo. Está muito inchado.

—Obrigado — murmurou Ulrika, e se concentrou em sua comida. Depois, entretanto, notou que sua anfitriã a olhava com curiosidade.

—Quanto ao lugar onde caiu — disse finalmente Raquel—, estava ali por alguma razão?

—Por que o diz?

Raquel sorriu e meneou a cabeça.

—Por nada. E agora me deixe te enfaixar o tornozelo. Almah tem algo para a dor.

Ulrika aceitou uma tigela com uma bebida escura. Reconhecia o aroma. Sua mãe preparava em Roma esse mesmo tônico. Inundava em água pão de cevada cozido duas vezes, deixava-o fermentar em uma Cuba de barro e a seguir coava o líquido com um tecido para obter uma cerveja forte e medicinal.

Enquanto levava a tigela aos lábios pensou de novo na visão do deserto. Tinha sido muito mais vívida que as que tinha tido até o momento. Esta vez duas pessoas tinham falado diretamente com ela. Era possível que sua mente tivesse pregado uma peça? O que mais a inquietava, não obstante, era a sensação de paz e amor que a tinha envolvido, o doce estado do que, por uns instantes, não tinha querido sair.

Se tivesse se lembrado de praticar a respiração consciente para controlar a visão e fazê-la durar, teria ficado nela para sempre?

No dia seguinte, enquanto examinava o entorno, Ulrika se perguntou sobre o curioso conjunto de tendas dispostas em meio de um nada e habitadas exclusivamente por duas mulheres sem família nem amigos, sem um humilde servente sequer, com umas quantas galinhas e um par de cabras como única companhia.

Raquel tinha contado que a três milhas dali em direção norte, ao pé das montanhas, havia um oásis com um manancial natural que brotava da terra e dava vida a

palmeiras, peixes e aves. Várias famílias moravam ali todo o ano, e os viajantes se detinham nele para descansar. Raquel e Almah iam ao oásis para prover-se de água doce e outras provisões, mas não viviam ali, preferiam retornar àquele lugar solitário no alto de um árido penhasco.

Por quê?

Nesse momento ouviu passos e quando se virou viu que Raquel subia pela quebrada com seu asno; as esteiras e o estojo de primeiro socorros continuavam amarrados ao lombo.

—Não foi muito longe — disse com um sorriso—. Como está o tornozelo?

Estava melhor, embora não podia carregar peso. Mas Ulrika estava impaciente para reatar sua viagem a Babilônia, fosse com uma caravana ou com uma família que se dirigisse para lá e estivesse disposta a aceitá-la.

Enquanto Raquel atava a besta e descarregava as esteiras para levá-los para a tenda, Ulrika quis perguntar por que ela e Almah não viviam no oásis. Por que preferiam ficar naquele lugar onde não cresciam nem os espinheiros?

Raquel saiu da tenda, inclinou-se sobre a panela suspensa sobre um fogo, removeu a sopa de lentilhas e olhou Ulrika.

—Por favor — assinalou um tamborete instalado junto à porta da tenda—, descanse seu tornozelo.

Agradecida, Ulrika se sentou e virou o rosto para a brisa refrescante da manhã. Da posição estratégica desse pequeno acampamento se divisava a margem branca do mar de sal e o deserto que se estendia até o pé das colinas. Deu-se conta que podia ver o lugar onde tinha caído e tido uma visão que inclusive nesse momento, sob a reconfortante luz de um sol radiante, inquietava-a.

Percorreu o acampamento com o olhar, as tendas diminutas e vazias, a tenda maior de Almah, e a maior de todas, a de Raquel, que dava a um pequeno complexo formado por uma fogueira, vários tamboretas, um curral e duas cabras. Sobre uma rocha, secando, havia roupa que Almah lavava no oásis e trazia de volta sem pigarrear.

Quando Raquel reparou na curiosidade com que Ulrika olhava a seu redor, disse:

—Sou viúva, e meu marido faleceu antes que pudesse me benzer com filhos, de modo que estou sozinha. Outras pessoas viveram aqui durante um tempo, mas foram partindo e no final só ficamos Almah e eu.

Ulrika pensou nas virgens de Roma, uma seita de mulheres que faziam voto de castidade e levavam uma vida entregue à oração. Raquel, entretanto, era viúva — tinha reconhecido em sua tenda menor—, e ela nunca tinha ouvido falar de virgens viúvas.

—O que há na Babilônia para que tenha tanta pressa de chegar? —perguntou-lhe Raquel com um sorriso.

—Uma caravana que está a ponto de partir para o Extremo Oriente. O chefe da caravana, um comerciante chamado Sebastiano Galo, é... meu amigo. Separamo-nos em Antioquia quando tive que partir a Jerusalém porque acreditava que ali encontraria a minha mãe, mas prometi que se pudesse me reuniria com ele na Babilônia.

—Há algo especial na Babilônia?

Ulrika olhou pensativa a Raquel. Ela possuía uma voz peculiar. Grave para uma mulher, mas doce e reconfortante. A fazia pensar em mel quente. Uma voz que não passava inadvertida. Perguntou-se até onde podia contar a sua anfitriã — visões que eram um presente dos deuses e a necessidade de procurar um lugar chamado Shalamandar, o lugar de sua concepção—, a tomaria por louca.

—Estou procurando algo — respondeu—. Contaram-me que está atrás do vento do leste, em montanhas que não têm nome. Sebastiano está me ajudando a encontrá-lo.

Raquel removeu a sopa e acrescentou um beliscão de sal.

—Sebastiano é um bom amigo?

—Só faz um ano que o conheço, mas tenho a sensação de conhecê-lo toda a vida. —E as palavras começaram a sair a fervuras de sua boca: o dia em que conheceu; Sebastiano no acampamento de caravanas, a viagem a Germânia em sua companhia, a forma em que a resgatou de seus assaltantes no bosque, a noite que passaram ocultos na caverna. a viagem de volta a Roma, como se foram conhecendo, a travessia pelo mar, a noite chuvosa na estalagem de Antioquia. Ulrika avermelhou ao dar-se conta que suas frases começava com « Sebastiano... ».

Raquel se sentou a seu lado com duas terrinas de sopa e estendeu uma.

—Quando me apaixonei por meu Jacob não fazia outra coisa que falar dele. Às vezes simplesmente pronunciava seu nome porque eu adorava ouvi-lo e senti-lo em minha boca. Você pronuncia o nome de Sebastiano do mesmo modo.

Entre ambos os tamboretos havia uma mesa pequena sobre a qual descansavam um prato com um pão plano e redondo, uma terrina com sal e duas taças de água. Comeram em silêncio, agarrando as grossas lentilhas com o pão, duas mulheres absortas em seus pensamentos, intrigadas uma pela outra, meditando sobre a singularidade daquele momento, duas mulheres de mundos muito diferentes compartilhando uma comida singela.

Quando terminaram de comer, Ulrika fez gesto de levantar-se, mas Raquel inclinou a cabeça e disse:

—Hav IAN ou-nevarek...

Ulrika escutou educadamente enquanto Raquel pronunciava uma oração.

—Depois de comer sempre damos graças a Deus — explicou quando terminou.

Ulrika recordou que a noite prévia, depois de apagar a última lamparina de azeite antes de dormir, Raquel tinha pronunciado uma oração em hebraico. E o mesmo tinha feito pela manhã ao levantar-se.

—A oração está sempre presente em nossas vidas — prosseguiu Raquel—. A oração é testemunha de nossa aliança com Deus. Confirma e renova diariamente nossa fé.

Enquanto recolhia as terrinas, disse:

—Levarei você ao oásis para que possa se banhar. Eu vou uma vez ao mês para o mikve, o banho ritual que segue ao ciclo menstrual, a uma laguna afastada a que só vão mulheres. Há muita intimidade.

Passaram os dias e Ulrika se adaptou ao ritmo da estranha vida de Raquel e Almah. Quando seu tornozelo sarou, foi com elas ao oásis para trocar ovos de galinha e queijo de cabra por água, tâmaras e pescado. Um dia trouxeram gafanhotos vivos, os quais Raquel deixou ao sol dentro de uma cesta até que pereceram. Logo se sentou e com muita paciência arrancou as asas, as patas e a cabeça, e os assou no forno de barro como um aprimoramento. Cozinhou ovos de galinha servidos com um molho de pinhões e vinagre. De sobremesa, amêndoas e pistaches assados com mel. Pelas noites, quando o sol descia e

o silêncio se apropriava do vale de sal, as três mulheres bebiam, com moderação, vinho de tâmaras rebaixado com água.

O interesse de Ulrika por sua anfitriã crescia com os dias. Em sua tenda não havia ídolos de divindades, nem relíquias de antepassados, nem altares para oferendas. Pouco sabia da religião dos judeus salvo que seu deus era invisível e, portanto, nunca esculpiam seu retrato. Cada manhã e cada noite Raquel saía da tenda para rezar a seu deus, ao que chamava «Pai». Sua fé, além disso, parecia ter muitas regras relacionadas com a comida, chamadas kosher, e Ulrika se maravilhava que pudesse recordar todas elas.

Passavam as noites conversando frente ao fogo, sob as estrelas primaveris, e enquanto Ulrika reparava suas sandálias e Almah trabalhava no tear, Raquel cortava verduras e contava histórias sobre heróis do passado.

—A história judia está repleta de relatos de heróis valorosos — explicava com sua voz grave e doce—. Está David, que matou o gigante. Um camponês chamado Saul que se converteu em rei. Gideon, que venceu os medianitas com um punhado de homens. Moisés, que tirou os israelitas do Egito, e José, que salvou da fome uma nação inteira. Nós vemos esses antepassados como heróis, mas em realidade eram homens fracos. David, quando matou Golias, era apenas um moço. Saul provinha de um clã pequeno e insignificante. Gideon pertencia a um clã fraco e ele era o mais fraco de todos. Moisés era lento de fala e suplicou a Deus que encomendasse a outro a tarefa de tirar os judeus do Egito. E José era um escravo. Nenhum desses heróis tinha uma vida admirável ou destacava por algo em particular. Os rabinos nos contam que Deus escolheu deliberadamente esses homens porque Ele se mostrava forte através de sua debilidade.

Através de sua voz convincente, seu olhar penetrante e os elegantes gestos de suas mãos, Raquel conseguia cativar à audiência, as fazer ver, sentir e ouvir a história que estava relatando. Tinha uma forma única de fazer que o passado cobrasse vida, e seu público continha a respiração à espera de mais. Ulrika disse que possuía um dom estranho e especial e perguntou se alguma vez tinha contado seus fabulosos relatos às pessoas do oásis.

—Não tinha pensado nisso — respondeu Raquel, mas Ulrika se deu conta que a ideia de compartilhar suas histórias sagradas a atraía—. Talvez o faça. Pelo menos minhas histórias entretêm e mantêm a raia os medos noturnos.

Raquel, não obstante, entregava-se a uma prática que Ulrika não podia entender e sobre a que não ousava perguntar por descrição. Saía periodicamente do acampamento e se dirigia a um lugar afastado, longe de tudo, onde se sentava, cobria o rosto com as mãos e se balançava ritmicamente ao mesmo tempo em que sussurrava em voz baixa.

A princípio acreditou que chorava; uma viúva que recordava a perda de seu marido e se encerrava para atender sua dor. Mas logo observou que sempre retornava com um sorriso, os olhos secos e sem amostras de ter chorado. Finalmente perguntou que fazia.

—Meditação — respondeu Raquel—. É mais poderosa que a prece porque centra a mente. Através da concentração pode conectar com o divino.

O divino...

Ulrika se deu conta que queria a opinião e o conselho dessa mulher, e intuía que podia confiar nela. Assim, deixou de lado sua sandália quebrada e os cordões de couro e disse:

—Me disseram que possuo um dom espiritual que chamam de profecias.

Conhece-o?

Raquel negou com a cabeça.

—Mas na história de meu povo há muitos que possuem um dom espiritual.

Profetas e visionários.

Ulrika falou de sua busca pessoal.

—Compartilharei contigo minha meditação — disse Raquel.

E procedeu a descrever uma técnica apoiada na visualização e a repetição de uma palavra ou frase enquanto Ulrika escutava atentamente.

—Terá que praticar muito, pois a mente tem vontade própria e não se deixa dominar com facilidade. Por isso é melhor meditar em um lugar afastado. Os rabinos nos dizem que quando uma pessoa reza ao ar livre, os pássaros se somam à oração e aumentam sua efetividade, por isso o mesmo deve ocorrer com a meditação. —Depois de uma pausa acrescentou—: Talvez esta meditação te ajude a entender sua conexão com o divino.

Aproveitando que Raquel parecia ter aberto uma porta pessoal, Ulrika decidiu formular outra pergunta que tinha rondado nos seus lábios desde sua chegada.

—Raquel, o que ata a este lugar? Não preferiria viver em um povoado ou cidade? Vêem a babilônia comigo.

—Sigo servindo a meu marido.

—Embora esteja morto?

—Algum dia voltará — repôs Raquel com um sorriso.

—Do que está falando?

—Jacob e eu nos reuniremos na ressurreição. —Vendo que Ulrika não a entendia, explicou—: No livro de Job está escrito: «Uma vez mais minha pele me vestirá e em minha carne verei a Deus». Outro profeta, chamado Daniel, disse que quem jaz, dormindo na poeira despertarão e gozarão de vida eterna. E nosso Mestre, que foi crucificado em Roma, disse que ressuscitaremos no último dia. —Dito isto, acrescentou—: Porque confio em ti, Ulrika, e pelas circunstâncias em que nos conhecemos, vou contar-te algo que não contei a ninguém. Meu marido está enterrado aqui e é minha tarefa nesta vida proteger sua tumba. Por isso continuo aqui.

Ulrika olhou em redor, mas não viu nada que indicasse a presença de uma tumba.

—A que se refere com o das circunstâncias em que nos conhecemos?

—No lugar onde Almah e eu a encontramos, onde torceu o tornozelo e pediu ajuda, está enterrado Jacob.

Ulrika abriu muito os olhos.

—Estava estendida sobre uma tumba?

—Faz onze anos meu marido foi assassinado por seus inimigos políticos. Eu sabia que a perseguição não terminaria com sua morte, que não se dariam por satisfeitos até que arrojassem seus ossos ao vento, de modo que alguns amigos leais e eu transladámos o corpo de meu Jacob aqui e o enterramos em um lugar secreto, sem sinais de nenhum tipo, sem nada que indicasse que repousava ali. Meus amigos ficaram comigo, mas com o passo dos anos foram partindo. Por isso não vivo no oásis nem posso ir a Babilônia contigo, porque devo custodiar constantemente o lugar de repouso de meu marido, protegê-lo de seus inimigos.

Ulrika ficou atônita. Ela não tinha escolhido o lugar: o espírito de um lobo a tinha conduzido até ele. Recordou então a poderosa visão que tinha tido ali, o homem de cujas mãos e cabeça irradiavam uma luz cegadora.

Ulrika não podia deixar de pensar na meditação de Raquel. Se através da meditação as pessoas conectavam com o divino, não poderia conectar ela com a adivinhação?

Escolheu um dia que Raquel e Almah partiram ao oásis. Com ajuda de uma bengala, pois ainda tinha o tornozelo dolorido, caminhou até o lugar onde as duas mulheres a tinham encontrado ferida e suplicando ajuda. Imaginava que podia experimentar com a meditação em qualquer lugar desse deserto, mas era nesse ponto onde tinha tido duas visões intensas. E onde havia um homem enterrado. Talvez o enclave possuísse uma energia especial e por isso as visões tinham sido tão extraordinárias.

Rememorando os passos que Raquel tinha enumerado, sentou-se de frente ao vento, com a superfície brilhante do mar de Sal ao longe. Cruzou as pernas, cobriu o rosto com as mãos e se concentrou em respirar lentamente mediante o controle dos pulmões. Uma vez que sua respiração se fez profunda e pausada escolheu uma imagem em que centrar sua atenção. «Escolhe algo pessoal — tinha aconselhado Raquel—. “Algo simples e puro.» Assim Ulrika evocou a chama interna que arde em todas as almas e procedeu a sussurrar uma prece. Conforme repetia as palavras e suas mãos apagavam o mundo, começou a balançar-se, pois, como dizia Raquel, «Pomos a rezar todo o corpo, de maneira que rezamos até com nossos ossos e tendões».

Ulrika observava a luz interior, chama da alma, enquanto enviava sua prece ao cosmos: «Compassiva Mãe de Todos, escuta meu pedido. “Compassiva Mãe de Todos, escuta meu pedido». E pouco a pouco começou a notar que a invadia uma paz doce, que seus medos e inquietações se desvaneciam. A imagem da chama cresceu até que pôde notar seu calor, e estremeceu ao pensar que o homem deslumbrante que a tinha enchido de ditoso êxtase estava a ponto de materializar-se.

Em seu lugar, uma paisagem selvagem de rochas e colinas verdes apareceu no olho de sua mente. Árvores retorcidas por ventos implacáveis encheram sua visão interior e viu o altar de conchas e à formosa mulher da túnica branca.

Era novamente Gaia, a longínqua antepassada de Sebastiano Galo.

Ulrika formulou uma pergunta em sua mente.

—Pode me ajudar, venerável senhora?

—É arrogante, filha — disse Gaia—. Não vem a este lugar sagrado com um coração humilde, mas procurando êxtase e sorte. E é impaciente e impulsiva. Recorda sua imprudência na Germânia, quando deixou a caravana e pôs em perigo seus companheiros.

—Lamento-o — disse Ulrika, surpreendida pela reprimenda e reconhecendo que a tinha merecido—. Mas desejo entender meu dom. O que é a profecia? O que devo fazer com ela? E onde está Shalamandar?

—Muitas perguntas em sua arrogância. Desejas que tudo chegue sem esforço por sua parte. Vence seus defeitos, filha. Transforma seus pontos fracos em pontos fortes e seu poder espiritual crescerá.

—Mas como o faço?

—Terá que te ensinar, deve aprender.

—Mas já aprendi. Estou fazendo as coisas bem.

—Ainda não está preparada. Ainda não aprendeu tudo o que precisa saber.

—E de quem devo aprender? —gritou Ulrika. Este silêncio é absurdo. Sou uma estudante acostumando-se a si mesmo!

A paisagem titilou e se tornou imprecisa. Agora via palmeiras e estrelas, e de novo Sebastiano caminhando para ela.

—Gaia! —chamou—. Volte, por favor.

Ulrika se encontrou então na estalagem de Antioquia, a qual também começou a esfumar-se, e de repente apareceu na caverna do xamã da Germânia.

«Não posso controlar minhas visões...»

Evocou uma vez mais a chama interior, lutou com sua respiração, repetiu a prece, mas as visões esfumavam e a chama apagava, e quando finalmente afastou as mãos do rosto viu que o sol se achava próximo ao horizonte de poente e que estava tombada de lado sobre a areia.

Dormiu!

«Gaia tem razão — pensou decepcionada—. Vim aqui com um coração arrogante, segura de que tinha dominado meus pensamentos, segura de que tinha aperfeiçoado a meditação de Raquel. Ainda não tenho o controle. “Meu dom segue escondido.»

Mas quando se levantou com a ajuda da bengala compreendeu que, embora continuasse sem obter respostas, estava contente com seu novo avanço: a visão da Gaia

não tinha chegado espontaneamente. Ela tinha dirigido a visão, ela tinha escolhido o momento e o lugar.

Sabia que era o primeiro passo para o controle de seu dom. Não tinha dúvida de que a partir desse momento seu poder cresceria.

O tornozelo de Ulrika sarou e chegou o momento da despedida. Uma pequena caravana de vinho parou no oásis e o proprietário tinha aceitado levá-la até Petra, situada em um cruzamento importante em direção sul, onde Ulrika encontraria outra caravana que a levasse para o leste, à Babilônia.

Raquel e Almah a acompanharam até o oásis. Almah chorou e a abraçou como a uma filha.

Ulrika se virou logo para Raquel, essa nova amiga a que nunca esqueceria.

—Tenho um presente para você — disse.

Em uma de suas primeiras noites no acampamento Ulrika tinha perguntado: «renunciaste a muitas coisas. O que é que mais sente falta?». E Raquel, depois de meditar um instante, respondeu: «Perfume».

Ulrika abriu seu estojo de primeiro socorros e tirou um frasco de cristal fechado com cera. Um hieróglifo egípcio identificava o valioso conteúdo. Apertando-o contra a palma de Raquel, disse:

—É azeite de açucenas. Acalma o coração aflito.

Raquel, por sua parte, pendurou no pescoço de Ulrika um talismã, que se somou à concha e a cruz de Odín. Era pequeno, lavrado em cedro, e pendia de um fio de cânhamo.

—Chamam-no de Magen David — disse —, que significa a Estrela de David.

—O talismã, observou Ulrika, consistia em dois triângulos sobrepostos que formavam uma estrela de seis pontas—. No trajeto até Babilônia —disse Raquel— entrará em comunidades judaicas. Quando virem a estrela, a acolherão como a um dos seus.

—Conte suas histórias no oásis como me contava, Raquel.

—Farei. —Estreitou-lhe as mãos e disse—: «Sairá com alegria e em paz serão conduzidos. “As montanhas e as colinas se elevarão em cânticos a seu passo». É do

profeta Isaías. Que Deus te abençoe e a paz seja contigo, Ulrika. Rogo que encontre o que está procurando.

LIVRO 5

Babilônia

Eram seis irmãs em busca de marido e esperavam encontrá-lo na Babilônia.

Ulrika suspeitava que as mulheres, dentre treze e vinte e quatro anos, não tinham recebido uma informação de tudo precisa, mas estavam contentes e iludidas e tinham alegrado a viagem do oásis de Bir Abbas, onde se somaram à caravana de linho e relataram sua extraordinária história. Seu pai, viúvo, não tinha tido mais remédio que vender sua casa e suas ovelhas e oferecer-se como escravo para pagar dívidas de jogo. Por

isso se viu obrigado a enviar suas filhas a percorrer mundo com a esperança de que encontrassem uma vida melhor.

Viajavam na parte traseira de uma carreta puxada por mulas, sete mulheres jovens, duas avós e um carpinteiro ancião, balançando com o estalo continuado enquanto, ao longe, divisavam as torres e fogueiras da Babilônia. Ulrika tinha se unido à caravana em Petra, cidade em que um comerciante babilônio tinha levado sacos imensos de fibras, sementes e flores para vender a fabricantes de linho, remédios e tinturas. Para encher seus carros vazios na viagem de volta aceitava passageiros de pagamento que subiam e desciam em diferentes assentamentos e granjas com o passar do caminho. A caravana estava chegando ao final de sua viagem bianual e os passageiros ansiavam um prato de comida, um quarto e um chão firme sob os pés.

O entusiasmo de Ulrika foi aumentando. Depois de várias semanas no deserto, acampando em oásis, viajando a pé e em carreta, sempre em marcha, voltava a notar a brisa fresca do rio Eufrates no rosto. Pouco a pouco o deserto tinha sido deixado para trás dando lugar a granjas de vegetação exuberante, bosques frondosos de palmeiras e campos de trigo e cevada. Agora apareciam pântanos e lagunas sobre as quais se elevavam aves aquáticas variadas. Mais à frente uma franja azul descia indolentemente entre ribeiras povoadas de álamos e tamareiras para desaparecer sob os muros da cidade — A Babilônia se sentava sobre o Eufrates— e emergir pelo outro lado, levando água a ovelhas e cabras sedentas.

Enquanto a pequena caravana se aproximava da porta de Adad, entrada principal do muro do oeste pela qual circulava um tráfico denso, Ulrika recitou em silêncio uma oração de agradecimento à Mãe de Todos. Tinha chegado ilesa ao final da viagem e se dispunha a reunir-se com o homem que amava. Seu amor crescia com cada amanhecer, quando abraçava em seu coração e sua mente o belo Sebastião, imaginava seu cabelo dourado sob o sol, escutava sua voz grave e firme, via suas covinhas ao sorrir. Embora muitos membros da caravana tinham intenção de descer ali e entrar na cidade a pé, Ulrika a seguiria até o extremo sul da cidade, onde haviam dito que acampavam as caravanas que se dirigiam ao leste. Sabia que ali encontraria Sebastião.

Quando os chefes das caravanas se cruzavam nas numerosas rotas comerciais do Império romano, trocavam fofocas além de artigos. Durante seu último acampamento, no oásis de Bir Abbas, o mercador de linho tinha compartilhado sua fogueira com um comerciante de vinho que se dirigia ao oeste, quem falou de uma grande caravana que estava organizando um Espanhol, sob o auspício do imperador romano, para uma viagem diplomática a China.

Ulrika soube que se referia a Sebastiano, e estava segura que Sebastiano continuava na Babilônia porque havia dito que partiria depois do solstício de verão, o qual não se celebrou ainda.

A caravana abriu passo entre os assentamentos abarrotados de gente que chegava à cidade procurando trabalho. Ulrika tinha ouvido falar do poder do Marduk, considerado por seus seguidores a deidade mais poderosa do universo. «Consultarei seus sacerdotes — pensou—. Talvez Marduk possa me dizer onde está Shalamandar.»

O comerciante de linho deteve brandamente a fileira de animais e carros, e as pessoas com as que Ulrika tinha compartilhado veículo recolheram seus fardos e se prepararam para entrar na cidade a pé. Despediu-se das seis irmãs e desejou sorte.

Quando a carreta chegava ao caminho que cruzava a porta de Adad — um arco imenso com sentinelas nas torres e bandeirolas de cores ondeando ao vento — se ouviu de súbito um estrondo de trompetistas. Instantes depois cavaleiros atravessaram a porta a galope, gritando: «Abram passo! Abram passo! Prostre em honra ao deus Marduk!».

O comerciante de linho freou seu carro ao mesmo tempo em que o faziam os veículos e transeuntes das vias adjacentes. Ouviu-se um fragor de tambores e Ulrika reparou em que justo atrás dos cavaleiros partiam homens esmurrando seus tambores em uníssono para criar um som formidável.

—O que ocorre? —perguntou ao comerciante de linho.

—Estão desfilando com o Grande Deus — explicou—. Dizem que se conseguir ver Marduk a sorte te sorrirá, assim mantém os olhos bem abertos.

À espera que a procissão passasse, Ulrika virou o rosto para o leste, para as palmeiras e o céu azul que abraçava o assentamento das caravanas.

«Esta noite —pensou com o pulso acelerado— estarei com Sebastiano...»

—Meu amigo, foi um prazer fazer negócios contigo. Prometo que meus excelentes vinhos abrirão muitas portas, farão que os homens desejem te entregar suas filhas virgens. Sustento, com toda modéstia, que minhas uvas são a inveja inclusive do próprio Marduk.

Sebastiano sorriu ao loquaz babilônio enquanto fiscalizava pela última vez os animais e a carga que transportavam. Tinha somado a sua caravana vinho armazenado em jarras de prata, tal como tinham feito os fenícios durante séculos, porque a prata impedia sua deterioração. E também mulas com bolsas de leite fresco amarrados aos lados. Dentro das bolsas se iniciaria um processo de fermentação que cortaria o leite. O movimento constante dos animais dissolveria o queijo resultante em coalhada, e o líquido restante, o soro, proporcionaria uma bebida potável no caso de que não encontrassem água.

A caravana de Sebastiano estava pronta para partir. Só tinha que esperar que passassem as celebrações do solstício.

No momento, esperava que Ulrika aparecesse e poderia persuadi-la que o acompanhasse em sua viagem ao Oriente.

Era uma esperança vã? Perguntou-se. Com certeza Sifax a tinha entregue sã e salva à sua mãe em Jerusalém, onde Ulrika teria averiguado onde estava Shalamandar. E agora se achava caminho de Babilônia para reunir-se com ele. Pode que já estivesse perto e o mesmo vento que acariciava seu rosto estivesse acariciando o dela.

—Obrigado por sua ajuda, Jerash. —Agarrou o babilônio pela mão e deu um apertão firme.

Embelezado com uma túnica de franjas vistosa e um chapéu com forma de cone, Jerash era primo de um homem com o que Sebastiano tinha cercado amizade em Antioquia, e agora Jerash tinha dado nomes de familiares que viviam em assentamentos repartidos ao longo da rota do leste.

—Não tem mais que mencionar meu nome, nobre Galo — disse ao mesmo tempo em que introduzia uma mão em um bolso profundo com bordados e tirava umas tabuletas de barro—, e entregar estas cartas de apresentação a meus tios e primos, e lhe oferecerão toda a ajuda que necessite. Sua missão a China será como cavalgar sobre uma

suave brisa, meu amigo. Os deuses o levarão sobre seus ombros e voará como uma pomba!

Perto dali, sentado com Néstor no acampamento, onde seu filho com cara torta se achava removendo um guisado de cordeiro e verduras, Timónides escutava a conversa de Sebastiano e do babilônio com amargura. Só ele sabia que a caravana de Sebastiano a China não seria nenhum voo de pomba porque a rota estava infestada de escolhos, armadilhas, traições e contratemplos, nada do qual era evidente a simples vista. Só Timónides estava a par dos grandes perigos que se moravam, porque só ele tinha lido os astros de seu senhor e visto as desgraças que o aguardavam.

E a culpa de tudo tinha o astrólogo Timónides! Não podia deixar de falsificar seus horóscopos, tinha que seguir mentindo, tinha que manter Sebastiano avançando para o leste para salvar Néstor de uma execução certa. A indignação de Antioquia não tinha chegado ainda a Babilônia, mas os caminhos do correio real com o passar do Eufrates eram rápidos e eficientes. Uma palavra de um juiz a outro juiz e os guardas da cidade estariam esmurrando portas, levantando tapetes e girando cubas em busca do assassino do amado Bessas, o homem santo.

A preocupação quase o impedia de comer.

As estrelas não mentiam. Sebastiano deveria estar nesses momentos em algum lugar ao sul de Antioquia, pode ser em Petra já. Em qualquer lugar menos ali! Mas Timónides, intérprete da vontade dos deuses, continuava insistindo com seu senhor para avançar para o este, proferindo maldições e sacrificando sua própria alma imortal. Porque não tinha dúvida que ia ao inferno por aquele sacrilégio. E isso não era tudo. O fato de levar Néstor na caravana convertia Sebastiano em cúmplice involuntário de um crime. Seu senhor estava ajudando um fugitivo, o que significava que também ele seria executado no caso de os pararem.

Por que não se punham em marcha de uma vez? Timónides tinha proposto que não se atrasassem mais e partissem esse mesmo dia, mas sabia que Sebastiano estava pensando nessa moça! Ulrika era como uma doença insidiosa que abria passo sob a pele de Sebastiano. Timónides via seu senhor deter cada noite seu trabalho para contemplar com saudade o horizonte do oeste e pensar na garota de cabelos claros que o tinha enfeitiçado.

Tinha estado tentado a falsificar um horóscopo e insistir na partida, mas teriam sido muito pecados. Sempre que pudesse ser sincero o seria. Além disso, para que pôr a prova seu senhor. E se lhe dizia que os deuses persistiam que se fossem de uma vez e Sebastiano, decidido a esperar a Ulrika, negava-se a obedecer?

Se por acaso isso fosse pouco, Sebastiano estava considerando a possibilidade de alterar o primeiro lance da viagem para agradar essa moça. Tinha perguntado por aí sobre o Shalamandar, mas ninguém tinha ouvido falar desse lugar. Ulrika havia dito que estava na Pérsia, por isso Sebastiano tinha declarado sua intenção de ir primeiro ao norte para acompanhá-la até seu destino antes de se pôr rumo à China.

Pensando, com um suspiro, que os filósofos tinham razão quando diziam que o amor e a sensatez eram incompatíveis, retornou às suas cartas e instrumentos para o horóscopo do meio-dia. Estava calculando pela segunda vez os astros de seu senhor tendo em conta o cometa que tinha aparecido em sua casa lunar e a inesperada estrela fugaz que tinha passado frente a Marte, quando parou em seco e o café da manhã de berinjelas e alho subiu até a garganta.

«Outra vez não...»

Quis gritar contra a injustiça da vida. Destinado para sempre a ler as estrelas de outras pessoas, Timónides, o astrólogo, abandonado em uma pilha de lixo quando era um bebê, esperava que os deuses revelassem algum dia a seu humilde servente os astros de seu nascimento. Com esse fim tinha tentado manter pura sua prática astrológica.

Mas os deuses eram retorcidos. Jogavam com ele, atormentavam-no. Lançavam-lhe raios de esperança para logo fazê-los migalhas.

A moça estava na Babilônia.

Não existia a mínima dúvida. O horóscopo de Sebastiano tinha mudado. Os dois amantes se dispunham a cruzar-se de novo.

Assim, apesar de suas promessas, devia falsificar uma vez mais sua leitura. Não podia permitir que Ulrika se unisse à caravana. Néstor tinha estado bem na viagem desde a Antioquia e durante sua estadia na Babilônia, mas se voltasse a gozar da companhia de Ulrika, com certeza cometeria outro crime para agradá-la.

Embora isso significasse enviar sua alma imortal ao inferno, Timónides tinha que proteger seu filho.

—Senhor — chamou levantando-se da mesa—, por fim dei com ela. Os astros revelaram o paradeiro de Ulrika.

Sebastiano se virou para ele com um sorriso tão esperançado que o astrólogo temeu que a berinjela fosse sair pela boca. Tragando de novo a bílis, disse:

—Está em Jerusalém com sua mãe e sua família.

O sorriso se converteu em um cenho franzido.

—Tem certeza?

—As estrelas não mentem, senhor. Embora a moça abandonasse hoje Jerusalém, demoraria semanas em chegar a Babilônia. Em seu futuro, não obstante, não aparece nenhuma viagem. Sua intenção é ficar em Jerusalém.

Ao ver a decepção no semblante de Sebastiano o coração se encolheu. Queria ao jovem Galo quase tanto como Néstor. Amaldiçoando sua vida, amaldiçoando aos pais que o abandonaram em uma pilha de lixo, amaldiçoando a Babilônia e aos deuses e inclusive às estrelas, acrescentou:

—Há algo mais. O cometa de ontem à noite e a estrela fugaz sobre Marte indicam que devemos partir imediatamente. Não podemos ficar outra noite nesta cidade. É de vital importância, senhor.

—Mas ainda faltam dias para o solstício de verão!

—Senhor, esta caravana sofrerá uma grande desgraça se nos demoramos.

Hoje é o dia mais propício para a partida. Os deuses o deixam muito claro.

Sebastiano meditou sua decisão.

Na Babilônia tinha dedicado seu tempo a reunir informação sobre a China. Não era muita. Os artigos procedentes daquela terra longínqua nunca chegavam a essa parte do mundo de forma direta, mas através de uma série de intermediários. Um cilindro de seda a China podia passar pelas mãos de vinte comerciantes antes de atracar ao mercado de Babilônia. O mesmo acontecia com a informação. Os nomes de lugares eram vulneráveis às viagens, de modo que cada indivíduo com o que falava, cada mapa que consultava, mostrava nomes diferentes para as cidades e os acidentes geográficos.

Um deles, entretanto, mantinha-se mais ou menos constante: a cidade onde tinha sido entronizado o imperador da China. Sebastiano tinha por fim um nome, um objetivo identificável no que centrar-se cada manhã e cada noite e manter em sua mente como uma estrela fixa.

—Está bem — disse a contra gosto—. Onde está Primo? Timónides, envie a alguém à cidade em sua busca.

—Sim, senhor —respondeu com grande alívio o astrólogo. Mais adiante, na seguinte cidade, vale ou montanha, quando Ulrika já não fosse uma ameaça, ofereceria um sacrifício a todos os deuses que lhe ocorressem, faria penitência e, se fosse necessário, jejuaria e permaneceria celibatário. Faria o que estivesse em sua mão para voltar a estar em graça com o divino.

—Se assegure que Primo se apresse em voltar — disse Sebastiano antes de se virar e encaminhar-se à sua tenda redigindo mentalmente a carta que ia escrever a Ulrika e a deixar aos cuidados chefe do acampamento.

Do outro lado do rio, à sombra do templo de Shamash, Primo, legionário retirado, administrador da vila de Galo em Roma e agora assistente da caravana de seu senhor, estava deitado em um leito enquanto uma prostituta massageava seu grosso pênis. Não tinha a cabeça posta na mulher e seus cuidados carnavais, mas na longa viagem que ele e seus homens especialmente treinados se dispunham a empreender. Repassou as coisas das que devia ocupar-se nesse dia: provisões, armas, lista de voltas.

A prostituta sentou escarranchada sem dizer uma palavra. Essas eram sempre suas instruções: «Não fale». Primo só podia desfrutar de uma mulher se esta não tivesse nome, e inclusive então era mais uma necessidade que um gozo.

Deixando a prostituta fazer todo o trabalho, o veterano de campanhas militares decidiu que seu melhor arqueiro, um bitínio chamado Zipoites, seria o homem idôneo para obter informação secreta durante a viagem: era o bastante robusto para passar por um gordo mercador, ninguém suspeitaria de sua força ou de sua experiência como combatente. Sim, Zipoites seria o homem que enviaria aos assentamentos que houvesse com o passar do caminho e a visitar os botequins para falar com os aldeãos. Zipoites aguentava bem o vinho enquanto outros soltavam a língua. Era hábil surrupiando informação de...

—Argh — ofegou. Deixou sair um grito ao alcançar o clímax e então ficou na cama enquanto a prostituta se levantava e cobria sua nudez com uma túnica. Fora, a cidade

da Babilônia bulia com a habitual agitação de cidadãos que iam e vinham pelas ruazinhas absortas em suas próprias preocupações, medos, esperanças e desejos. Estavam se preparando para as celebrações do solstício de verão da semana próxima, o que queria dizer que também se preparavam para uma estação de calor e pó. Muitos não tinham trabalho, de modo que seus pensamentos tinham a ver com a comida e os deuses.

Mas Primo trazia sem cuidado aquela cidade e seu povo. Sua missão era assegurar-se que seu senhor, Sebastiano Galo, chegasse são e salvo a China e suas missões diplomáticas com o Oriente fossem um êxito.

Então estava a missão secreta encomendada pelo próprio Nero César...

Enquanto voltava a por sua velha indumentária de soldado — túnica branca, peitilho de couro e sandálias militares atadas até o joelho — cuspiu no chão. Teria preferido que não o tivessem recrutado para a rede de espionagem de Nero. Pensava obedecer, é obvio. Sua lealdade estava com seu senhor, o homem que o tinha salvado de uma vida de mendicância, mas um maior sentido do dever como soldado o impulsionava a manter-se fiel ao imperador e ao império. Embora isso significasse trair o homem ao que queria.

Antes de partir introduziu uma mão na bolsinha de couro que pendurava da cintura, onde levava o dinheiro e seu talismã da sorte: a ponta de bronze de uma flecha que um médico militar tinha extraído do peito enquanto nomeava a Primo o homem mais afortunado da terra, pois a flecha germana não tinha atravessado o coração por milagre. Tirou uma moeda e a jogou no leito. Tinha um César gravado, o que indicou à prostituta que era autêntica. Primo não a olhou no rosto. Elas nunca o olhavam.

Quando se afastava pela rua das Rameiras caiu na conta que cada vez se separava de suas mulheres de pagamento com uma sensação de satisfação menor. Satisfaziam-no fisicamente. Primo não tinha problemas para conseguir uma ereção e chegar ao orgasmo. Mas ultimamente partia dos bordéis com uma sensação de vazio.

E tirava o chapéu pensando em uma mulher que tinha conhecido muito tempo atrás, a mulher de sua vida, a mulher a quem tinha entregado seu coração.

Naquele tempo Primo e seu regimento estavam atravessando um povo pequeno e anônimo a mais, quando seu centurião o enviou na frente para que procurasse o ferreiro. Era um dia da primavera, recordava Primo, com um céu azul salpicado de

esponjosas nuvens brancas, o perfume das flores no ar, uma brisa fresca e cheia de promessas. Entrou em um beco, martelando os paralelepípedos com suas botas, quando, de repente, viu-se rodeado por uma turma de homens encolerizados. Iam armados com paus e adagas e pareciam decididos a usá-los.

O ódio aos soldados romanos era universal com o passar do império, sobre tudo nas regiões recém conquistadas, por isso Primo sabia que a raiva desses homens era fresca e intensa. Atacariam sem pensar e não refletiriam sobre a insensatez de seus atos até mais tarde, quando se encontrassem cravados a uma cruz. Estava baralhando a possibilidade de os acautelar sobre o que se dispunham a fazer —pois era evidente que tinham intenção de o matar— quando apareceu uma moça.

—Um momento — disse, e os homens pararam seu avanço para o soldado solitário.

Aproximou-se e Primo viu que levava um bebê contra o peito. Levava a cabeça coberta com um véu, mas um rosto delicioso era acariciado pelo sol primaveril.

—Isto não é seu assunto, filha de Zebedía — grunhiu um deles—. É um assunto de homens.

—Também é assunto de homens converterem suas esposas em viúvas e seus filhos em órfãos? Deveria ter vergonha.

—Roma é malvada! —gritou outro homem, e reataram seu avanço.

A mulher se colocou diante de Primo, a quem chegou a doce fragrância de seus cabelos, e disse:

—Este soldado não é Roma. É só um homem. Retornem às suas casas antes que seja muito tarde para todos.

Os homens arrastaram os pés. Baixaram os paus. Olharam-se, logo olharam o bebê que dormia nos braços da mulher e finalmente partiram.

A mulher se virou para Primo.

—Você não tem a culpa, romano. Só está fazendo seu trabalho. Vá em paz.

E nesse momento o soldado Primo, cujo coração tinha o tamanho e a dureza de um calhau, apaixonou-se.

Congelado nesse instante, como se o mundo parasse e só o habitassem ele e a jovem mãe, a observou afastar-se sua esbelta figura envolta em uma longa capa azul, como descida do céu. Não sorriu, mas Primo era decididamente feio e não o tinha olhado com asco. E ele tinha visto uns traços encantadores, escutado uma voz suave...

Ainda agora a mera lembrança produzia uma emoção intensa. A mulher tinha intercedido por ele. Embora o fizesse para evitar que a raiva e o castigo de Roma caíssem sobre aqueles que não obedeciam a seus novos senhores, olhou-o com seus olhos castanhos e disse que ele não tinha a culpa. E nesse momento ele se apaixonou por essa jovem mãe de forma irrevogável e incondicional. Também nesse instante soube que a amaria o resto de sua vida e que jamais amaria outra mulher como a ela.

Um forte fedor o tirou de seu nostálgico pensamento. Enrugou o nariz e se virou na direção do aroma. Corpos em decomposição suspensos dos muros da cidade. A maioria com as mãos ou os genitais fatiados, o que informava do crime cometido: ladrões e violadores. A justiça na Babilônia não andava com rodeios. Ao ladrão cortavam as mãos e os penduravam pelos tornozelos até morrer. Às vezes demorava vários dias. Para Primo parecia um castigo excessivo. Provavelmente o ladrão tinha roubado a um rico, pois a quem importava que alguém roubasse um pobre?

Assim funcionava a justiça no mundo em geral. O mundo era dos ricos, não tinha dúvida.

E do imperador.

«Deve vigiar os movimentos de Galo — havia dito Nero aquela noite, na sala contigua à sala de audiências—. Tem que memorizar suas palavras, observar como se apresenta a si mesmo e como apresenta Roma aos potentados estrangeiros. Não podemos ter um embaixador que antepõe seus interesses aos do império. “Informará-me de qualquer ação ou palavra que possa considerar-se sediciosa ou desleal.»

Ao pensar nisso, Primo franziu o sobrecenho e seu rosto resultou ainda mais feio que o habitual. Faria o trabalho, mas contra sua vontade.

—Senhor! —gritou alguém do fundo do beco. Primo reconheceu um escravo da caravana. O homem ofegava por causa da corrida—. Enviaram-me para te buscar. A caravana parte hoje mesmo.

Enquanto Sebastiano se dedicava a percorrer a caravana inspecionando camelos e cavalos, dando instruções de último minuto, dando palmadas nas costas e dizendo aos homens que tinham por diante uma grande aventura, Timónides fez uma visita

rápida ao chefe do acampamento, a quem Sebastiano tinha visitado tão só uns momentos antes. Sabia que seu senhor tinha entregado uma carta para Ulrika. O astrólogo não podia evitar isso. Mas também sabia que Sebastiano tinha dado uma mensagem verbal que o patrão devia transmitir a uma garota de cabelos claros que chegasse perguntando pela caravana de Galo. «diga-lhe que partimos no dia antes do solstício de verão. Diga-lhe que esperaremos em Basra até a próxima lua cheia. “De ali tomaremos a velha rota a Samarcanda.» Pela moléstia entregou uma moeda de prata.

Agora Timónides passou uma nova mensagem ao homem e deslizou uma moeda de ouro em sua mão para ajudar a sua memória. O astrólogo retornou à caravana a tempo de subir em seu asno e comunicar a Sebastiano, que estava sentado no alto de seu cavalo, que estava preparado para partir.

Sebastiano observou o oeste pela última vez, visualizando cabelos claros em torno de uns olhos azuis e sussurrando uma oração pela segurança de Ulrika. Logo se virou sobre sua cadeira e dirigiu a vista ao leste, onde o aguardavam montanhas, rios e desertos.

E uma cidade legendária chamada Luoyang.

A procissão de Marduk não parecia ter fim e Ulrika se impacientou tanto que esteve tentada a descer da carreta e ir até o acampamento de caravanas a pé. Ninguém, não obstante, atrevia-se a mover-se durante as aparições públicas do deus supremo da Babilônia, por isso se viu obrigada a esperar.

Os últimos tambores, sacerdotes e soldados montados passaram por fim e o comerciante de linho tocou seus asnos. Quando chegaram à zona onde acampavam as caravanas, que fervia de homens e bestas, Ulrika foi direita à tenda do chefe do acampamento para que a indicasse a direção correta.

O homem enrugou seu protuberante nariz.

—Ei? A caravana de Galo? Partiu faz aproximadamente um mês. Nada menos que um mês. —Galo tinha dado uma moeda de prata para que contasse à garota a verdade, mas o grego tinha entregado uma moeda de ouro para que dissesse que tinham partido

fazia um mês. Por esse dinheiro teria dito até um ano!—. Isto é para ti — acrescentou estendendo um cilindro pequeno.

Ulrika o abriu a toda pressa e viu que era uma carta de Sebastiano escrita em latim.

Minha queridíssima Ulrika, os astros decretaram que devemos partir antes do previsto. Parto com o coração pesaroso, pois abrigava a esperança de te ter a meu lado nesta fabulosa viagem ao desconhecido. Também parto, não obstante, com alegria, pois sei que logo cumprirei o sonho de minha vida de visitar a longínqua China. Levo-te em meu coração, Ulrika. Estará em meus pensamentos e em meus sonhos. E quando me achar frente ao trono do imperador da China, você estará a meu lado. Reza minha amada, por que receba esta carta e me espere na Babilônia. Amo você.

—Sabe que rota tomou a caravana? —perguntou com os olhos alagados de lágrimas.

O homem franziu o sobrecenho. Galo tinha deixado instruções explícitas, mas com certeza a moeda de ouro também merecia uma versão falsa com respeito a isso. De modo que disse:

—Tinham previsto embarcar no Golfo. A estas alturas já devem estar em alto mar.

Decepcionada, Ulrika agradeceu e se virou para as portas da Babilônia dando as costas ao horizonte do leste, onde ainda podia divisar, na luz crepuscular, o pó levantado pelos cascos, as rodas e os pés da grande caravana que acabava de sair para a China.

Ulrika tinha descoberto que a Babilônia, achando-se como se achava no cruzamento entre o Oriente e Ocidente, era uma cidade cosmopolita e tolerante com todos os credos. Ali qualquer de fora podia encontrar o deus ou a deusa de sua escolha. Visitantes gregos gozavam de santuários dedicados a Afrodite, Zeus e Diana. Os romanos, quando não estavam em guerra com a Pérsia, eram aceitos nos templos dedicados a Júpiter

e Vênus. Os fenícios podiam fazer oferendas a Baal, os egípcios a Isis e Osiris, os persas a Mitras. E os deuses da Babilônia, Marduk e Ishtar, residiam, naturalmente, nos templos mais esplêndidos.

Ulrika os tinha visitado todos, tinha falado com sacerdotes, oráculos e soube com o fim de desenvolver sua disciplina interior. Meditava cada noite, e embora tivesse progredido em sua capacidade para evocar visões a vontade, estas duravam pouco. Adormecia ou sua mente se distraía e perdia a concentração. Embora os diferentes templos e sacerdotes oferecessem maneiras de orar diversas, nenhuma conseguia pô-la no caminho da meditação profunda.

Também tinha feito indagações sobre os Lagos Cristalinos de Shalamandar, mas em vão.

Assim, no tempo que estava naquela grande cidade do Eufrates seu coração tinha estado em todo momento com Sebastiano; rogava que sua viagem a China estivesse transcorrendo sem incidentes.

Relia sua carta cada noite e tinha desenvolvido o ritual de falar com ele antes de dormir visualizando seu atraente rosto, seu sorriso, sentindo sua força e seu poder, recordando o contato de suas mãos nos braços aquela última noite em Antioquia em que declarou seu amor. Enquanto a cidade da Babilônia se agitava em um sono inquieto, Ulrika, estendida às escuras em sua cama, falava com Sebastiano, relatava seu dia, seus lucros, assegurava-lhe que o levava no pensamento e no coração amanhã e noite, com a esperança de que Mercúrio, mensageiro dos deuses e chefe dos comerciantes e mercadores, transladasse suas palavras a seu amado.

Dobrou pela Rua Enlil, onde tinha arrendado um quarto pequeno de uma viúva chamada Nanna que mantinha seus cinco filhos pintando ovos de Ishtar. Nanna era extremamente hábil e precisa tanto gravando desenhos em ovos de barro como pintando ovos de aves aos que tinha retirado a clara e a gema. Ditos ovos eram um presente popular entre parentes e amigos e uma das oferendas favoritas nos templos babilônicos. Em troca de quarto e comida, Ulrika ajudava Nanna a cuidar de seus cinco pequenos. Também compartilhava seus conhecimentos curativos com os vizinhos do bairro, receitando elixires

e tônicos, cortando furúnculos ou trazendo filhos ao mundo, todas as coisas que sua mãe tinha ensinado em Roma.

Mas sempre encontrava tempo para ir à zona das caravanas, situada ao sul da cidade, para perguntar por Sebastiano aos comerciantes que retornavam do Oriente. Tinha recebido a última informação sobre a caravana diplomática imperial com destino à China seis meses atrás, quando um mercador de camelos lhe contou que tinha ouvido que a expedição de Galo tinha atravessado felizmente os perigosos desfiladeiros da Samarcanda. Depois disso não havia voltado a ter notícias.

Agora se achava no ensolarado mercado enquanto o povo transportava a seu redor ignorando aquela jovem de vestido singelo e véu na cabeça. O único que diferenciava Ulrika de outras mulheres jovens da Babilônia era a caixa de madeira que tinha pendurada do ombro com uma correia de couro; os hieróglifos egípcios e a escritura cuneiforme babilônica a identificavam como um estojo de primeiro socorros.

Estava pensando no dinheiro que acabava de receber por drenar um abscesso e que poderia comprar com ele quando parou em seco. Diante de um posto de cebolas, porros e lentilhas, sobre o chão poeirento viu um cão de caça cinza sentado sobre suas peludas ancas.

Ulrika ignorava por que parou ou por que essa criatura tinha chamado a atenção. Tratava-se de um cão comum, e na praça do mercado abundavam os animais: currais de gansos e galinhas, jaulas com patos e pombas, e cabides com exóticos louros e falcões. Porcos e cabras grunhiam e baliavam em redes cheios de palha; gatos e cães — destinados a alimento e oferendas — davam voltas em jaulas diminutas. Havia até serpentes, encantadores tocando a flauta, e escorpiões que pendiam de rostos de místicos para assombro dos curiosos.

Mas Ulrika não podia afastar os olhos desse cão comum.

Finalmente se precaveu que não era um cão, mas um lobo.

Não tinha tido a visão do lobo desde aquela noite no deserto da Judéia, quando a conduziu a uma tumba secreta. Ficou olhando-o com estranheza e curiosidade. E nesse momento algo aconteceu com ela. Sem afastar os olhos do lobo começou a respirar devagar, esvaziou sua mente de todo pensamento e se concentrou na visão com renovada intensidade.

—Me leve aonde deva ir — sussurrou—. Mostre-me o caminho.

A formosa criatura pôs-se a andar entre uma multidão alheia ao lobo-espírito.

Passaram por debaixo de um arco de pedra que se abria a uma pequena praça rodeada de casas com portas e janelas de madeira. No centro da praça havia um grupo de pessoas observando um homem. Tais cenas eram frequentes na Babilônia, pois abundavam os magos e narradores, inclusive os profetas e videntes.

Mas aquele homem não tinha o aspecto dos vendedores ambulantes, sempre embelezados com roupas de vivas cores para atrair a atenção do povo. Seu traje era discreto, modesto. Ulrika reconheceu nos cachos que emolduravam seu rosto, o xale de raias azuis e brancas com franjas e as correias de couro ao redor dos braços e na testa os símbolos de um judeu devoto. E o povo congregado a seu redor mantinha uma calma inusitada. Em lugar de dar gritos e empurrões, aquela concorrência era reduzida e silenciosa, e estava integrada em sua maior parte, advertiu Ulrika, por mulheres e escravos. Alguns homens rondavam pelos arredores com os braços cruzados e o ceticismo desenhado no rosto.

Quando viu que muitos dos presentes sofriam feridas ou doenças, supôs que o homem fazia curas milagrosas. A Babilônia estava cheia dessa classe de curadores.

Centrou sua atenção no curador judeu, o qual estava junto a uma mulher, tinha as mãos em alto e cantava em voz baixa. Para surpresa de Ulrika, a mulher também cantava, e então compreendeu: estavam rezando juntos.

Enquanto a concorrência escutava em silêncio o baixo murmúrio das duas vozes, Ulrika se fixou nas pessoas a seu redor, em seus olhares esperançados e espectadores, e se perguntou o que esperavam que acontecesse exatamente nesse lugar.

—Perdoa — sussurrou à mulher que tinha ao lado—, quem é esse homem?

—O rabino Judá. Acaba de chegar de Palmira. Dizem que faz milagres.

Ulrika devolveu sua atenção ao casal situado no centro da silenciosa multidão e viu que a mulher tinha prorrompido em soluços. Chorava com a cabeça encurvada e cobrindo o rosto com as mãos. O curador judeu pôs uma mão no ombro dela e disse:

—Compreende agora, irmã?

Muito afligida para falar, a mulher assentiu com a cabeça.

Reduzida a concorrência começou a arrastar os pés e a murmurar. Tocava- o por turnos, mas não havia empurrões, gritos, nem moedas agitadas no ar. Ulrika se

perguntou se haviam dito de antemão que fossem respeitosos com Judá ou se era algo que saía instintivamente.

A mulher partiu — depois de tentar dar a Judá umas moedas que este repudiou— e o povo ficou tenso, pois todos desejavam ser escolhidos pelo curador. Para sua desilusão, o homem esclareceu a garganta e disse com uma voz potente:

—Irmãos e irmãs, que a paz e a bondade os acompanhem. Recordem isto: nada está perdido, nada está oculto. Peçam e lhes dará. Procurem e encontrarão. Há redenção no perdão, pois o homem deveria ser lembrado por suas boas obras e não por seus pecados. Mas, por cima de tudo, tenha isto presente: não há morte, só vida eterna sempre e quando os mantiverem no amor de Deus. Saibam, para seu consolo, que Deus tem um plano divino cujo objetivo último é o bem supremo da humanidade. Se obedecermos a sua Lei sagrada seremos salvos.

O grupo se dispersou em paz. Ulrika não entendia o que acabava de passar. Não tinha produzido uma demonstração dramática de magia, não tinha havido pós explosivos nem água convertida em vinho nem curas espontâneas de cegueiras ou paralisia, e tampouco o alvoroço e as ovações do povo que tinha visto em outros lugares com outros curadores.

Perguntava-se por que a visão do lobo a tinha conduzido até ali.

Nesse momento o rabino se virou, olhou-a diretamente nos olhos, e Ulrika sentiu que algo cruzava voando a praça pequena e ensolarada, roçava-lhe os olhos como asas invisíveis e penetrava em seu corpo até alcançar o centro de sua alma. Afogou um grito. Estava paralisada.

Judá se aproximou mancando. Cheirava a pão e cebola e Ulrika viu, na enorme barba cinza que se expandia sobre seu largo torso, uma casca de pistache.

—Bendita seja, filha — disse em aramaico—. Que buscas?

Ulrika olhou à multidão que abandonava a praça e se perguntou por que o rabino a tinha escolhido.

—É um místico, honorável pai? —perguntou.

Judá sorriu.

—Sou um indigno servo de Deus, glorifica a Ele.

Ulrika olhou para o lugar por onde tinha desaparecido a mulher que chorava um arco de pedra flanqueado por dois vendedores de ovos de Ishtar que nesse momento cochilavam sob o sol.

—Essa querida irmã tinha perdido algo e agora sabe onde pode encontrá-lo — explicou Judá, adiantando-se a sua pergunta—. Mas você também procura algo, filha. Posso ser de ajuda?

Ulrika esquadrinhou o curtido rosto em busca de indícios de falsidade, mas os olhos do Judá eram transparentes e sinceros e em seus traços amadurecidos não havia sombra alguma de maldade. E não tinha pedido dinheiro, algo que todos os enganadores faziam antes de oferecer seus serviços. Pensou que podia tratar-se de um homem verdadeiramente honesto — recordava a Sebastiano —, por isso disse:

—Estou aprendendo a meditar, mas é difícil me concentrar. É uma maneira de orar, me disseram, e pensei...

O homem assentiu com a cabeça.

—Vêm compartilhar a mesa conosco.

Ulrika esperava a companhia de uma família reduzida, um pouco particular, mas a casa do rabino Judá estava aberta a todos. No pátio havia pessoas de todas as idades e condições sociais. Tratava-se de uma reunião animada, com cantos, tributos e revelações espirituais. Judá pediu silêncio e pregou à emocionada companhia uma mensagem centrada no Último Dia e o advento de uma nova era a que chamou «o reino».

Os presentes prorromperam em cânticos e orações enquanto Judá passeava entre eles, os abençoando e agradecendo sua assistência. Quando chegou junto à Ulrika, olhou-a longamente e disse:

—Por que desejas aprender a meditar?

—Honorável rabino, toda minha vida tive visões. São inexplicáveis, chegam de forma aleatória e não parecem ter uma finalidade. Estou procurando a forma das controlar e aprender a dar um bom uso.

—Muitos de nossos fiéis são abençoados com visões e fenômenos espirituais. Alguns inclusive são tocados pelo Espírito e falam em línguas desconhecidas. Vêm, convém conversar com Miriam.

Convidou-a para entrar na moradia, onde havia menos gente e mais tranquilidade. Em uma cadeira, rodeada de algumas pessoas sentadas no chão, havia uma

mulher de meia idade com um véu marrom sobre a cabeça. Era roliça e Ulrika pensou em uma perdiz de rosto rosado.

—Minha esposa Miriam é como Débora, que foi juíza e também profetisa. Como ela, Miriam não prediz o futuro, mas sim ouve mensagens de Deus e os transmite às pessoas.

Quando apresentou à moça, Miriam tomou as mãos e disse:

—Não sinta desassossego, filha, porque foste abençoada. Deus te concedeu um dom.

—Mas não sei como utilizá-lo — repôs Ulrika—. Estive praticando a meditação, mas não consigo me concentrar o tempo suficiente. Ou durmo ou minha mente se distrai. Que mais devo fazer?

Miriam a olhou diretamente nos olhos.

—Jejuas antes de meditar?

—Jejuar? Não.

—O jejum limpa o corpo das impurezas que dificultam a oração. O jejum, além disso, mantém-te acordada. A fome afia os sentidos e evita que a mente se distraia. Jejue e terá êxito.

—Obrigado, honorável mãe.

—Ouço dúvida em sua voz. Deixe-me te dizer algo, filha: imagine seu dom como uma casa que contém um tesouro maravilhoso. Não sabe como se entra nela, mas enquanto a rodeia vislumbra, através das janelas, coisas fabulosas. Acontece assim com seu dom espiritual?

—Sim — sussurrou Ulrika.

—Precisa encontrar a porta e a chave que a abre, filha. Uma vez dentro, o tesouro será teu.

—Uma chave! —exclamou Ulrika, recordado o que a vidente egípcia havia dito na Rua dos Adivinhos—. É a meditação essa chave?

—Ignoro-o — disse Miriam—. Mas está procurando um lugar, não é verdade? O lugar onde começou sua alma. E é preciso que o encontre, pois é essencial para o caminho espiritual. Tenho a sensação que te desviaste desse caminho e tem que começar de novo.

—Foi isso que me disseram. Sabe onde é Shalamandar?

—Não, mas sei de alguém que sabe. Ele te levará lá.

—Quem é? —perguntou, esperançada, Ulrika.

Miriam fechou os olhos e, balançando-se na cadeira, murmurou palavras que Ulrika não entendia. De fato, não parecia uma linguagem humana. Quando terminou, a esposa do rabino abriu os olhos e disse:

—Deve ir a Pérsia e salvar um príncipe e seu povo.

—Um príncipe! —Ulrika franziu o sobrecenho—. Como vou eu salvar um príncipe?

—Se não o fizer, seu povo se extinguirá.

—Esse príncipe me levará a Shalamandar? Me dará uma chave? Pode me dizer seu nome?

—Todas as respostas estão na Pérsia. Vá em paz, filha.

LIVRO 6

Pérsia

Escondido entre as árvores vigiava o botequim enquanto os clientes entravam e saíam iluminando com lamparinas a escuridão do bosque.

Com o sigilo próprio de um servo, tinha seguido-a até ali desde o último povoado pelo atalho da montanha. A mulher de cabelos claros e andar seguro ignoravam que a estavam seguindo. A capa a cobria da cabeça aos pés, criando uma figura alta e esbelta, e as esteiras penduravam firmemente dos ombros e costas. Parecia forte, mas não lhe deu a impressão que fosse armada. E viajava sozinha, o qual era incomum, mas lhe facilitaria o rapto.

Assim que saísse da estalagem, um gesto veloz e seria dele.

—Acredito que posso te ajudar, senhor — disse Ulrika.

—Ninguém pode me ajudar! —bramou o homem—. Mil demônios atormentam minha cabeça! Fazem girar o mundo a meu redor em um jogo diabólico. Não posso dormir. Estou roçando a loucura. Só desejo a morte!

—Bom senhor — disse Ulrika em tom tranquilizador enquanto outros clientes do botequim de madeira, onde viajantes e aldeãos se protegiam contra o frio da noite, olhavam-nos com interesse—, vi este transtorno outras vezes e posso tratá-lo, mas para isso tem que permitir que te toque.

O pobre homem, um persa pançudo com olheiras e barba descabelada, estava queixando em voz alta justo quando Ulrika entrou no pequeno estabelecimento e ocupou um tamborete junto ao fogo. Esteve lamentando-se ante seus companheiros da doença que o impedia de trabalhar em sua pequena granja e que quase não o deixava caminhar até que Ulrika se levantou e se aproximou para oferecer sua ajuda.

Assim tinha viajado durante os últimos quatorze meses, indo de povoado em povoado, ganhando o sustento com suas habilidades curativas, passando não mais de um dia ou uma noite no mesmo lugar, sem falar com ninguém, sem revelar sequer seu nome, com a mente posta em um único objetivo: encontrar o príncipe a quem devia ajudar.

Quando Miriam, a esposa do rabino, disse-lhe que havia um homem na Pérsia a quem devia resgatar, Ulrika acreditou, não só porque Miriam era uma profetisa reconhecida, mas sim porque Ulrika tinha nascido na Pérsia. Estava destinada a fazer aquela viagem para ajudar um príncipe.

Existia, entretanto, outra razão pela que tinha decidido assumir a missão de encontrar o príncipe. Muito tempo atrás, quando Ulrika contava não mais de três ou quatro

anos, ela e sua mãe viajavam por essa terra ancestral e conheceram um homem surpreendente: sentado em um magnífico trono e embelezado com esplêndidas vestimentas. Na cabeça usava um chapéu alto e redondo por debaixo do qual aparecia uma cascata de cachos grossos que descia até os ombros. Uma grande barba recolhida em apertados cachos cobria o torso até a cintura. Em uma mão sustentava um cajado e na outra, curiosamente, uma flor. Frente a ele, em um incensário de ouro, ardia incenso.

Ulrika não recordava quanto tempo ela e sua mãe estiveram de visita com o nobre, se jantaram com ele ou dormiram em sua casa. Tampouco se lembrava do nome, mas seu aspecto a tinha impressionado tanto que recordava com todos os detalhes. Seria ele o príncipe do que tinha falado Miriam? Parecia o mais provável. E talvez vivesse perto dos Lagos Cristalinos de Shalamandar. Ulrika tinha chegado à conclusão de que dar com ele seria tarefa fácil: só tinha que seguir a mesma rota que ela e sua mãe tinham tomado anos atrás para sair da Pérsia e cruzaria seu caminho.

Mas a tarefa resultou não ser tão fácil como tinha esperado. Levava mais de um ano seguindo essa rota, de fato estava chegando a seu fim, e ainda ignorava a identidade desse homem imponente e onde podia encontrá-lo.

Pediu ao granjeiro que se deitasse sobre uma mesa longa; outros clientes se congregaram a seu redor, homens e mulheres com objetos de lã próprias das montanhas e traços de uma raça que tinha surgido da mescla de sangue parto e sangue grego invasor. Uma raça bela pensou Ulrika.

Fez uma pausa para olhar um nicho situado na parede do fundo, onde ardia uma luz solitária. Desde que entrou naquele território montanhoso conhecido como o Lugar dos Pinheiros Silenciosos havia visto muitos nichos como esse. Eram santuários de deidades locais chamadas *daevis*, palavra que significava «celestial» ou «brilhante», divindades sagradas e benéficas que levavam milhares de anos sendo veneradas na região. Ulrika pensou nas estátuas de deuses e deusas de Roma e nas descomunais efígies de Marduk que dominavam as ruas da Babilônia. Pensou nos carvalhos da Germânia, esculpidos com a imagem de Odín, e no deus de Raquel, perto do mar de Sal, que carecia de representação alguma. E agora ali, naquela remota região montanhosa, os deuses estavam representados por chamas solitárias que ardiam constantemente.

As deidades, compreendeu Ulrika, eram tão diversas e variadas como as pessoas que as adoravam.

Colocou-se na cabeceira da mesa e disse ao granjeiro:

—Olhe o teto, por favor. —Falava em grego, a língua daquele povo, outro legado da conquista de Alexandre.

—Dá voltas — gemeu o homem.

—Recite uma oração, isso te ajudará.

O granjeiro procedeu a murmurar o nome de seu deus em turnos de três enquanto com uma mão desenhava signos no ar, três vezes cada um, e com a outra espremia o que parecia uma pata de coelho. Ulrika tinha descoberto que embora as religiões variassem com o passar do mundo e inclusive estivessem enfrentadas, existia um rasgo humano universal: a superstição. Fossem guerreiros da Germânia ou cidadãos de Roma, marinheiros de Antioquia ou pastores da Judéia, vendedores de cebolas da Babilônia ou gente das montanhas persas, todos acreditavam na boa e na má sorte e nas muitas formas de atrair a primeira e afugentar a segunda.

O povo observou em silêncio como Ulrika colocava as mãos a ambos os lados da cabeça do homem, girava-a brandamente de lado a lado e a colocava de novo de rosto para o teto.

—Depressa — disse—. Sente-se!

O homem se sentou de repente, com os olhos muito abertos e a mandíbula flácida. Os espectadores contiveram a respiração, e quando o persa gritou: «Pelos peitos de Ishtar, o enjoo desapareceu!», elevaram os braços e romperam em ovações.

Ulrika respirou aliviada, pois havia enjoos que não podiam curar-se com esse tratamento. Mas aquela era uma terapia singela para uma doença que às vezes levava homens ao suicídio, e se alegrava que tivesse saído bem.

—Querida senhora! —exclamou o granjeiro caindo de joelhos no chão de terra—. Estou em dívida contigo! Estava tão desesperado que tinha decidido procurar o Mago para suplicar que me tirasse de meu sofrimento.

Ulrika o ajudou a levantar-se.

—O Mago?

O persa a olhou atônito.

—Não sabe quem é o Mago? Nestas terras todo mundo o conhece! Vive na Cidade dos Espíritos, em uma torre muita alta; é um homem de sangue real, o último de

sua estirpe. Dizem que faz curas milagrosas, se conseguir encontrar com ele. Querida senhora, como posso te pagar por me salvar de um suicídio seguro?

Antes que Ulrika pudesse responder —«é um homem de sangue real, o último de sua estirpe»—, o persa gritou:

—Tome! —Rebuscou ao redor de seu pescoço e tirou uma corda pela cabeça —. É a garra de um grifo sagrado, uma besta antiga cujo espírito te protegerá de todo mal.

Ulrika aceitou o talismã, uma corda de couro da qual pendia o que se parecia uma garra de corvo. Guardaria-o em seu estojo de primeiro socorros, junto com outros amuletos e fetiches que tinha recebido de pacientes agradecidos.

—É muito amável — disse—, mas necessito de um lugar onde passar a noite. Se pudesse me indicar...

—Não diga mais! Minha casa é a mais humilde do povoado, como todo mundo sabe, mas também é sua casa, querida mulher! Corrirei a dizer a minha esposa, que os deuses benzam sua matriz, que uma convidada muito especial nos honrará esta noite com sua presença. Qualquer aqui te dirá como se chega à casa do Koozog. Segue o caminho e quando chegar à pocilga de porcos salpicados encontrará um recebimento digno de uma rainha.

Três clientes mais se aproximaram de Ulrika e pediram cura para um furúnculo, um tumor e uma hemorroida. Cortou os dois primeiros e receitou ao terceiro uma bebida elaborada com a planta hamamelis, muito abundante nessa região. Pagaram-na com uma moeda de cobre, cabelo da cabeça do profeta Zoroastro e um apertão de mãos enérgico.

Antes que outros pudessem correr às suas casas para lhe trazer familiares afligidos de males vários, Ulrika anunciou que se sentia fatigada e precisava descansar, mas que retornaria pela manhã.

Estava pensando no que tinha contado o criador de porcos: um homem que chamavam o Mago e que vivia na Cidade dos Espíritos, a qual se achava na rota que ela e sua mãe tinham seguido anos atrás! Calculava chegar em dois ou três dias. Era possível que o príncipe de sua lembrança — o homem sentado no magnífico trono — fora esse Mago?

Acalmada pela nova informação, e sentindo-se mais esperançada do que tinha estado em semanas, subiu o capuz e partiu.

Fora a recebeu o ar frio e cortante da noite. Várias tochas cintilantes iluminavam o pequeno recinto formado pelo botequim, as quadras, os currais e algumas tendas onde os viajantes roncavam de noite.

«O Mago — pensou Ulrika com crescente entusiasmo—. “De sangue real e o último de sua estirpe...”»

Era isso o que chamavam destino? Por isso tinha se desviado essa manhã de sua rota quando, depois de seguir rumo a uma pequena cidade chamada Tirgiz, teve que tomar um íngreme atalho de montanha devido a uma árvore caída no caminho?

Ulrika tinha saído fazia mais de um ano da Babilônia a bordo de um navio carregado de lã e grão. No vasto golfo onde o Eufrates descarregava se despediu do amável capitão e tinha encontrada passagem em uma caravana que se dirigia ao sul transportando tâmaras e figos para trocá-los por metais e gemas. A caravana seguia um velho caminho real, construído vários séculos antes de Ciro, o primeiro rei dos persas. O terreno se elevava lentamente da costa para formar suaves colinas que enlaçavam a sua vez com as pronunciadas saias dos Montes Zagros. Em um cruzamento próximo a um lugar chamado **Ao Faça** abandonou a caravana para esperar outro grupo de viajantes, desta vez monges que se dirigiam a um monastério situado no topo nevado de uma montanha. Aceitaram-na com a condição de que não falasse nem se sentasse com eles nas comidas. Ulrika se alegrou de poder isolar-se; viajava nos lombos de um asno e dormia sob as estrelas. Deixaram atrás vários povoados e granjas até que Ulrika se despediu dos monges e se uniu a uma buliçosa família a caminho de um casamento.

Ulrika se despediu deles em seu destino e empreendeu o seguinte lance de viagem, o qual devia levá-la a poucas milhas do lugar onde ela e sua mãe tinham vivido dezoito anos atrás e onde Ulrika tinha nascido, mas encontrou o caminho bloqueado por uma árvore caída. A única maneira de saltar o entulho era um íngreme atalho de montanha, desvio que a levou até aquele povoado situado no meio do bosque, o qual não tinha planejado visitar, mas onde lhe falaram de um príncipe que era o último de sua estirpe!

Aquilo não tinha sido fruto da casualidade, pensou. O Mago tinha que ser o príncipe de sua velha lembrança.

E interpretou como um bom sinal, a confirmação que estava no caminho correto e que ia aonde devia ir.

Porque encontrar os Lagos Cristalinos de Shalamandar era de vital importância.

Embora o conselho da Miriam de que jejuasse antes de meditar tinha ajudado a controlar as visões, ainda não podia manter uma visão o tempo suficiente para interpretar sua mensagem: a formosa mulher que tinha rondado o capitão de um navio sem ele saber; a luz brilhante que acompanhava os monges sem que eles a vissem; a mulher com o bebê que seguia à família a caminho de um casamento.

O que se supunha que devia fazer com essas visões?

Elevou a vista para a lua de finais de verão, que navegava cheia e resplandecente, sobre a negra noite. Estaria Sebastiano olhando nesse momento a mesma lua? Teria chegado à China? Tinha calculado que levaria três anos para alcançar a capital do Oriente. Se fosse assim, estaria dentro de um ano empreendendo sua volta a Roma?

«Estarei na Babilônia para te receber», pensou emocionada.

Sentiu um calafrio enquanto esquadrihava a escuridão em direção à granja de porcos de Koozog. Embrulhando mais na capa, não ouviu os passos repentinos às suas costas, não viu a mão grande que apareceu ante seu rosto para cair sobre o nariz e a boca. Um braço forte rodeou sua cintura e imobilizou seus braços. Tentou gritar, mas não pôde. Quando seus pés se separaram do chão se revolveu e chutou o ar.

Não podia respirar. Seus pulmões lutavam para que chegasse o ar, mas a mão apertava o nariz e a boca com muita força.

Horrorizada, viu como a escuridão descia sobre ela até engoli-la e fazê-la perder o conhecimento.

Por que davam tantos saltos? Não podia o condutor procurar um caminho mais plano? E quando chegariam a Babilônia? A viagem estava sendo cada vez mais incômoda. As mãos doíam. Por que doíam as mãos?

Ulrika abriu os olhos. Pestanejou. Era de noite e não parecia que estivesse em um carro, mas olhando o chão. E este se encontrava debaixo dela.

Ao precaver-se que tinha as mãos amarradas às costas e que alguém a levava no ombro como um saco de grão, tentou gritar, mas descobriu que tinha uma mordaca na boca.

Revolveu-se contra os braços de seu raptor. Este aumentou a força de seu agarre. Ela tentou lhe dar chutes. Seu raptor imobilizou suas pernas. Lutou com suas amarras. Outra mão viajou até suas coxas e as segurou com firmeza. Mas Ulrika continuava lutando, retorcendo, sacudindo o corpo para desestabilizar seu raptor.

—Chega! —ouviu dizer a uma voz em persa—. Fique quieta! —balbuciou então em grego.

Isso só a fez a lutar ainda mais, até que seu sequestrador parou em seco e a jogou sem olhar no chão. Ao ter os pés livres, Ulrika retrocedeu pelo leito de folhas que cobria o bosque; viu um homem alto, imenso, vestido com peles. Não parecia preocupado por seu intento de fuga. Virou-se para deixar as esteiras e o estojo de primeiro socorros de Ulrika no chão.

Ulrika não chegou muito longe. Os pés enredaram na capa e quando sua cabeça e seus ombros encontraram com algo duro, levantou a vista e vislumbrou sob a luz da lua um pinheiro enorme. Olhou desesperadamente para a esquerda e a direita: estava rodeada por um bosque frondoso.

Sem desviar os olhos de seu raptor, lutou para desfazer-se de suas amarras. O homem tinha pegado um pau longo e estava cavando um buraco.

Sua tumba!

Uma sensação renovada de pânico e determinação deu-lhe forças para empurrar a mordaca, a qual escorregou por seu queixo.

—Quem é? —gritou—. Por que me raptaste?

Um instante depois tinha ao homem a seu lado e a folha de uma faca aproximada à garganta.

—Já disse que feche a boca —grunhiu em grego—. Entendeu?

Ulrika assentiu em silêncio.

—Uma palavra mais e te silêncio para sempre.

Horrorizada, viu-o retornar a sua tarefa de cavar um buraco bastante largo e profundo para cobrir um corpo. Feito isto, sentou-se e ficou a afiar ramos que convertia em pontas mortais.

Tremendo sob a capa, Ulrika tentou tirar as amarras das mãos sem afastar o olhar do desconhecido. Observou-o sob a luz da lua que se filtrava pelas frondosas copas das árvores e julgou, pela voz, que era jovem. Parecia ter o cabelo negro. Era alto e magro, e enganosamente forte. Vestia uma túnica de pele e malhas de couro. Apesar do frio noturno das montanhas, levava os braços descobertos, por isso Ulrika podia imaginar uns músculos marcados e uma pele branca suja de terra.

Procurando serenar o tom, disse:

—Como se chama?

O jovem não levantou a vista de sua tarefa.

—Não precisa saber meu nome e eu não preciso saber o teu. Pela última vez, feche a boca.

Ulrika mordeu o lábio e guardou silêncio enquanto ele continuava afiando estacas.

Estava sentado no chão, frente a ela, com as pernas cruzadas e a cabeça inclinada sobre a tarefa. De vez em quando a elevava para prestar atenção aos sons do bosque. Em nenhum momento olhou Ulrika, em nenhum momento falou, até que finalmente ficou em pé e se meteu no buraco que acabava de cavar. Ulrika acreditou ver, na débil luz, que estava cravando as estacas no chão do fosso. Uma vez colocadas todas, saiu e cobriu o buraco com ervas e moitas.

Ulrika compreendeu que tinha preparado uma armadilha.

Quando o desconhecido se aproximou para pôr a mordaca nela novamente, sacudiu a cabeça. Ficou olhando — Ulrika viu uns olhos negros emoldurado por pestanas e sobrancelhas negras— e murmurou:

—Mas não fale.

Ajudou-a se levantar. Não desamarrou as mãos, mas lhe disse que devia caminhar com ele. Logo agarrou as esteiras e o estojo de primeiro socorros e, sem outra palavra, repreendeu sua caminhada através da noite.

Quando o alvorado abriu passo entre as árvores e Ulrika acreditou que ia cair de esgotamento, o desconhecido parou. Indicou que se sentasse, desapareceu entre as árvores e retornou com um odre repleto de água fresca e clara. Sustentando-o à altura dos lábios, deixou que Ulrika saciasse sua sede e logo ele saciou a própria.

—Por favor — murmurou Ulrika—, deem-me os braços...

O homem a olhou de cima. Nesse momento o sol avançou pelo leito do bosque, iluminando árvores musgosas e troncos retorcidos, e Ulrika pôde observar melhor seu captor.

Era de constituição atlética e robusta, de pernas e braços largos. Um jovem de vinte e poucos anos, pensou. O cabelo, encaracolado e muito negro, chegava-lhe até os ombros. Tinha os olhos escuros e o nariz largo e fino, mas os lábios eram voluptuosos, quase femininos, e a mandíbula era suave e inexperiente. Possuía, de fato, um aspecto surpreendentemente limpo para um homem selvagem das montanhas. Mais peculiar ainda era a palidez de sua pele. Ulrika teria esperado que um homem de cabelo tão escuro tivesse a tez azeitonada, mas parecia mais branco inclusive que ela, e se perguntou de que estranha raça tinha saído.

Desencapou sua adaga e cortou as amarras. Quando a sensibilidade, seguida da dor, retornava a suas mãos, Ulrika o viu aproximar-se das esteiras e abrir uma. O homem retornou e estendeu uma bolsa de lona. Ulrika viu que continha bagos e frutos secos e caiu na conta que estava faminta.

—Não posso fazer um fogo — murmurou ele em tom de desculpa, e Ulrika teve a estranha sensação de que não se dirigia a ela.

Então o homem fez algo curioso. Enquanto o bosque se animava com o canto dos pássaros e o sussurro da brisa matutina, procedeu a reunir ramos e folhas para fazer um bom fogo. Tirou inclusive uma pederneira e o sustentou sobre o pequeno montículo, mas não acendeu. Enquanto fazia isso, recitou uma oração em um dialeto desconhecido para Ulrika. Quando terminou, extraiu um objeto que tinha pendurado do cinturão.

Ao deixá-lo junto ao fogo sem acender, Ulrika viu que era da cor do marfim velho, tinha forma de cartucho, media aproximadamente meio cotovelo de comprimento, e era reto. O chifre de algum animal, pensou, com uma tampa de ouro no extremo mais largo, como se contivera algo.

—Rogo-lhe isso, me diga aonde me leva.

Ignorando-a, o homem lançou uma corda longa por cima do ramo de uma árvore, atou um extremo ao tronco e deixou o outro no chão com forma de laçada. Ulrika compreendeu que estava preparando outra armadilha; enquanto transportava, de vez em quando elevava a cabeça e aguçava o ouvido, com o corpo tenso e alerta.

—Viajaria muito mais depressa sem mim — disse Ulrika, dando por feito que estivesse fugindo de alguém.

O desconhecido cobriu a laçada com folhas e ervas daninhas, dobrou lentamente o ramo e a atou com uma corda para criar um gatilho que, supôs Ulrika, ao roçá-lo lançaria a corda ao ar.

—Me deixe aqui — insistiu—. Não me necessita para nada...

Chas!

O homem se virou bruscamente.

Chas!

Ulrika se levantou de um salto.

Prepararam o ouvido. Ouviram passos. Alguém se aproximava.

—Devemos ir! —Seu captor desencapou a adaga e recolheu as esteiras—.

Depressa!

Ulrika agarrou o odre e a bolsa com os bagos. Quando foi recuperar seu estojo de primeiro socorros, que o desconhecido tinha deixado perto da pilha de lascas levantou do chão o chifre de marfim e...

Uma visão estalou em sua mente com tal força e clareza que cambaleou para trás. Uma fogueira enorme. Faíscas elevando-se para o céu noturno. Gente dançando, gritando, tocando tambores. As imagens a invadiam e faziam que a terra girasse sob seus pés. Medo, raiva, esperança, desejo. As lágrimas alagaram seus olhos. A risada alegrou o coração. Foi elevada até o céu e logo jogada na terra.

Notou um puxão na mão e a visão desvaneceu. Piscou. O estranho a estava fulminando com o olhar.

—Não deve tocá-lo! —grunhiu.

Tinha arrebatado o chifre das mãos.

—Sinto muito. Não pretendia te ofender.

O homem atou o chifre ao cinturão.

—É sagrado. Os não crentes não podem tocá-lo. Devemos ir.

Pôs-se a correr diante dela e Ulrika o seguiu enquanto ouviam fortes passos às suas costas.

Não tinham chegado muito longe quando ouviram um grito. Ulrika e seu captor pararam um instante para olhar atrás e ouviram bramidos de raiva e sons de um corte frenético.

A armadilha tinha funcionado.

—Espere! —exclamou Ulrika depois de um tropeço—. Não posso continuar. Preciso descansar.

O estranho a agarrou pela mão e a puxou enquanto Ulrika protestava e avançava a tropeções. O sol estava alto, levavam toda a manhã caminhando. Fazia horas que não ouviam seus perseguidores.

—Por favor — suplicou.

O homem parou de repente, Ulrika se chocou contra ele e a ponto estiveram de cair ao chão.

—Já chegamos — disse, e imediatamente pôs-se a correr.

Ulrika olhou a seu redor: um denso bosque de carvalhos e pinheiros orvalhado de sol. Atônita, viu como seu raptor se metia em um arbusto e reaparecia instantes depois fazendo gestos impaciente para que o seguisse.

Quando se aproximou do arbusto, que parecia muito emaranhado para que alguém pudesse atravessá-lo, divisou uma abertura. Cruzou-a e tirou o chapéu dentro de uma cabana pequena e astutamente oculta no meio do bosque. Para sua surpresa, apesar de tratar-se de um refúgio temporário, a cabana era agradável. O chão estava coberto de tapetes, e do teto de palha penduravam lamparinas de bronze cujas chamas cintilavam e criavam uma atmosfera acolhedora.

No meio do chão, sobre um leito de peles, dormia uma moça que tremia de febre.

Esquecendo-se imediatamente de seu cansaço, Ulrika correu até ela, caiu de joelhos e tocou a testa dela. Estava ardendo.

—Como está? —perguntou o homem da montanha ajoelhando-se a seu lado—. A deixei faz um dia e meio. Não tive escolha.

Ulrika levantou as pálpebras e viu suas pupilas dilatadas. Tinha o pulso rápido e custava respirar.

—Muito doente.

—Não queria deixá-la sozinha. —O jovem elevou a manta, de suave pele de cervo, para lhe mostrar uma ferida que tinha muito mau aspecto—. Caiu e se machucou. Tentei curá-la, mas a ferida infectou. Sabia que a única forma de salvá-la era procurar ajuda. —Olhou Ulrika—. Vi você no povoado. Vi tratar a ferida de um homem. E reconheci esses símbolos. —Assinalou o estojo de primeiro socorros com os hieróglifos egípcios e os sinais cuneiformes pintados nos lados—. Não permita que morra, ouve-me? Não pode deixar que morra.

Ulrika ficou momentaneamente apanhada em seus olhos negros mais profundos que a noite e invadidos por uma emoção não expressa. Compreendeu que seu jovem captor estava desesperado, à fuga, assustado e zangado, e que possivelmente não fosse tão perigoso como tinha acreditado.

Também era bastante bonito, advertiu, e pensou que, se sorrisse, seus sensuais lábios seriam extremamente atraentes.

Agarrou o estojo de primeiro socorros.

—Darei a ela o remédio de Hécate.

—É médica?

—Não. Minha mãe é. Ela me ensinou.

—Não vive na Pérsia. Esta não é sua casa.

Ulrika não afastou o olhar de suas próprias mãos enquanto vertia uns pós em uma taça e acrescentava água. Incomodava-a ter seu raptor sentado tão perto. Podia cheirar seu suor e o aroma selvagem dos pinheiros, o limo e as peles de animal.

—Vim procurando alguém — disse.

Não o olhou, mas intuiu sua pergunta.

—Estou procurando respostas para um assunto pessoal — explicou Ulrika enquanto removia o pó até dissolvê-lo—. E acredito que há um homem chamado o Mago que pode me ajudar.

Como o jovem não respondia, perguntou-lhe:

—Esta moça é sua filha? Sua sobrinha? —Tinha o mesmo tom de pele: uma tez excepcionalmente branca emoldurada por cabelos negros como o azeviche. Mas não eram pai e filha. A moça aparentava uns treze anos e o jovem uns poucos mais que Ulrika.

—Pertence a outra tribo —respondeu, e Ulrika pensou: «Mas é certo que compartilha a mesma ascendência Greco persa».

O homem se virou bruscamente para a entrada da cabana.

—Vou fazer guarda — murmurou. Tirou o chifre de marfim e o deixou sobre o peito da moça—. O deus de meu povo é Ahura Mazda, o Senhor Sábio dos céus, e aqui dentro há cinzas sagradas de seu primeiro Templo do Fogo. São brancas e limpas e protegem do mal. — levantou-se e seus cabelos de meia-noite roçaram a mata do teto—. Chama-se Veeda — disse antes de partir.

Quando retornou, Ulrika tinha conseguido que a jovem bebesse uns goles do remédio de Hécate. A medicina era célebre por baixar a febre, aliviar a dor e derrotar aos espíritos malignos da infecção. Logo tinha limpado a ferida da perna e retirado a carne morta para aplicar bálsamos e bandagens novas. Ulrika não entendia todo os processos de cura — nem os maiores médicos gregos do mundo podiam explicar inteiramente como funcionava um remédio—, mas estava empregando um método tão antigo e provado que quando terminou estava segura de que a moça não demoraria para começar a repor-se.

—Como vai? —perguntou o estranho sentando-se junto à Veeda.

—Trouxe-me a tempo.

Ele assentiu com a cabeça.

—Estive rezando.

Ulrika tinha deixado o chifre de marfim sobre o peito da moça, perguntando-se pelas cinzas que o jovem havia dito que continha. Pensou na pilha de lascas que tinha reunido, mas não tinha acendido e em como se desculpou por não poder fazer um fogo.

—Não posso acender um fogo — murmurou então, e Ulrika teve novamente a sensação de que as palavras não foram dirigidas a ela. Perguntou-se a quem estava falando —. Atrairia nossos perseguidores. Tenho que seguir avançando. Tenho que me manter com vida para que esta moça possa viver. —Dizia sem afastar o olhar do rosto de Veeda, e Ulrika voltou a perguntar-se sobre sua relação.

Havia dito que Veeda pertencia a outra tribo. Era sua noiva?

—Vou procurar comida — anunciou ele bruscamente—. Agora deve descansar. Aí. —Assinalou uns tapetes dobrados contra a parede de mata—. Pode fazer uma cama. Deixarei você dormir, não tema. Pus armadilhas e estarei vigiando.

Quando virou para sair da cabana, Ulrika achou de repente muito tentadora a ideia de dormir, caiu na conta que também seu raptor levava muito tempo sem descansar.

Tinha renunciado a sua própria comodidade e bem-estar para salvar essa garota, pensou. Arriscou-se a ser capturado pelos homens que o perseguiram, e a quem punha armadilhas mortais, para ir em busca de ajuda. Quem era Veeda para ele e por que era tão importante que sobrevivesse?

Ulrika sonhou com Sebastiano.

Achava-se em uma paisagem vasta e com ventos, com um oceano agitado de um lado e dramáticos penhascos do outro. Parecia estar construindo um altar com conchas e fogo. Usava uma tanga como vestimenta e seus fortes músculos brilhavam com o sol. Ulrika o chamava, mas ao aproximar-se Sebastiano começou a subir pelo altar, convertido agora em uma torre dourada com forma escalonada que o sol tornava cegador. Sabia que Sebastiano queria alcançar as estrelas, pois estava procurando respostas que só podiam encontrar nos corpos celestes do cosmos.

Ulrika viu então que no topo da torre ardia um fogo furioso, um terrível incêndio que devoraria Sebastiano assim que chegasse lá, e começou a gritar com todas suas forças, desesperada para detê-lo.

«Não pode salvá-lo», sussurrava uma voz a seu redor, no vento, nas nuvens.

A voz de uma mulher. Gaia...

Abriu bruscamente os olhos. Seu coração galopava e uma fina capa de suor cobria seu corpo. Na luz tênue da cabana camuflada viu que a moça continuava dormindo sob as mantas de pele de cervo. Dirigiu seu ouvido ao bosque e escutou passos pesados. Seu sequestrador caminhando acima e abaixo.

Pensou no sonho. Durante seu solitário giro pela Pérsia tinha mantido o rito noturno de falar com Sebastiano. Cada noite, antes de dormir, sustentava a concha entre as mãos, com amor e delicadeza, e sussurrava a Sebastiano palavras de esperança e devoção; fechava os olhos para enviá-las mentalmente através de milhas e dias com a esperança que chegassem até ele. O mesmo fez nesse momento, enviar o pedido de que seu amado estivesse vivo e ileso e a ponto de alcançar seu destino.

À hora do crepúsculo o estranho chegou com pescado que, apesar de ter que ingeri-lo cru, Ulrika, que não recordava ter estado tão faminta em sua vida, recebeu como

um festim. Mas primeiro atendeu a sua paciente e descobriu, com grande alívio, que a febre tinha começado a baixar e a respiração a normalizar.

Enquanto comiam, com o estranho fazendo uma pausa de vez em quando para escutar os sons da noite, Ulrika perguntou sobre o chifre de marfim que continha cinzas sagradas. Tinha aprendido em suas viagens que incentivar as pessoas a falar de suas crenças religiosas ajudava a derrubar barreiras.

—Os templos de fogo são nossos lugares de oração — respondeu enquanto esmiuçava a carne do pescado com os dedos.

Possuía mãos delicadas, pensou Ulrika. Mãos femininas, e modificou uma vez mais a impressão que tinha dele, de tosco homem das montanhas a um ser mais refinado.

—Nós não veneramos o fogo — prosseguiu o jovem em voz baixa, contemplando a adormecida—, mas a pureza que simboliza. Nossa fé foi fundada pelo profeta Zoroastro para combater o culto às imagens que os babilônios haviam trazido para nossas terras muito tempo atrás. Condenamos qualquer tipo de imagem. Adoramos o céu aberto e subimos nos montes para acender nossos fogos para que Ahura Mazda, o Deus criador, veja-os. O profeta Zoroastro assegura que o Criador Ahura Mazda é todo bondade e que Dele não brota mal algum. O bem e o mal se acham em constante conflito, e nós, os humanos, devemos intervir nesse conflito e nos assegurar que o mal nunca triunfe sobre o bem. Conseguimos levando uma vida de bons pensamentos, boas palavras e boas obras. Isso mantém o caos a raia.

Suas palavras recordaram às de Sebastiano quando explicou que só lendo as mensagens dos deuses nas estrelas podia evitar o caos.

—Sua fé me parece interessante — comentou Ulrika quando levantava a mão de Veeda e tomava o pulso, que encontrou normal.

—É a única fé — disse ele. Logo calou, e Ulrika se perguntou se sentia curiosidade por ela. Em seu interior havia uma tensão constante, e suspeitava que não se devesse só ao fato de que o perseguissem.

Perguntou aonde se dirigiam Veeda e ele, mas o jovem se limitou a recolher os espinhos de pescado e saiu da cabana.

Enquanto escutava os sons da noite no bosque e o frio da montanha penetrava na cabana, Ulrika pensou se deveria tentar escapar. Chegaria longe? Enfrentaria as

armadilhas mortais, e aos perseguidores... E não estava segura de saber chegar ao botequim. Além disso, já não se sentia ameaçada pelo jovem, e Veeda ainda necessitava de ajuda.

A moça se mexeu e suspirou sob as mantas. Quando Ulrika se sentou a seu lado, abriu os olhos e a olhou com umas íris negras emolduradas por pestanas da mesma cor.

—Quem é? —perguntou.

Ulrika deslizou um braço por debaixo dos ombros dela e a levantou para que bebesse água do odre.

—Sou Ulrika. Não se preocupe Veeda, estou aqui para te ajudar. Como se sente?

—Bem, mas dói a perna.

—Ocuparemos disso.

A moça olhou em redor.

—Onde está Iskander?

—Fora, fazendo guarda. Assim se chama? Iskander? É seu tio? Seu primo?

Negou com a cabeça.

—É de outra tribo.

—Aonde te leva?

—Longe, para me manter a salvo.

Ulrika arqueou as sobrancelhas.

—Longe do que?

—De homens maus que querem nos matar. Por favor — uma mão pequena alcançou a de Ulrika—, onde está Iskander?

Ulrika apalpou a testa de Veeda; era uma garota muito bonita e a febre aumentava sua beleza natural.

—Em seguida volto — disse.

Encontrou Iskander sentado em uma pedra, com a lança na mão.

—Despertou.

Entrou rapidamente na cabana e se sentou junto à Veeda com semblante preocupado.

—Está melhor?

—Despertei, e ao ver que não estava, assustei-me.

O jovem acariciou os cabelos úmidos dela.

—Tive que ir procurar ajuda. Esperava que dormisse até minha volta. Não era minha intenção te assustar.

Ulrika observava a cena com curiosidade. Face à ternura que havia entre os dois, também percebia certa formalidade, como se fizesse pouco tempo que se conheciam.

—Ulrika me salvou a vida? —perguntou Veeda.

Iskander levantou a vista e obsequiou Ulrika com um sorriso de gratidão que transformou seu rosto.

—Sim, Ulrika salvou sua vida.

Essa noite Veeda pôde levantar e comer um pouco, e encheu Ulrika com perguntas sobre o mundo que se estendia além de seu reino montanhoso. Depois dormiram, mas quando Ulrika despertou na metade da noite descobriu que Iskander não estava, e o ouviu de novo caminhando acima e abaixo frente à cabana.

Ao dia seguinte Iskander decidiu que deviam recomeçar a marcha, mas, face à insistência de Ulrika, negou-se revelar aonde se dirigiam e a identidade de seus perseguidores. Ulrika pendurou suas esteiras nos ombros enquanto Iskander subia Veeda à costas. A moça se agarrou a seu pescoço. Formavam um casal curioso, pois a dependência de Veeda com respeito a Iskander parecia a de uma menina com seu pai, enquanto Iskander a tratava com a delicada formalidade de um estranho.

Acamparam ao cair a noite, e quando Ulrika contemplou a lua e reparou que continuavam dirigindo-se para o leste, o que a afastava de sua rota, perguntou:

—Aonde nos leva?

Ante o silêncio de Iskander, acrescentou:

—Não era necessário que me sequestrasse. Poderia ter me pedido ajuda.

Surpreendeu-a cravando seus olhos negros nela, e ouviu franqueza em sua voz quando disse:

—Sinto muito. Temia que Veeda morresse. Não queria perder nem um instante em conseguir ajuda. Nestas montanhas somos muito tribais. Vigiamos nossos tesouros e recursos e receamos outras tribos. A rivalidade é nosso estilo de vida. Ignorava qual seria sua reação. Poderia me ter dito que não, e então, o que teria feito?

—Quanto tempo tem intenção de me reter?

—Poderá partir amanhã pela manhã. Darei comida e uma arma para você, e indicações de como chegar à Cidade dos Espíritos.

—O que farão você e Veeda?

—Iremos para o leste.

Iskander reuniu ramos e folhas e começou a preparar um fogo que não acendeu. Orou sobre as lascas e colocou o chifre de marfim ao lado enquanto cantava. Finalmente se sentou sobre os talões e disse:

—Estou procurando membros de minha tribo. Não sei para onde ir. Acredito que poderiam ter fugido para o leste. Disse que está procurando um homem com respostas chamado o Mago. Acha que poderia me ajudar?

Ulrika pensou em sua situação e compreendeu que, embora não pudesse confiar plenamente em um homem que a tinha sequestrado, seria fácil ela perder-se naquelas montanhas, e que o mais prudente seria manter Iskander com ela.

—Vive na Cidade dos Espíritos. Sabe onde é?

Estavam jantando pescado cru, frutos secos e bagos. Iskander mastigou pensativamente antes de responder.

—Sim, posso te levar até lá.

Ulrika suspirou aliviada. Logo estaria devolvendo o favor ao príncipe que antigamente tinha ajudado a sua mãe. Pediria que a levasse a Shalamandar, onde iniciaria o verdadeiro caminho para o que estava destinada e o qual esperava que a fizesse livre para poder estar com Sebastiano em sua volta da China, livre para o amar e passar com ele o resto de sua vida.

Ouviram um ruído. Ulrika se sobressaltou, mas Iskander pousou uma mão em seu braço.

—Estamos a salvo — disse—. As armadilhas estão intactas. Esses homens não nos alcançarão.

Olhou Veeda, que dormia profundamente. Já não tinha febre e a ferida estava sarando. Mas Iskander se negava deixar que ela caminhasse e a carregava sobre suas costas. Não pesava. Com quatorze anos, Veeda mal tinha iniciado o processo de fazer-se mulher. Embora já fosse possível adivinhar seus seios tomando a forma adulta, o corpo ainda era magro e sem curvas. Levava solta sua densa cabeleira negra, mas tinha explicado a Ulrika que quando se casasse recolheria o cabelo sob um lenço, como era costume em sua tribo, e só seu marido poderia vê-lo. Vestia um traje curioso: malhas e um objeto de manga longa que Ulrika não tinha visto antes, rodeada do pescoço até a cintura e fechada na frente com uma longa fileira de diminutas lascas de osso introduzida em ranhuras.

Veeda a chamava «jaqueta» e o fechamento chamava «botões». Semelhava um objeto de homem, pensou Ulrika, e, entretanto assentava muito bem e parecia muito prática para a vida nas montanhas.

Veeda mostrava uma grande curiosidade pelo mundo e fazia muitas perguntas a Ulrika. Só quando dormia, gemendo e com lágrimas brotando de seus olhos fechados, perguntava-se Ulrika que dor secreta encerrava seu coração.

—Mas e se conseguirem pular as armadilhas? —perguntou a Iskander—. O que farão?

—Matarão nós três. Por isso, pelo perigo em que te coloquei, peço perdão. Mas era necessário.

—Quais são esses homens que os perseguem?

Desta vez Iskander não esquivou a pergunta.

—São de outra tribo, os inimigos de meu povo. Faz muitas gerações se iniciou uma luta entre ambas as tribos. Ninguém sabe quem ou o que a começou, ou que tribo, mas se buscou vingança depois de um incidente e, como é lógico, houve um contra-ataque. A vingança é nosso estilo de vida. Mas é um ciclo sem fim. Quando nos vingarmos dessa tribo, esta tem que criar uma nova razão para vingar-se de nós, de modo que levamos séculos lutando.

»Mas cinco anos atrás se cometeu um ato imperdoável. Homens de minha tribo, me envergonha dizer, ultrapassaram o limite: violaram uma de suas mulheres. Declararam-nos a guerra e juraram que nos erradicariam da face da terra. Chegaram de noite. Não pudemos fazer nada. Eu estava no bosque fazendo guarda contra um inimigo ao que nunca via; quando retornei, encontrei minha aldeia arrasada, meu povo assassinado. A outra tribo soube que eu continuava com vida e foram atrás de mim. Isso faz cinco anos; Desde então fugindo após.

—E Veeda?

—Procurei refúgio na aldeia de um povo que não conhecia. Foram amáveis e me acolheram. Uma noite despertei e descobri que a aldeia estava sendo atacada. Meus inimigos tinham encontrado meu esconderijo. Estavam incendiando as cabanas e matando os aldeãos. Ao vê-lo, me entreguei. Saí e disse: «Aqui estou. Sou seu». Capturaram-me, mas quando me dei conta que minha captura não bastava, que pretendiam continuar

destruindo a aldeia como castigo por ter me dado refúgio, consegui me soltar e tentei impedir. Mas era um homem contra muitos. Corri até a casa onde me alojava e encontrei toda a família morta. Escutei um ruído sob os cadáveres e descobri Veeda. Seus pais a haviam coberto com seus corpos para protegê-la. Fugi levando Veeda comigo. Paramos no alto de uma colina para olhar para trás e vimos as cabanas em chamas, e pelo silêncio que reinava soubemos que a aldeia tinha sido exterminada.

Seus olhos negros pareceram olhar para seu interior quando soltou um suspiro trêmulo e disse:

—Eu levei esses homens a essa aldeia inocente. Sou o responsável por todas essas mortes.

—Você só tentava sobreviver — disse docemente Ulrika, recordando um terrível campo de batalha em um bosque da Germânia—, não podia saber o que iam fazer.

—Agora procuro gente de minha tribo, pois acredito que alguns escaparam e fugiram para o leste. Por isso o Mago do que fala me interessa. Talvez possa me dizer se alguém de minha tribo continua vivo. Não suporto pensar que eu, Iskander, filho do xeque Farhad Aswari, sou o último membro da antiga e nobre tribo dos asghar.

Ulrika lhe olhou incrédula. Ele era o príncipe que devia ajudar?

Levavam dias caminhando pelas montanhas e estavam se aproximando da Cidade dos Espíritos, situada justo ao outro lado do desfiladeiro. Pelo caminho, aldeãos e granjeiros tinham confirmado que, efetivamente, o Mago residia nessa cidade proibida e tinha fama de ser um homem muito sábio.

Assim, o trio avançava depressa, subindo até densos bosques onde o ar era frio e escasso, onde gente cordial e hostil custodiava seus pequenos territórios e olhava com curiosidade ao insólito trio: a jovem de olhos azuis e cabelos da cor do mel que falava grego e sabia um pouco de persa; o jovem de olhos negros, vestido com peles de animais próprias das tribos das montanhas, que não parecia marido nem irmão de suas duas acompanhantes femininas, um jovem taciturno que tinha pouco a dizer; e a moça de

sorriso fácil que vestia as malhas e a jaqueta rodada das pessoas do sul, uma jovem muito bonita, de olhos grandes, que vários homens tentaram comprar de Iskander.

Os três tinham procurado comida pelo caminho, faziam trocas com granjeiros e tinham ganhado comida graças às habilidades curadoras de Ulrika. Tinham acampado sob as estrelas, onde Ulrika ouvia Veeda soluçar em sonhos tristes e Iskander se revirar vítima da insônia. Banhavam-se em riachos frios e cada manhã e cada noite Iskander preparava um pequeno fogo para seu deus, Ahura Mazda, recitando orações, enquanto que Veeda entoava cânticos de louvor aos anjos que há entre nós».

E por fim tinham chegado ao desfiladeiro das montanhas que os conduziria a um mundo que poucos forasteiros tinham visitado. Um mundo onde, confiou Ulrika, o Mago ainda vivia e possuía todas as respostas.

Já não tinha dúvida que Iskander era o príncipe que devia ajudar, mas a inquietava que seu povo tivesse sido aniquilado. Como se supunha que devia lhe ajudar se tinha chegado muito tarde? Será que o Mago revelaria a existência de sobreviventes que esperavam reunir-se com ele em um novo lugar do leste.

Iskander tinha estado pouco falador os últimos dias, em troca Veeda se mostravam animada e loquaz. Caminhava mancando, cansava-se facilmente e sofria pesadelos relacionados com a destruição de sua aldeia, mas era uma garota forte. Quando estava acordada dava amostras de grande curiosidade, e muitas vezes tinha que lembrar a ela que baixasse a voz e não se afastasse. Os rastreadores continuavam procurando-os, os inimigos tribais de Iskander, a quem Ulrika não tinha visto mas sim ouvido —seus grunhidos iracundos, seus fortes passos—, e não duvidava que matariam os três se os encontrassem.

Depois de chegar a um atalho agreste que transcorria entre os topos de duas montanhas, pararam para olhar para trás. E Ulrika os divisou por fim, entre as árvores e as rochas da ladeira, sob o sol do meio-dia, homens barbudos levando armas. Os rastreadores cravaram o olhar em Iskander enquanto o vento soprava a seu redor e uma águia chiava de seu refúgio. Logo, para surpresa de Ulrika, deram meia volta e retrocederam montanha abaixo.

Olhou Iskander.

—Por que voltaram?

—Este é o limite de seu território. A partir daqui seus deuses carecem de poder. Não nos seguirão.

—Então, estamos salvos? —perguntou, esperançada, Veeda.

Iskander guardou silêncio enquanto via desaparecer as figuras pela ladeira.

—Não irão longe — disse ao cabo—. Acamparão e confiarão que algum dia desça. Aguardarei o momento oportuno. Quando se voltarem preguiçosos e descuidados, entrarei em seu acampamento e fatiarei a garganta deles enquanto dormem. Logo irei a sua aldeia, incendiarei-a e não deixarei um só homem, mulher ou menino com vida. Desse modo, minha vingança será completa.

Ulrika o olhou dos pés à cabeça. Durante os dias de caminhada através das montanhas tinha averiguado que Iskander sofria de insônia. Embora ficasse adormecido poucos minutos depois de tombar sob sua manta, os sonhos e os demônios não demoravam a despertar, e a partir desse momento caminhava agitadamente de um lado a outro o resto da noite. Agora compreendia o que era o que o mantinha acordado. A vingança era um estimulante poderoso.

—Vamos — disse Iskander. Virou-se e empreendeu os últimos passos de sua viagem.

Paredes levantadas e rochosas, carentes de vegetação, envolviam o trio, que seguia o atalho em silêncio, com o cascalho e as pedras rangendo sob suas botas de couro. Soprava um vento forte que agitava capas e cabelos. Como imitando seu progresso, o sol alcançou seu apogeu e, quando os viajantes começaram a descer pelo outro lado da montanha, o astro começou sua descida para o oeste.

No topo viram sob um céu de finais de verão profundamente azul e salpicado de nuvens, uma planície dourada que se estendia a seus pés com uma magnificência que cortava a respiração. O vale descansava dentro de um anel de montanhas azul lavanda e em seu centro se divisavam os restos de uma cidade de muros enormes e colunas colossais, ruínas e calcinadas, o único legado da destruição selvagem e implacável que tinha tido lugar ali trezentos anos antes.

Iskander, Ulrika e Veeda tiraram o chapéu logo no lado leste da montanha, seguindo o antigo caminho real por uma velha ponte de madeira que cruzava o rio Pulvar. Quando entraram em um vasto terraço de pedra do qual partia uma grande escada para o

céu, contemplaram com humilde consternação os montículos de escombros e pilares derrubados do que em seu dia foi o palácio de Darío, o Grande. Ali não cresciam nem árvores nem flores, nem sequer uma fibra de erva, tão só uma árida planície tosquiada até a casca. Por toda parte se divisavam colunas carbonizadas, capas de pó e cinzas procedentes das enormes vigas desmoronadas durante o terrível inferno provocado pela tocha de Alexandre. Isso era o que restava dos poderosos cedros do Líbano e as tecas da Índia, em outros tempos colunas ricamente pintadas e coroadas com ouro. As paredes de pedra calcária, cinzeladas laboriosamente por hábeis trabalhadores de pedreira, exibiam desfiles rígidos de pessoas longo tempo esquecidas e que agora eram os únicos habitantes do desolado lugar. Para cúmulo, os viajantes tinham deixado gravados nas paredes, provas de seu passo pelas ruínas: *Suspirium puellarum Alypius thraex* (*Alipio o tracio faz suspirar às moças*).

Quando chegaram frente a um grande arco sustentado por dois pilares, Ulrika parou.

—Conheço este lugar — disse assombrada—. Estive antes aqui.

Iskander e Veeda se voltaram para ela enquanto um vento fresco balançava seus cabelos.

Ulrika esquadrinhou as fileiras de colunas que se elevavam sobre a planície. Um pilar atrás de outro, centenários de linhas perfeitas.

—Lembro que pensava que era um bosque de árvores de pedra. —continuou andando—. Contaram-me que o Mago vive ao norte daqui. Acredito que minha mãe e eu o conhecemos. Passamos por estas ruínas quando partimos da Pérsia. Eu não tinha mais de três ou quatro anos.

Contemplou as paredes cobertas de baixos-relevos e textos cuneiformes, as escadas que conduziam a nenhuma parte, os tristes restos do que tinham sido magníficos palácios e jardins.

De repente parou com os olhos muito abertos.

—Aí está!

Soltou as esteiras e pôs-se a correr. Iskander e Veeda a seguiram até encontrar-se diante de uma enorme parede de pedra calcária.

Olharam boquiabertos o príncipe sentado sobre o majestoso trono. Vestia roupas esplêndidas e um chapéu alto e redondo pelo que aparecia um arbusto de cachos

grossos que caía até os ombros. Uma barba enorme, recolhida em apertados cachos, cobria-lhe o torso até a cintura. Em uma mão sustentava um cajado e na outra, curiosamente, uma flor. Frente a ele, em um incensário de ouro, ardia incenso.

Era um baixo-relevo. Não um homem de carne e osso, mas um imperador a longo tempo falecido e esculpido em pedra.

—Olá? —chegou uma voz com o vento.

Viraram-se e viram um homem corpulento que subia os degraus soprando. Ia vestido com um casaco longo, feito de pelo de cabra, que mantinha fechado com um cordão. Tinha o cabelo cinza, recolhido em tranças, e em sua densa barba cinza tilintavam contas e campainhas decorativas.

—Saudações, estrangeiros! Bem-vindos a minha casa. —Estendeu os braços —. Sou Zeroun, o Armênio, e aquilo ali é meu acampamento de caravanas.

Seguiram a direção de seu dedo e divisaram edifícios de pedra, currais, animais e hortas.

—Devem comer, beber e conversar com outros viajantes! Disponho de quartos acolhedores e multidão de notícias e intrigas! Não convém se entreter aqui, este lugar está enfeitado e muitos acreditam que traz má sorte.

—Que lugar é este? —perguntou Ulrika.

—Os habitantes deste vale o chamam a Cidade dos Espíritos. Alexandre Magno o chamava Persépolis. Mas tempo atrás outra raça de seres viveu aqui e pôs em seu lar o nome de Shalamandar.

Ulrika olhou abalada a seu redor. Aquilo era Shalamandar? Ali não havia lagos, nem cristal nem nada que parecesse. Só ruínas e pó.

—Poderia nos dizer onde podemos encontrar ao Mago? —perguntou Iskander.

—O Mago? —Zeroun jogou a cabeça para trás e riu—. Ainda respira esse velho mito? Não há nenhum Mago. Inventou isso há muito tempo um enganador: tirava o dinheiro do povo desesperado e logo desaparecia.

Ulrika olhou abatida ao armênio. Nem lagos cristalinos. Nem magos. Nem ninguém que lhe oferecesse uma chave. E o príncipe ao que supunha que devia salvar era um simples homem das montanhas que já tinha perdido a sua tribo.

Ulrika passou rapidamente do abatimento ao entusiasmo. Depois de tudo, tinha encontrado Shalamandar, o lugar onde o amor tinha unido Wulf e Selene, o lugar de sua concepção, o lugar de onde iniciaria seu novo e autêntico caminho.

O trio acampou no terraço real onde séculos atrás imperadores tinham recebido importantes dignitários de outras nações mas onde agora unicamente serpentes e escorpiões cruzavam o chão calcário. Iskander foi em busca de mata e ramos pelos arredores das ruínas para construir um refúgio a Ulrika e Veeda. Depois acendeu uma fogueira rezando a Ahura Mazda, benzendo o nome de Zoroastro e pedindo ao profeta que imbuísse de bondade e luz o coração de seu humilde servidor e outorgasse forças para dar morte a seus inimigos de uma vez por todas.

Veeda perambulou pelas ruínas até que o sol alcançou o horizonte do oeste, criando longas sombras sobre a planície dourada, e caminhou entre as colunas e os muros caídos, passando as gemas dos dedos por imagens de gente falecida fazia tempo. Cantava em um dialeto que seus companheiros não entendiam. Dizia que cantava aos anjos que moravam ali.

—O que fará agora? —perguntou Iskander.

Ulrika contemplou os olhos negros que apanhavam o resplendor do fogo. Sabia que Iskander tinha depositado grandes esperanças que o Mago lhe dissesse se alguém de sua tribo tinha sobrevivido.

—Meditarei aqui — disse Ulrika—, pois, embora estejamos rodeados de ruínas, este é um lugar especial e acredito que me chegarão respostas. Começarei amanhã. Agora estou muito cansada para jejuar e limpar meu espírito. Quando tiver descansado e possa me concentrar, sentarei entre essas paredes e pilares ruídos e pedirei revelações à Mãe de Todos. Talvez —acrescentou com um sorriso alentador— averigüe aonde foi o resto de sua tribo.

—Pode fazê-lo? —perguntou Iskander em um tom esperançado.

—Disse que vim procurando respostas a uma pergunta pessoal. Tenho visões.

Às vezes são tão poderosas que não posso diferenciá-las das lembranças ou os sonhos.

Iskander assentiu.

—Como quando agarrou este chifre — disse levando-a mão ao talismã que pendia do cinturão.

—Vi uma fogueira em uma montanha —revelou Ulrika— e gente dançando a seu redor. Nem sempre tenho visões, mas estou treinando em uma disciplina especial que espero liberar meu poder. —embrulhou-se na capa—. Do que é o chifre? Não o reconheço.

Ulrika ouviu orgulho e veneração na voz de Iskander quando este falou de uma criatura chamada unicórnio.

—Os unicórnios viveram faz muito tempo, mas estão há séculos extintos. Quando o profeta Zoroastro converteu meu povo de costumes pagãos, quando aboliu as imagens e a idolatria e criou o primeiro Templo do Fogo, meus antepassados reuniram essas primeiras cinzas puras e as repartiram entre os membros do clã. Escolheram recipientes de inestimável valor para guardar as cinzas, e acredito que o meu é o único que sobrevive. É sagrado e muito poderoso.

Iskander olhou Ulrika um longo momento enquanto Veeda dançava entre as ruínas entoando suas canções incompreensíveis; a luz do fogo tremia sobre as paredes centenárias, fazendo que as imagens gravadas nelas parecessem mover-se. Finalmente disse:

—A visão que teve quando tocou o chifre... — A voz tremeu—. O que viu foi o Primeiro Fogo. E embora nunca duvidasse que este chifre contivesse as cinzas autênticas daquele fogo... você me demonstrou que o que levo, o que levaram meus antepassados, é uma relíquia autêntica dos tempos do profeta Zoroastro. —Esboçando um sorriso doce e nostálgico, acrescentou—: Te agradeço por isso, Ulrika. —Era a primeira vez que pronunciava seu nome.

Quando viram Veeda aparecer por trás de um muro dançando e girando com os braços em alto sob a luz das estrelas —a perna já não doía ou não era consciente disso —, Ulrika perguntou:

—O que está cantando?

—Seu povo adora seres aos que chamam de anjos.

Ulrika recordou que Raquel tinha falado de anjos e explicado que, segundo a crença judia, eram mensageiros de Deus.

—São os Imortais Pródigos — prosseguiu Iskander—, e embora não podemos vê-los, Veeda diz que estão entre nós, que nos ajudam e nos protegem. Os anjos têm

nomes especiais e vivem de acordo com uma complexa hierarquia, mas isso é tudo o que sei. Veeda diz que está proibida de falar de sua religião e pronunciar os nomes dos anjos. Os anjos —acrescentou em um tom sombrio— são a razão que o povo de Veeda seja tradicionalmente tão hospitaleiro. Contam que quando recebem um desconhecido em sua casa, às vezes se trata, sem sabê-lo eles, de um anjo.

Ulrika viu que seus olhos se enchiam subitamente de pesar e compreendeu: acreditaram que Iskander era um anjo, mas, em lugar disso, levou-lhes a morte.

—Me fale de seu povo — disse ela enquanto Veeda continuava dançando no terraço real e seu corpo esbelto e ágil a fazia pensar em uma gazela.

—Somos pastores. Pastoreamos milhares de ovelhas nos vales de minha terra e isso nos faz muito prósperos. —Iskander dirigiu o olhar para seu interior e seu rosto se iluminou com uma lembrança agradável—. Os homens de minha tribo devem construir sua casa com suas próprias mãos. É sua maneira de mostrar sua valia. Eu sonhava construindo a casa maior e mais bonita de minha aldeia, fazer que minha esposa estivesse orgulhosa de casar-se com um príncipe e encher os quartos de meninos.

—Ainda pode fazê-lo.

O rosto de Iskander se escureceu.

—Meu destino é outro.

—A vingança só trás vingança — repôs brandamente Ulrika—. Em Roma dizemos que quando um homem planeja uma vingança, deveria cavar duas tumbas.

Iskander meneou a cabeça e a luz da fogueira titilou em seus cachos negros.

—Devo fazê-lo; do contrário, me farão responsável.

«Quem?», perguntou-se Ulrika. Se for o último sobrevivente de seu povo e tinha intenção de aniquilar à outra tribo, quem ficaria para julgá-lo? E como — se perguntou pela enésima vez— devia salvá-lo, tal como tinha profetizado Miriam? A menos que houvesse outro príncipe...

Ulrika fixou novamente sua atenção em Veeda, que estava girando sobre as pontas dos pés com os braços em alto, emoldurando a cabeça. A longa cabeleira negra caía como uma cascata de tinta brilhante. Com suas malhas e sua jaqueta rodada, oferecia uma imagem ágil, ligeira, fluída. Sua voz entoava oitavas altas e os olhos brilhavam de amor e sorte. A moça dançava pelo terraço aproximando-se dos muros, separando-se deles,

correndo aqui e lá, até que Ulrika reparou que estava se aproximando cada vez mais de uns grandes blocos caídos que não parecia ver.

—Veeda... - começou.

A moça cantava aos anjos com os olhos fechados e um sorriso.

—Veeda — repetiu Ulrika, levantando-se—. Afaste-se daí ou se machucará.

Também Iskander se levantou.

—Veeda — disse.

Não podia a ouvir. Com sua voz aguda e melodiosa, fechando os olhos à realidade e imaginando seres dourados de outro mundo, seguiu dando voltas sob a lua.

Quando se aproximou perigosamente aos blocos caídos, Iskander foi procurá-la.

A tíbia de Veeda se chocou com a quina de um bloco no instante em que Iskander alongava um braço. Deu um grito e perdeu o equilíbrio. Mas Iskander a agarrou a tempo. Rodeou-a com seus braços enquanto a olhava com cara de susto.

De seu lugar frente ao fogo, Ulrika presenciou algo do que intuía que nem Iskander nem Veeda eram conscientes: a intensidade com que se olhavam, a forma em que ela se agarrava a ele quase sem fôlego, a força com que ele a sustentava e, sobre tudo, a longa duração de seu abraço. Iskander e Veeda estavam apaixonados.

Enquanto Iskander se achava no desfiladeiro vigiando o inimigo acampado na ladeira e esperando a oportunidade de vingar-se, e enquanto Veeda visitava o acampamento de caravanas de Zeroun, a uma milha das ruínas, Ulrika ficou sozinha entre colunas partidas e escadas que não conduziam a nenhuma parte.

Tinha chegado o momento de meditar. Se esse lugar era realmente Shalamandar, com certeza encontraria respostas. Pois ali se pararam Wulf e Selene a descansar, ali tinha começado sua existência.

Escolheu um lugar no terraço e se sentou com as pernas cruzadas, em uma postura relaxada. Não tinha tomado o café da manhã, pois tinha comprovado que o jejum aumentava a concentração. Fechou os olhos, acalmou a respiração e iniciou seu canto sussurrado à Mãe de Todos.

Conforme orava, sua espera para ver os Lagos Cristalinos foi aumentando. Imaginava formoso, de águas doces e frescas que estimulavam o espírito além da vista.

Como seriam de tamanho? Perguntou-se. Quantos teriam? De onde provinha a água? Eram alimentados por geleiras, rios ou poços artesianos?

Abriu os olhos. Não acontecia nada.

Inspirou fundo, fechou os olhos e começou de novo. Lançou seus pensamentos ao desconhecido e insistiu com sua alma a explorar o cosmos enquanto visualizava sua chama interior. Mas transcorrido um momento só era consciente da dureza da pedra sob suas nádegas e da dor em suas costas. Sua mente se distraía, e tinha fome.

Voltaria a tentar no dia seguinte.

—Ulrika — disse Veeda—, Posso te fazer uma pergunta pessoal?

Estavam preparando o café da manhã enquanto Iskander procurava ovos na mata dos contrafortes. Estavam há um mês na Cidade dos Espíritos, tinham construído um acampamento agradável nas ruínas e tinham visto os primeiros indícios de neve nas montanhas longínquas. Aproximava-se o inverno. Logo as caravanas não poderiam cruzar os desfiladeiros e o trio ficaria apanhado naquele vale ancestral.

Tinham adotado uma rotina. Iskander partia cada dia ao desfiladeiro para observar seus inimigos, ainda acampados do outro lado. Veeda cerzia ou cozinhava com Ulrika ou ia ao acampamento de caravanas, onde estava fazendo amigas entre as garotas que moravam nele.

Ulrika tinha realizado suas meditações diárias sem obter resultado algum. Se aquele era o lugar onde sua vida tinha começado, a essas alturas já deveria ter tido visões. Deveria conhecer a natureza da profecia e quando iniciar o caminho para o que estava destinada.

Contemplou as montanhas polvilhadas de neve e soube que devia tomar uma decisão: ou ficava ali e continuava o que parecia ser um exercício inútil para encontrar respostas a seu dom, ou comprava uma passagem na próxima caravana que passasse por ali rumo ao sul. Depois de tudo, só contava com a palavra de um estranho que aquele lugar era realmente Shalamandar. Zeroun havia dito: «A lenda local diz que assim o chamaram há muito tempo». Mas com os anos as lendas tendiam a se deformar e inclusive a distorcer totalmente. Ulrika se perguntava se não deveria voltar para Babilônia e procurar outra maneira de averiguar onde se achava o verdadeiro Shalamandar.

—Pode me perguntar o que quiser — disse.

—Esteve apaixonada alguma vez?

Ulrika reparou no sorriso tímido e no rubor da moça. Deixou de lado a faca e as cebolas de finais de outono que tinham comprado de Zeroun e disse:

—Agora mesmo estou. De um homem maravilhoso que se acha nesse momento a caminho de uma terra legendária e remota.

—E ele te ama?

—Sim. —Mas estavam há muito tempo separados. Teria chegado à China?

Acharia exóticas e belas as mulheres dali? Irresistíveis possivelmente?

Sentia tanta saudade de Sebastiano que às vezes era como uma dor física.

Relia sua carta todos os dias; pronunciavam em voz alta as palavras por ele escritas e terminadas com um «Te amo». Suspirava por seu calor e sua força, ansiava sentir seus braços musculosos, precisava experimentar a solidez de seu corpo e a segurança de seu abraço.

Acariciou a concha que descansava sobre seu peito.

—Deu-me isso Sebastiano. Conectava-o com sua terra natal, e agora me conecta com ele.

—Conecta-te também com sua terra natal?

Ulrika contemplou seus olhos escuros e curiosos, cheios de tristeza e esperança, e caiu na conta de que tinha mais coisas em comum com aquela moça tribal do que pensava. Ambas ignoravam qual era seu lugar no mundo.

—Suponho que sim — respondeu—. Não tinha pensado nisso.

Veeda olhou as mãos e, vacilante, disse:

—O que... O que uma mulher tem que fazer para que um homem se fixe nela?

—Veeda — disse Ulrika com doçura— Iskander se fixa muito em você.

A moça ruborizou. «Devo dizer que suspeito que ele sente o mesmo mas se contém? —pensou Ulrika—. O que impede Iskander de expressar seus sentimentos? O inimigo acampado do outro lado da montanha, à espera que desça?»

—Quando sobe ali — disse Veeda assinalando a montanha que se elevava sobre as ruínas—, sinto um buraco aqui. — marcou dois dedos no peito—. Quando retorna, o buraco volta a encher-se. Mas Iskander nunca me amará.

—Por que diz isso?

—Por Asmahan.

—Quem é Asmahan?

—Sua esposa. Iskander acredita que continua viva.

Ulrika a olhou espantada.

—Não sabia que era casado. —E nesse momento soube a verdade: Iskander não estava procurando os sobreviventes de sua tribo, mas uma mulher. E se estava ali, planejando a morte dos homens acampados do outro lado do desfiladeiro, não era por uma velha rivalidade, mas sim pela necessidade de vingar-se dos homens que acreditava que tinham matado a dita mulher.

Ulrika sentiu pena por Iskander. Tantas mortes absurdas... A tribo de Iskander aniquilada. O clã de Veeda exterminado. E agora Iskander queria apagar seu inimigo da face da terra. Quando terminaria tudo isso?

—Caravana! —gritou Iskander subindo à carreira os degraus do terraço—.

Aproxima-se uma caravana!

Ulrika se virou para a planície e viu, sob o sol da manhã, uma cena surpreendente: centenas de camelos, cavalos e asnos, carregados com fardos e cavaleiros, avançando lentamente pela planície. Retirou o espeto do fogo —estava assando uma lebre esfolada cuja gordura gotejava sobre as chamas com deliciosos estalos— e se levantou protegendo os olhos contra a fúria do sol.

O tinido familiar e grato dos guizos dos camelos viajou com a brisa até o terraço real e Ulrika pensou com desassossego: «Será a última caravana? Deveria ir com ela ao sul?»

Iludido, o trio abandonou apressadamente o acampamento perguntando-se de onde provinham os comerciantes, aonde se dirigiam, que gente e artigos exóticos transportavam. A última caravana que tinha cruzado o vale transportava a biblioteca pessoal do Grande Visir, e Ulrika e seus amigos descobriram que este mantinha sua biblioteca de 117.000 volumes organizada enquanto viajava ensinando seus camelos a caminhar em ordem alfabética.

Quando se aproximou da buliçosa concorrência de camelos, cavalos e homens, ouviu a voz ensurdecadora de Zeroun, o Armênio, elevando-se para as nuvens invernais.

—Asseguro amigo, que compreendo sua saudade! É algo que todos sentimos! Também eu às vezes sinto saudade de minha terra! Deixe-me te dizer que agarrar-se a algo muito querido e valioso é a forma de ancorar-se em uma terra estranha. É a chave.

Ulrika parou em seco e olhou o armênio.

Sua voz rodava pela caravana como um trovão, elevando-se por cima dos bramidos das bestas e os gritos dos homens.

—Sobre tudo um homem como você, senhor, que entra no desconhecido procurando quem sabe o que. Por muito atento que esteja, por muito que te concentre em sua exploração, se não se agarrar a algo que tenha significado para você, não estará pondo todo o coração no empenho. Algo te contém, não é verdade? Por muito que te esforce.

Ulrika viu que Zeroun não estava olhando para seu convidado, mas além de seu ombro, e que tinha os olhos cravados nela.

O armênio desviou então o olhar e, pousando um braço nos ombros de seu convidado, disse:

—Essa é a chave do êxito em tudo, meu amigo! Rogo por que tenha a coragem de aceitar o conselho que estou dando. Depois de tudo, é grátis! —E sua poderosa gargalhada se apagou quando cruzou com seu convidado a porta da estalagem.

Ulrika ficou onde estava e os viu desaparecer.

Deixando Iskander e Veeda explorar a sós a caravana e seus visitantes, retornou a toda pressa às ruínas.

Quando subia os degraus pensou que Zeroun tinha razão. Não se tinha precavido até então, mas em suas meditações sempre estava contida, temerosa que sua alma errante se afastasse muito e acabasse por extraviar-se. Poderia o fato de agarrar-se a algo sólido mantê-la ancorada ao mundo real enquanto seu espírito aparecia ao outro lado? Era essa a chave, e Zeroun o homem encarregado de oferecer-lhe a resposta da pergunta feita à profetisa egípcia?

Faria a prova nesse mesmo momento. Estavam preparando o café da manhã quando a caravana chegou por isso Ulrika não tinha comido nada desde a noite anterior. Um jejum longo, sem dúvida. E sabia exatamente qual era a «âncora»: a concha, pois era dura, de cantos afiados, e tinha para ela um valor inestimável.

Desta vez não escolheu um lugar ao azar onde sentar-se para meditar. Queria estar o mais perto possível do lugar onde antigamente estiveram os Lagos Cristalinos. Mas

não via nada com reflexos de ter sido um lago ou um banho. Não havia depressões no terraço. Então compreendeu que perambular e utilizar sua mente racional não era o caminho. Precisava acessar a seu dom. Talvez desse modo chegasse uma visão.

Passeou entre as colunas acalmando a respiração, sussurrando sua prece à Mãe de Todos e segurando a concha com força. Notava a aspereza de um lado, a suavidade do outro. Concentrou-se na parte ondulada enquanto a acariciava com as pontas dos dedos. A concha aumentou de peso e tamanho em sua mão. Puxou-a para baixo. Ancorou-a até que se sentiu o bastante segura para lançar seu espírito ao desconhecido.

À medida que seu medo se dissipava fez um novo descobrimento: além do medo, outras emoções a continham. A raiva, o ciúmes, a pena... Compreendeu que o coração tinha que despojar-se dessas sombras para que o espírito pudesse caminhar para a luz.

Notou como ia se serenando até que muito em breve seus pés, como se gozassem de vida própria pararam diante de um grande arco de pedra. Duas colunas poderosas sustentavam um arco quadrado. Do outro lado do arco continuava a terraço, coberto de escombros.

Parou e, agarrando-se à concha, fechou os olhos, controlou a respiração e sussurrou:

—Estou aqui. Estou ancorada. Estou a salvo. Envio minha alma ao cosmos.

Santa Mãe de Todos, escuta minha prece...

E, como uma brisa, como um suspiro, uma resposta soou perto e longe ao mesmo tempo.

Cruza-o...

Ulrika abriu os olhos e, depois de uma inspiração revigorante, soltou lentamente o ar e cruzou o arco.

De repente estava pisando em uma erva verde sob um vasto céu azul; o vento batia em seu rosto e havia cabras balindo e pastando perto. Onde estava o arco de pedra? Ulrika olhou em redor e, ao reconhecer o anel de montanhas que envolviam a planície, percebeu que provavelmente tinha retrocedido a uma época anterior à construção da cidade.

Aguçou o olhar e através das árvores e a verde planície vislumbrou a silhueta tênue de colunas e paredes ruínas. Continuava na Cidade dos Espíritos.

Concentrou-se. Apertou a concha e repetiu a prece. Desta vez imaginou sua chama interior e pôs toda a atenção em sua luz. Lentamente, a paisagem adquiriu nitidez e as cores se avivaram até deslumbrá-la. Um instante depois o cenário mudou de novo. Agora estava em um paraíso silvestre, rodeada de álamos trêmulos e mananciais sussurrantes. Enquanto passava a vista ao redor, ante seus olhos apareceram lagos formosos, em todos os tons pratas e azuis, e Ulrika soube que tinha encontrado os Lagos Cristalinos de Shalamandar.

Uma mulher alta e bela, de longas vestimentas brancas que brilhavam com o sol, apareceu ante ela.

—Sei quem, é você. —disse Ulrika—. É Gaia, a antepassada de Sebastiano Galo. Por que me visita? É por causa da concha? Habita nela?

—Sou seu espírito guardião. Felicito-a, filha, porque aprendeste a lição. Já não é arrogante, mas uma peregrina autêntica. E agora que achou seu poder espiritual. Possui o dom da profecia, que é um canal com o divino. Em cada geração de seu povo nasce uma pessoa com esse dom. Ele ou ela encontra e reconhece pessoas e lugares sagrados, inclusive objetos sagrados, para que outros possam ir a eles e obter distração e consolo dos deuses.

—Sim, agora vejo... — sussurrou Ulrika. A caverna do xamã na Germânia; sentiu que era sagrada e, portanto, um bom lugar onde esconder-se. O chifre de unicórnio de Iskander, cheio de cinzas sagradas, que deu a Ulrika uma visão de antigos rituais religiosos. E a tumba de Jacob no mar de Sal? Tinha enterrado Raquel seu marido em chão sagrado?

—É essa minha missão? Encontrar lugares sagrados?

—Seu destino, sua missão na vida, filha, é encontrar aos Veneráveis e falar deles ao mundo. Por isso foi devolvida ao lugar de sua concepção.

—Os Veneráveis! Quem são?

—Saberá quando os vir. Recorde filha, que o dom da profecia é um dom da deusa que marca o começo de sua nova vida. Com este dom empreenderá de novo seu verdadeiro caminho, e desta vez não deve se desviar.

Os lagos desapareceram, Gaia desapareceu e Ulrika estava uma vez mais no terraço de pedra da Cidade dos Espíritos. Dedicou uns instantes a tranquilizar-se e

maravilhar do que acabava de experimentar, e no ínterim se sentiu profundamente renovada e cheia de energia, como se tivesse dormido muito e bebido uma taça de tônico revigorante. Cada músculo, cada tendão de seu corpo transbordava de energia. Jamais tinha conhecido semelhante clareza mental. Um benefício indireto compreendeu, da meditação.

Quando se virou para cruzar o arco viu Zeroun. E ao reparar em seu sorriso compreendeu algo mais.

—Você é o Mago.

—Sou. Era comerciante de tapetes quando cheguei a este vale muitos anos atrás. Levava tapetes ao vale do Indo quando parei minha caravana aqui para descansar, mas ficamos apanhados por neves prematuras e minha família e eu passamos o inverno aqui. Um dia estava passeando por estas ruínas quando me apareceu um espírito velho que me disse que tinha sido trazido até este lugar para uma tarefa especial. Assim agora me dedico a dar conselho a todo o que busca a verdade.

—Por que nos disse que o Mago é um mito?

—Porque não encontro colheres extraviadas nem leio o futuro. Tinha que me assegurar de que era uma peregrina espiritual autêntica.

Ulrika sorriu.

—Por que não me disse, simplesmente, o que devia fazer? Por que me deu as instruções através de um diálogo com um desconhecido?

—Porque a verdade está dentro de cada um de nós, e uma pessoa só pode encontrar a chave em seu interior. Eu não sou mais que um sinal. Corresponde a você achar o caminho.

—Posso perguntar então onde encontrar os Veneráveis?

—Deve descobrir sozinha, Ulrika, pois eles são parte de seu destino pessoal.

A caravana ficou só uns dias, e agora o comerciante estava impaciente para partir, pois o inverno se antecipava. Ulrika pôde comprar uma passagem para o sul. Ansiava retornar a Babilônia e empreender a busca dos Veneráveis.

E ansiava estar na cidade quando Sebastiano retornasse.

Não obstante, ao emergir de seu refúgio nas ruínas, envolta em sua capa de viagem e com as esteiras ao ombro, olhou para a planície e descobriu que a caravana já

tinha partido. Ainda podia vê-la ao longe, avançando pelo caminho do sul que a levaria por perigosos desfiladeiros antes de encontrar a tranquilidade da costa. Ulrika sabia que devia se apressar se quisesse alcançá-la.

Mas assim que se virou e viu Veeda e Iskander sentados com expressão triste frente ao fogo, parou em seco.

Seus amigos estavam tragicamente apanhados naquele lugar: Iskander era escravo de antigas tradições de rivalidade e vingança; Veeda era prisioneira de seu amor. «São como eu — pensou Ulrika—. Não sabem onde é seu lugar. »

Olhou para eles que tinham sido seus companheiros durante muitas semanas e pensou que também eles precisavam sair dali. Mas não sabia como convencê-los. Iskander estava tão obcecado vingando-se de seus inimigos tribais que não podia ver nada mais. E Veeda, ao não ter família nem lugar aonde ir, estava condenada a permanecer com ele. «Passarão a vida aqui», pensou Ulrika. Congelados no tempo como os homens gravados nas paredes dessa cidade morta.

—Devo ir — anunciou enquanto agarrava seu estojo de primeiro socorros.

Seu acampamento se assemelhava agora um pequeno lar, com paredes de madeira, um chão coberto de peles e corta ventos para proteger-se dos elementos. Ulrika tinha dormido, comido, rido e chorado naquele pequeno e estranho acampamento. Jamais esqueceria o tempo que tinha passado ali.

—Por favor, não nos deixe — disse Veeda.

Era uma beleza, pensou Ulrika, logo deixaria de ser um potro e se converteria em uma jovem encantada. Virou-se para a caravana.

—Venham comigo. Juntos deixaremos este vale e procuraremos um caminho novo. Mas devemos ter pressa.

Veeda rompeu a chorar e Iskander ficou tenso.

—O que pede é impossível, Ulrika, pois tenho a obrigação com minha família de me vingar para sempre de meus inimigos. E tenho a obrigação de manter Veeda a salvo, pois foi por minhas ações que sua tribo foi aniquilada.

Ulrika mordeu o lábio. Ainda estava a tempo de alcançar a caravana...

«Mas devo ajudar meus amigos. »

Suspirou, era consciente do que devia fazer.

Rogando por que essa caravana não fosse a última que passaria pelo vale, deixou as esteiras no chão e murmurou:

—Ajudarei.

Sob o atento olhar de Veeda e Iskander, sentou-se sobre uma agradável pele de cabra com as pernas cruzadas e fechou os olhos. Agarrando a concha com ambas as mãos, procedeu a sussurrar uma prece. Tinham visto Ulrika fazer isso uma infinidade de vezes. Ulrika tinha contado que tinha encontrado os Lagos Cristalinos através da meditação. Não obstante, não entendiam por que ficava a meditar nesse momento quando se mostrou tão decidida a partir com a caravana.

Aguardaram em silêncio.

Ancorada pela concha, com a chama de sua alma enchendo sua visão interior, Ulrika se despojou do medo, a impaciência, a ansiedade e inclusive a decepção de não ter partido com a caravana, até que sua alma se libertou e Gaia apareceu ante ela.

—Felicito-te, filha, porque superou a última prova. Não terá mais caravanas depois desta, pois o inverno chegou aos desfiladeiros. Seu sacrifício nos demonstrou que é digna do dom e agora será recompensada, pois Nós conhecemos as perguntas que habitam em seu coração. Olhe!

A seu redor se materializaram, de súbito, uma luz. Nuvens rosa de fogo e calor, explosões de faíscas douradas e suaves resplendores de luminescência azul giraram em torno de Ulrika quais mariposas amalucadas, envolvendo-a em um frenesi de esperança e júbilo. As luzes cintilavam como gotas de água brotando de uma fonte num caloroso dia de verão. Apareceram mais, luzes pálidas e incandescência resplandecente, girando, planejando, alagando o ar com seu cantar melodioso. Seres feitos de dourados frios e pratas quentes. As cores do arco-íris! Milagres de luz!

Ulrika soltou um chiado ao notar que asas leves e delicadas a abraçavam, e seu contato a encheu de tal paz e serenidade que chorou de alegria.

Eu sou hagia, eu sou sanctus, sussurravam as asas. Somos eternos, somos puros. E estamos sempre contigo, te observando, te protegendo...

Então percebeu...

Conteve o fôlego.

Havia algo por trás dos anjos e dos seres benévolos. Tentou tocá-lo, entender o que era, mas não podia. Sentiu que por dentro a invadia um amor imenso, feitas ondas intensas de serenidade e compaixão.

Então todo se desvaneceu e Ulrika soube que jamais voltaria a experimentá-lo.

Quando abriu os olhos viu dois rostos pálidos que a olhavam com preocupação. Demorou uns instantes em recuperar o fôlego. Percebeu que tinha o rosto banhado em lágrimas.

—Tenho algo que comunicar a vocês — anunciou quando se tranquilizou —. Algo que os fará livres.

Veeda e Iskander cruzaram um olhar de desconcerto.

—Veeda, me permitiu vislumbrar um mundo maravilhoso que supera quanto possa criar nossa imaginação — disse Ulrika—. Um ser chamado Parvaneh me falou.

A moça afogou um grito e riscou no ar um símbolo protetor.

—É um anjo, um anjo muito importante! Mas é proibido pronunciar os nomes dos anjos!

—O anjo me falou e me disse que Teyla está reunindo flores nos vestíbulos de mármore de Kasha. Sabe o que significa isso?

Veeda abriu os olhos como pratos. Levou as mãos ao peito e olhou atônita a Ulrika.

—Teyla é minha mãe! Como sabia? Como sabia o nome de Parvaneh? E de Kasha? Só meu povo conhece Kasha!

Quando Ulrika se virou para Iskander, viu em seus olhos sombrios uma pergunta que resistia a formular.

Sorriu docemente e disse:

—Os seres que habitam nesse lugar sagrado me mostraram muitas coisas. Agora sei que não morremos, que a existência é eterna e que a morte é só uma transformação...

—Não! —gritou Iskander levantando-se de um salto—. Não quero ouvir! Asmahan está viva. Levo cinco anos procurando-a e continuarei assim o resto de minha vida se for preciso.

—Iskander, me escute...

—Não! —levou as mãos aos ouvidos e se virou.

Ulrika se levantou, aproximou-se dele e pôs uma mão no braço dele.

—Lamento que Asmahan morresse, mas tem que me acreditar se te disser que está no paraíso.

Iskander a olhou com tristeza e deixou cair os ombros.

—Acredito, pois viu o altar do fogo sagrado do Zoroastro. Acredito em seu dom, e suponho que todo este tempo soube que minha esposa estava morta. Deveria me alegrar em saber que está no paraíso — prosseguiu com voz grave—, mas não é assim. A Asmahan e eu fomos privados de uma vida juntos e esses homens vis acampados na ladeira da montanha pagarão por isso. Agora já não me bastará matando-os. Torturarei-os durante dias e me assegurarei de que sofram imensamente.

—Iskander, me escute — sussurrou Ulrika—. É o último sobrevivente de sua tribo, vi em minha visão, igual a Veeda é a única sobrevivente de seu povo. Se levar seu ato de vingança, tenha com certeza que o matarão. Tem que pensar em seu povo, Iskander. Ainda podem viver através de você. Mas se perecer, então estarão realmente mortos.

O jovem cobriu o rosto com as mãos e rompeu a chorar amargamente. Veeda se aproximou e Iskander chorou sobre seu ombro enquanto a abraçava com força e sussurrava palavras de consolo.

Finalmente se tranquilizou e disse:

—Tem razão, Ulrika. Se Matar meus inimigos e queimar sua aldeia, alguém sem dúvida sobreviverá e passará o resto de sua vida me perseguindo até conseguir me matar, e então minha tribo terá desaparecido por completo. Sim, é minha obrigação me vingar de meus antecessores, mas maior é a obrigação que tenho para com meus descendentes e para com Veeda e seu povo, pois através de nós continuarão ambas as linhagens.

Ulrika pousou uma mão em sua bochecha.

—Iskander, faz com que Veeda se orgulhe de ser a esposa de um príncipe. Construa uma casa e enche-a de meninos, porque vai ser o fundador de uma nova tribo. — Enquanto falava recordou que, antes de chegar a esse lugar, a intenção de Iskander tinha sido ir para o este, mas o tinha persuadido que a levasse a Cidade dos Espíritos. Agora compreendia que se Iskander tivesse viajado para o leste, provavelmente seus perseguidores o teriam capturado e matado. Isso queria dizer que Ulrika tinha salvado a vida dele e tinha completado assim a profecia da Miriam, a de ajudar um príncipe a salvar seu povo.

Quando chegou a neve, o trio abandonou seu acampamento nas ruínas e se instalou com Zeroun e sua família enquanto Iskander, seguindo a tradição de sua tribo, construía uma casa. Assim passaram o inverno, Iskander levantando seu lar e ajudando a reparar outras moradas, Veeda entretendo os aldeãos com suas canções e bailes, e Ulrika atendendo às vítimas das febres invernais. Todos os dias ia ao arco de pedra, onde invocava com facilidade a visão dos Lagos Cristalinos de Shalamandar, e ali meditava, orava e polia seu dom e seu poder espiritual.

Com o primeiro degelo atracou uma caravana do norte que a aceitou como passageira de pagamento.

Iskander e Veeda foram se despedir e ela abraçou ambos com ternura.

Quando se despedia de Zeroun, perguntou se era o último de sua espécie.

—Não sou o primeiro Mago de Shalamandar nem serei o último. Enquanto tenha peregrinos da verdade, terá um Mago neste vale.

Já instalada na caravana, meditou sobre seu novo destino.

Na Babilônia procuraria os Veneráveis e todos os dias perguntaria se havia novidades sobre uma caravana que devia retornar da longínqua China.

LIVRO 7

China

—Chamam-nos Ossos de Dragão — disse o terceiro intérprete a Timónides —. Predizem o futuro.

O astrólogo grego observou fascinado como o adivinho, um homem de um povo das montanhas, melava de sangue uma omoplata de boi e a afundava no lugar mais quente da fogueira. Enquanto todos aguardavam que o osso se partisse e revelasse uma mensagem de seus antepassados, Timónides se virou para seu filho, que estava preparando o jantar: um prato curioso que consistia em uns fios longos e grossos feitos com farinha de arroz, chamados macarrão, fervidos em um caldo e mesclados com verduras e carne. O moço acrescentava especiarias à panela com um sorriso e seu rosto redondo brilhava com a luz das chamas.

Timónides enviou em silêncio uma oração de agradecimento às estrelas. Seu filho estava bem. O crime em Antioquia tinha ficado para trás, e embora a caravana se aproximasse de seu destino — a corte imperial da China — Quando estivessem de volta em Roma ninguém mais se lembraria de Néstor e Bessas. Estava claro que os deuses o tinham perdoado que falsificasse os horóscopos. Possivelmente não reprovassem o fato que um homem queria proteger seu filho.

Enrolou-se na capa a fim de manter a raia o ar fresco dessa noite primaveril e pensou no milagre de encontrar-se do outro lado do mundo. A grande caravana de Galo, integrada por camelos, asnos e cavalos; homens, mulheres e meninos, e rebanhos de ovelhas e cabras para alimentar a todos, estava acampada nas montanhas. Tinham atravessado cidades e províncias, rios enfurecidos e planos cobertos de pastos, desfiladeiros, desertos severos e planícies indulgentes, e sempre era recebida com supremo

interesse e curiosidade. Desde a Pérsia até a Samarcanda, da cordilheira imponente de Pamir até as dunas avermelhadas e cambiantes do deserto do Taklamakán, na árida e formidável concha do rio Tarim, Sebastiano Galo tinha compartilhado comida com caciques e potentados, pastores humildes e reis presunçosos com quem comercializava e trocava informação. Bebia leite de camelo coalhado e comia pontas agudas de cordeiro e cebola com bolo de arroz e passas de sobremesa. E quando a caravana partia, Sebastiano aceitava viajantes necessitados de amparo: uma família a caminho de um casamento em Kokonor, emissários de Sog com acordos comerciais para Taskurgan, um grupo de monges que se chamavam «missionários budistas» e levavam os ensinamentos de seu fundador da Índia até a China. A caravana de Galo acampava em desertos abrasados pelo sol e em montanhas açoitadas por tempestades de neve, procurava hospitalidade em povoados e assentamentos de tendas nômades e choças de tijolo cru, e descobria, à medida que avançava para o leste, as deliciosas casas de chá chinesas criadas para os viajantes. Nesses momentos a caravana estava acampada nas montanhas Tsingling, situadas perto de Chang'an, com seu destino, a legendária Luoyang, a um dia de caminho.

Timónides se virou para seu senhor, sentado frente a sua fogueira particular estudando o último mapa que tinha adquirido da região. Perguntou-se no que andaria pensando — em Ulrika, seguro — e devolveu sua atenção às chamas e ao osso de dragão.

Sebastiano estava estudando seu mapa quando o distraiu uma erupção de risadas ébrias. Levantou a vista e viu Primo e seus homens sentados ao redor de um fogo, abrigados com grossas capas e passando um odre de vinho. «Meus companheiros e eu percorremos um longo caminho — pensou—. Logo veremos as maravilhas de um mundo que nenhum romano viu ainda, um mundo chamado a Terra Florida. »

Ao longo da rota tinham ouvido contar histórias estranhas e impossíveis de acreditar a respeito dos chineses. «As mulheres dão a luz pela boca. » «Vivem até os mil anos. » Amanhã veria tudo com seus próprios olhos. Ele teria gostado tanto que Ulrika estivesse ali para compartilhar o triunfo com ele... Estava com muita saudade dela. Memorizaria e anotaria cada detalhe para poder revivê-lo com ela quando voltassem a estar juntos.

A omoplata de boi rangeu e o adivinho o extraiu do fogo com umas pinças de bronze. Sebastiano viu que Timónides e seus companheiros se inclinavam para frente para ver os desenhos que o sangue escuro tinha deixado no osso. Contiveram o fôlego enquanto se perguntavam o que proporcionava o futuro a Timónides. O adivinho enrugou a testa, meneou a cabeça e através do intérprete disse:

—Cuidado com o verme da amoreira.

Timónides esperou. Ao ver que o adivinho não prosseguia, disse:

—Isso é tudo? «Cuidado com o verme da amoreira?» O que significa isso, em nome do Zeus? —Convencido que o tradutor tinha cometido um engano, pediu ao adivinho que repetisse seu juízo. Passou por três intérpretes e os três disseram exatamente o mesmo.

Depois de atravessar várias regiões com diferentes dialetos, Sebastiano tinha chegado à conclusão que tinha que idealizar um método para comunicar-se, pois jamais encontraria um homem que falasse chinês e latim. Assim, pelo caminho tinham recolhido dois tradutores dispostos a juntar-se à aventura e se fazerem de intermediários: o primeiro falava latim e persa, o segundo persa e caxemira. Uma semana atrás contrataram um terceiro homem que falava cachemir e chinês. Era, sem dúvida, uma longa cadeia de diálogo propícia ao engano, mas Sebastiano sabia que, até que ele aprendesse chinês, teria que depender de tais intermediários.

O adivinho elevou seu rosto sulcado de profundas rugas e disse a Timónides:

—Sua vida termina com o verme da amoreira.

Ao ver a expressão de ceticismo do velho astrólogo, Sebastiano esboçou um sorriso. Apesar da sua fé absoluta nas estrelas e suas previsões infalíveis, Timónides, como o resto dos homens, tinha debilidade pelos adivinhos e suas promessas.

Quando, ao retornar a seu mapa, alcançou sua taça de vinho aguado, um estranho assobio atravessou a noite. Um instante depois sentiu um sopro de ar sobre a cabeça. Levantou a vista bem a tempo de ver uma segunda flecha, seguida de uma terceira, atravessar o acampamento. Um companheiro de Timónides soltou um uivo e se agarrou o braço.

De repente os homens estavam levantando-se e gritando enquanto uma chuva de flechas caía sobre eles. As mulheres e os meninos correram para refugiar-se nas tendas

enquanto que os homens se armavam com espadas e adagas e se ocultavam atrás de rochas e arbustos para tentar discernir de onde vinha o ataque.

Perfurando a noite com seus uivos desumanos, homens de aspecto imponente, armados com espadas e tochas, começaram a descer pelas ladeiras e a sair das rochas. Em meio de um fragor de gritos sobrenaturais, desceram como um raio sobre o acampamento brandindo suas armas e derrubando quantos encontravam em seu caminho.

Sebastiano foi a seu encontro sustentando sua espada com ambas as mãos. Às suas costas, Primo e seus homens se desfizeram de suas capas de comerciantes para avançar sobre os invasores com paus e lanças. Já não eram os bêbados alegres que tinham fingido ser momentos antes, pois, obedecendo a seu plano, nenhum vinho tinha passado por seus lábios. Os assaltantes viam agora quem eram na realidade os «mercadores», homens fortes e musculosos, vestidos com uniforme militar romano, que brigavam com uma ferocidade inesperada.

Os bandidos retrocederam quase com a mesma rapidez com que tinham descido sobre o acampamento, tal como tinham feito muitos outros antes deles durante o progresso da caravana para o leste; homens das montanhas que, vendo aqueles membros gordos e folgazões acompanhando uma caravana opulenta, tinham imaginado que a vitória e o botim estavam assegurados. Mas, superados em número e força por estrangeiros que tinham orquestrado uma farsa, fugiam. Primo e seus homens lançaram gritos de alegria ao comprovar que, uma vez mais, tinham conseguido afugentar do acampamento seus assaltantes.

Sebastiano ouviu então um ruído estranho. Virou-se e franziu o sobreceixo. Quando o ouviu uma segunda vez e reconheceu o timbre inconfundível de um gongo, gritou:

—Esperem!

Primo e seus homens deixaram de correr e se voltaram com cara de desconcerto. Tinham aos assaltantes ao alcance da mão, podiam lhes dar uma lição como tinham feito com outros. Mas antes que Primo pudesse protestar, uma imagem surpreendente que se aproximava pelo caminho do leste o deixou estupefato.

Acompanhado de faróis oscilantes, um elegante palanquín vermelho e dourado, levado nos ombros por vinte portadores, encabeçava uma procissão formada por

outro tanto de homens, todos vestidos com sedas vermelhas e douradas e tocados com um barrete negro também de seda. Dois homens levavam um grande gongo de bronze, e bestas carregadas de objetos fechavam a marcha.

Sebastiano sabia o que era. Tinha suspeitado que quando a notícia sobre uma caravana procedente do oeste chegasse a Luoyang, o imperador provavelmente enviaria um emissário para receber os estrangeiros. A surpreendente procissão parou e os portadores baixaram o palanquín com grande solenidade. Em meio de um vento que agitava tochas e bandeiras, os visitantes de Roma viram um homem extraordinário descer sobre uma almofada que tinham colocado para ele no chão.

Alto, com a tez amarelada, usava sapatos negros de seda e meias três - quartos brancos que apareciam por debaixo de uma esplêndida túnica de seda vermelha, com impressionantes bordados de dragões e pássaros, rodeava o enxuto corpo do homem com uma faixa vermelha. Sobre seu peito descansava uma barba branca e espaçada, e um bigode longo e fino emoldurava o queixo. O homem tinha o rosto magro, as maçãs do rosto altas e os olhos rasgados sob sobrancelhas brancas. Usava um chapéu negro de aba larga, de seda rígida, pelo que aparecia o cabelo, penteado para cima e sob o tecido.

Avançou em silêncio, com as mãos escondidas dentro das amplas mangas da túnica. Como se tratasse de determinar quem era o chefe do grupo, seus olhos, escuros e brilhantes, pousaram em cada um dos estrangeiros. Finalmente disse:

—São os viajantes procedentes de Li-chien? — A pergunta foi traduzida do chinês ao cachemir, do cachemir ao persa e, por último, do persa ao latim.

Sebastiano sabia que Li-chien era como na China chamavam o Império romano, território que nenhum chinês tinha visitado, mas de que tinham ouvido falar em relatos místicos.

—Em efeito — respondeu.

O homem se inclinou.

—Sou Nobre Garça, indigno e modesto servidor de sua majestade imperial, o imperador da grande dinastia Há, filho do Céu e senhor de Dez Mil Anos. Convido-os humildemente você e seus acompanhantes a visitar a casa de meu senhor, o qual está interessado em receber viajantes chegados de tão longe.

Sebastiano tinha averiguado pelo caminho que o imperador Guangwu havia falecido dois anos atrás e que Zhuang, o príncipe herdeiro, tinha subido ao trono como imperador Ming.

—Viestes para nos conduzir ante o imperador Ming?

Nobre Garça assentiu com um ligeiro tremor de sobrancelhas.

—Tenho a humilde honra de informar aos ilustres convidados de meu senhor do protocolo da corte, pois como vai conhecê-lo se nunca estiveram aqui? É proibido mencionar o nome do imperador ou o nome de qualquer outra pessoa real ou elevada. Podem me chamar de Nobre Garça porque não sou mais que um modesto servidor da corte imperial. Há numerosas maneiras de dirigir-se ao imperador que já ensinarei.

Sebastiano advertiu que o homem reprimia o impulso de olhar para os estrangeiros. Perguntou-se o que os chineses tinham ouvido dos romanos era tão desatinado como o que os romanos tinham ouvido dos chineses. Quando o emissário tirou uma mão da manga para assinalar a direção de Luoyang, o assombrado esta vez foi Sebastiano. As unhas do oficial chinês eram tão longas que cresciam em forma de cacho e cada uma levava na ponta um plugue protetor de ouro.

—Apreciado amigo — disse Sebastiano através de seus intérpretes—, Daria-nos uma grande honra se compartilhasse conosco este acampamento; enquanto aceita nossa hospitalidade, explicarei como melhor puder os costumes de minha terra, as quais são prováveis que te sejam estranhas.

Quando, depois de aceitar gentilmente o convite, Nobre Garça se retirou para deixar que seus serventes preparassem a tenda para ele, Primo se aproximou de Sebastiano e sussurrou:

—Não confio nesse homem.

Sebastiano se virou para ele.

—Continue.

—Houve algo estranho no ataque. Estávamos há semanas, desde que entramos na esfera da influência militar da China, sem ser incomodados por bandidos locais. Todas as tribos e povoados que encontramos pelo caminho eram vassalos do imperador. Por conseguinte, o que faziam esses bandidos nos assaltando a tão poucas milhas da capital? Como é possível que não vissem que este indivíduo e sua vasta

comitiva se aproximavam pelo caminho, quando era evidente que se tratava de um emissário da corte imperial?

—Tudo foi uma montagem para avaliar nossos pontos fortes e fracos e determinar se viemos em missão de paz ou como exército conquistador — disse Sebastiano—. A partir de agora teremos que permanecer alerta. Suspeito que se aproximam mais provas.

O emissário imperial passou a noite no acampamento da caravana, onde jantou sozinho e foi servido por seus próprios criados. Com a primeira luz do dia levantaram o acampamento e Sebastiano dirigiu a enorme cadeia de camelos, asnos, cavalos e carros pelo atalho da montanha com Nobre Garça a seu lado, montado a lombo de uma bela égua alazã.

Antes de prosseguir a marcha, Timónides tinha lido o horóscopo a seu senhor enquanto Nobre Garça acendia barras de incenso e apresentava seus respeitos ao Guardião dos Quatro Ventos: serpente e tartaruga no norte, pássaro vermelho no sul; dragão verde no leste, e tigre branco no oeste. Pelo caminho, conforme desciam às exuberantes planícies e granjas, Nobre Garça falou com Sebastiano do homem ao que todo mundo chamava Senhor de Tudo Quanto Cobre o Céu.

O imperador Ming, de trinta anos, sentava-se no trono junto com sua esposa favorita, a consorte MA, uma mulher formosa que ainda não tinha feito vinte anos. A mãe de Ming era a imperatriz viúva Yin, de cinquenta e poucos anos, célebre por sua beleza e simplicidade. O imperador era famoso por sua generosidade e o afeto por sua família; observava o código moral e ético do Grande Sábio, mas respeitava as centenas de deuses do taoísmo, e era conhecido por sua viva curiosidade pelas religiões e crenças estrangeiras.

—Ao Senhor de Tudo Quanto Cobre o Céu adorará saber coisas sobre os deuses de Li-chien — disse Nobre Garça.

Luoyang, situada em uma planície entre os Montes Mang e o rio Luo, era uma cidade retangular circundada por uma alta muralha de pedra e um fosso com pontes levadiças. Coladas umas a outras como casas flutuantes, Sebastiano divisou no transitado rio, embarcações. As granjas salpicavam os campos que rodeavam a cidade, onde os camponeses cultivavam uma terra amarela arrastada dos desertos do norte pelos ventos.

Ao passo da assombrosa procissão, os agricultores detinham o trabalho e as mulheres saíam das cabanas para admirar a longa fileira de animais e bestas de carga acompanhada de homens que avançavam a pé e vestiam trajes de diferentes tribos.

O povo se apinhava a ambos os lados da grande porta de pedra, pois tinham espalhado a notícia que uma caravana extraordinária estava se aproximando para apresentar seus respeitos ao imperador. Havia grande agitação no ambiente. Todo mundo pensava no grande festival que se celebraria para comemorar o excepcional acontecimento.

Os cidadãos de Luoyang vestiam roupas vistosas que iam do cânhamo até a seda e abrangiam todos os tons do arco-íris; os homens elegantes, com túnicas de cores vivas; os camponeses e mercadores, com calça e blusão. Sebastiano, não obstante, estava mais interessado nos guardas apostados nas dezesseis torres elevadas com o sol refletido nas couraças e as bestas carregadas(espécie de arco com fechas). Nobre Garça conduziu a caravana até um amplo descampado situado na parte oeste da cidade, onde havia outras caravanas menores e onde Sebastiano não se surpreendeu ao ver um impressionante contingente de soldados imperiais que esperavam para substituí-los como guardas dos artigos recém chegados do Ocidente.

—Concederão-nos a honra de serem nossos convidados na cidade — disse Nobre Garça—. Provavelmente quererão retirar alguns pertences pessoais de sua caravana.

Junto à porta da cidade aguardavam palanquins para os visitantes, dotados de cortinas de alegres cores e transportados nos ombros por escravos com vestimenta combinando. Nobre Garça encabeçava a marcha com sua comitiva, seguido de Sebastiano, Timónides, Primo e os três intérpretes. Timónides tinha insistido em levar consigo Néstor, pois ele tinha adquirido o costume de se perder.

Quando a procissão cruzou a grande porta, os recém chegados olharam pelas janelas de seus palanquins e tiraram o chapéu em uma grande avenida flanqueada de gente, atrás da qual se elevavam templos de várias formas cujas telhas vermelhas fulguravam com o sol. As campainhas dos palanquins tilintavam com o trote dos escravos, e quando o aroma de comida, fumaça e flores alcançaram o nariz de Sebastiano, quando viu os beirais curvados dos telhados orientais, quando escutou a cadência exótica da língua

chinesa cada vez que os cidadãos comentavam a estranha aparência dos estrangeiros; então assimilou, efetivamente, que estava ali, Sebastiano, o primeiro homem do Ocidente que fazia sua entrada na capital da China imperial, sentiu que seu coração se enchia de orgulho e emoção. Enviou uma oração a seus antepassados, aos pais e avós que tinham aberto rotas comerciais antes dele e que tão orgulhosos estariam dele nesse momento. Um filho dos Galos tinha chegado à outra ponta do mundo!

Desejou que Ulrika estivesse com ele. Quem teria dito cinco anos atrás, depois de seu primeiro encontro em Roma, que albergaria tão extraordinário sentimento.

Cruzaram outra porta e entraram em um pátio onde aguardavam vários ajudantes. Nobre Garça explicou que aquela era a residência reservada aos visitantes e dignitários importantes. Sebastiano e seus companheiros teriam a oportunidade de se desprender do pó e da sujeira da viagem antes de ser levados ante o imperador.

Foram conduzidos por um corredor flanqueado de colunas vermelhas, onde os criados, vestidos com túnica e calça folgada, detinham-se para olhá-los. As salas, embora mobiliadas unicamente com mesas baixas e almofadas, estavam decoradas com belos tapetes, elegantes tapeçarias de seda, biombos pintados e urnas de bronze e jade que continham flores frescas.

Ao longo das milhas e meses de viagem Sebastiano e seus companheiros tinham adotado a vestimenta local, e tinham chegado a Luoyang vestindo calça de couro e túnica de lã acolchoada. Entretanto, em seguida se despojaram de suas roupas para desfrutar de um banho fumegante em enormes banheiras de bambu cheias de água aromática. Para assombro e deleite dos fatigados romanos, jovens damas embelezadas com um quimono azul esfregaram suas costas e as extremidades e massagearam seus corpos com azeite morno. Sebastiano, Timónides e Primo desfrutaram de seu primeiro corte de cabelo e seu primeiro barbeado em meses e voltaram a sentirem-se como romanos civilizados.

Quando retornou para levá-los ante o Senhor de Dez Mil Anos, Nobre Garça parou em seco e olhou estupefato para seus transformados convidados, que vestiam a túnica e a toga romanas, as vestimentas gregas, e a túnica com peitilho de couro de um legionário.

—Vá — sussurrou. Seu rosto, geralmente sereno, refletia agora uma profunda inquietação. Guardou um longo silêncio, como se estivesse escolhendo suas seguintes palavras—. Rogo a nosso honorável visitante que perdoe a este servente abatido se lhe causou ofensa alguma, pois desconheço seus costumes referentes ao luto. Que sofra a morte dos mil cortes se lhes faltar ao respeito a você ou a sua família, mas... quem morreu?

Sebastiano pensou que os tradutores se equivocaram, mas quando repetiram a pergunta disse:

—Ninguém. Por quê?

Nobre Garça lhe olhou atônito.

—Porque veste de branco e cortou o cabelo.

—Assim vestimos e nos arrumamos em Roma.

—OH, entendo.

Mas a expressão de inquietação não desapareceu de seu rosto e Sebastiano percebeu um movimento nervoso dentro das mangas, onde as mãos invisíveis de Nobre Garça se retorciam.

—Há algum problema? —perguntou.

—Me golpeie por minha ignorância, apreciado convidado, pois sou um homem indigno e ignorante, mas não entendo outros trajes...

—Demais trajes?

Nobre Garça percorreu o aposento com o olhar, examinando as esteiras e os galhos de bambu como se pudesse encontrar aí suas seguintes palavras. Finalmente disse:

—Possivelmente meus elevados convidados estariam mais cômodos com túnicas chinesas?

—Estamos cômodos assim — grunhiu Primo, cada vez mais faminto e impaciente—. O que tem de mau nossa forma de vestir?

Sebastiano pensou no povo que tinham visto nas ruas, nos camponeses, nos criados e ajudantes daquela residência. Em seguida examinou a indumentária de Nobre Garça e caiu na conta de algo: embora era um dia quente da primavera, o povo só deixava a descoberto as mãos e o rosto. E no caso de um alto funcionário como Nobre Garça, inclusive as mãos se ocultavam.

As túnicas de Sebastiano e seus três amigos eram de manga curta e chegavam só até o joelho, o que deixava à vista boa parte da perna.

—Sem ânimo de ofender, Nobre Garça, estamos aqui como cidadãos de Roma e representantes de nosso imperador. Se tiver que produzir um primeiro encontro entre nossos dois mundos e um intercâmbio cultural que nossos povos não experimentaram antes, seria desonesto aparecer ante seu imperador como algo que não somos.

O oficial de cabelo branco digeriu o lógico raciocínio e, carente de argumentos, passou ao complexo tema do protocolo.

Enquanto os estômagos de Timónides e Primo grunhiam e Néstor se perguntava se comeriam macarrão, Sebastiano escutou educadamente as numerosas normas de etiqueta e assegurou que ele e seus amigos as seguiriam o melhor que pudessem. Não obstante, quando Nobre Garça chegou ao tema de um ritual chamado kowtow, Sebastiano franziu o sobrecenho.

Como demonstração, Nobre Garça falou em tom severo a um dos criados, o qual, ante o olhar atônito dos visitantes, ajoelhou-se e tocou o chão com a testa. Feito isto, levantou-se de um salto e repetiu o gesto oito vezes em rápida sucessão.

Nobre Garça disse com um sorriso:

—Assim mesmo será como você e seus amigos mostrarão seu respeito ao Senhor do Céu.

—Grande Zeus — murmurou Timónides.

—Não penso me esfregar pelo chão e levantar o traseiro por um bárbaro incivilizado, rei ou não! —bramou Primo.

O primeiro tradutor, um cidadão de Soochow que falava bem cachemir, empalideceu muito assustado para poder passar o insulto ao segundo tradutor, que já tinha deduzido pelo tom do romano que as palavras eram desrespeitosas e arriscadas.

—Entendemos seu desejo que mostremos o devido respeito a seu imperador — explicou Sebastiano a Nobre Garça— e queremos fazer justamente isso. Mas, como cidadãos de Roma e agentes de nosso imperador, seria uma traição que nos prostrássemos ante seu monarca, pois isso quereria dizer que nosso imperador é súdito de seu soberano.

Estou certo que, na situação contrária, o imperador Ming não desejaria que seus emissários se prostrassem ante o monarca de outra terra.

—Tem razão — disse Nobre Garça, embora a barba tremesse — Mesmo assim, qualquer separação do protocolo significa a morte instantânea, e por mísera e indigna que seja minha pobre cabeça, não estou preparado para me separar dela.

Sebastiano sorriu.

—Não se preocupe querido amigo. Nós somos romanos e, por conseguinte, homens razoáveis e dispostos a chegar a um acordo.

Depois de cruzar incontáveis portões, rodear multidão de biombos e atravessar vastos pátios, chegaram aos cem degraus que conduziam ao salão do trono imperial. Sebastiano e seus três amigos, seguidos dos tradutores, puseram-se a andar por um chão lustroso, entre fileiras de colunas laqueadas em vermelho e gente com quimonos de seda, e as mãos ocultas dentro das mangas, que contemplavam a procissão com supremo interesse. Havia homens e mulheres: os homens, com o cabelo longo recolhido em um coque sob um barrete negro de seda; as mulheres, com intrincados penteados adornados com pérolas e borlas. Todos observavam com curiosidade os visitantes de estranha indumentária que caminhavam com calma atrás de Nobre Garça.

Quando se aproximaram do soalho onde se sentava o casal real, jovens damas com quimonos tintos e azuis levaram um leque ao rosto e trocaram murmúrios com seus olhos rasgados cravados em Sebastiano e em seu cabelo curto e dourado.

Soou um gongo, e sacerdotes vestidos com túnicas e elaborados toucados entraram no salão com incensários que desprendiam uma fumaça acre; caminhavam em círculo ao ritmo do gongo ao mesmo tempo em que uma voz entoava feitiços e nomes de deuses. Enquanto tinha lugar o ritual de limpeza e santificação, Sebastiano observou sem dissimulação o homem pelo que tinha percorrido milhares de milhas.

O imperador e sua consorte estavam sentados como estátuas em seus elaborados tronos de madeira, e seus quimonos de seda amarela deslumbravam como dois sóis. Ming levava uma coroa curiosa, consistente em uma tabela negra com uma franja de contas que pendurava por diante e por detrás, e o cabelo recolhido debaixo com um intrincado penteado. MA, jovem, bonita e com o rosto muito pintado, usava um penteado tão elaborado, com alfinetes de jade e varinhas de ébano sustentando ricos adornos e joias,

que custava acreditar que seu fino pescoço pudesse suportar semelhante peso. Igual a seus cortesãos, estadistas e nobres, o casal imperial levava coberto todo o corpo salvo o rosto: das sapatilhas sobre as banquetas douradas e as volumosas mangas de seda que ocultavam as mãos, até o pescoço de cor vermelha fechada sob a mandíbula.

Junto à consorte MA havia um grupo de jovens damas com elegantes penteados e envoltas em vaporosas sedas. Pareciam estar custodiando um biombo de bambu atrás do qual, sabia Sebastiano por Nobre Garça, estava sentada a mãe do imperador, a imperatriz viúva Yin, a qual desse modo podia ver sem ser vista.

Quando Nobre Garça indicou a Sebastiano e seus companheiros onde deviam deter-se, o tradutor de Soochow e seu colega de Caxemir se prostraram imediatamente ante o soberano. O homem que falava persa e latim, nativo de Pisa, permaneceram erguidos.

—Simplesmente me imitem — murmurou Sebastiano a Timónides e Primo. Logo, dirigindo-se a Ming, disse: — Nobre e Elevada Majestade, viemos em missão de paz e em nome de Nero César, imperador de Roma. Segundo as leis e costumes de meu país, todos os cidadãos de Roma são iguais, não há homem que esteja por cima de outro, nem sequer nosso imperador, embora dirijamos a ele como Primeiro Cidadão. Não nos prostramos ante nosso César, nem sequer nos inclinamos, mas sim permanecemos erguidos como iguais. Entretanto, não é minha intenção nem a de meus amigos faltar ao respeito ou te ofender, por isso nos honra nos inclinar ante Sua Majestade como não faríamos com ninguém mais.

Sebastiano inclinou ligeiramente o torso e acompanhou o gesto com um seco assentimento de cabeça. Timónides e Primo fizeram o próprio, enquanto que Néstor se limitou a sorrir. Quando se ergueram, no salão reinava um silêncio sepulcral.

O Senhor de Dez Mil Anos continuava imóvel em seu trono, com o semblante impassível, sem uma só onda nas muitas capas de seda, cheia de bordados que cobriam sua pessoa. Ninguém se movia. Ninguém respirava.

O imperador Ming piscou. Quando finalmente falou, sua voz soou jovem, serena e autoritária.

—Traz produtos a Luoyang. É comerciante?

Embora a pergunta fosse brusca e um pouco descortês, Sebastiano tinha estado esperando-a. Nobre Garça tinha informado-o da hierarquia social na China, que começava com a família real no topo, seguida dos eruditos-intelectuais chamados mandarins e, continuando, os muito respeitados camponeses, pois se considerava que trabalhar a terra era a forma mais honrosa de ganhar a vida. Os comerciantes ocupavam o degrau mais baixo da escala social e eram desprezados, pois os chineses viam como uma desonra ganhar dinheiro a custa de outras pessoas. E, portanto seria desonroso que um homem assim ousasse abordar o Senhor de Dez Mil Anos.

—Sou um embaixador, Majestade, o emissário pessoal de meu soberano. Minha caravana traz presente ao povoado da China, assim como saudações de meu imperador, quem estende uma mão amiga ao honorável dirigente desta grande terra. Também vim procurando algo pessoal, Majestade, isto é, a sabedoria de seus filósofos e homens doutos. Ofereço um intercâmbio não só de bens culturais, mas sim de ideias e conhecimentos.

O imperador sorriu e pareceu relaxar um pouco.

—É uma troca grata e honorável, Sebastiano Galo. Diga-nos, onde estão enterrados seus antepassados?

—longe daqui, em minha terra natal.

—Quais são seus deuses?

—Minha fé está com as estrelas, Majestade. Tenho esperança que o Senhor de Dez Mil Anos me conceda permissão para visitar seus apreciados astrólogos.

—Nosso Grande Sábio, cujo nome não pode pronunciar, ensinou-nos que a aprendizagem é o mais alto ideal. Será uma honra satisfazer seus desejos, Sebastiano Galo. Em troca, honrará-nos com conhecimentos sobre seu país, ao que chama Roma.

Terminada a audiência, os convidados foram conduzidos a uma grande sala rodeada de colunas vermelhas e cheia de mesas baixas com fontes e taças. Sebastiano e seus companheiros aguardaram pacientemente que, seguindo o protocolo, o casal real, a viúva e, por último, os cortesãos tomassem assento.

Enquanto músicos ocultos atrás de um biombo tocavam cítaras e flautas, tambores e sinos, carrilhões e badejos de madeira que criavam melodias exóticas e delicadas que faziam que os homens de Roma pensassem em terras míticas; moças

dançavam com quimonos longos e elegantes cujas mangas revoavam como pássaros, o imperador e seus convidados se deram um festim de coruja assada e broto de bambu, raízes de lótus e peito de pantera. Acrobatas e malabaristas fizeram sua atuação enquanto continuavam levando fontes, cada qual mais extravagante, e corria o vinho de arroz.

Durante uma demonstração de uma arte marcial chamada «kung fu» Nobre Garça foi chamado à mesa do imperador Ming, onde se prostrou três vezes antes de receber uma mensagem que em seguida transladou a Sebastiano.

—Seria uma honra para o Senhor de Dez Mil Anos ver mapas de seu império, honorável convidado, que mostrem a localização de suas cidades e seus acampamentos militares.

—Por favor, comunica a Sua Majestade que não posso proporcionar dita informação porque não sou militar.

Nobre Garça retornou junto a seu soberano, fez as prostrações, transmitiu a resposta, recebeu outra mensagem e retornou.

—Meu senhor diz que como comerciante honorável Galo, conhece rios, fronteiras e cidades. Seria um prazer para ele ver a localização exata de tais fenômenos dentro de seu império. Meu senhor porá a sua disposição cartógrafos, pintores, calígrafos e todo o papel e o pergaminho que deseje. Porá sob seu mando a todas as pessoas que necessite. Seu bem-estar é a principal preocupação de meu senhor, assim como suas necessidades espirituais. Assim, permitirá generosamente construir um santuário para seus antepassados aqui em Luoyang, pois os homens têm que honrar seus antepassados.

Os três homens de Roma digeriram a notícia com porco doce polido e arroz ao curry, e compreenderam o significado implícito que o imperador acabava de dizer.

Sebastiano, Primo, Timónides e Néstor eram prisioneiros do Império chinês.

Chamavam-nas «Flores Sociais» e sua única missão era dar prazer sexual aos convidados do imperador.

Pequeno Pardal, formosa filha da nobreza, achava-se entre essas jovens damas da corte real de Luoyang instruídas nas artes eróticas, como as Vinte e nove Posturas entre o Céu e a Terra. Sua especialidade era «compartilhar o pêssego» e «cortar a manga», e

com essas artes deliciosas tinha mantido satisfeitos os convidados do imperador desde que tinha treze anos.

Agora tinha vinte e durante esses sete anos tinha conseguido não quebrar a regra número um das Flores Sociais: não apaixonar-se nunca. No dormitório comum, suas irmãs a tinham prevenido contra isso e jamais imaginou que pudesse ocorrer. Mas quando Pequeno Pardal jazia nos braços de Tigre Heroico, sentia que podia passar a noite ouvindo falar.

Não importava que não entendesse uma palavra do que dizia. Amava o som de sua voz, o rico timbre, as exóticas sílabas que brotavam de seus lábios, seu idioma completamente indecifrável. Sempre falava um momento depois de gozar, enchendo a perfumada noite de palavras gastas de muito longe enquanto ela descansava em seus braços fortes e desejava que a noite não terminasse nunca.

Jaziam em um colchão cheio de penugens de ganso, os lençóis eram de seda e um escravo cego mantinha o ar em movimento mediante o balanço constante de um magnífico leque de plumas. Pelo resto, os amantes se achavam sozinhos no aposento, embora pudessem ouvir a música e as vozes da casa real que se elevavam por cima do muro do jardim. Tigre Heroico falava, supunha, de sua casa no remoto oeste. E ela dava graças aos deuses por aquele homem de cabelo dourado ao qual tinha entregado seu coração.

A função das Flores Sociais era digna e respeitada, e constituía uma grande honra viver na corte real e servir como moça de prazer a visitantes importantes. Só as filhas das famílias mais nobres eram escolhidas para isso. A seleção era rigorosa: tinha-se em conta o físico da moça, seu comportamento, sua saúde e sua destreza para agradar um homem. Pequeno Pardal possuía um delicado rosto redondo, uma tez suave e sem mancha, um corpo fino e esbelto e mãos e pés pequenos. Sua família teve uma grande alegria quando foi escolhida entre cem candidatas. As normas eram complexas e as garotas eram rigorosamente educadas na modéstia, na discrição e no decoro. O prazer de seu convidado devia ser seu objetivo principal. O que ela sentisse carecia de importância. Uma vez escolhida, a garota se trasladava a um dormitório comum fiscalizado por eunucos, onde levava uma vida de luxo e comodidades sem outra preocupação que adornar o cabelo ou

melhorar a pintura das sobrancelhas. Quando era solicitada para um convidado, ia o tempo estipulado, não falava a menos que lhe falassem e retornava logo a sua cama do dormitório.

Pequeno Pardal não era seu verdadeiro nome. Quando o chefe dos eunucos a apresentou ao honorável convidado procedente de um lugar chamado Roma, este foi incapaz de pronunciar seu nome porque era longo e significava «a que espera um irmão pequeno», pois seus pais tinham desejado um varão. Assim, disse ao eunuco que desse ao ocidental seu «nome de leite», que era o que se utilizava com os bebês durante seu primeiro ano de vida porque muitos não sobreviviam. Seus pais haviam posto Pequeno Pardal, e agora só o homem do Ocidente a chamava assim.

Tampouco ela podia pronunciar o nome do estrangeiro, Sebastiano, de modo que o chamava Tigre Heroico, pois assim se comportava no leito.

Mas não se apaixonou por ele por sua destreza sexual. A diferença de outros convidados do imperador aos que tinha feito gozar, Tigre Heroico a travava com amabilidade. Sorria-lhe, acariciava-lhe o cabelo, perguntava como estava. Para outros homens, embaixadores e príncipes que gozavam da hospitalidade real quando foram a Luoyang, Pequeno Pardal era só um móvel, algo com o que aliviar o cansaço da viagem e desprezar depois. As demais garotas a tinham advertido do perigo de apaixonar-se, e tinha chegado aos vinte anos sem ter tomado carinho algum pelos homens que agradava.

Até que um dia, seis meses atrás, escolheram-na para ser a companheira de leito de Tigre Heroico e entregou-lhe seu coração. Não obstante, mantinha seu amor pelo estrangeiro em segredo. Não contava às suas amigas. Nem sequer ante Tigre Heroico despiu seu coração.

E como sabia que nunca a permitiriam sair de Luoyang, rogava para que quando envelhecesse e já não fora desejável na cama, Tigre Heroico a conservasse como companheira.

Um gongo longínquo anunciou a meia-noite e soube que tinha chegado a hora de partir. Como sempre, Tigre Heroico a beijou docemente na frente e logo se virou para dormir. Mas enquanto se vestia, Pequeno Pardal ouviu que batiam na porta, e quando

Tigre Heroico se levantou abrir, escutou um cruzamento de palavras que soavam premente.

Quando viu o feio romano chamado Primo entrar na sala seguida de um dos tradutores de Tigre Heroico e de um homem que usava vestimentas e cores próprias de um nobre de uma província do sul, cobriu o peito com a roupa e se ocultou atrás de um biombo para escutar.

Reconheceu ao quarto homem do grupo. Era Dragão Audaz, e todo mundo o conhecia por suas ambições políticas.

A família de Dragão Audaz era rica e poderosa e contava com muitos amigos. Pequeno Pardal não demorou em compreender que estava aí para oferecer um plano de fuga aos ocidentais. Em seguida suspeitou que, mais que um ato de amabilidade, tratava-se de uma via para minar o poder do imperador, pois se os «convidados» estrangeiros conseguissem escapar tão facilmente das garras do imperador, seria um desprestígio para Ming.

Pequeno Pardal conteve a respiração enquanto ouvia como emergia uma confabulação de palavras e frases dos lábios do tradutor. Dragão Audaz assegurava que sabia como tirar tigre Heroico de Luoyang e devolvê-lo às fronteiras do Ocidente, mas que o preço seria alto. Não necessitava de ouro nem de riquezas, disse o jovem nobre. E dado que estava correndo um grande risco pessoal, a recompensa tinha que ser algo verdadeiramente atraente.

Quando Tigre Heroico ofereceu um potente afrodisíaco, Pequeno Pardal viu que de repente tinha conseguido toda a atenção de Dragão Audaz.

E presenciou uma cena curiosa. Tigre Heroico caminhou até um arca e tirou uma bolsa de tecido. Abriu-a e mostrou o conteúdo a Dragão Audaz, deixando-o farejar e tocar com as gemas dos dedos. Em seguida, Tigre Heroico agarrou um bule, verteu a água quente que continha em uma taça e a mesclou com um beliscão do conteúdo da bolsa.

Enquanto deixava repousar a mescla, Tigre Heroico disse:

—Conheci um homem na Babilônia. Contou-me que tinha uma granja na longínqua Etiópia, próxima ao nascimento do Nilo. Um dia reparou que suas cabras estavam muito agitadas e passavam o dia acasalando. Passou vários dias as observando e

descobriu que comiam os bagos de um arbusto que sempre achou inútil. Pegou algumas e tentou comer mas eram impossíveis de ingerir para um homem. Assou-as no fogo e as triturou até conseguir um pó fino. Ferveu o pó em água e obteve uma bebida amarga, mas o bebeu de todos os modos, pensando se os bagos teriam o mesmo efeito nele que nas cabras. E o experimento funcionou. Em pouco tempo o granjeiro começou a sentir-se mais jovem, mais tonificado e com mais energia da que tinha tido em anos. Correu em busca de sua mulher e esteve dias a agradando. O etíope levou seu descobrimento a Babilônia, que foi onde o conheci. Provei a bebida e não há dúvida de seus efeitos estimulantes. E agora você, meu honorável convidado, experimentará pessoalmente o extraordinário elixir.

Tigre Heroico estendeu a taça, não sem antes beber um gole para demonstrar que não era veneno.

Dragão Audaz bebeu e torceu o gesto.

—Beba tudo — disse Tigre Heroico enquanto o homem feio chamado Primo e o tradutor contemplavam espectadores a cena.

Dragão Audaz apurou a taça, lambeu a boca e disse:

—Não noto nada.

—Demora um momento.

Detrás do biombo, Pequeno Pardal observou como os quatro aguardavam em silêncio. Em um momento Dragão Audaz baixou a vista e passou uma mão pela virilha.

—Não bebi mais que água marrom.

—Paciência, amigo meu. Como pensa nos tirar da cidade?

—Podemos fazê-lo amanhã mesmo. Você e seu companheiro se reunirão comigo em...

—Não quero que tire só a Primo e a mim. Quero que tire todos meus homens.

As sobancelhas de Dragão Audaz saltaram disparadas para cima.

—A todos os seus homens? Se não me engano são mais de uma centena.

—Não deixarei ninguém aqui.

Enquanto meditava, Dragão Audaz levantou a mão para coçar o nariz, mas a mão tremia. Estendeu-a e o tremor aumentou. Murmurou um juramento que o intérprete não traduziu. Depois disse:

—Noto algo! Sinto-me... cheio de energia!

Sebastiano sorriu.

—É uma bebida potente.

—Eu que o diga! Como se chama?

—O etíope disse que não tinha nome porque os bagos crescem de uma planta que todo mundo considera inútil, mas de todos os modos o chamou *qahiya*, que em sua língua significa «falta de apetite», pois esta bebida tira a fome.

—Tirá a fome do estômago, mas não há dúvida que estimula outro tipo de apetite. Sinto que poderia fazer com dez mulheres e não pegar olho em toda a noite! Muito bem, por esta bolsa de *qahiya* inteira tirarei você e seu povo de Luoyang. Heis meu plano...

Pequeno Pardal tremeu ao escutar os detalhes da fuga de Tigre Heroico. Ia deixá-la. O único homem que tinha amado.

Ninguém conhecia a idade da imperatriz viúva. Cada manhã sua equipe de assistentes pessoal esfregava seu rosto e extraía até o último pelo, incluídos os das sobrancelhas. Em seguida, com soma destreza, maquiavam seu rosto sobre uma base branca de pós de arroz. A fim de manter intacta a imagem, a imperatriz controlava as expressões faciais e falava sem mover os lábios e a mandíbula, o que lhe dava um ar de boneca de porcelana.

—Concedi-te esta audiência, Pequeno Pardal — disse com uma voz tão suave e irrepreensível como as vestimentas de seda que vestia — porque chamo seu pai meu amigo. Mas fale depressa que o tempo corre.

Pequeno Pardal se prostrou nove vezes ante a mãe do imperador e, quando recebeu autorização para falar, relatou a reunião mantida à meia-noite entre o comerciante de Roma e um nobre chamado Dragão Audaz, assim como o plano para ajudar os ocidentais a escapar.

—Dragão Audaz levará uma companhia de artistas itinerantes ao Festival da Lua Chapeada — disse Pequeno Pardal enquanto tremia de medo ante a poderosa presença da mulher. Mas não tinha escolha. Devia manter Tigre Heroico em Luoyang!—. E enquanto Seu Resplendor Sublime, o imperador, mantém-se distraído desse modo, os artistas serão substituídos, um após o outro, por homens do Ocidente. A substituição se fará cada vez que um número termine e os artistas abandonem a pista. Trocarão as roupas e os estrangeiros entrarão na cidade e cruzarão as portas. Uma vez que todos os ocidentais

se encontrem fora de Luoyang, os quatro convidados pessoais do Filho do Céu serão resgatados em metade da noite para levá-los junto a seus camaradas. Planejam estar muito longe quando descobrirem o engano.

O grilo chiou em sua jaula de bambu e as damas de honra permaneceram quietas como estátuas. A imperatriz estava imóvel. As borlas de ouro e os pássaros de papel que adornavam sua roupa eram agitadas unicamente pela brisa que corria pelo pavilhão.

Pequeno Pardal sentiu que acelerou seu coração ao pensar se tinha cometido um terrível engano.

Finalmente, a viúva falou.

—Ao me contar este segredo levou a desonra à sua família.

A moça caiu de joelhos e se prostrou.

—Pensei que a Sua Sublime Majestade agradaria estar a par da artimanha e rodear de guardas os estrangeiros! —«retê-los aqui. Reter meu Tigre Heroico para sempre. »

—Insensata por pensar que meu filho seria tão facilmente enganado. Insensata por esquecer uma das regras de seu ofício, ou seja, que está proibida falar dos assuntos que os convidados tratam no dormitório. Retornará a sua casa, com sua família, e dirá a seu pai que seu nome não voltará a ser pronunciado na corte do imperador.

—Mas... mandará me executar!

—Como pai, está em seu direito.

Obedecendo a um rápido sinal da imperatriz, os guardas se aproximaram para levar Pequeno Pardal a rastros. A moça não suplicou clemência. Manteve a dignidade até o final, inclusive no momento último, consciente da cruel ironia do que tinha feito: ao revelar o plano de fuga de Tigre Heroico para que não pudesse partir, tinha perdido seu direito a viver.

—É um assunto perigoso, senhor — disse Timónides enquanto esquadrihavam o buliçoso mercado em busca de Dragão Audaz. Falava sem perder Néstor de vista, a quem ainda teria que recordar, a seus trinta e cinco anos, que os produtos expostos nos postos dos mercadores não podiam pegar sem mais—. O imperador tem

olhos e ouvidos em todas as partes. Ming sabe que queremos ir e que procuraremos uma maneira de fugir.

—E se não encontrarmos a maneira, meu amigo — repôs Sebastiano enquanto procurava primo e Dragão Audaz na Porta da Harmonia Celestial—, passaremos o resto da vida aqui. —Embora generoso e esplêndido, depois de nove meses desfrutando da hospitalidade do imperador, Sebastiano estava impaciente para voltar para casa. Ming, entretanto, parecia decidido a reter ali o prisioneiro ocidental.

Timónides também estava desejando voltar. Embora aquela terra e aquela cultura exótica parecessem encantadoras e interessantes, em realidade não se importava ser um «convidado permanente», preocupava-se com seu filho.

Sem deixar de vigiar o avanço de Néstor entre os postos, viu três mulheres que andavam cambaleantes pelo mercado, e seus tristes lamentos suplicando comida e caridade encolheu seu coração. Estavam unidas pelo pescoço por um jugo de madeira sobre o que apareciam enumerados seus crimes. Timónides não sabia ler chinês, mas supôs que tinham desobedecido a seus maridos ou difundido rumores maliciosos sobre seus vizinhos. Embora os crimes das mulheres não fossem tão atrozes como os dos homens, os castigos eram igualmente brutais.

Virou-se de novo para Néstor, que estava olhando um casal de malabaristas. Timónides estava preocupado por seu filho porque ultimamente se comportava de forma estranha, dando amostras de uma ansiedade e uma inquietação inaudita no aprazível e alegre moço. Quase atuava como se soubesse que estavam prisioneiros na cidade. Timónides compreendia a mente simples de seu filho, sabia que não tinha noção do tempo e a distância. Para Néstor, a cidade de Antioquia se achava logo do outro lado dos Montes Mang e a tinham deixado há só um dia. Por conseguinte, os anos e as milhas que fariam que um homem em seu são julgamento se impacientasse em voltar para casa não deveriam preocupar Néstor.

Portanto, qual era a causa dessa ansiedade nova e estranha?

E onde estava Dragão Audaz, o homem que devia ajudá-los a escapar?

Desde o dia de sua chegada, Sebastiano e seus companheiros tinham sido proibidos de sair de Luoyang. Tratava-se, naturalmente, de uma exibição de poder. O imperador tinha preso o embaixador de César romano com o mesmo orgulho que um

soldado capturava bandeiras inimigas em um campo de batalha. Sem dúvida Ming tinha enviado a notícia junto com brocados de seda, objetos esmaltados e porcelanas chinesas pelas rotas comerciais do oeste a fim de alardear de ser o benévolo anfitrião dos embaixadores de Roma, com a esperança que a mensagem chegasse a outro imperador, aquele ao que chamavam «César».

Naturalmente, pensou Timónides com resignação, existia uma grande possibilidade que a notícia não chegasse a Nero. E se chegasse nada podia fazer ele para resgatá-los. Assim mesmo, não podia qualificar seu cativeiro de desagradável. Tinha que reconhecer que sua estadia forçosa na capital estava cheia de comodidades e inclusive de luxos. A casa que compartilhava com Sebastiano, Primo e seu filho era espaçosa e contava com numerosos serventes. As salas davam a um jardim chamado o Pátio do Coração Puro, onde fontes deleitavam a vista, nenúfares flutuavam sobre a superfície serena do lago, garças mansas vadeavam as águas, e pássaros cantores enchiam o ar com seus gorjeios desde suas amplas jaulas. Os visitantes ocidentais desfrutavam de comidas deliciosas e abundantes e de entretenimentos gratos que incluía a visita de damas jovens e discretas, chamadas Flores Sociais, pelas noites.

Poucas vezes viam outras mulheres no complexo imperial, pois ambos os sexos viviam separados. Mas em ocasiões, durante as cálidas noites perfumadas de jasmim, ouviam-se vozes do outro lado da Porta dos Bambus Sussurrantes, risadas e bate-papos femininos, assim como o estalo das peças de mahjong: a mãe, as irmãs, as sobrinhas e as concubinas do imperador, junto com centenas de criadas e eunucos, passando ociosamente as horas.

Um paraíso na terra pensou Timónides. Mas não era Roma. E Sebastiano, Timónides e Primo já tinham explorado até o último rincão da cidade, que tinha duas milhas de comprimento e uma de largura; da aglomeração insalubre dos bairros pobres do sul, onde as famílias viviam apinhadas em barracões e mal ganhavam o suficiente para sobreviver, até as casas dos ricos no norte, que confinavam com o palácio imperial e onde se levava uma vida de elegância e harmonia.

Timónides sabia que o imperador tinha confiscado a caravana e todos seus artigos, mas Sebastiano não podia queixar-se. Ele mesmo tinha declarado que eram

presentem para Ming. Os escravos e serventes, inclusive os soldados de Primo, estavam retidos em Luoyang, em moradias de acordo com sua posição social. As únicas pessoas que estavam encantadas com seu cativeiro eram os missionários budistas, que passavam incontáveis horas com o imperador, ensinando a vida e a filosofia de seu fundador, o Iluminado.

—Senhor — disse Timónides pela enésima vez—, por que não damos ao imperador o que pede? Se não quer dizer onde estão os lugares fortes nem os acidentes geográficos chave, invente isso. Trace um mapa imaginário do Império romano. Nunca saberá!

Cada vez que Sebastiano era chamado na presença do imperador, este pedia educadamente que desenhasse um mapa do Império romano marcando as instalações militares, os movimentos das tropas e as estratégias bélicas. E em cada ocasião Sebastiano insistia em sua ignorância no tema, o qual era verdade só em parte. Timónides sabia que se Sebastiano não desse ao soberano o que pedia, permaneceriam prisioneiros em Luoyang até o fim de seus dias.

—Porque, meu velho amigo Timónides, como já te expliquei: Ming está me pondo à prova. Está avaliando minha integridade e caráter. Tanto faz se desenho um mapa militar autêntico como um falso estarei dando amostras de falta de caráter, pois o primeiro significaria uma traição a meu soberano e o segundo, que sou um embusteiro. Ming sabe que só existem essas duas opções. E uma vez que perdesse o respeito do imperador, deixaríamos de ser seus convidados; eu deixaria de ser um embaixador de Roma e voltaríamos para casa com a vergonha sobre os ombros, pois teríamos fracassado rotundamente em nossa missão.

—Mas não estamos voltando para casa!

—Mas se conseguirmos escapar e evitar que nos recapturem, teremos salvado nosso prestígio ante César e ante o imperador Ming. Em qualquer caso, necessitamos de ajuda. Onde estão Primo e Dragão Audaz?

Sabendo que estavam sendo vigiados, Sebastiano e Timónides passeavam pelo mercado inspecionando desinteressadamente artigos desconhecidos em Roma que precisavam de uma demonstração para entender seu funcionamento: uns palitos para

comer que se dirigiam com a mão; um artefato fabricado com bambu e tecido engordurado que a pessoa sustentava sobre a cabeça para proteger-se da chuva e do sol; leques de seda e plumas para refrescar o rosto quando fazia calor; uma tabela com uma colher de metal em cima que ao girá-la sempre acabava assinalando o norte. Viram algumas maravilhas, como lanternas de papel que brilhavam com a brisa noturna, alquimistas experimentando com um pó negro que explodia, e estruturas de bambu cobertas de seda que voavam na ponta de uma corda.

Sebastiano pareciam, em sua maioria, brinquedos, mas também havia inventos realmente engenhosos, como o veículo com uma roda diante e duas mangas detrás que se impulsionava e se dirigia com as mãos e que permitia transportar um carregamento muito pesado para levá-lo nas costas. Em Roma não existia uma ferramenta assim.

Ele teria gostado que Ulrika pudesse ver tais inventos com seus próprios olhos. Cada vez que via algo novo, pensava nela e imaginava sua reação. Ulrika adorava ler. O que pensaria da literatura da China impressa em cilindros de seda ou desenhada em livros de madeira de pêssego? O que diria do livro de Confúcio, A arte da guerra de Sun Tzu, um livro de profecias intitulado I Ching, de Fei Zhi, histórias, biografias, volumes de poesia, mitos e fábulas?

Adoraria conversar com ela das singulares filosofias e crenças da China. O que pensaria Ulrika do Grande Sábio, um filósofo que viveu cinco séculos antes e cujo nome não devia se pronunciar? Sebastiano tinha averiguado por fim que se chamava K'ung-fu-tzu, que significava «Senhor Kong», embora ele e Timónides o chamassem de Confúcio para não quebrar a lei que proibia mencionar seu nome. O Grande Sábio tinha introduzido um código de vida que fazia insistência na moralidade, ética, justiça e compaixão, apoiado nos princípios de boa conduta, sabedoria prática e relações sociais respeitadas.

Também havia uma crença local, o taoismo, fundada duzentos anos atrás por um homem chamado Lao-Tsé. O Taoismo era a Inteligência Cósmica, inacessível à compreensão humana, que regia o curso natural de todas as coisas. A prática compreendia magia negra, alquimia, elixires da vida e centenas de deuses. Os taoistas veneravam os

espíritos e seres de antepassados aos que chamavam «Imortais» e eram conhecidos por sua entrega à consecução da imortalidade, como demonstrava sua busca de ervas e minerais mágicos que fomentassem a vida eterna neste mundo.

Quantas maravilhas nessa terra exótica! Sebastiano gostaria de levar Ulrika ao zoológico particular do imperador para que admirasse os ursos panda de olhos negros, os tigres brancos e os orangotangos com aspecto de homens velhos. Também gostaria de lhe dar de presente a vista com outras ofertas fabulosas no mercado: estátuas de jade rosa esculpida a semelhança de Kwan-Yin, deusa da misericórdia; montanhas de sedas e cetins de cores deslumbrantes; ânforas cheias de delicioso vinho de arroz; urnas repletas de especiarias aromáticas; um doce chamado marzipan, feito a base de amêndoas, com formas de flores e animais; e fardos de uma estranha planta medicinal chamada ruibarbo, muito cara e apreciada, que só se encontrava nas margens do rio Chang Jiang.

Estava impaciente para falar dos usos e das tradições chinesas: a crença e o respeito aos dragões; o costume de levar o cabelo longo tanto homens como mulheres, pois se acreditava que, como o cabelo se recebia dos pais, era uma falta de respeito cortá-lo; a prática de vestir os meninos como meninas para fazer os pícaros espíritos-ladrões acreditar que eram meninas e, portanto, não valia a pena roubá-los; o ritual de pôr peônias secas debaixo da cama para afugentar os maus espíritos.

Explicaria a Ulrika que proteger a honra da família, conservar o prestígio e apresentar respeitos aos antepassados tinha mais valor que a própria vida, e que um homem preferiria morrer antes de renunciar a tais virtudes. Os chineses também amavam a harmonia, a longevidade e a boa sorte, tudo o que se perseguia mediante o uso de incenso, amuletos, números da sorte e uma dedicação quase obsessiva a manter os espíritos malignos afastados do lar mediante o uso de biombos enganosos, pedras e paus de vassoura.

Ulrika estava nos pensamentos de Sebastiano dia e noite. Cada novidade que achava e admirava despertava o desejo de compartilhar com ela. Seu amor por Ulrika tinha crescido com a distância e o tempo. Pensou nas Flores Sociais que recebiam a ele e a seus companheiros de noite depois de passar o dia com o imperador ou com astrólogos, filósofos e outros homens eruditos. Mulheres jovens e belas, esbeltas e delicadas como

lírios, recatadas e complacentes, de falar suave e fragrância doce. Davam prazer, tal como prometia seu nome, mas a Sebastiano parecia um prazer vazio, pois só o abraço de uma única mulher ele desejava realmente.

Tinha conseguido seu objetivo de chegar ao trono da China. Sabia que em Roma o aguardavam honras, que seu nome seria pronunciado ao longo do império por seus lucros. Mas, ao final, o que tinha aprendido dos filósofos e astrólogos chineses, do imperador e seus mandarins, do povo da rua e os postos de mercadores, inclusive das Flores Sociais, era que o amor era mais importante que as honras, a fama e o conhecimento. Depois de passar quase um ano bebendo daquela cultura exótica e empapando-se da sabedoria da China, Sebastiano tinha compreendido que de nada valiam se não tinha com quem compartilhá-lo.

E como iria até Ulrika? O que estaria fazendo nesse momento? Onde se acharia? Estaria contente ou triste? Teria encontrado sua mãe em Jerusalém? Teria achado uma explicação para suas visões? Conheceria o significado da profecia e a localização de Shalamandar? Sebastiano não queria perder os marcos da vida de Ulrika. Do mesmo modo que desejava que ela pudesse participar de sua aventura, ele desejava participar da sua.

—Primo disse que estariam aqui ao meio-dia — murmurou Sebastiano quando se aproximavam da Porta da Harmonia Celestial, que conduzia ao atestado bairro sul da cidade. Elevou a vista para o sol. Era meio-dia.

Timónides percebia a crescente inquietação de seu senhor e lamentava não poder fazer nada para aliviá-la. Fazia o horóscopo duas vezes ao dia, mas em nenhum lugar aparecia quando ia acontecer sua partida ou de que maneira. Estava se perguntado, dado que estavam na China, se deveriam utilizar os métodos de sua astrologia, Timónides tinha estudado os céus com os astrólogos do palácio, mas sua ciência era tão diferente da Grécia e Roma que não tinha conseguido dominá-la.

Na astrologia a China havia doze signos astrais, cada um representado por um animal que regia um ano e supostamente mostrava as características da pessoa nascida nesse ano. Também havia animais atribuídos a cada mês (chamados animais internos) e a cada hora do dia (chamados animais secretos). Portanto, embora uma pessoa parecesse um Boi porque tinha nascido no ano do Boi, interiormente podia ser um Urso e secretamente

um Dragão. Isso somava mais de oito mil combinações ou personalidades, cada uma com um horóscopo próprio.

A beira da loucura, Timónides tinha retornado a seus doze signos zodiacais, suas cartas e seu transportador. Mas não surgia nenhuma predição e estava começando a considerar a possibilidade que o poder dos deuses da Grécia e Roma não chegasse a terras tão longínquas.

Devolveu sua atenção a Néstor, um gigante entre os cidadãos de Luoyang. Estava entrando na zona do mercado de especiarias, onde os vendedores de comida cozinhavam sobre fogos abertos. Néstor não tinha tido problemas para acostumar-se à comida oriental e em seguida se adaptou à soja, nativa da China, e a outras raridades culinárias como o pepino, o gengibre e o anis. Inclusive tinha aprendido uma forma de cozinhar nova: dado que a China não tinha grandes bosques e custava encontrar combustível para cozinhar, os chineses tinham aprendido a cortar a comida em partes diminutas para que se fritasse com rapidez ao removê-la sobre um fogo pequeno.

Naturalmente, já dominava pratos exóticos como o arroz frito com cebolinhas, o caranguejo guisado com enguias rangentes, a tartaruga fervida com presunto, e as sementes de lótus com mel. Sua obra prima era os pés de porco fritos com molho de feijões negros. A Timónides fazia na boca água só de pensar neles.

Franziu o sobrecenho ao ver que seu filho provava um beliscão de pimenta em um posto de especiarias. Ultimamente seu talento culinário estava falhando. Muito sal. Pouco azeite. Aprimoramentos como olhos de vaca e testículo de carneiro feios e estragados. Era possível que o moço, com sua estranha maneira de pensar, simples e complexa de uma vez, sentisse que estavam procurando uma maneira de fugir de Luoyang?

Primo apareceu finalmente entre a multidão com cara de irritação e preocupação. E sozinho. Quando se aproximou de seus dois amigos, olhou por cima do ombro e logo disse em voz baixa:

—Dragão Audaz morreu. Encontraram seu corpo sem cabeça flutuando no rio.

—Ming descobriu nosso plano.

Sebastiano pensou imediatamente em Pequeno Pardal, que não tinha retornado a seu leito desde a visita de Dragão Audaz. Tinha perguntado por ela, mas só tinha recebido reações impassíveis, como se a jovem não existisse. Não estava apaixonado por Pequeno Pardal. Seus sentimentos por dela eram sempre frutos do momento. Embora seu corpo jazesse com uma moça de uma província do norte da China, seu coração estava sempre com Ulrika. Sua ausência, não obstante, tinha parecido suspeita.

Pensou que o fato que seu desaparecimento coincidissem com o assassinato de Dragão Audaz possivelmente não fosse uma casualidade. Os eunucos tinham aconselhado Sebastiano que não fosse muito amável com as garotas do prazer. Podiam ser ambiciosas e invejosas, advertiram-lhe. Criavam intrigas entre elas durante seus longos dias de tédio e todas brigavam para superar às demais em fila. Tinha ouvido Pequeno Pardal sua conversa secreta com Primo e Dragão Audaz e informado a algum membro do pessoal do imperador? Com certeza teria recebido uma generosa recompensa por alertar o imperador de suas intenções de fugir.

Sebastiano confiou em que qual fosse a recompensa de Pequeno Pardal por sua traição, estivesse desfrutando dela. Porque agora ia ser totalmente impossível fugir de Luoyang.

—Senhor — uivou Timónides—, conte ao imperador o que quer saber.

—Não pode — sussurrou Primo—. Revelar o alcance militar de Roma, seus pontos fracos e fortes, seria uma traição.

—E nunca sairmos daqui? —espetou o astrólogo—. César entenderia.

—Ou nos enviaria à arena.

—Olhem! —exclamou Sebastiano.

Nobre Garça se aproximava sobre seu palanquín vermelho e dourado.

O alto funcionário apeou.

—Apreciado convidado — disse a Sebastiano com uma elegante reverência —, tenho a humilde honra de te informar que o Senhor de Dez Mil Anos planeja fazer uma viagem pelo território para apresentar a nova imperatriz a seus povos vassalos.

Umas semanas antes Ming tinha persuadido a sua mãe, a imperatriz viúva, que elevasse MA, sua consorte, à categoria de imperatriz. Luoyang tinha celebrado por todos os lugares. MA era popular entre os cortesãos, e os cidadãos de Luoyang gostavam do que ouviam a respeito dela. O próprio Sebastiano admirava a jovem dama, que era

humilde e sóbria para alguém de posição tão elevada. Às demais consortes e princesas imperiais sempre o surpreendiam sua austeridade, pois MA vestia geralmente seda menos caras e com desenhos pouco elaborados. O imperador Ming estava acostumado a consultá-la sobre os assuntos de estado importantes.

Nobre Garça prosseguiu:

—O Senhor de Dez Mil Anos deseja exhibir seu amor e seu respeito pela imperatriz ante seus povos subjugados e lhes outorgar a honra e o privilégio de lhe render comemoração. Como parte das celebrações em curso que marcam a coroação da imperatriz, — disse assinalando com a cabeça as incontáveis lanternas de papel que ainda adornavam a praça do mercado depois de semanas de festividades—, toda a corte real empreenderá um percurso pelo território e o Senhor dos Céus deseja convidar seus convidados de Li-chien a somar-se à feliz viagem.

Sebastiano e Primo cruzaram um olhar, pensando ambos que o verdadeiro objetivo da viagem era, provavelmente, fazer ostentação da poderosa presença da dinastia Há e reunir informação sobre possíveis revoltas. De todos era sabido que Xiongnu do Norte continuava sendo uma ameaça para a dinastia Há e seu aliado, Xiongnu do Sul. Embora o imperador Ming recorresse a uma ampla variedade de táticas militares e econômicas para manter a paz com Xiongnu do Norte, esta era frágil. Precisava dar uma exibição de poder.

Enquanto Nobre Garça se afastava, Sebastiano disse animadamente a seus companheiros:

—Meus amigos, acredito que esta é a oportunidade que estávamos esperando.

Os ferozes cavaleiros se colocaram frente a frente na verde planície, cem a cada lado, com suas briosas e robustas montarias — os célebres cavalos da estepe, de pelagem densa e pele grossa, conhecidos por sua força — preparados para o combate. Os cavaleiros vestiam chapéu alto de feltro, calça de couro e túnica de lã de ovelha. Chamavam-se de tazhkins e eram considerados os homens mais resistentes do mundo porque seus antepassados provinham de um reino severo situado na margem meridional do

deserto de Gobi. Diziam que no combate os gritos desses guerreiros gelavam até tal ponto o sangue do inimigo que este caía morto antes que se lançasse uma só adaga.

Não obstante, o pai do imperador Ming, o grande Guangwu, tinha conseguido vencer os tazhkins com seu exército e convertê-los em aliados do Império chinês.

Uma grande multidão aguardava de um lado da pradaria, homens e mulheres tazhkins, mas também chineses do enorme séquito de Ming. O imperador se achava comodamente instalado em sua carpa rodeada de guardas, pois tinha descoberto que sua esposa estava grávida e seus muitos conselheiros o tinham advertido que, se presenciasse o combate, inculcaria uma natureza violenta ao menino.

Mas o que estava a ponto de começar não era um combate, mas um jogo. Chamavam-no «polo» e nele participavam duas equipes de cem cavaleiros cada um, que deviam golpear uma bola de couro com um pau longo enquanto galopavam a velocidades temerárias.

Sebastiano estava com seus companheiros no meio da multidão, esperando que começasse a partida. Agora já sabia por que o imperador Ming os tinha convidado a essa viagem de inspeção: passear ante os povos subjugados como seus «convidados», homens da legendária Li-chien que serviam a um dirigente poderoso, mas não tanto como o Senhor de Dez Mil Anos, era uma amostra mais de seu poderio.

Em cada província, povo e território que visitavam, Sebastiano tinha reparado que o imperador se sentava sob um magnífico dossel vermelho e dourado, rodeado de serventes e guardas, para consultar em voz baixa com seus assessores. Sebastiano mantinha conversa com desconhecidos frente às fogueiras e pedia a Primo que falasse com os soldados locais. Se os clãs de orgulhosos guerreiros submetidos ao jugo do imperador Ming estavam preparando um levantamento, queria saber. O estalo de uma guerra seria sua oportunidade de escapar.

Em uma ocasião em que Sebastiano se expôs a pedir sem mais ao imperador sua autorização para voltar para casa, Nobre Garça o advertiu que semelhante petição constituiria um grande insulto para o Senhor dos Céus; isso transmitiria ao mundo que não era o bastante hospitaleiro, pois por que outra razão ia querer partir um convidado? A fim de salvar as aparências, o Senhor de Dez Mil Anos se veria obrigado a aumentar sua

hospitalidade fazendo ainda mais luxuosa a vida dos convidados estrangeiros em Luoyang. E seguiriam sendo seus prisioneiros.

Além disso, a excursão havia chegado a seu fim, no dia seguinte retornariam a Luoyang. Tanto Sebastiano como o imperador Ming eram conscientes que os romanos tinham deixado de ser úteis. Os dois estavam cansados da novidade desse primeiro encontro entre o Oriente e Ocidente. Sebastiano abrigava a suspeita que Ming, no fundo, gostaria que os romanos retornassem junto a seu César e informassem ao leste do poder e da força do imperador chinês, mas permitir que partissem suporia um desprestígio para ele. Inclusive o fato de facilitar a fuga seria percebido, por bem orquestrada que estivesse como uma amostra de debilidade por parte das forças de segurança do imperador.

Assim, achava-se em um ponto morto e Sebastiano não sabia como sair dele.

A seu lado, Timónides contemplava a partida de polo com cinismo. «Que forma tão estúpida de passar o momento», pensava, surpreso pela veemência com que os espectadores gritavam, davam saltos, amaldiçoavam e ovacionavam. As corridas de bigas eram muito mais civilizadas. Estava impaciente para retornar a seu mundo e desfrutar da fama que sem dúvida seriam objeto em Roma. Com certeza se celebraria um desfile triunfal em sua honra e festejos que durariam vários dias. O arroz e o macarrão estavam muito bem, mas sentia falta de fincar o dente em uma fatia de pão recém assado e banhado em azeite de oliva.

Néstor, por sua parte, não parava de rir e aplaudir. O velho grego enternecia o coração quando via seu filho divertir-se desse modo. Sabia que Néstor não entendia o que estava vendo, não sabia que era um jogo no qual ganhavam pontos e se obtinham prêmios. O moço simplesmente gostava de ver galopar aos cavalos pela planície açulados pelos bramidos dos cavaleiros. Além disso, tampouco era necessário que entendesse, pois Timónides tinha a certeza que a mente simples de seu filho era agora um depósito de incontáveis receitas de pratos exóticos que o faria muito popular em Roma.

Abririam uma casa de comidas perto do foro e o povo percorreria milhas para provar um bocado da legendária comida da China. Os senadores se sentariam às mesas de Timónides, o grego. Talvez até o próprio imperador...

O jogo de polo terminou e os visitantes ocidentais — distinguidos hóspedes do imperador da China — foram convidados para jantar na tenda do chefe dos tazhkins. Ming, a imperatriz e seu séquito, de mais de quinhentas pessoas, jantariam à parte, em um conjunto de carpas vermelhas e douradas que criavam uma vila pequena. Sebastiano e seus amigos não formavam parte dessa elite, dessa camada inabordável.

O banquete organizado pelo chefe Jammu constava de luxuosos manjares e um vinho delicioso que corria copiosamente. Enquanto Sebastiano e seus amigos, sentados com as pernas cruzadas sobre elegantes tapetes, comiam de pratos de bronze, observaram que se tratava de uma tribo rica. Os numerosos convidados de Jammu, chefes de famílias nobres, vestiam-se bem e ofereciam um aspecto saudável. Os homens vestiam colete de pele de ovelha, calça de lã e chapéu de feltro alto de vivas cores, e as mulheres, vestido de seda longa com uma calça bombachas debaixo. As donzelas cobriam o rosto com um véu, enquanto que as esposas dos homens prósperos adornavam a testa com moedas de ouro. Muitos povos e assentamentos visitados pelo imperador eram habitados por granjeiros que mal ganhavam o suficiente para viver, entretanto estes tazhkins, com suas fontes repletas de carne e suas taças transbordando vinho, eram gente próspera.

«Por quê?», perguntou-se Sebastiano.

Músicos e bailarinos, malabaristas e acrobatas saíram a entreter os ocidentais enquanto Sebastiano tentava descrever Roma ao chefe Jammu; agora contava com a ajuda de um quarto tradutor que falava chinês e tazhkin, o que o fazia perguntar-se quão precisa podia ser a informação depois de passar por quatro intérpretes.

Trouxeram mais vinho, o tom da música subiu, e o chefe Jammu — um homem grande e fornido, com alguns dentes ausentes e a pele dourada— ficou a fanfarronar de algo que Sebastiano não conseguia compreender. Tinha a impressão que os tradutores estavam perdendo faculdades à medida que o vinho lhes afrouxava a língua. Daí que quando o chefe levantou seu pesado corpo e fez gestos a seus convidados para que o seguissem, Sebastiano, Primo e Timónides, seguido de Néstor, levantaram-se também e se perguntaram aonde os levavam.

Um destacamento de soldados imperiais chineses que fazia guarda na entrada — como tinham feito desde que deixaram Luoyang, recordando constantemente a

Sebastiano que ele e seus companheiros eram prisioneiros— pôs-se a andar atrás do chefe Jammu e dos romanos.

O grupo parou frente a uma tenda ainda maior que aquela onde tinham jantado. Estava iluminada por dentro e guardada por soldados tazhkins que se puseram em ordem ao ver seu chefe. Sebastiano não conseguia imaginar que finalidade podia ter uma tenda tão grande, ou por que era custodiada, e deduziu que ele, Timónides e Primo se dispunham a ver o tesouro da tribo. Quando o chefe inclinou seu elevado corpo para cruzar a porta, imaginou ouro e pedras preciosas.

Os quatro convidados o seguiram; Timónides tomou cuidado para que seu filho não golpeasse a cabeça contra o marco de madeira, pois era mais alto ainda que o chefe tazhkin. Quando seus olhos se acostumaram à penumbra da tenda, os visitantes franziram o sobrecenho.

—O que é isso? —perguntou o astrólogo olhando as filas de mesas cobertas do que pareciam bolas de algodão.

Quando lhes indicaram que se aproximassem, viram que as «bolas de algodão» estavam ordenadas em fileiras e dispostas entre espigas de madeira. Havia milhares delas e descansavam sobre as mesas como se fossem flocos de neve. Através dos tradutores, o chefe Jammu explicou aos visitantes que estavam contemplando casulos de bichos-da-seda. O homem de Pisa, que falava persa e latim, explicou que ditos vermes eram criados como as ovelhas, isto é, alimentavam-nos e cuidavam até que punham seus ovos sobre um papel especialmente tratado. Quando as larvas saíam da casca de ovo, davam-lhes de comer folhas frescas. Transcorrido um mês, sobre a mesa de larvas se colocava uma estrutura de espigas de madeira e cada larva procedia a fiar um casulo se aderindo a uma das espigas. Em três dias as larvas ficavam completamente recobertas pelo casulo. Então matavam as larvas com calor e inundavam os casulos em água fervendo para abrandar as fibras de seda, que a seguir eram desenroladas para produzir fios contínuos.

Jammu descrevia o processo com supremo orgulho enquanto os convidados caminhavam entre as mesas. Sebastiano sabia que Jammu estava omitindo alguns passos, pois ninguém que não fosse produtor de seda podia conhecer o segredo de sua produção.

De fato, o segredo se guardava com tal zelo, que tentar tirar da China um só bicho-da-seda se castigava com a morte.

Precisavam de cinco mil bichos-da-seda, alardeou Jammu através de seus dentes ausentes, para confeccionar uma túnica. Sebastiano e seus amigos sabiam que essa era a razão que a seda fora tão cara em Roma, sobre tudo porque passava por numerosos intermediários depois de abandonar a China, os quais elevavam um pouco mais o preço para tirar um benefício. Se o segredo chegasse algum dia a Roma, junto com alguns vermes para começar uma pequena granja de seda, a China perderia tão lucrativo negócio.

Finalizada a visita, os homens do Ocidente foram obsequiados com uma imagem surpreendente: fileiras e mais fileiras de prateleiras com seda colhida à espera de ser tecida e tinta para fabricar papel, tapeçarias, cometas e roupa. Os longos filamentos, tão apertados entre si que semelhavam a cabelos de mulher, brilhavam como ouro branco à luz cintilante das tochas. Sebastiano e seus amigos ficaram mudos ao ver os fios, mais valiosas ainda que o ouro ou a pedra preciosa mais estranha.

Depois de agradecer ao chefe, que agora estava balançando sobre seus pés, os homens de Roma se retiraram à sua tenda para descansar antes de voltar a Luoyang.

Não podiam tirar da cabeça toda essa seda, e enquanto se despiam Timónides murmurou:

—Senhor, se pudéssemos ter alguns desses vermes e casulos e levá-los a Roma, seríamos imensamente ricos.

Sebastiano tirou a túnica pela cabeça e a jogou no chão.

—O castigo por tirar bichos-da-seda é a morte, velho amigo. Não merece a pena.

—Mesmo assim — insistiu Timónides—. Seríamos os homens mais famosos de Roma. Néstor e eu poderíamos comprar uma casa, desfrutar de um retiro agradável...

—Comigo sempre terão uma casa. Dorme velho amigo. Só fica um dia para encontrar algum ponto fraco nas medidas de segurança do imperador, e logo voltaremos a ser seus prisioneiros na cidade.

Quando Sebastiano apagou as luzes da tenda e ele e o astrólogo começaram a roncar, Néstor continuava deitado em sua cama com o olhar fixo no teto.

Estava a tempo notando que seu pai não era feliz, e ele queria muito seu pai. Tinha procurado a maneira de lhe devolver a alegria, tinha procurado um presente no mercado, mas nada o convencia. O presente para seu pai tinha que ser especial.

Pensou nos fios de seda. Com certeza o fariam feliz. Poderia comprar uma casa. Teria uma vida confortável.

Saiu sigilosamente da tenda e cruzou com passo veloz o silencioso acampamento. Recordava onde estava o cabelo brilhante porque estava na tenda maior, cuja silhueta se recortava contra as estrelas. Divisou vários guardas na porta e pôs-se a andar para eles com a intenção de entrar diretamente na tenda quando reparou em suas lanças. Temendo que pudessem machucá-lo, rodeou o perímetro da enorme estrutura, feita de feltro e pele de cabra, até a parte de trás, onde não havia homens com paus.

A tenda estava firmemente cravada ao chão, mas Néstor era um homem grande e forte e, depois de muito grunhir e soprar, conseguiu levantar o tecido e entrar de rastros. Sob a luz das escassas tochas que iluminavam o interior vislumbrou os belos filamentos brancos recolhidos sobre ganchos como o cabelo de uma mulher.

Néstor enredou seus grossos dedos nas mechas de seda e parou para contemplar os casulos brancos pulverizados sobre as mesas. Também queria um desses. Outro dou de presente para papai.

Tão concentrado estava em recolher o casulo sem rompê-lo e sem incomodar à diminuta larva que dormia dentro, que não ouviu os guardas entrar na tenda, não foi consciente de sua presença até que se virou.

Néstor pensou que se sorrisse para os homens dos paus não lhe fariam mal.

Era a última partida de polo da semana e a tensão e o nervosismo enchiam o ar.

Timónides procurou entre a multidão. Onde estava Néstor? Com certeza não gostaria de perder a partida.

—O que é isso? —perguntou Sebastiano assinalando o campo onde as duas equipes estavam alinhando-se com seus paus.

Timónides esquadrinhou a erva espaçada.

—É a bola... — Afogou um grito—. Grande Zeus!

Sebastiano e Timónides puseram-se a correr pelo campo para o lugar onde a cabeça de Néstor se sobressaía do chão. Ao ver a terra calcada a seu redor compreenderam, horrorizados, que o moço tinha sido enterrado até o pescoço em um buraco profundo.

Antes que pudessem chegar a ele, uns cavaleiros se aproximaram a galope e cortaram seu passo.

—Têm que deter a partida! —gritou Timónides—. Meu filho não é culpado de nada!

Sebastiano se virou e correu até o dossel sob o qual, em cadeiras de madeira, estavam sentados o chefe Jammu e seus assessores militares. Quando exigiu saber o que estava passando, o chefe respondeu:

—Descobriram-no roubando na Casa da Seda. Nas mãos tinha seda e um casulo. O castigo é a morte.

—Não sabia o que fazia! Néstor tem a mente de um menino!

OuvIU-se um grito e o arranque ensurdecador de cascos. Sebastiano e Timónides se voltaram no momento em que os cavalos galopavam para Néstor. O moço ainda sorria quando os cascos, e inclusive o primeiro pau, abateram-se sobre ele.

Timónides observou a cena, horrorizado. Enquanto os paus arrancavam sangue, ossos e miolos, recordou que a seda era produzida pelo verme da amoreira. Assim, a profecia de uma omoplata de boi se cumpriu.

Sebastiano encontrou seu amigo estendido em sua cama com o olhar fixo no teto. Timónides tinha os olhos vermelhos e inchados, mas já não chorava. O sol se escondeu, as estrelas tinham saído e já não ficavam lágrimas para derramar.

—Solicitei uma audiência com o imperador — disse Sebastiano — e me foi concedida. Vou pedir que nos deixe partir. Não podemos ficar aqui. Sou responsável pelo que aconteceu a Néstor. Há muito tempo que teria que ter insistido em que nos deixassem partir. Só espero velho amigo, que possa me perdoar por permitir que nos tenham tido prisioneiros tanto tempo.

Timónides não disse nada. Pouco depois, completado o tedioso protocolo, Sebastiano se inclinava respeitosamente ante Ming.

—Majestade — disse—, vi com meus próprios olhos a maneira sensata e compassiva em que o Senhor de Dez Mil Anos governa sobre seus vassalos e vejo que são felizes sob seu mandato. Acredito que a meu imperador interessaria muito ouvir falar do sábio e poderoso Senhor do Céu, e é provável que inclusive aprendesse do soberano da Terra Florida. Peço humildemente que me permita retornar a meu país a fim de riscar para meu imperador e os altos oficiais um retrato do sábio e compassivo reinado do Senhor de Dez Mil Anos. Será uma honra para mim, elogiar o nome de Sua Majestade da China até Roma e inculcar aos povos que encontre pelo caminho o respeito e o temor no nome do elevado que ocupa o trono de Sua Majestade.

»A generosidade de Sua Majestade supera o número de estrelas que povoam o céu. Sua Majestade é, certamente, o homem mais generoso da terra. Desejo ter a honra de falar com mundo da grandeza do Senhor do Céu. Desejo alardear de ter sido seu humilde convidado e o destinatário da generosidade e a compaixão do Senhor do Céu. Desejo retornar a meu país e impressionar meu imperador com tais conhecimentos.

Ming não respondeu. Sob a curiosa coroa adornada com franjas de contas, seu semblante não mostrava emoção alguma. A seu lado, MA guardava silêncio.

—Em troca deste generoso favor, Sua Majestade — continuou Sebastiano—, falarei-te do poder de Roma. Seus exércitos são como os mares; seus soldados, qual dragões que exalam fogo; suas máquinas de guerra, como trovões e relâmpagos. Conto estas coisas a Sua Majestade não para trair o meu país ou para fanfarronar de falsidades, pois o que digo das legiões de Roma é certo, mas para oferecer ao Senhor do Céu a oportunidade de unir-se a um grande aliado quase tão poderoso como ele. A Pérsia é inimiga de Roma e sei que dinastia Há gostaria de submeter a Pérsia. Juntas, Roma e China poderiam rodear a Pérsia e mostrar a essa nação inferior a grandeza de nossas respectivas raças.

Sebastiano manteve a calma ante o grande silêncio que seguiu. Não podia ler a expressão de Ming. Estava se perguntando se tinha ido muito longe quando o jovem imperador se virou para a imperatriz MA e dialogou com ela em voz baixa.

Finalmente, o Senhor de Dez Mil Anos olhou a Sebastiano e, através dos intérpretes, disse:

—Nosso honorável convidado se antecipou a uma decisão que faz semanas que nós tomamos. É nosso desejo conhecer em maior profundidade os ensinamentos do chamado Buda. Queremos construir um santuário e compartilhar seus ensinamentos com os cidadãos da China. Decidimos enviar alguns dos missionários budistas que trouxe para Luoyang há um ano à Índia, seu lar, para que reúnam estátuas e livros do Iluminado e nos tragam. Desejávamos te perguntar, honorável convidado, se nos faria o grande favor de escoltar os missionários até a Índia e dali seguir até Li-chien para levar nossas respeitadas saudações a seu imperador. É um grande sinal que ambos tenhamos tido a mesma ideia, pois significa que sua viagem está destinada e será, portanto, segura e afortunada. Proveremos a sua caravana de quanto necessitem os missionários, assim como de obséquios para seu César e passes diplomáticos que lhe permitirão cruzar sem perigo os territórios que se estendem entre a China e a Pérsia. É nosso desejo que parta de Luoyang o antes possível.

Sebastiano fez uma reverência e saiu da sala. Perguntou-se se a intenção de Ming tinha sido realmente os deixar partir ou se a desculpa dos missionários budistas era uma forma de conservar seu prestígio.

Pouco importava isso. Voltavam para casa.

LIVRO 8

Babilônia

Da proa Ulrika observou com nervosismo o concorrido cais.

«Por favor, que Sebastiano esteja aqui.»

O navio, impulsionado por sessenta remadores, transportava um carregamento de lingotes de cobre. Os lados estavam decorados com figuras místicas de alegres cores, e

as velas, vermelhas e azuis, fulguravam com o sol. Ulrika animou mentalmente os remadores a acelerar o ritmo de suas remadas.

O rio Eufrates transcorria pelo centro da Babilônia, de maneira que os grandes muros que circundavam a cidade se elevavam sobre o rio em dois extremos. As embarcações passavam por debaixo dos arcos de pedra e cruzavam uma sucessão de comportas de ferro criadas astutamente para manter a raia os invasores. Esse dia de primavera, o cais fervia de gente e atividade: marinheiros que dirigiam remos e equipamentos do barco, passageiros e famílias que se despediam ou davam as boas vindas; vendedores que apregoavam suas mercadorias e funcionários em seus postos que registravam saídas e chegadas, calculavam os carregamentos que entravam e saíam e cobravam impostos.

Ulrika retornava de uma visita à cidade de Salama, situada rio acima, onde tinham construído um santuário para albergar umas pranchas de argila que, conforme se dizia, eram os livros sagrados mais antigos do mundo e continham segredos que nem os sacerdotes de Marduk conheciam. Em sua busca dos Veneráveis tinha ido a Salama para conhecer os guardiões do santuário, e enquanto ali estava ouviu falar de um grupo de romanos que tinham viajado com êxito à China e retornado a Babilônia com uma caravana repleta de curiosidades e tesouros exóticos. O governador da Babilônia tinha devotado um festim aos romanos, que a sua vez permitiram aos cidadãos passear entre as raridades e ver com seus próprios olhos criaturas estranhas e riquezas fabulosas procedentes de uma terra mística. A caravana estava fortemente guardada, diziam os rumores, pois a mercadoria era propriedade de Nero César e não demoraria para partir para Roma.

Ulrika tinha partido de Salama ao ouvir a notícia, depois de comprar uma passagem a bordo do Vento afortunado, e agora procurava entre a multidão do cais uma cabeça de cabelo dourado sobre ombros largos. O coração pulsava com força. «Está aqui, Sebastiano?»

A Babilônia tinha mudado, observou Sebastiano enquanto caminhava entre a multidão do cais. Nos sete anos que tinham transcorrido desde sua última visita, a personalidade daquele centro cosmopolita tinha passado da tolerância ao prejuízo. Os

sacerdotes de Marduk, tinha averiguado, eram cada vez mais intolerantes com as religiões de fora e exigiam aos cidadãos da Babilônia que rendessem culto unicamente nos altares dos deuses que governavam a cidade fazia séculos. Fomentava-se a intolerância com outras crenças e a desconfiança aos seguidores de deuses estrangeiros.

A Babilônia estava vivendo tempos difíceis. Os homens tinham perdido seus trabalhos e agora mendigavam nas ruas. As casas permaneciam vazias porque o povo não podia pagar aos caseiros. Os doentes não tinham dinheiro para pagar os médicos. A delinquência infestava as ruas. O povo tinha medo e culpava aos deuses e ao governo por suas desgraças. Inclusive em Roma, tinha ouvido Sebastiano, os médicos se tornaram corruptos e os funcionários se deixavam subornar. O erário imperial se achava em bancarrota e Nero, em quem todo mundo tinha depositado grandes esperança, tinha decepcionado seus cidadãos. Contavam que tinha arrojado um grande projeto para construir edifícios de dimensões descomunais por toda Roma com o fim de fazer acreditar às pessoas que a cidade gozava de um período de prosperidade.

Ali, naquela cidade entre dois rios, os sacerdotes de Marduk sabiam que quando o povo estava descontente e acreditava impotentes aos deuses optavam por tomar as rédeas de sua vida e seu destino. Isso significava que o dinheiro que antes entregavam aos sacerdotes estava passando agora pelas palmas de adivinhos e fabricantes de milagres. Por conseguinte, toda pessoa suspeita de afastar os cidadãos e seu dinheiro dos templos era presa e interrogada. Muitos eram acusados de sacrilégio e blasfêmia e executados. Inclusive ali, junto ao rio, Sebastiano podia detectar no vento o aroma de carne putrefata. Embora não pudesse ver os corpos pendurados nos muros, sabia que estavam aí.

—Atenção! Atenção!

Sebastiano se virou e viu um pregoeiro subir em um bloco de pedra para se elevar por cima das cabeças do povo. Com uma voz surpreendentemente sonora, bramou:

—Faz-se saber a todos os recém chegados à Babilônia, visitantes, comerciantes e viajantes, que as seguintes pessoas são proibidas de mover-se livremente pela cidade sem inscrever-se primeiro com o Guarda Real no Templo de Marduk: magos, profetas, videntes, feiticeiros, prestidigitadores, fabricantes de milagres,

curandeiros, adivinhos. Todo aquele que desobedecer o decreto será detido, julgado e castigado.

Separando-se de sua mente os males do mundo, Sebastiano procurou com o olhar um navio que parecesse estar preparando-se para zarpar rio acima. Precisava chegar à cidade de Salama o quanto antes possível. Ulrika se encontrava ali.

Após deixar sua fatigada caravana na área de acampamento situada fora dos muros da Babilônia, Sebastiano tinha enviado cartas a seus conhecidos em Jerusalém e Antioquia solicitando informação sobre Ulrika. Mas dado que Ulrika havia dito que se pudesse se reuniria com ele na Babilônia, tinha enviado homens à cidade para que a buscassem. Enquanto isso, Sebastiano teve que suportar a hospitalidade dos funcionários locais, desfilar sob a porta de Ishtar e aguentar pacientemente a chuva de elogios por ser o primeiro homem do Ocidente que tinha visto a China. Todas as noites perguntava a seus homens se tinham alguma pista sobre o paradeiro de Ulrika. Não tinham tido nada que contar até essa manhã.

—Averigui que estive vivendo no gueto, senhor, na casa de uma costureira viúva. Mas faz três meses partiu rio acima e não disse quando voltaria.

Enquanto atravessava o bulício do cais procurando um navio no que zarpar, Sebastiano se perguntou se Ulrika teria recebido sua carta.

—Senhor, senhor!

Virou-se e se surpreendeu ao ver primo abrindo passo entre a multidão.

—Senhor — chamou o veterano —, tem que postergar sua travessia. Requer-se sua presença na residência de Quinto Publio.

—Outra vez? —O embaixador de Roma na província persa da Babilônia já tinha tratado com atenção Sebastiano e seus companheiros com um festim em sua casa situada ao oeste da cidade—. Não tenho tempo. Diga-lhe que irei vê-lo em minha volta de Salama.

—Senhor, acredito que não deveria fazer ouvidos surdos à petição — insistiu Primo em tom grave.

—Eu não respondo ante um embaixador de Roma, de fato, não respondo ante nenhum funcionário. Só respondo ante Nero, e ele, por sorte, acha-se a muitas milhas daqui. Retorne e explique que me acho em uma missão urgente.

—Mas...

Sebastiano se virou e continuou seu caminho, deixando seu administrador e amigo preocupado e irritado. Antes que pudesse seguir a seu senhor para persuadi-lo que se reunisse com o importante e poderoso Publio, viu-o dirigir-se a um navio que estava soltando amarras com a proa apontando rio acima e se deu conta da inutilidade de tentar fazê-lo entrar em razão, de fazer entender o ato perigoso, e provavelmente traidor, que se dispunha a realizar.

Temendo sua reunião com Quinto Publio, Primo se afastou com passo veloz.

Com seu estojo de primeiro socorros e suas esteiras ao ombro, cheia de ilusão e esperança, Ulrika baixou ao cais a grandes pernadas. Tinha vivido os últimos cinco anos na Babilônia procurando o paradeiro dos Veneráveis, perguntando nos templos, reunindo-se com sábios e profetisas e aperfeiçoando sua meditação, com Sebastiano sempre presente em sua mente e seu coração. E agora ele estava na Babilônia.

Seu reencontro com o homem ao que amava era um sinal de que finalmente ia encontrar os Veneráveis?

Conforme abria passo entre a multidão do cais, com o som de pessoas que gritava e animais que baliavam e zurravam; com os aromas do rio verde e das plantas em floração; com as enormes estruturas de pedra eretas a ambos os lados do rio; monumentos chamados «zigurats» que se elevavam para o céu de forma escalonada, com os terraços repletos de plantas, árvores e trepadeiras — os famosos Jardins suspensos da Babilônia — reparou na notória presença dos guardas do templo, com seus peitilhos e elmos dourados e suas lanças com a ponta de prata, como se quisessem fazer uma exibição de sua riqueza e, portanto, do poder de Marduk.

Ulrika notava um nervosismo no ambiente que não tinha percebido cinco anos atrás, em sua volta da Pérsia. Podia perceber o medo no rosto do povo, a suspeita em seus olhos. Mesmo assim, alegrava-se de estar ali. A energia da cidade esquentava o sangue e os ossos. Babilônia! Com suas elegantes torres e pináculos, seus muros almenados, seus portões de azulejos vermelhos, amarelos e azuis representando bestas místicas que cortavam a respiração. O dia começava a esquentar. O aroma familiar da cidade penetrou por seu nariz: deliciosos aromas culinários mesclados com a fetidez acre dos fogos de

esterco e o fedor dos excrementos de animais e urina humana. Ulrika deixou atrás homens absortos em um jogo de azar que implicava pedrinhas e palitos. Rodeou umas bailarinas que davam voltas com saias de cores vistosas. As ruas eram obstruídas por mulheres comprando olivas, homens anunciando seus produtos, encantados de serpentes, engolidores de fogo, varredores de esterco, mendigos e aristocratas perfumados sobre beliches transportados nos ombros por escravos. Um barulho incessante de gritos, risadas, música e soluços assaltavam seus ouvidos. O espectro das emoções humanas estava comprimido dentro de umas poucas milhas quadradas de ruas estreitas, becos poeirentos, lugares ensolarados, casas de vizinhos meio curvadas e mansões que albergavam sonhos e luxos inimagináveis.

Encheu os ouvidos com a cacofonia poliglota de multidão de idiomas e agradeceu ouvir falar novamente aramaico e um dialeto do grego mais próximo à língua mãe que o falado em terras mais orientais. Escutou persa, fenício, hebreu, egípcio, latim e até línguas que não reconhecia, e veio à memória a lenda que Babilônia era o lugar de nascimento dos muitos idiomas da humanidade.

Quando chegou ao pé da grande porta pela qual saía da cidade divisou corpos que penduravam do muro almenado do Palácio de Justiça, criminosos que tinham sido suspensos pelos tornozelos e abandonados ali até a morte. Era o célebre método de execução da Babilônia. Naquela cidade nunca se viam crucificações, e Ulrika se perguntou se devia à escassez de árvores na região; a madeira era muito valiosa para esbanjá-la com os condenados. Advertiu que os mortos e moribundos tinham sido marcados com um símbolo que os identificava como blasfemos: tinham cometido sacrilégio contra os deuses da cidade.

Sussurrando uma oração por suas almas, somou-se às pessoas que saía da cidade. Justo em frente se achava a zona de acampamento das caravanas procedentes do leste.

Quando se dirigia apressadamente aos Encantos de Ishtar, um navio pequeno com ânforas de vinho amarradas na cobertura e doze remadores a ponto de inundar os remos,

Sebastiano reparou em uma mulher que se achava no meio da multidão próxima à porta da cidade. Parou e aguçou a vista. Sua estatura, sua silhueta, seu andar... Era Ulrika? Ou desejava tanto encontrá-la, que a via em todas as mulheres que passavam pela rua?

A multidão se separou um breve instante. Viu-a deter-se para olhar os condenados pendurados nos muros, e ao se virar viu seu rosto.

Era ela!

—Ulrika! —gritou, mas a multidão voltou a engoli-la.

Abriu passo a empurrões, gritando seu nome, saltando cães e jaulas, fazendo o possível para não perdê-la de vista. Tinha ido rumo ao acampamento das caravanas. Levava esteiras pendurados nos ombros e um estojo de primeiro socorros suspenso por uma correia... Tinha intenção de partir?

Cruzou a porta da cidade gritando seu nome. E então a viu, justo diante dele.

—Ulrika!

Ulrika freou seus passos e se virou. Sebastiano advertiu seu rosto de assombro e gritou de alegria.

Ulrika correu para ele com os olhos muito abertos, perguntando-se se era real ou uma visão. Vestia uma túnica marrom muito bonita, com uma sianinha de bordados dourados na borda e nas mangas, e um cordão trançado na cintura, uma capa de cor nata sobre os largos ombros e sandálias passados os laços até o joelho. Parecia mais alto do que se recordava; de compleição mais forte, como se as milhares de milhas percorridas lhe tivessem imbuído de uma vitalidade e virilidade novas. Recordou que tinha perto de quarenta anos, e, entretanto parecia muito mais jovem.

Antes que pudesse abrir a boca, Sebastiano a estreitou entre seus braços e disse:

—Encontrei você, encontrei.

Ulrika lutava para recuperar o fôlego enquanto apertava o rosto contra seu peito e ouvia os batimentos tranquilizadores de seu coração.

—É você — murmurou —. Realmente é você.

Sebastiano se afastou para poder olhá-la com olhos frágeis, as mãos em seus braços, o rosto tão perto que Ulrika reparou em uma pequena cicatriz no queixo, uma cicatriz nova, e se perguntou que arma, espinheiro ou gato a tinha causado. Também havia rugas novas junto aos olhos, como se na China tivesse rido muito ou tivesse visto muito sol. A voz, não obstante, soou tal como recordava, profunda e melodiosa, quando disse:

—Sabia que estaria aqui. Não sei por que, mas sabia.

Ulrika respirava entrecortadamente. Podia sentir a força de suas mãos nos braços, o calor que lhe impregnava a pala e aquecia a pele.

—Vim à Babilônia há sete anos. O chefe do acampamento me disse que tinha partido há um mês.

—Recebeu minha carta?

Ulrika introduziu a mão em uma esteira e tirou um cilindro pequeno. Estava amarelado e desgastado pelas milhares de vezes que tinha lido.

—Apesar de saber isso de cor, precisava ver as palavras escritas com seu punho e letra.

—Ulrika, tenho tanto que te contar...

—E eu. Sebastiano conseguiu chegar à China!

—E você? As visões, as profecias. Foi a Pérsia? Encontrou os Lagos Cristalinos?

—Sim, sim, sim — sussurrou ela.

Enquanto os cidadãos de Babilônia os saltavam, os carros passavam estralando por seu lado e os cascos dos cavalos repicavam contra os paralelepípedos do estrada, Ulrika encheu os olhos com a imagem desse homem. Depois dos incontáveis entardeceres e amanheceres que tinha passado pensando em Sebastiano, sonhando com ele, lhe falando, sentindo crescer seu amor, finalmente aí estava. Alto, forte, com seu cabelo dourado brilhando sob o sol e seus olhos verdes cravados nela.

—Vêem — disse Sebastiano, levando as esteiras e o estojo de primeiro socorros nos ombros.

Ao deixar atrás as portas e o bulício da cidade, caminhando junto a Sebastiano e sentindo sua mão protetora no braço, Ulrika pensou que o sol nunca tinha brilhado com tanta força, que a brisa do rio nunca tinha sido tão fresca, que os campos nunca se viram tão verdes.

Pensou que o coração ia estalar de amor e felicidade.

Quando chegaram à vasta esplanada das caravanas que se dirigiam a terras remotas, Sebastiano guiou Ulrika entre as fileiras de camelos ajoelhados, o fedor do esterco, o zumbido das moscas e os homens que iam de um lado a outro em meio do que parecia uma centena de tendas.

Um indivíduo com expressão carrancuda e pensativa saiu de uma tenda limpando as mãos com um trapo. Ulrika reconheceu Primo, o veterano militar que tinha trabalhado como administrador de Sebastiano. Parecia maior, um pouco deteriorado, mas Ulrika se alegrou que tivesse saído ileso da experiência, pois recordava que tinha sido o responsável pela segurança da caravana.

Primo levantou a vista e ao ver seu senhor sorriu. Então reparou em Ulrika e o sorriso não só desapareceu, mas sim foi substituída por um cenho.

—Está irritado com algo — murmurou Ulrika.

—Primo está impaciente para voltar para Roma. Leva tempo insistindo em que partamos da Babilônia de uma vez. —Sebastiano sorriu— Eu teria feito conta, mas sabia que estava aqui e que tinha que te encontrar.

Ulrika percebia algo escuro no olhar de desgosto de Primo. Não podia precisar o que, mas pressentia que sua irritação ia dirigida a ela. Depois de recordar a sensação que teve em Antioquia que havia um traidor entre os homens de Sebastiano, perguntou-se se o olhar escuro de Primo escondia algo mais que sua impaciência por chegar a Roma.

Nesse momento, um homem de aspecto frágil, com o cabelo branco, as bochechas descarnadas, os braços como palitos e uma roupa que lhe pendurava por toda parte, aproximou-se e disse:

—Me alegro de voltar a ver-te, querida menina.

Ulrika o olhou de cima a baixo. Demorou um momento em reconhecer Timónides. O que tinha ocorrido ao velho astrólogo? Tentou esconder sua consternação com um sorriso.

—Eu também me alegro de ver-te, Timónides — disse.

—Já chegamos — anunciou Sebastiano quando atracaram frente a uma espaçosa tenda fabricada com um tecido grosso de cor vermelha e adornada com bandeirolas. Agarrou-a pela mão e a convidou a passar.

E Ulrika entrou em outro mundo.

O denso tecido das paredes amortecia os sons do exterior criando um refúgio silencioso e acolhedor. Abajures de cobre que emitiam uma luz suave pendiam dos suportes da tenda. O chão estava coberto de luxuosos tapetes e almofadões multicoloridos.

Até o último rincão aparecia repleto de tesouros fabulosos: estátuas de jade translúcido, arcas cheios de moedas de ouro, leques de plumas de pavão.

Antes que Ulrika pudesse falar, Sebastiano a estreitou entre seus braços e a beijou apaixonadamente. Ela rodeou o pescoço dele imediatamente e respondeu a seu beijo com um anseio repentino.

Sebastiano se separou e tomou o rosto dela entre as mãos.

—Tenho tantas coisas que te contar e tantas perguntas a te fazer..., mas agora mesmo só desejo estar contigo. Aparecia em meus sonhos... — Inclinou a cabeça e voltou a beijá-la, tenra e pausadamente desta vez. Ulrika se entregou a doce sensação com lágrimas nos olhos.

Quando voltou a separar-se, Sebastiano disse:

—Em Antioquia não era um homem livre, Ulrika, não era livre para te amar. Como membro de minha caravana, estava a meu cuidado e não queria me aproveitar dessa confiança sagrada. Além disso, tinha que ir a China, enquanto que seu caminho era outro. Diga-me, Ulrika, encontrou tudo o que procurava?

—Sim — respondeu ela com o olhar fixo em seus lábios, ansiosa por beijá-los, por apertar sua boca contra a dele e não separar-se jamais—. E a China é um lugar mágico, Sebastiano?

—É, e agora procuro outro tipo de magia. Quer se casar comigo, Ulrika? Quer ir a Roma comigo e ser minha esposa?

—Sim, sim.

Sebastiano retrocedeu e com gesto solene tirou o anel de ferro que usava no mindinho direito. Enquanto o deslizava no dedo do meio da mão esquerda de Ulrika, recitou com voz firme o tradicional voto matrimonial romano:

—Concedo-te poder sobre meu lar, poder sobre o fogo e a água de minha casa.

Ulrika respondeu:

—Do qual você é senhor e eu senhora.

Sebastiano tomou o rosto de Ulrika entre suas mãos e a beijou de novo.

—Agora você é minha esposa e eu sou seu marido. Amanhã iremos ao escritório de registro municipal para inscrever nosso enlace. —Com a voz rouca, acrescentou—: Até as estrelas me transporta Ulrika. É mágica. Às vezes me pergunto se é real.

—Sou, Sebastiano — sussurrou ela elevando o rosto.

Sebastiano desfez o coque e as tranças de cor mel caíram sobre os ombros e o peito de Ulrika. Inclinou a cabeça e a beijou. Ela abraçou ao seu pescoço. O beijo se fez mais premente. A paixão estalou. Entre os beijos desesperados saíam palavras sussurradas apressadamente: «Amo... necessito-te... desejo-te... sim... sim...».

O cosmo estremeceu e suspirou. A realidade mudou. O velho mundo desapareceu e um mundo novo apareceu enquanto Ulrika e Sebastiano exploravam seus corpos e descobriam excitantes vales e colinas. Ulrika se abriu a ele. Sebastiano a possuiu por completo. A tenda encarnada, com suas bandeirolas douradas ondeando ao vento, cobria o abraço dos amantes e os mantinha a salvo.

Sebastiano despertou e se apoiou em um cotovelo para ver Ulrika dormir. Quando deslizou um dedo pelo contorno de seu queixo, ela abriu preguiçosa os olhos e sorriu.

Beijou-a, doce e lentamente, e disse:

—Me fale da Pérsia.

Ulrika relatou sua experiência em Shalamandar, a meditação que tinha mostrado a localização dos Lagos Cristalinos e a visita de Gaia. Sebastiano escutava com toda atenção.

—Agora acredito que não era meu destino encontrar o povo de meu pai para adverti-los do ataque de Vatinio, pois compreendi que era um plano desatinado. Minha viagem à Germânia foi a maneira que escolheu a Deusa de me libertar. Sentia-me ligada por laços invisíveis a uma terra que não era parte de meu destino.

Ulrika o acariciou na incipiente barba.

—Gaia também me disse que meu destino é encontrar os Veneráveis, mas estou a cinco anos procurando e nem sequer descobri quem são.

Sebastiano pousou uma mão sobre sua bochecha.

—Devo partir para Roma o quanto antes possível. Poderia buscá-los ali?

—Percorrerei o mundo inteiro se for preciso.

Sebastiano sorriu.

—Nesse caso te ajudarei, pois também eu estou destinado a percorrer o mundo.

Estreitou Ulrika contra seu peito, transmitindo seu calor, e ela desfrutou do contato de sua pele, admirou o poder do corpo masculino que a abraçava e a fazia sentir-se segura. Balançada pelos batimentos tranquilizadores de seu coração, Ulrika escutou a história incrível de homens valorosos que cruzaram desertos e montanhas, lutaram por suas vidas e conheceu uma raça toda diferente. Sebastiano encheu sua cabeça de formosas imagens, e Ulrika tentou fazer uma ideia das mulheres chinesas, quem pensava que deviam ser como mariposas.

—Fiz realidade meu sonho de abrir uma rota segura até a China — murmurou Sebastiano enquanto as gemas de seus dedos exploravam as costas e os delicados ombros de Ulrika—. Em Roma começarei a planejar a seguinte fase da caravana Galo, assinarei contratos com importadores e exportadores e ampliarei o negócio familiar. Darei a conhecer o nome dos Galo de um extremo o outro do mundo. —interrompeu-se para lhe beijar o cabelo e aspirar seu perfume—. E você estará ao meu lado. Juntos encontraremos os Veneráveis de Gaia.

—Não pensa voltar para sua amada terra, junto a suas irmãs e suas famílias?

—Possivelmente, mas o fato de ter alcançado a China só contribuiu para despertar minha sede mais ainda. Tenho o coração dividido, Ulrika, salvo quando estou contigo, pois nunca me senti tão completo como agora.

Quando Ulrika tremeu de emoção e de desejo em seus braços, Sebastiano se lembrou de um tipo de cerâmica que só se fabricava na China. A argila se cozía em temperaturas muito altas para criar vidro e outros minerais brilhantes. Como não podia pronunciar o nome em chinês, Sebastiano o chamava «porcelana», pois recordava à superfície translúcida de uma concha. E nesse momento pensou: «É como Ulrika, forte, brilhante e formosa».

Ulrika levantou o rosto e disse:

—Me fale dos astrólogos da China.

Sebastiano a acariciou no cabelo e no pescoço, deslizou a mão por seu braço nu e a atraiu para si. Ulrika era uma mulher forte e segura de si mesmo, e, entretanto parecia vulnerável em seus braços. Tremeu de desejo.

—Aprendi muito deles. Na China há muitos deuses e espíritos. Cada lago, cada árvore, inclusive cada cozinha tem seu próprio deus. Não poderia nem começar a

nomeá-los. Mas se houver algo que a China e Roma compartilham é o cosmos. As mesmas estrelas que brilham sobre a superfície do Tibre e do Eufrates brilham sobre a superfície do Luo. Isso me produzia um grande consolo durante minha estadia nessa terra estranha. E dado que as estrelas são as mesmas em todas as partes, dado que é a única constante no universo, agora acredito mais que nunca que guiam nossa vida. Aconselham-nos e nos advertem. Trazem-nos boa sorte e evitam que nos ocorram desgraças. As estrelas contêm mensagens dos deuses. Nunca tinha tido tanta fé nos céus como agora. Os astrólogos chineses são homens de grande inteligência e perspicácia. Passei muitas horas conversando com eles e trouxe comigo cartas, instrumentos, aparelhos de observação e cálculo e antigas equações ocultas. Levarei tudo ao observatório de Alexandria, onde os maiores astrônomos do mundo estudam os céus e onde sei que poderão combinar todo isso para revelar os mistérios sobre o sentido da vida.

Tinha anoitecido, mas Sebastiano não acendeu mais abajures. Na tenda havia comida — tâmaras e frutos secos, amadurecidos e vinho de arroz—, mas os amantes não tinham fome. Sebastiano embalava Ulrika sob os lençóis de seda. Ignoravam se o mundo corrente continuava existindo, se Babilônia continuava ali, e tampouco lhes importava. Sebastiano colocou uma mão sobre o peito de Ulrika e notou os batimentos de seu coração sob sua pele sedosa.

—Ulrika, é meu horizonte pela manhã, meu oásis ao entardecer. É a lua que ilumina meu caminho, o doce amanhecer que põe fim a meu sono agitado.

Buscaram-se de novo, e desta vez o abraço foi além do físico. Foi a união de duas almas. Ulrika abraçou Sebastiano com força e sentiu que seu espírito a envolvia de perfeição e sorte. Aspirou seu aroma masculino, enterrou o rosto nos duros músculos de seu ombro e seu pescoço, entregou-se a seu poder e quis ficar aí para sempre. Ele não teria podido estreitá-la com mais força. Ela mal podia respirar salvo para sussurrar seu nome com um suspiro que brotava do coração.

Sebastiano quase chorou de felicidade ao escutar seu nome sussurrado no fôlego quente de Ulrika. Estreitou-a ainda mais, temendo rompê-la, mas seus músculos e ossos eram fortes, tanto como seu espírito indomável. Rodeou-lhe com suas coxas

enquanto ele a penetrava e desejava poder entrar nela com todo seu corpo e deixar-se envolver pela segurança e o amor daquela mulher surpreendente.

—Amo você — murmuraram um ao outro, palavras que eram insuficientes para expressar toda a profundidade de sua devoção.

Finalmente dormiram abraçados, reconfortados pelo calor e o contato de seus corpos nus.

—Onde está Sebastiano Galo? —bramou Quinto Publio quando Primo entrou no átrio. Era tarde. Publio acabava de despedir o último dos convidados que tinha tido para jantar.

Primo resistia a olhar a esse homem de expressão furiosa cuja toga branca com cós arroxado era um aviso de seu poder. Publio era o embaixador romano da província persa da Babilônia e amigo pessoal de Nero César. Primo tinha estado adiando sua reunião informativa com a esperança que Sebastiano entrasse em razão e aceitasse lhe fazer uma visita.

Mas Sebastiano tinha retornado à caravana com a moça, colocou-se na tenda com ela e horas depois ainda estavam lá dentro.

Aquela era a segunda vez que citavam Primo na residência do embaixador em uma semana. Sabia que tinha a ver com um despacho especial que Publio tinha recebido de um mensageiro imperial, onde Nero pedia um relatório sobre o progresso da tão esperada caravana da China.

Adotando um tom cortês, Primo disse:

—Um assunto urgente retém meu senhor na cidade, mas...

—Isso me diz sem pensar! —ladrou Quinto Publio com o rosto vermelho de ira—. Faz três semanas que lhe dei ordens concretas de abandonar a Babilônia! Por que continua aqui?

Primo pensou com rapidez e encontrou uma mentira plausível.

—Havia doença entre as mulheres. —referia-se a um grupo de concubinas chinesas que viajavam com a caravana, um obséquio do imperador Ming de Há ao imperador de Roma. Eram tão bonitas como um jardim cheio de flores e branqueavam o rosto com pó de arroz. Primo se perguntava que impressões causariam a Nero.

Não era nenhum segredo que Nero César necessitava de capital para manter seu império. Primo tinha ouvido contar de viajantes que o descontentamento nas numerosas províncias romanas ia aumentando. Por exemplo, Judéia, onde se dizia que jovens israelitas estavam fomentando a revolução para recuperar a autonomia. Como resposta o César estava enviando mais legiões. Os judeus o chamavam «opressão», os romanos o chamavam «restaurar a ordem». Não obstante, Primo também tinha ouvido que Nero não só estava gastando desmesuradamente no exército, mas também na construção de novos edifícios na cidade de Roma — fabulosas residências, palácios, fontes e avenidas — de tudo desnecessários e extremamente custosos. Se rumoreava que estava levando o erário imperial à bancarrota e procurava desesperadamente fontes de ganhos.

O que podia criar César, pensou Primo, com o fabuloso tesouro que Sebastiano lhe trazia da China?

Sabia que assim que Nero recebesse de Quinto Publio o relatório sobre as riquezas que continha a caravana de Sebastiano Galo, exigiria vê-la imediatamente e a confiscaria, pois era seu direito como mecenas da missão a China.

Primo teria preferido que a expedição tivesse sido um fracasso. Desse modo seu senhor poderia apodrecer na Babilônia o resto de seus dias pelo que a Nero concernia. Porque agora Primo se achava ante um dilema: obedecer a seu imperador e trair seu senhor, ou servir a seu senhor e desobedecer ao imperador. O primeiro conduziria à execução de seu senhor, o segundo à sua própria. A boca de Primo se encheu de um sabor amargo. Não gostava de se fazer de espião. Embora não tinha nada mau que comunicar sobre Sebastiano, continuava sentindo-se como um traidor.

—Meu senhor criou muitas alianças novas para Roma em outros reinos — recordou Primo com a esperança de aplacar a cólera do embaixador e pensando no relatório para Nero que Quinto pensava enviar com um veloz mensageiro imperial—. Muitas dessas tribos são tão primitivas que só tem para comer seu pão ou, mais para o leste, compartilhar seu arroz para selar uma amizade. —Não acrescentou que os pobres iludidos estampavam seus gordurentos polegares em qualquer documento que Sebastiano punha pela frente e sorriam satisfeitos ao acreditar-se na altura do maior dirigente da terra. Ainda não estavam sabendo dos pomposos emissários que logo fariam uma visita para

informá-los da obrigação de pagar a Roma um imposto de dez por cento de todos os produtos que passassem por suas alfândegas.

Primo esfregou a deformado nariz. Era uma das muitas cicatrizes que decoravam seu corpo de soldado, lembranças de batalhas já longínquas. Sabia que constituía, como as concubinas chinesas, uma raridade, pois não era habitual que um veterano de campanhas estrangeiras vivesse até sua idade. Mas embora contasse já sessenta anos e ainda tinha cabelo, conservava todos os dentes e estava forte.

—Onde disse que está seu senhor? —bramou Publio.

—Atendendo um assunto na cidade — respondeu Primo.

Embora a palavra traição não tinha sido mencionada, flutuava no ar. Todo mundo estava à corrente do enlace de Nero, dois anos atrás, com Popea Sabina, uma mulher ambiciosa e intrigante com uma vontade de diversão insaciável. Possivelmente não fosse uma coincidência que, pouco depois, Nero restabelecesse as antigas leis sobre traição para encher o Grande Circo de execuções amenas. Prendia-se homens pelos delitos mais absurdos para logo jogá-los aos leões da arena.

Poderia a demora de seu senhor na Babilônia considerar uma traição? Depois de tudo, Sebastiano transportava artigos que eram propriedade do imperador Nero. Tinha a obrigação de levar toda a propriedade a Roma o quanto antes. Entretanto, continuava entretendo-se em Babilônia. Por uma mulher!

—Tem alguma mensagem para meu senhor? —perguntou Primo.

—Não te fiz vir só por seu senhor —repôs Quinto enquanto introduzia uma mão nas dobras de sua toga e estudava o rosto desfigurado de Primo—. É um cidadão leal, Primo Fidus?

Primo se surpreendeu ao escutar seu nome completo pronunciado alto. Como tinha averiguado isso, Quinto? E o fato que o utilizasse nesses momentos lhe produziu um calafrio estranho.

—Sou um cidadão e um soldado leal. Ponho minha honra diante de minha vida.

Quinto tirou um cilindro com o selo de César.

—Aqui tem suas novas ordens. Não esqueça que são secretas.

Primo contemplou o cilindro com receio.

—Novas ordens?

—Este documento te concede autoridade, Primo Fidus, para te pôr no mando da caravana, prender Sebastiano Galo e levá-lo a Roma sob vigilância militar para ser julgado.

—O prender! Com que acusação? —pergunto Primo, embora já conhecesse, e temia, a resposta.

—Traição — respondeu resolutamente Quinto—. Todos os bens contidos na caravana de Galo são propriedade do imperador de Roma. Ao não fazer entrega deles, seu senhor está, de fato, roubando, o qual é um delito de traição. —Estampou o cilindro no largo torso de Primo—. Se não convencer seu senhor de que abandone Babilônia imediatamente, roga por que sua execução seja rápida.

Primo contemplou o cilindro como se fosse um escorpião.

Prender Sebastiano! Por Mitras, como ia fazer algo assim?

Um suor frio brotou entre suas omoplatas. Desde sua chegada à Babilônia tinha escutado rumores estranhos a respeito de Nero, de sua impulsividade, de sua possível loucura e, sobre tudo, de sua falta de piedade. Mandava matar os mensageiros portadores de más notícias... Mas o que ocorreria se Primo não informasse da deslealdade de seu senhor e Nero descobrisse mais tarde? Tremia só de pensar. Até um soldado velho e endurecido como ele podia enjoar-se ao pensar nas mortes horripilantes que sofriam alguns homens no Grande Circo. E Sebastiano? Poderia o relatório de Primo provocar uma medida tão drástica como uma execução?

Decidiu que devia preparar uma resposta no caso de que o imperador exigisse saber por que Galo se entreteve tanto na Babilônia. Declararia: «OH, grande César, meu senhor estava fechando complexos acordos comerciais para atar a Babilônia um pouco mais a Roma e demonstrar a esses indignos estrangeiros a vantagem de estar financeira e economicamente ligados a Roma. De fato, glorioso César, para demonstrar aos insignificantes babilônios quão afortunados são de contar com a boa disposição do imperador!».

Era um discurso longo para um soldado velho, mas ensaiaria dali até o salão de audiências imperial e falaria com a maior convicção possível.

Esfregou o peito e notou, debaixo da túnica, seu talismã, a ponta de flecha germana que não tinha atravessado seu coração por um cabelo. E teve uma inspiração.

—Possivelmente o nobre Publio estaria disposto a honrar meu senhor aceitando um dos tesouros chineses como presente.

O romano enrugou o nariz.

—Não estará tentando me subornar, Primo Fidus... Poderia te esfolar vivo. Procura a seu senhor! Diga-lhe que está obrigado por ordem imperial a levar sua caravana a Roma sem mais demorar. Hoje devo viajar a Magna para fazer uma visita à rainha. Retornarei dentro de um mês. Espero que então não fique na Babilônia o mínimo sinal de Sebastiano Galo e sua caravana!

—Tenho pouco que recolher — disse Ulrika enquanto conduzia Sebastiano por um beco tortuoso até a casa que compartilhava com uma costureira—. Aprendi a viajar com pouca bagagem.

Saíram a uma rua mais ampla onde havia um mercado à sombra do imenso Palácio de Justiça, um zigurate de terraços esplendidamente ajardinadas com árvores, matagais e frondosas videiras. Os comerciantes ofereciam alhos e porros, cebolas e feijões; os vendedores de pão e queijo anunciavam seus preços, e os mercadores apregoavam os méritos de seus diferentes vinhos.

De repente Sebastiano e Ulrika ouviram um estrondo de trompetistas ao final da rua e uma voz que gritava:

—Deixem passo! Deixem passo em nome do grande Marduk!

Pela esquina apareceu um grupo de sacerdotes e, detrás, guardas do templo que custodiavam cinco homens encadeados. Puxando burros e cavalos, os pedestres retrocederam imediatamente enquanto o povo saía das casas para contemplar o curioso desfile.

Quando a multidão aumentou, Sebastiano levou Ulrika até o portal de uma casa para protegê-la.

Entre os sacerdotes de túnica branca destacava um em especial. O supremo sacerdote usava a cabeça barbeada como uma pedra polida e não usava nenhum adorno. Isso o diferenciava do resto dos homens da Babilônia, os quais competiam entre si com as roupagens de franjas, elevado-los chapéus cônicos, os cajados e os sapatos com a ponta

encrespada. Quando o supremo sacerdote passava por uma rua, o povo se detinha, inclinava a cabeça e, temerosa de sua magnificência e poder, desviava o olhar. Ulrika tinha ouvido que sua autoridade superava inclusive a do governador provincial da Pérsia e a do príncipe boneco que ocupava o velho trono de Babilônia.

O supremo sacerdote deteve a pequena procissão na praça, golpeou o chão com o cajado e disse em tom alto:

—A Babilônia foi infestada de falsos profetas, fabricantes de milagres, curandeiros e enganadores que afastam os cidadãos da verdadeira fé. Prendemos os estelionatários e os levamos à Praça das Sete Virgens, onde foram julgados por seus delitos. Depois de ser achados culpados, serão pendurados pelos tornozelos até morrer para que sirvam de exemplo. Além disso, seus corpos não serão devolvidos às suas famílias para um enterro digno, mas sim arderão em uma pira comum e suas desprezíveis cinzas serão jogadas no rio. Conheçam, pois, seus delitos — declarou enquanto assinalava a cada homem com o bastão—. Alexamos, o grego, culpado de vender pombas e cordeiros com mácula como oferendas a Ishtar. Judá, o israelita, culpado de ofender os deuses da Babilônia ao chamá-los falsos e de acusar injustamente os sacerdotes de Marduk. Kosh, o egípcio, culpado de vender leite de cabra assegurando que provinha dos peitos de Ishtar. Myron, de Giz, culpado de assassinar uma prostituta sagrada de Isthar. Simão, da Cesárea, culpado de manifestar que fala com os mortos.

Esmurrou novamente o chão e os guardas fizeram avançar os desgraçados, de maneira que Ulrika pôde ver o terrível trato que tinham sofrido. Não tinham se limitado a julgá-los. Os cinco tinham sido torturados e marcados.

Seu coração chorou por eles. E um instante depois seu coração parou em seco. O rabino Judá!

Então vislumbrou, atrás dos guardas, um grupo de homens e mulheres que choravam e se abraçavam. Miriam e sua família.

A sua volta da Pérsia, Ulrika tinha ido ver Miriam para agradecer que a tivesse posto no caminho correto. Tal como Miriam profetizou, tinha encontrado um príncipe que a levou até Shalamandar. Depois não tinha voltado para a casa do rabino Judá

nem o tinha ouvido pregar, mas estava a par de sua crescente reputação como curador e restaurador da fé.

—Sebastiano — disse enquanto os cinco homens eram desencadeados e colocados em fileira contra um muro. No alto do muro havia uns guardas baixando cordas —. Temos que parar isto! Conheço esse homem. Ajudou-me em uma ocasião.

Sebastiano observou aos guardas — os escudos, as lanças, as adagas— e deu um passo à frente dizendo:

—Um momento...

Mas um deles cortou imediatamente o passo colocando a ponta letal da lança à altura de seu peito.

Horrorizada, Ulrika viu os guardas despirem os condenados. Perguntou-se se os teriam drogado, pois pareciam aturdidos e alheios ao que estava ocorrendo.

Então advertiu que o rabino Judá permanecia erguido e orgulhoso enquanto os guardas tiravam sua roupa e cortavam sua barba e os longos cachos. Aqueles entre a multidão que não tinham visto antes um homem circuncidado afogaram um grito e assinalaram com o dedo, alguns inclusive riram e lançaram insultos.

As mulheres da família de Judá gritaram e tamparam os olhos. Uma delas desmaiou e caiu nos braços de dois familiares varões. Judá mantinha o olhar por cima da multidão e o semblante impassível.

Quando um soldado se dispôs a cortar as correias de couro do braço e a testa dele, o supremo sacerdote disse:

—Deixe seus símbolos religiosos para que o povo conheça a ofensa cometida contra Marduk. E também para que seu deus possa ver e, possivelmente, o resgatar.

Ulrika sentiu que gelou o sangue quando viu os guardas atar as cordas aos tornozelos dos condenados. Sem mais preâmbulo, os pés saíram disparados para cima. Os homens caíram no chão. Dois golpearam a cabeça e tiveram a fortuna de perder o conhecimento. Outros dois começaram a gritar e a suplicar clemência e prometeram adorar a Marduk o resto de seus dias.

Sebastiano abraçou Ulrika e tentou levá-la para longe do horrível espetáculo, mas ela precisava ver.

Judá permaneceu em silêncio enquanto caía de joelhos e, como um boneco, era levantado lentamente pelo muro, o corpo investido e os braços apontando ao chão. Ulrika viu que movia os lábios e soube que estava rezando.

Os familiares do rabino tentaram aproximar-se gritando e implorando clemência, mas os guardas os obrigaram a retroceder e o supremo sacerdote, golpeando uma vez mais o chão com o cajado, advertiu aos espectadores que esse era o destino que aguardava todo aquele que não obedecesse as leis de Marduk e da Babilônia.

Dito isto se virou e, dando as costas aos cinco homens que gemiam suspensos do muro, partiu ignorando seus gritos e os dos familiares e amigos que suplicavam clemência. Um punhado de guardas permaneceu frente ao muro para assegurar-se que ninguém tentasse descer os condenados. Ulrika sabia que fariam guarda até que os cinco tivessem morrido e que logo transladariam os corpos ao esgoto, situado nos subúrbios da cidade, para que ardessem junto a cadáveres de cães e gatos, e junto à sujeira e os desperdícios de toda a população de Babilônia.

Quando Ulrika se aproximou da família do rabino, Miriam disse:

—Ulrika, rogo isso, não contemple a nudez de meu marido. Não presencie sua vergonha. Vá para casa e reze por ele.

—Mas tem que ter algo que possamos fazer! Não podemos deixá-lo aí! — levou uma mão aos lábios. Sentia náuseas.

Então notou uma mão forte no braço e ouviu uma voz profunda que dizia:

—Vamos daqui. Não deveria estar vendo isto.

—Sebastiano, temos que fazer algo!

Miriam a convenceu para que partisse e pediu que rezasse por Judá. De volta na caravana, Sebastiano a embalou em seus braços, beijando-a com doçura, acariciando-a e secando as lágrimas, até que dormiu.

Quando Ulrika despertou era tarde avançada e Sebastiano não estava na tenda. Doía-lhe a cabeça e tinha a garganta seca. Refrescou o rosto com água, lavou as mãos e se sentou, com as pernas cruzadas e a concha entre as mãos entre os almofadões de seda e as estátuas de deuses chineses de Sebastiano. Com grande ardor, pediu à deusa que tivesse piedade com os pobres executados.

O sol tinha se posto quando Sebastiano retornou.

—Tentei interceder em nome de seu amigo — disse com voz cansada—. Fui ver meus amigos ricos e influentes da cidade, inclusive recorri ao governador, mas todos me disseram que seu poder não podia competir com o dos sacerdotes de Marduk. Logo fui ao templo e me ofereci a encher as arcas se deixassem livres aos condenados, mas nem todas as riquezas do mundo conseguiriam comover ao supremo sacerdote. Sinto muito, Ulrika.

Ulrika se afundou nos braços fortes e reconfortantes de Sebastiano, fechou os olhos e se agarrou a ele como se fosse uma ilha em meio de um mar enfurecido.

Se viu em um lugar estranho.

Não estava na tenda de Sebastiano, mas em um deserto. Era de noite e uma lua quase cheia tingia de prata a paisagem.

—Sebastiano? —perguntou girando em círculo.

Nesse momento viu que estava frente a umas ruínas iluminadas pela lua, em meio das dunas, com as luzes da Babilônia ao longe. Reconhecia o lugar. Era o Castelo de Daniel, situado a umas dez milhas da cidade. Segundo a lenda, ali estava enterrado um profeta chamado Daniel que tinha vivido na Babilônia muito tempo atrás. O «castelo» se mostrava frio e deserto contra as glaciais estrelas. Parecia outro mundo, como se Ulrika tivesse cruzado uma porta invisível e entrado no reino do sobrenatural. Virou-se para o vento e pensou: «Este lugar é muito antigo. “Este chão foi consagrado muito antes que o profeta Daniel lesse misteriosas palavras escritas em um muro».

Ali habitavam espíritos.

Era um monumento curioso. Embora estivesse caindo aos pedaços, ainda podia adivinhar sua forma e sua finalidade originais: um grande bloco quadrado com um bloco menor em cima, sem entradas nem aberturas visíveis. E parecia ter muito mais que uns quantos séculos. Não ficava nenhum só dos detalhes que Ulrika tinha visto em Persépolis. Dava a impressão que os ventos levavam mil anos ou mais erodindo seus muros. Estava o profeta Daniel enterrado realmente ali? Era possível que houvesse muitas pessoas sepultadas ali por seus seres queridos com a esperança que a proximidade de um lugar sagrado garantisse a entrada do defunto no paraíso?

Quando um homem apareceu de um lado, Ulrika deu um salto.

—Assustaste-me — disse. Então viu que se tratava do rabino Judá, vestido com suas roupas de sempre e o xale de franjas de sua vocação religiosa—. Está vivo! — exclamou, e deu um passo para ele.

—Detenha aí, Ulrika, não deve se aproximar de mim. Vim com um pedido. Não deixe que me queimem.

—De que falas?

—Meu corpo deve conservar-se. Salve-me da fogueira. Diga a minha família que me traga para este lugar e me enterre nele. Diga-lhe que me ouçam.

O sonho-visão terminou e Ulrika despertou com rosto banhado em lágrimas.

Sebastiano ainda dormia. Começou a chorar e ele abriu os olhos.

—O que ocorre, meu amor? — sussurrou.

—O rabino Judá morreu.

Sebastiano não perguntou como sabia. Olhou-a um longo instante, na escuridão da noite, e logo se levantou.

—É uma bênção — disse.

Muito a seu pesar, Ulrika se separou dele e saiu da cama.

—Devo ir — disse enquanto alcançava suas roupas—. Não podemos permitir que os sacerdotes queimem seu corpo.

—É muito perigoso.

—Devo fazê-lo — disse, colocando o vestido.

—De acordo, mas você fica aqui — disse Sebastiano agarrando sua roupa—.

É um assunto perigoso. No escritório do governador há um homem que me deve um favor. E se esqueceu, com certeza não esqueceu o valor das moedas de ouro.

—Já tentou tudo. Disse que nem sequer seus contatos podiam nos ajudar.

Talvez eu...

—Uma coisa é salvar um condenado e outra resgatar seu corpo. Isso é algo que eu mesmo posso fazer.

—Não posso te pedir que arrisque sua vida por um homem ao que nem sequer conhecia — repôs Ulrika com voz tensa.

—Não faço pelo rabino, meu amor, faço por ti. —inclinou-se para beijá-la. Seus lábios se entreteveram nos de Ulrika enquanto ela se abraçava a seu pescoço e se apertava contra seu corpo.

—Sebastiano — disse—, se conseguir resgatar o corpo do rabino Judá, poderia levá-lo ao Castelo de Daniel? Acha-se ao sul da cidade.

Sebastiano franziu o sobrecenho.

—Conheço essas ruínas.

—Informarei à família. Reunirão contigo ali. Tenha muito cuidado, meu amor.

Ulrika parou na entrada da tenda para ver como Sebastiano atravessava sigilosamente o silencioso acampamento até desaparecer na noite. Depois de voltar o rosto para o leste e comprovar que faltava pouco para a alvorada, entrou na tenda, agarrou sua capa e partiu por sua vez.

A casa de dois andares, situada no gueto, estava construída contra o muro ocidental da cidade e abraçada de ambos os lados por outras casas. Uma escada exterior conduzia aos dormitórios da planta superior, enquanto que as atividades cotidianas tinham lugar abaixo, em uma sala sem janelas mobiliada com cadeiras, uma mesa, abajures e tapeçarias. A viúva do rabino estava sentada em uma cadeira de respaldo alto, atendendo às pessoas que ia a apresentar seus respeitos.

—Agradeço que tenha vindo — disse a Ulrika. Miriam ia vestida de negro e tinha o rosto desfigurado. Seus filhos, a quem Ulrika reconheceu em seguida, estavam de pé a seu lado.

Observou às pessoas congregadas na sala e no jardim e viu pessoas de diferentes condições sociais, pois nem todas professavam a fé judia nem todas eram de Babilônia. Ao parecer, o rabino Judá tinha chegado a muitas pessoas com seus sermões de paz e fé e com seu dom para curar doenças e fazer caminhar o coxo mediante uma simples imposição de mãos. Baixou a voz para que ninguém salvo Miriam pudesse ouvi-la.

—vim honorável mãe, para te dizer que o corpo de seu marido não será arrojado às chamas com outros condenados.

Miriam escutou atônita a mensagem de Ulrika sobre um comerciante chamado Galo que tinha amigos e contatos e a recuperação dos restos de Judá. Os olhos se encheram de lágrimas, e quando Ulrika terminou, a viúva do rabino rompeu a chorar. Seus filhos se aproximaram imediatamente. Ulrika reconheceu Samuel, o maior, um jovem alto e magro, de pele azeitonada e com um cabelo negro como o azeviche que caía por ambos os lados da cara em forma de cachos. Usava o xale de franjas e os mesmos amuletos de

couro que seu pai. Suas escuras feições, advertiu Ulrika, estavam marcadas pela dor e a raiva. Seu coração se compadeceu. Tinha presenciado o que nenhum filho deveria presenciar.

—Estou bem — disse Miriam com voz trêmula, pousando uma mão no braço do Samuel—. Esta filha querida traz boas notícias. —virou-se para Ulrika—. Deus fará um lugar a você e a seu marido no céu. O fogo devorador teria privado meu marido da ressurreição.

—Ressurreição? —perguntou Ulrika.

—Voltaremos para a vida quando o mestre retornar e os fiéis recuperem seu corpo físico, tal como aconteceu com o mestre.

—Desculpe minha estupefação, honorável mãe, mas se trata de uma coincidência extraordinária, pois esta é a segunda vez que ouço falar deste renascimento entre os judeus. A outra foi na Judéia, onde passei um tempo com uma mulher chamada Raquel. Estava custodiando a tumba de seu marido para que seus inimigos não a profanassem. Chamava-se Jacob.

Miriam a olhou atônita.

—Eu conhecia uma Raquel e um Jacob na Judéia! Jacob foi executado em Jerusalém por Herodes Agripa. Ignorávamos o que tinha sido de sua esposa.

Ulrika falou de sua experiência no mar de Sal, de como Raquel e Almah a encontraram e a levaram a seu acampamento.

—É incrível! —exclamou Miriam—. Jacob e seu irmão João eram filhos de Zebedeu. Pertenciam ao grupo dos Doze, e nós, as esposas, seguíamos quando viajavam com o mestre para divulgar a Boa Nova. Jesus fazia milagres e depois de sua morte, acontecida trinta e um anos atrás, transpassou esse poder a seus discípulos, por isso meu Judá podia ajudar às pessoas. Mas voltará a fazer milagres quando Jesus retornar a esta terra, como prometeu, e eu me reunirei com meu amado marido na ressurreição. —Franziu o sobrecenho—. Mas agora meus filhos e eu, igual a Raquel, devemos proteger o corpo de meu marido.

—Honorável mãe — disse Ulrika enquanto rogava por que o contato de Sebastiano no escritório do governador funcionasse—, em uma ocasião te contei que possuía o dom, como em seu caso, de receber visões. Tive um sonho. Judá me falou.

Deseja ser enterrado no Castelo de Daniel, que é chão sagrado. Sebastiano transladará para lá seu corpo. Deve enviar a alguém, mas tome cuidado, é muito perigoso.

Quando Miriam se levantou, Ulrika acrescentou:

—Há algo mais. No sonho-visão o rabino Judá disse: «diga que me recordem».

Ulrika deixou suas esteiras junto à tenda e se voltou para o muro oriental da cidade para contemplar a transitada porta de Enlil. Sebastiano tinha partido pela manhã para informar aos agentes de alfândegas de sua partida e pagar o imposto. Agora era tarde avançada. Tinha que estar para chegar. E no dia seguinte sairiam para Roma!

O acampamento da caravana fervia de atividade sob o sol primaveril. Os escravos estavam preparando os muitos animais para a viagem, desmontando as tendas e guardando em caixas seladas os valiosos tesouros ganhos no Oriente. Ulrika não tinha podido provar seu almoço: pão quente, queijo de cabra curado e azeitonas maceradas em azeite e vinagre. A emoção impedia. Estava apaixonada e ansiosa para voltar a sentir as carícias de seu marido.

Jamais deixaria de maravilhá-la o homem com que se casou, sua bondade com os desconhecidos embora fosse um risco para ele. Sebastiano tinha conseguido resgatar o corpo do rabino Judá e levá-lo ao Castelo de Daniel, onde, longe do tráfico e o povo, Miriam e sua família o tinham enterrado.

Ao ver Timónides cruzar o acampamento a tropeções e meter-se em sua tenda, Ulrika desviou seus pensamentos para o astrólogo. Tinha tentado falar com ele, dar consolo. Timónides já não falava com seu habitual entusiasmo, não havia vida em seu corpo nem em seus olhos. Ulrika sabia que se devia à maneira em que tinha morrido Néstor. Sua cabeça tinha sido pisoteada pelos cascos dos cavalos, por isso não ficaram olhos onde depositar as moedas para Caronte, o barqueiro, a única forma possível de pagar o cruzamento do rio Estige. «Aonde terá ido a alma de Néstor?», tinha perguntado Timónides. Estaria o pobre moço destinado a errar eternamente no inferno?

Ulrika desejava poder utilizar seu dom para reconfortá-lo, desejava que o espírito de Néstor lhe aparecesse como tinha feito o do rabino Judá. Em vão tinha meditado para consegui-lo. Por que uns espíritos a visitavam e outros não?

De repente um grito estrangulado rasgou o ar.

Ulrika se virou e viu balançar a pequena tenda de Timónides. Foi até a entrada e o chamou. Ouviu um ruído de arcadas. Entrou e seus olhos se abriram como pratos.

Timónides estava suspenso do suporte maior da tenda com uma corda ao redor do pescoço, agitando as pernas.

Ulrika correu até ele. Reparando nas caixas de madeira que tinha derrubado com um chute, empilhou-as a toda pressa, subiu nelas e se abraçou às pernas do astrólogo a fim de levantá-lo para mitigar a tensão da corda.

—Timónides, tire a corda! Não poderei te aguentar muito mais! —As caixas tremiam precariamente sob seus pés.

—Deixe-me morrer...

—Socorro! —gritou Ulrika—. Que alguém me ajude!

Dois escravos de costas largas entraram na tenda, baixaram o frágil ancião e tiraram a corda.

—Vão procurar seu senhor — ordenou Ulrika quando o estenderam no chão — Encontrem Sebastiano!

Ajoelhou-se junto a Timónides e passou um braço por debaixo dos ombros, estremecendo ao notar só pele e ossos sob a roupa. Estava branco, com os olhos fechados e as pálpebras roxas.

—Por que, Timónides?

O ancião entreabriu seus lábios cinzas e disse entrecortadamente:

—Néstor está no inferno... Não posso deixá-lo ali só... Devo ir com ele...

—Tolices — replicou Ulrika com lágrimas nos olhos—. Seu filho era inocente e os deuses sabem.

Timónides moveu a cabeça de um lado a outro.

—Deixe-me ir com ele. Néstor me necessita...

Ulrika balançou docemente o astrólogo enquanto derramava lágrimas sobre seu rosto branco. O que tinha acontecido para que pensasse que Néstor estava no inferno? «Mãe de Todos, rogo-lhe isso, ajude a este homem.»

Com o ouvido posto nos sons do acampamento, atenta à chegada de Sebastiano, examinou o pescoço de Timónides e comprovou que tinha o pulso débil e irregular. Temeu que pudesse morrer pelo mero feito de não querer viver.

—Deixe-me ir... —sussurrou ele.

Ulrika baixou a vista e viu que a estava olhando com olhos tristes.

—Conversei com filósofos chineses, conheci sacerdotes e eruditos, visitei templos e orei aos deuses mais poderosos da terra, mas ninguém pode me dizer onde está Néstor,

—Está com os deuses — disse Ulrika com doçura—, desfrutando do seguinte mundo.

—Não... Está no inferno e precisa de mim.

A portinhola da tenda se abriu e Sebastiano entrou acompanhado dos escravos e dando passo à luz do sol.

—O que aconteceu? —perguntou caindo de joelhos junto ao ancião.

—Tentou tirar a vida.

—Necessita de um médico.

—Não é uma doença da carne o que o aflige, mas sim da alma.

Sebastiano pensou nos médicos de excelente reputação que conhecia na cidade. Mas esse dia começava as celebrações da primavera e, no caso da Babilônia, do Ano Novo. Como ia encontrá-los?

—Tenho que retornar à cidade. Pode ficar com ele? Voltarei com um médico.

Depois de pôr cômodo a Timónides, Ulrika aplicou cataplasmas no pescoço e deu a beber água fria. Não obstante, quando ofereceu comida, o astrólogo desviou o rosto.

Sebastiano retornou ao anoitecer sem ter encontrado nas celebrações e desfiles da cidade um só médico disposto a acompanhá-lo.

—Ficarei com ele — disse Ulrika—. O pescoço e a garganta sararão, mas me dá medo que volte a atentar contra sua vida.

Sebastiano também ficou. Jantaram na tenda de Timónides, ao que persuadiram para que bebesse um pouco de vinho e lhes falasse dos medos que inquietavam sua alma, mas não disse muito. No momento pôde sentar-se e contemplar o chão com ar taciturno. Ouviram-no balbuciar e menear a cabeça. Os demônios tinham a alma do velho grego atormentada.

À manhã seguinte Timónides disse a Sebastiano que não ia fazer sua habitual leitura do dia.

—Não voltarei a confeccionar um horóscopo em minha vida. Nos dias que me restam, me limitarei a contemplar as estrelas.

Sebastiano se inquietou. Em uma ocasião, quando Timónides estava doente, viu-se obrigado a contratar os serviços de outro astrólogo, mas jamais imaginou que o velho grego fosse a deixar de ler as estrelas. Baixando a voz, disse a Ulrika:

—Poderia encontrar um astrólogo na Babilônia para sair logo, mas duvido muito que estivesse disposto a viajar a Roma. E menos ainda um astrólogo de excelente reputação. Não posso confiar em um astrólogo medíocre. O que podemos fazer para que Timónides mude de parecer? Não me atrevo a mover esta caravana sem consultar as estrelas.

—Falarei com ele.

Quando Sebastiano partiu, Ulrika disse:

—Nos sentemos fora, querido amigo. O sol te levantará o ânimo.

—Nada pode me levantar o ânimo — repôs Timónides, mas se sentou de todos os modos com Ulrika diante da tenda, em um tamborete. Os olhos que antes se concentravam nas estrelas agora olhavam silenciosamente o chão. Ulrika serviu uma taça de vinho e a pôs diante, mas o ancião não a tocou.

Timónides pensava em suas coisas enquanto o acampamento fervia de atividade, o sol se elevava no céu e a brisa soprava do Eufrates. Em um momento dado, disse:

—Sabe? Nem sequer tenho a certeza de ser grego. Abandonaram-me ao nascer e uma viúva grega me adotou. Ela me pôs o nome e me ensinou sua língua e sua cultura. Introduziu-me na astrologia aos seis anos e depois de sua morte me venderam como escravo. O pai de Sebastiano me comprou e então passei a servir sua família. Néstor era o único ser humano deste mundo com o que tinha uma conexão de sangue. Era mais que um filho, era meu universo. Sinto-me perdido sem ele...

Timónides alcançou a taça de vinho, e ao ver o muito que lhe tremia a mão, Ulrika pensou: «Timónides é um matagal de pensamentos lúgubres. “Não pode pensar com clareza».

Então teve uma ideia.

—Timónides, quando me instruí na prática da meditação para tirar partido para meu dom espiritual, descobri que depois de meditar me envolvia um sentimento de paz e serenidade. Sabe, se ensinar a...

O astrólogo entreabriu as pálpebras.

—Meditação?

—É muito singela e não requer muito esforço, só concentração. Não é muito diferente da forma em que te vi se preparar antes de ler suas cartas astrais. É uma maneira de limpar a mente, de centrá-la. Você gostaria de tentar?

—Com que fim?

—Para levar paz a sua alma, Timónides.

—Minha alma não merece paz.

—Então faça como um favor para mim. Nunca ensinei à técnica a outra pessoa. Quero saber se é possível.

O ancião deu de ombros.

—Possui algum objeto ao que tenha um carinho especial? Algo ao que possa te agarrar como se fosse uma âncora?

Timónides não precisou pensar. Entrou em sua tenda e um instante depois saiu com uma longa colher de madeira que Ulrika reconheceu como a favorita de Néstor.

Quando voltou a sentar-se no tamborete, Ulrika viu pela primeira vez uma faísca de esperança nos olhos do ancião, como se o simples feito de sustentar a colher de Néstor fosse um consolo.

—Agora visualiza uma imagem — disse —, uma imagem que resulte familiar e reconfortante.

Um sorriso débil curvou os lábios do astrólogo.

—Uma panela de guisado borbulhante. É o que mais me recorda a meu filho.

—Cria essa imagem em sua mente enquanto sustenta essa colher. Concentre-se nela. Torne-a real em sua mente. Agora sussurre palavras que tenham um significado especial para você. Repita uma e outra vez.

Timónides examinou a colher com os ombros curvados para diante. Então assentiu com a cabeça, como se tivesse chegado a um acordo consigo mesmo.

—O destino está nas estrelas — murmurou.

Entrando no reino das sensações com suas palavras singelas e sua voz doce, Ulrika o ensinou a respirar, a balançar e a concentrar-se.

—Enquanto agarra à âncora, deixa que seu espírito se expanda... — Não obstante, enquanto falava advertiu os olhos de Timónides se agitando atrás das pálpebras e as rugas de sua testa se faziam mais profundas, e compreendeu que estava lutando.

—Não posso! —gritou finalmente o astrólogo, exasperado—. Querida menina, não funcionará!

Mas Ulrika podia ver a ternura com que acariciava a colher e a esperança dentro dele. Timónides não queria tirar vida, não queria reunir-se com seu filho em um inferno imaginário. O que podia fazer para salvá-lo?

Parou para meditar nisso enquanto via uma caravana nova chegar do oeste, uma longa fileira de bestas e homens fatigados entrava na área de acampamento. E caiu na conta que sua meditação pessoal estava destinada a encontrar lugares externos. A doença de Timónides era do espírito. Era interna. Com renovada esperança, disse:

—Não tente expandir seu espírito, Timónides. Vá para dentro. Busque a paisagem de sua alma. Explore-a sem medo e me diga o que vê.

Balançando-se e respirando lentamente, o astrólogo voltou a fechar os olhos e levou a colher ao peito enquanto sussurrava «O destino está nas estrelas... o destino está nas estrelas...», até que começou a tremer e deixou de recitar. Ulrika advertiu que o ar se detinha em seu peito.

—Escuridão — disse com voz tensa—. Vejo um grande buraco negro. Ventos frios. Isolamento. Minha alma está sozinha e perdida!

—Timónides — disse brandamente Ulrika—, mantém um diálogo interior com sua alma. Não me revele isso. Fale com seu ser espiritual. Faça-lhe perguntas. Pergunte-lhe o que quiser, como pode salvá-lo.

Enquanto o velho astrólogo se recolhia para seu interior, relaxava a postura e as rugas de seu rosto se alisavam, Ulrika viu que Sebastiano entrava no acampamento com expressão carrancuda. Vinha sozinho. Não tinha encontrado nenhum astrólogo disposto a acompanhá-lo.

Levou um dedo aos lábios para indicar que se unisse a ela e Timónides com sigilo.

Depois de um breve silêncio, Timónides abriu finalmente os olhos e disse:

—Não posso fazer isso, Ulrika. Para você é fácil. Você é jovem e ágil, mas minha alma é velha e range como minhas articulações.

Ulrika se inclinou para ele.

—Observei como se preparava para ler as estrelas incontáveis vezes. Vi você fechar os olhos e sussurrar uma oração. Por que fazia isso?

—Para abrir minha alma às estrelas, para deixar que me alaguem com sua sabedoria.

—Pois faz isso mesmo agora.

Com cara de cepticismo, Timónides se acomodou de novo no tamborete, agarrou a colher com força, fechou os olhos e procedeu a respirar profunda e ritmicamente. «O destino está nas estrelas», sussurrou, e pensou que estava se preparando para uma leitura. Mas em lugar de uma viagem interna até sua alma, como sugeria Ulrika, Timónides sabia que devia enviar seus pensamentos para fora e para cima, para o céu, pois esse era seu lugar. À medida que afrouxava a respiração, que imaginava o aroma de um guisado borbulhante, e notava a colher de madeira nas mãos, o velho astrólogo sentiu que relaxava e abandonava as tensões de sua existência carnal para libertar o espírito e elevar até os céus que tanto tinha amado ao longo de sua vida.

No momento estava voando entre as quarenta e oito constelações, velhas amigas às que agora podia ver de perto: o jactancioso Orión, vencido por um escorpião pequeno e congelado para sempre nos céus, com o pau levantado e condenado a não cair nunca. Andrômeda, a virgem presa em correntes para quem Timónides pronunciou então as famosas palavras de Perseu, seu salvador: «Estas correntes só devem te prender aos corações dos amantes». E Casiopéia, instalada no trono celestial pelo malicioso Netuno, que a sentou com a cabeça dirigida à estrela polar para que passasse a metade da noite de barriga para baixo.

Timónides subiu em Pegasus e cavalgou sobre os quatro ventos. Aproximou-se do sol e sentiu o ditoso resplendor sobre seu rosto indigno. Viu passar um cometa gelado. Provou o roce doce da lua.

Rompeu a chorar. Tanta beleza. Tanta divindade. E a tinha manchado. A fim de poder encher seu miserável estômago tinha manchado tudo o que amava e adorava. Tinha deixado a um lado crenças e corpos celestiais por medo de uma pedra salival.

—Sinto muito! —uivou enquanto planetas e meteoritos passavam velozes por seu lado—. Perdoem-Me! —gritou rodeado de asteroides que voavam a uma velocidade

vertiginosa—. Perseu, Hércules, não foi minha intenção faltar ao respeito! Sou um homem modesto, uma teia de debilidades e temores. Não sou nada comparado com sua grandeza. Deem-me uma segunda oportunidade, suplico-lhes isso!

Nesse momento viu uma nuvem cintilante de compaixão e cor — a consciência coletiva do vazio— materializar-se frente a seus olhos. A nuvem rodou para ele como uma neblina, ocultando as estrelas, os planetas, o sol e a lua, até inundá-lo em pura doçura. Timónides sentiu que todos os medos abandonavam seu corpo, como se a carne mesma se arrancasse dos ossos, e chorou de sorte.

Seus dois companheiros o olhavam fixamente enquanto ele continuava sua cavalgada sobre os ventos cósmicos. Já não se balançava. Tinha deixado de murmurar. Parecia que mal que respirava. O tempo passou. Também homens e camelos. A área de acampamento continuava com sua atividade, como tinha feito durante séculos, enquanto Ulrika e Sebastiano velavam por seu vulnerável amigo durante sua viagem espiritual.

O sol estava começando a descer pelo oeste quando Timónides abriu finalmente os olhos e piscou com cara de desconcerto.

—Está bem? —perguntou Ulrika esquadrinhando seu rosto, procurando indícios de um transtorno mental. O astrólogo, não obstante, tinha boa cara, a pele seca, os olhos abertos e o olhar transparente. Queria tomar o pulso, mas se conteve, temerosa que o contato de sua mão rompesse o feitiço.

—Tenho sede... — A voz do ancião era fina como a fumaça.

Sebastiano aproximou um copo de água fria que Timónides bebeu como se acabasse de cruzar o deserto. Logo secou a boca com expressão carrancuda. Ulrika sabia que estava readaptando-se ao mundo físico. Não queria pressionar para que falasse de sua viagem. Precisava tomar seu tempo.

—Foi maravilhoso — sussurrou por fim, sacudindo a cabeça com incredulidade—. Jamais teria acreditado possível. Ulrika, através da meditação concentrada averigui coisas. Os deuses me revelaram segredos. É isso o que ocorre com a meditação, que te converte em um canal de comunicação com o divino? Falaram-me...

Levantou o copo e Sebastiano voltou a enchê-lo. Depois de outro longo trago, disse a Ulrika:

—Não posso contar quais segredos os deuses me revelaram, pois assim exige meu ofício sagrado de astrólogo. Mas me fizeram outro presente. Iluminaram meu ser interior. E sei que devo revelar o que vi, meus amigos.

Virou-se para Sebastiano.

—A morte de Néstor foi um castigo dirigido a mim, senhor, não a ele. Meu filho teve uma morte horrível por culpa de minhas transgressões. Ele era inocente. Inclusive quando decapitou Bessas em Antioquia era inocente.

Sebastiano cruzou com a Ulrika um olhar de alarme.

Timónides explicou brevemente o acontecido em Antioquia.

—E logo o próprio Néstor foi assassinado sendo pisoteado na cabeça. Pensei que se tratava de uma represália divina, cabeça por cabeça, mas agora vejo que Néstor não sabia o que fazia. Ulrika, explorei as estrelas e heis aqui o que tenho descoberto: os deuses não castigaram Néstor, castigaram-me .

Sebastiano franziu o sobrecenho.

—Não te entendo, velho amigo. Do que está falando? Por que queriam te castigar os deuses?

—Me perdoe senhor, pelas coisas terríveis que me disponho a te contar, mas não posso suportar mais esta carga. Tenho que limpar minha consciência para poder limpar minha alma. Quando Néstor me trouxe a cabeça de Bessas, o santo, não disse nada. Logo falsifiquei seu horóscopo para que abandonasse a Antioquia imediatamente, antes que as autoridades viessem por meu moço. E o que é pior, ao levar Néstor na caravana te converti em cúmplice de um crime capital. Estava ajudando um fugitivo, e isso significava uma condenação a morte para você também no caso que nos prendessem.

Sebastiano olhou o ancião com as sobrancelhas enrugadas.

—Não se preocupe velho amigo. Compreendo-o.

—Há mais! Menti sobre seus horóscopos. Sobre todos eles! No dia que Ulrika chegou a nosso acampamento nos subúrbios de Roma, menti sobre a mensagem das estrelas porque queria que ficasse conosco por um interesse egoísta. Pensava que a pedra salival poderia aparecer novamente. E continuei mentindo! Continuei falsificando as leituras, sempre pensando em mim. Prometi aos deuses que não voltaria a mentir, mas então Néstor matou Bessas e tive que seguir falsificando minhas leituras. OH, senhor, em

Antioquia as estrelas diziam que devia ir ao sul com Ulrika, mas eu te disse que devíamos ir para o leste, à Babilônia.

A expressão de Sebastiano se tornou glacial e seu silêncio se fez mais profundo. Ulrika se deu conta que mal que respirava.

—Distorci a astrologia para satisfazer minhas necessidades pessoais — prosseguiu Timónides—, e por isso as parcas empurraram meu filho a cometer um crime. A culpa é minha! Eu sou o único responsável pela morte de Bessas, do mesmo modo que sou culpado de ofender aos deuses por utilizar as estrelas em benefício próprio. Perdoe-me, senhor. —Escorregando do tamborete, Timónides caiu de joelhos e se agarrou aos tornozelos de Sebastiano—. Por favor, diga-me que me perdoa!

O vento aumentou, arrastando consigo os ruídos da cidade e do tráfico do rio, o aroma de panelas ao fogo e de bestas suarentas. Os gritos dos homens, o martelo dos ferreiros, o zurrar das mulas, tudo flutuava no ar enquanto Sebastiano Galo olhava o velho astrólogo e assimilava o peso do que acabava de confessar.

Finalmente, com voz grave, disse:

—Perdoo.

—Obrigado, senhor! —gritou Timónides, chorando de puro alívio. Levantou-se, secou as lágrimas e voltou a sentar-se no tamborete—. Seu perdão é minha recompensa. E há algo mais com o que fui recompensado. Agora sei o que teria devido saber todo este tempo: quando a alma de Néstor foi levada ante os deuses para ser julgada, estes não viram um homem que tinha cometido um assassinato mas uma alma doce, pura e simples. Os deuses sabiam que Néstor era inocente! E por isso não está no inferno, mas no céu, no seio do amparo divino.

Virou-se para a Ulrika.

—Querida menina, sabia e, entretanto não me permitia ver. Que coisa tão maravilhosa é esta meditação, pois as respostas a meu sofrimento sempre estiveram dentro de mim. Tem-me feito um presente magnífico que não utilizarei frivolamente.

Levantando-se de um salto, anunciou:

—Agora vou fazer uma leitura honesta, senhor. —E entrou como uma flecha em sua tenda.

Ulrika se virou para Sebastiano.

A dor atravessou seu coração. Tentou pensar em algo que dizer, procurou a maneira de consolá-lo, mas só foi capaz de pousar uma mão em seu braço para fazê-lo saber que estava aí, que o amava.

Pois o semblante de Sebastiano era o de um homem cuja fé acabava de fazer-se em pedacinhos.

Beijaram-se à sombra da porta de Ishtar.

Não era um beijo de despedida. Sua separação seria breve. Sebastiano devia reunir-se com o astrólogo maior da Babilônia e Ulrika tinha que ir urgentemente ao Castelo de Daniel.

No dia seguinte partiriam finalmente para Roma.

Tinham transcorrido duas semanas desde a surpreendente confissão de Timónides, que lançou Sebastiano Galo a uma busca obsessiva. Ansioso por recuperar sua fé no cosmos, para reparar o terrível dano causado pela assombrosa revelação de um astrólogo, Sebastiano tinha embarcado em uma missão: conhecer todos os adivinhos, astrólogos e videntes da cidade. Ulrika tinha permanecido a seu lado, tentando ajudar, oferecendo-se a guiar na meditação que tinha libertado Timónides. Mas Sebastiano não estava interessado nas respostas que havia em seu interior. Ele procurava as respostas que havia nos céus.

—Preferiria que esperasse, Ulrika — disse Sebastiano ao pé da grande porta atravessada em outros tempos por reis e conquistadores—. Os sacerdotes de Marduk ainda não sabem da tumba de Judá, não sabem que não ardeu com os outros, mas se souberem enviarão guardas. Espera que volte de minha reunião com o esquento.

—Tudo irá bem — repôs Ulrika—. Acompanham-me Primo e Timónides. Não sabe quanto tempo passará com o esquento, e eu estou impaciente por falar com Miriam. Pelas coisas que ouvi, é preciso que insista que abandonem o Castelo de Daniel o quanto antes, e acredito que me escutará. Meu amor, amanhã a esta hora estaremos longe daqui, a caminho de Roma.

Tinham pressa por partir de Babilônia. Sebastiano devia levar a caravana até o Grande Verde antes que as tormentas invernais fechassem a navegação por mar. Sem

dúvida o imperador Nero estaria impaciente por saber como tinha ido a missão e ver os tesouros que Sebastiano havia trazido da China.

Mas algo inesperado tinha acontecido no Castelo de Daniel. Tinha deslocado o rumor que o rabino Judá estava enterrado ali e continuava fazendo milagres da tumba. Ulrika ignorava como tinha acontecido, mas quanto mais se estendia a notícia e mais gente desesperada ia às ruínas, maior era o risco de que os sacerdotes de Marduk descobrissem que Sebastiano, desobedecendo as ordens sacerdotais, tinha resgatado o corpo de Judá.

Ulrika reparou nas olheiras de Sebastiano e desejou que um beijo bastasse para apagá-las. Teria gostado de poder fazer sua dor e sua desilusão desaparecer e lhe dar paz. A fé de Sebastiano nas estrelas veio abaixo. Se Timónides tinha mentido todo esse tempo, e se uma grande catástrofe teria que ter ocorrido quando, em realidade, sua viagem a China tinha sido um êxito, o que dizia isso das estrelas? Embora Sebastiano tentasse tranquilizá-la assegurando que estava bem, seu olhar era de angústia, e pelas noites, enquanto ela o abraçava, soluçava em sonhos. Às vezes Ulrika despertava e o encontrava fora, contemplando o céu noturno.

—Se as estrelas não contiverem mensagens, para que servem? Acaso os homens são simples galhos jogados de qualquer maneira em um rio enfurecido, sem um leme, sem uma maneira de dirigir seu próprio rumo? E a pedra-estrela que caiu do céu a noite em que morreu Lucio? É possível que não fosse uma mensagem de meu irmão, que fosse uma mera coincidência? Acaso tudo é uma grande mentira?

As estrelas tinham sido sempre seu consolo, suas companheiras, sua segurança. E agora já não podia contar com elas.

Os azulejos dos altos muros da porta de Ishtar refulgiam com o sol do meio-dia e uma centena de dragões dourados exibiam seu esplendor estático, mas Ulrika só era consciente de dois olhos verdes cheios de tristeza.

—Querido Sebastiano, minha estadia na Pérsia me ensinou que tudo acontece por uma razão. Agora sei, como você mesmo me disse em uma ocasião, que nada é aleatório, que existe uma ordem no universo. O dia em que decidi deixar Roma e ir ao norte para advertir o povoado de meu pai de uma armadilha militar, forças invisíveis me puseram em um caminho e tudo quanto me aconteceu após foi por uma razão, quanto nos

aconteceu , meu querido Sebastiano, foi por uma razão. Incluídas as falsidades de Timónides. Incluído o esquento.

—Amo você, Ulrika — disse ele com ternura pousando uma mão em sua bochecha—. Verei-te antes que anoiteça

—E eu amo você.

Beijaram-se de novo. Logo Sebastiano chamou com gestos a Primo, que aguardava a escassos metros deles.

—Não se separe dela, Primo, e permanece atento aos guardas do templo.

Ulrika não gostava de montar a cavalo salvo quando cavalgava com Sebastiano, e como o Castelo de Daniel se achava só a dez milhas da cidade e fazia um dia temperado e agradável, tinham decidido caminhar. Ulrika, Timónides, Primo e seis de seus homens seguiram a concorrida estrada até chegar a um pequeno caminho que deixava atrás povos e granjas para entrar no deserto. Tomaram e logo se descobriram andando em meio de um nada.

Primo caminhava em silencio junto à Ulrika.

Quinto Publio, o embaixador de Roma, não demoraria para retornar de sua visita à rainha de Magna, e havia dito que não queria ver rastro algum da caravana de Galo. «Mitrás!», pensou, preso da frustração. Se Quinto encontrasse Sebastiano ainda em Babilônia, Primo receberia autorização imperial e soldados de apoio para prender Sebastiano, confiscar a caravana e levá-los todos a Roma encadeados.

Tinham previsto partir no dia seguinte. Sebastiano tinha dado ordens aos escravos de recolher tudo e estar preparados para partir ao amanhecer. Não obstante, embora seu senhor tivesse prometido que independentemente do que dissesse o esquento da Torre de Babel se poriam rumo a Roma, Primo não confiava. Tinha recebido ordens de partir outras vezes e ali estavam ainda na Babilônia!

—O que está acontecendo aqui? —disse de repente Ulrika, detendo-se em seco—. Olhem todo esse povo!

O atalho do deserto, em geral vazio, estava abarrotado.

—É uma turfa! —exclamou Timónides.

Ulrika olhou de um lado a outro os asnos e cavalos, os carros e palanquins

—Ao que parece os rumores eram certos — disse —. Já não é nenhum segredo que o rabino Judá está enterrado aqui.

Miriam e sua família tinham levantado um acampamento no oásis situado detrás das ruínas, um pequeno afloramento de palmeiras, arbustos e canas alimentados por um lago artesiano. Assim que Ulrika dobrou a esquina do castelo e viu a desorganizada multidão, perguntou a Primo:

—Você e seus homens podem dispersar a esse povo?

Primo franziu o sobrecenho. Ali havia anciões, coxos com muletas e mulheres humildes com bebês nos braços. Algumas famílias tinham levado em maca seus seres queridos, filhas e pais consumidos pela doença, para estendê-los junto ao lugar onde tinha sido enterrado o célebre curador.

—Este povo está desesperado — disse Primo —Esse é seu último recurso. Se acreditarem que aqui podem encontrar um milagre, nem todas as bigas do império conseguirão dispersá-los.

Ulrika vislumbrou Miriam tentando controlar às pessoas, que a acossava com perguntas.

—Pode me dizer onde está meu filho?

—Voltarei a ver meu marido?

—Por favor, cura minha doença.

Primo tomou a dianteira, abrindo uma via entre a multidão, e quando Ulrika chegou junto à Miriam, perguntou-lhe:

—Como aconteceu?

Miriam se aproximou dela com os braços estendidos.

—Me alegro de voltar a ver-te. Não pude fazê-lo pior! Contou-me que em sua visão, meu Judá, te disse que queria que o recordássemos. Contamos a alguns vizinhos e o povo da sinagoga, que veio para apresentar seus respeitos e começaram a dizer que estavam produzindo milagres.

Ulrika a olhou atônita.

—E é certo?

—Ou seja, Ulrika. Algumas pessoas oraram aqui e partiram dizendo que estavam curadas. Tem as que rezaram aqui e quando retornaram para casa acharam algo que tinham perdido. Outras o fizeram e quando voltaram para a cidade encontraram que as esperava um ser querido que estava há muito tempo ausente. Ao melhor não são mais que coincidências, talvez esse é o tipo de milagres que meu Judá tinha o poder de fazer em vida. Ignoro-o, mas a situação saiu do controle e não sabemos como emendá-la.

Ulrika olhou a seu redor. Era ainda pior do que tinha imaginado. Quando a notícia chegasse aos ouvidos dos sacerdotes de Marduk —gente levando ao Castelo de Daniel moedas e oferendas que deveriam ser destinadas a seus templos—, a implicação de Sebastiano sairia à luz.

—Primo... —começou a dizer.

—Nos ajude, por favor, ajuda a minha pequena. —Uma moça com uma menina nos braços abriu espaço até onde os homens de Primo mantinham às pessoas a raia com seus escudos e espadas—. Ajude-nos, por favor — gritou a jovem mãe—. Vendemos nossa casa. Vendemos minhas joias. Quando acabou o dinheiro para pagar os médicos, meu marido se vendeu como escravo e não o vi depois. Minha filha e eu não temos casa nem dinheiro. Não quero me vender como escrava, porque, o que será então de minha filha? Não temos família. Não temos aonde ir.

Algo em sua voz, em seus olhos, na postura de seu corpo esquelético, nos trágicos farrapos que o cobriam e, sobre tudo, na forma em que a menina jazia murcha em seus braços, atraiu Ulrika. Enquanto outros se apertavam contra os escudos de Primo, a mulher suplicava com os olhos afundados pela fome e o medo.

—O que acontece com ela? —perguntou Ulrika. Advertiu que a pequena se achava acordada, pois a olhava com os olhos muito abertos.

O povo que havia perto guardou silêncio para escutar à mulher e ver se acontecia um milagre.

—Uma febre assolou nosso bairro — explicou a mãe—. Minha filha esteve dias ardendo de febre e quando voltou a si não podia andar. Passou um ano e os médicos dizem que não voltará a caminhar. Por favor, peça ao rabino Judá que nos ajude. Não tenho nada, querida senhora. Cheguei ao final de meu caminho e de minha esperança. Sem minha filha não sou nada. Devolve-a à vida, rogo isso, me mostre como devo falar com o rabino. O que lhe digo? Como me dirijo a ele? Dizem que em vida curava o povo, e há quem assegura que segue fazendo-o.

Miriam deu um passo à frente.

—Por favor, volte para a cidade. Voltem todos! Rogo-lhes isso, deixem meu marido descansar em paz.

—Estou disposta a fazer o que for — disse a jovem mãe—. Farei o que o rabino Judá me pedir.

Enquanto Miriam tentava convencê-la para que partisse, a mãe se ajoelhou junto a sua filha aleijada, agachou a cabeça e começou a rezar.

Comparável unicamente ao zigurate de Marduk, a Torre de Babel era a torre mais alta da Babilônia. Contava a lenda que a tinha construído um rei insolente decidido a chegar ao céu e olhar os deuses cara a cara. Para isso mandou construir a escada mais alta do mundo, mas para levar a cabo sua proeza necessitava operários a milhares, o que o obrigou para buscá-los em terras estrangeiras. Como os operários falavam línguas diferentes, cometeram-se enganos na construção e a torre nunca chegou a ser terminada. Um rei posterior converteu aquela monstruosidade em um atalaia sombreada e protegida dos elementos, com uma vista completa de horizonte a horizonte e do céu noturno com seus signos zodiacais.

Sebastiano subiu os trezentos e trinta e três degraus da escada de caracol lutando com suas emoções. Nenhum astrólogo tinha conseguido ainda lhe devolver a fé. Pior ainda, cada um deles tinha elaborado um horóscopo diferente. Depois de tantos anos confiando nos horóscopos de Timónides, não tinha se precavido de quão distintas podiam ser as leituras de um astrólogo a outro. Todos empregavam os mesmos signos e constelações, os mesmos números e equações, os mesmos instrumentos e cartas, mas suas leituras diferiam até tal ponto que um astrólogo podia dizer que seus filhos o adoravam e lhe dariam muitos netos e outro assegurava que sua esposa atual viveria mais tempo que as duas anteriores. Era a ciência da astrologia uma farsa?

Mas enquanto suas sandálias pisavam em cada degrau gasto, por onde milhares de pessoas tinham passado antes que ele, ainda abrigava a esperança que o célebre esquento devolvesse sua fé nas estrelas.

Quando alcançou o topo da torre e saiu por uma porta de madeira, teve que deter-se e agarrar-se à parede. Que vista! Ante seus olhos se estendia o deserto, o rio, as colinas e, sobre tudo, a buliçosa metrópole. Cortava a respiração

Compreendeu então que tinha chegado ao final da escada. Estava no alto da torre, não havia outro lugar aonde ir. O muro de pedra chegava à altura do peito e o teto de telhas era sustentado por oito colunas. Isso era tudo.

Onde estava o esquento?

Quando o vento aumentou, ameaçando arrancando sua capa, notou que a raiva crescia dentro dele. Tinham enganado-o! Era assim como ocorria? Homens crédulos como ele pagavam somas descabeladas para descobrir depois que tinham sido vítimas de uma fraude? Quantos, ao longo dos séculos, tinham subido até o alto daquela torre para descobrir vítima de uma brincadeira, retornado abaixo e contado a seus amigos quão interessante tinha sido a reunião com o esquento? Porque nenhum homem admitiria ter sido vítima da fraude.

«Contarei a verdade! —pensou enfurecido—. Apregoarei pelas ruas da Babilônia que o esquento não existe! Que no alto desta torre não há nada salvo vento e sonhos quebrados!»

Um pássaro entrou voando na torre e o sobressaltou. Um falcão pequeno, advertiu Sebastiano, da cor da ferrugem e da tinta, que ficou a revoar com um bater de asas frenético. Viu que tinha os olhos cobertos por um filme estranho. Quando o falcão se chocou contra uma coluna, deu-se conta que era cego. Observou-o voar em círculos dentro da torre, até que de repente desceu rápido e desapareceu.

Sebastiano piscou. Aonde tinha ido o pássaro? Parecia que tivesse atravessado o chão.

Agachou-se para examinar as lajes de mármore e ao girar a cabeça para um lado vislumbrou uma abertura mal visível da qual emanava um aroma de incenso perfumado. Ouviu um cantarolo, como se alguém estivesse cantando para si. O esquento! Rodeou a abertura e viu um degrau de madeira. Pisou-o com cuidado e, depois de comprovar que aguentava, seguiu baixando.

Doze degraus mais o levaram até uma tapeçaria. Abriu-o e viu uma sala pequena e acolhedora, de teto baixo, iluminada tenuemente com abajures de azeite e mobiliada com uma mesa e dois tamboretas, tapeçarias nas paredes e prateleiras repletas de astrolábios, cartas, terrinas e uma coruja dissecada. Entrando com cuidado para não

golpear a cabeça com o teto, examinou a sala e deduziu que se achava atrás da escada de caracol.

Não havia ninguém, e tampouco parecia que houvesse outras portas ou aberturas.

—Olá? —chamou.

Ao ouvir um suspiro se virou e descobriu alguém sentado à mesa. Piscou. Teria jurado que um momento antes essa pessoa não tinha estado aí. «É o incenso», pensou, pois agora estava muito forte e o enjoava. Talvez contivesse uma substância que criava visões.

Não obstante, quando se aproximou, comprovou que não era uma visão, mas uma pessoa de carne e osso, aguardando pacientemente para falar. Sebastiano piscou de novo e franziu o sobrecenho. Provavelmente fosse o esquento, pensou, mas que criatura tão extraordinária!

De aspecto surpreendentemente humilde tendo em conta sua reputação, o esquento usava como única vestimenta uma túnica larga de cor branca que tinha conhecido tempos melhores. As mãos, longas e ossudas, descansavam sobre a mesa, e a cabeça, inclinada, mostrava um arbusto de cabelo mais negro que o azeviche; penteado com a raia no meio caía-lhe sobre os ombros e as costas. A cabeça se levantou e Sebastiano levou um forte impacto.

O esquento era uma mulher. Mais o impressionou o singular rosto emoldurado pelo negro cabelo, estreito e alargado, toda osso e pele amarela. Uns olhos negros e tristes, sob umas sobrancelhas extremamente arqueadas, pousaram em Sebastiano. Esquentas quase parecia desumana e sem idade. Tinha vinte anos ou oitenta?

—Tem uma pergunta — disse em um latim impecável enquanto seus olhos o observavam de uma concha profunda.

Sebastiano se sentou frente a ela e teve a sensação que quanto mais se aproximava da astróloga, mais invadia o aroma do incenso sua cabeça. Desprendia um perfume enjoativo com um aroma final ligeiramente desagradável. A luz da sala se atenuou e as paredes pareceram estreitar-se.

—Quer me fazer uma pergunta sobre as estrelas — prosseguiu a surpreendente mulher com uma voz que soava mais antiga que os zigurats de Babilônia.

—Contêm mensagens?

—Todas as coisas contêm mensagens. Estão por toda parte. Só tem que olhar.

—Podemos acreditar que as estrelas transmitem mensagens dos deuses?

—Por que se preocupa com isso? —repôs a profetisa com expressão de lástima.

Sebastiano se impacientou. A astróloga não tinha perguntado o dia e a hora de seu nascimento, seu signo solar e lunar, as constelações desenhadas no céu quando ele aspirou seu primeiro sopro de ar.

Examinou a superfície da mesa. Não havia nada. Nem cartas, nem diagramas, nem equações, nem astrolábios.

—Escute — começou Sebastiano, mas se interrompeu.

A Esquenta mantinha os olhos à frente, mas havia algo estranho em seu olhar...

Levantou uma mão e a moveu diante de seu rosto. A astróloga não piscou.

A Esquenta era cega.

A jovem mãe embalava sua filha parálitica enquanto sussurrava sua prece, «Rabino Judá, suplico que nos ajude», com os olhos fechados, sob o olhar silencioso de Ulrika, Miriam, Primo e seus homens. Havia tal desespero em sua prece, que sua voz comovia os corações e provocava lágrimas em muitos olhos.

—Querida Judá, não tenho ninguém mais a quem recorrer. Levamos dias sem comer. Não temos teto nem família. Amanhã terei que me prostituir para que minha filha e eu possamos sobreviver. Talvez devesse preferir a morte. Em meu caso é possível, mas minha filha só tem quatro anos. Quero que viva. Espírito deste lugar, se for Judá, toma minhas pernas em seu lugar. Toma a vida que há em meus músculos e meus ossos e traslada aos membros inertes de minha filha. Suplico-lhe isso, libera a minha menina desta maldição e passe para mim, e te venerarei e pronunciarei seu nome enquanto viver.

A jovem mãe levantou a cabeça e dirigiu seu pedido ao céu.

—Somos uma causa perdida — disse enquanto rompia a chorar—. Possivelmente não mereçamos a atenção divina. Mas não estou pedindo nada para mim! Por favor, salve a minha filha!

—Mamãe? —disse uma voz débil—. Mamãe?

Ao notar que sua filha se remexia em seus braços, a mulher abriu os olhos.

—O que foi, filha?

—Quem é esse homem?

—Que homem?

A menina assinalou com um dedo. Todas as cabeças se voltaram. Ninguém viu nenhum homem entre as humildes tendas e palmeiras.

—Ali não há ninguém, pequena — disse a jovem mãe.

—Tem mel! E tâmaras! —A pequena lutou com os braços de sua mãe, impulsionou-se para frente e caiu no chão.

—Filha! —gritou a mãe elevando os braços.

Mas de repente a menina estava de pé e dava seus primeiros passos com umas pernas que tinham permanecido estáticas durante um ano.

A multidão a olhava boquiaberta. A menina que um instante atrás não podia caminhar estava correndo. E o fazia, advertiu Ulrika, em direção à tumba de Judá.

—Por que não me dá uma resposta clara? —perguntou, cada vez mais frustrado, Sebastiano—. Fala em enigmas! Nem isso, porque os enigmas estão para ser decifradas. Suas palavras não têm sentido! —levantou-se— Já perdi suficiente tempo.

—Espere, Sebastiano Galo...

Sebastiano se virou. Os olhos cegos da Esquenta não o olharam enquanto uma profecia saía de seus lábios anciões...

Ao ouvir a profecia, Sebastiano estalou.

—Agora sei que é uma farsante, pois o que acaba de dizer não acontecerá jamais! —gritou—. Garanto-lhe isso!

Sebastiano baixou os trezentos e trinta e três degraus convencido que suas suspeitas tinham sido confirmadas. O que acabava de ouvir era uma profecia impossível e, por conseguinte, soube então que não havia mensagens nas estrelas. Os deuses não existiam. E tampouco os milagres.

—Filha! —gritou a mãe correndo atrás da pequena.

O povo, entre eles Primo e seus homens, observava a cena em silêncio. A menina que tinham acreditado paralítica corria agora para o acampamento de Miriam.

Sob o olhar atônito de Ulrika e Timónides, entrou no acampamento e começou a dar voltas com os braços estendidos enquanto gritava:

—Mel e tâmaras! Mel e tâmaras!

A mãe caiu de joelhos diante de sua filha e os olhos se encheram de lágrimas ao ver como suas pernas magras dançavam sobre a areia.

—É um milagre! —exclamou—. Obrigado, bendito Judá, pois sei que é o artífice deste milagre! Farei boas obras em seu nome. Venerarei-te todos os dias. Benzerei sempre seu nome. OH, venerável Judá!

Ulrika a olhou estupefata. Enquanto a menina dava voltas e a mãe chorava, enquanto a multidão rompia em ovações e o sol avançava outro grau para o horizonte do oeste, Ulrika sentiu nesse instante que o mundo experimentava uma mudança irreversível e profunda.

Tinha encontrado os Veneráveis.

Quando Sebastiano apareceu entre os raios dourados do entardecer cruzando o deserto a galope, Ulrika pôs-se a correr para ele. Sebastiano saltou do cavalo, atraiu-a para si e lhe deu um beijo longo e profundo antes de retroceder e olhar em torno do alegre acampamento. O povo estava acendendo tochas, dançando, cantando e passando-se odres de vinho. Muitos estavam ajoelhados e recitando preces.

—O que aconteceu? —perguntou—. Quem é todo esse povo?

—Algo maravilhoso, meu amor! Mas me fale do Esquento. Devolveu sua fé?

—É uma farsa. A astrologia não é mais que um engano destinado a tirar dinheiro das pessoas. Não voltarei a me deixar enganar.

—Por que diz isso? —exclamou, consternada, Ulrika.

Sebastiano descreveu sua experiência e finalmente disse:

—Heis aqui a profecia que pronunciou a Esquento: «Possui um objeto muito querido, um objeto que amas acima de qualquer outro. “Antes que transcorra um ano, Sebastiano Galo renunciará voluntariamente a ele». OH, Ulrika, todos os homens têm um objeto que amam acima de qualquer outro! E embora seja certo que a maioria deles, debaixo de certa pressão e em determinadas circunstâncias, estariam dispostos a separar-se dele, a Esquento ignora que faz muito tempo jurei ante o altar de meus antepassados que jamais permitiria que este bracelete, que levo como lembrança de meu irmão, saísse de meu braço. — Sebastiano levou os dedos ao pulso —é meu objeto mais querido e não há força na terra capaz de me fazer romper minha promessa.

Como se ele e Ulrika fossem as únicas pessoas em meio desse deserto, estreitou-a entre seus braços e, olhando-a fixamente, disse com ardor:

—Empurrados pelo medo e a insensatez, os homens tentam predizer seu destino com a esperança de poder controlá-lo. Mas o futuro é imprevisível, Ulrika, e o destino é tão intangível como uma nuvem. Não há mensagens nas estrelas. Destruirei as cartas, os instrumentos e os aparelhos de observação e cálculo que trago da China. Não irei ao observatório de Alexandria onde os melhores astrônomos do mundo estudam os céus, pois compreendi que não podem revelar o mistério do sentido da vida.

Os olhos de Sebastiano se encheram de amor.

—Não esteja triste por mim, minha amada. Os embustes e as falsas leituras de Timónides, assim como sua confissão, têm-me aberto os olhos à verdade, pois agora sou um homem livre que não acredita em nada e escolhe seu próprio destino. Por isso o perdoo, pois é humano e quem sabe se eu não teria feito o mesmo em suas circunstâncias. Talvez me tenha feito um favor, porque agora eu controlo minha vida. Acabou-se isso de esperar a ver o que auguram as estrelas. A partir deste instante despertarei cada manhã sendo o dono de meu destino.

Tomou-a pelos ombros e, cravando seus olhos nos dela, disse:

—Subi os trezentos e trinta e três degraus como um homem esperançoso e os baixei como um homem cheio de nova sabedoria. A partir de hoje, queridíssima Ulrika, você será minha religião e minha deusa, e te adorarei todos os dias de minha vida.

Beijou-a e, obrigando-se a voltar para mundo físico, finalmente retrocedeu e olhou a seu redor.

—Quem é todo esse povo? O que aconteceu aqui? —voltou a perguntar

Ulrika relatou a surpreendente recuperação da menina.

Sebastiano arqueou as sobrancelhas.

—Acha que o rabino Judá curou as pernas dela?

—O que eu creia ou não, não importa. Quando a notícia chegar à cidade, o povo sairá em correria para este lugar. Sebastiano, sinto-me responsável. Eu disse a Miriam que trouxesse o corpo de seu marido aqui. E lhe disse que seu marido queria ser recordado. Não atuei acertadamente, não fui capaz de prever que isto aconteceria. Todas essas pessoas correm perigo, e a culpa é minha. Sebastiano, meu dom espiritual é encontrar pessoas e lugares sagrados, encontrei um Venerável! E conduzir às pessoas para

eles. Mas tenho que fazê-lo responsavelmente, não de uma maneira que prejudique as pessoas.

—Não se preocupe, encontraremos uma forma de arrumar isto.

Primo, que se achava perto e tinha escutado a conversa, perguntou-se como ia salvar agora a seu senhor. Quando a notícia do ocorrido no Castelo de Daniel chegasse à cidade, seria impossível conter a avalanche de fiéis. E seu senhor afirmava que encontraria uma solução!

E Quinto Publio a ponto de empreender, em qualquer momento, sua volta a Babilônia.

—«Estimado Quinto Publio, em nome do Senado e do Povo de Roma, eu te saúdo. “Heis aqui um relatório sobre as últimas atividades de meu senhor, Sebastiano Galo, relacionadas com sua caravana e os artigos que transporta para César.»

Primo estava ditando na intimidade da espartana tenda militar que tinha levantado a toda pressa junto ao Castelo de Daniel. Parou para permitir que o secretário anotasse as palavras inundando o lápis na tinta e aplicando-o sobre o papiro. Embora Primo dominasse outras línguas, estava ditando em latim, pois era a língua que falava com o embaixador de Roma.

Prosseguiu.

—«Continuamos na Babilônia, honorável Quinto, mas por uma boa razão. “Rogo-te que leia o relatório antes de considerar a possibilidade de prender a meu senhor por traição.»

Levava dias perguntando-se o que ia dizer a Quinto Publio sobre o fato que Sebastiano continuasse na Babilônia, mas ao fim tinha encontrado uma solução.

Primo, em outros tempos soldado pouco imaginativo que via o mundo em branco e negro e era incapaz de idealizar embustes, tinha descoberto desde a sua volta da China que se dava melhor em mentir — diplomacia, chamaria-o Sebastiano — do qual

jamais teria acreditado possível. Pois agora tinha que procurar uma forma ardilosa de encobrir o fato de que continuavam em Babilônia porque seu senhor estava apaixonado.

De acordo com essa nova maneira de pensar que o tirava do branco e o negro e entrava em áreas cinza, marrons e inclusive vermelhas e verdes, Primo decidiu que a melhor estratégia naquele caso era servir ao embaixador uma história tão extravagante que não ficasse mais remédio que acreditar

Primo sopesou suas seguintes palavras enquanto observava a elegante mão que avançava pelo papiro riscando letras impecáveis. O secretário escrevia quase com a mesma rapidez que ditava Primo. Um dos melhores da Babilônia, haviam dito. Perguntou-se o que ia pensar o homem de suas seguintes palavras, qual ia ser sua reação. Mas com certeza o secretário tinha ouvido centenas de confissões e declarações estranhas, talvez mais estrambóticas ainda que o que Primo se dispunha a relatar. Se realmente era tão profissional como sua atitude dava a entender, e se era certo o que diziam sobre o código ético que regia a secretários e advogados, não deveria mostrar reação alguma.

Primo sabia que os secretários profissionais, autorizados pelo governo e regidos por uma ética rigorosa — pois do contrário não teriam clientes—, eram remunerados tanto por sua destreza para escrever como por seu silêncio. Quanto passasse de cliente a secretário, quanto se incluía nas cartas e mensagens, ficava entre eles. Trair essa confiança se castigava com a morte, pois os secretários, igual aos advogados, faziam um juramento antes de receber o medalhão para exercer sua profissão, a qual, tal como indicava seu nome, provinha da palavra latina *secretus*, que significava «segredo».

Primo seguiu ditando.

—«Sebastiano Galo se acha sob o feitiço de uma bruxa.»

A mão elegante continuou escrevendo sem a mínima hesitação. «Mítras — pensou Primo—. Reage como se estivesse ditando uma lista de verduras!

—«Trata-se de uma feiticeira que assegura, entre muitas outras coisas, que se comunica com os mortos. Mantém subjugado a meu senhor ao afirmar que se comunica com seres sobrenaturais e que pode, por conseguinte, predizer o futuro. É fácil imaginar, estimado Quinto, o poder que exerce sobre meu senhor, pessoa extremamente supersticiosa. É essa mulher, chamada Ulrika e procedente da mesma tribo que tantos problemas causou nos últimos anos ao Império romano e mais concretamente ao

comandante Vatinio, quem lançou o malefício a Sebastiano Galo ao fazê-lo permanecer na Babilônia e reter o tesouro de César para satisfazer seus próprios interesses.»

Primo confiava em que a história do feitiço fizesse Quinto esquecer a acusação de traição. Se não fosse assim, o embaixador mandaria prender Sebastiano, confiscaria a caravana e a enviaria a Roma ao mando de Primo. E para um homem do prestígio de Sebastiano no terreno comercial não teria pior vergonha que a de arrebatá-la sua caravana, e o privar de seus direitos e privilégios e ver manchado o nome de sua família. Para não mencionar o terrível fim que o esperaria na arena.

Perguntou-se se podia contar a Sebastiano a insustentável situação. O imperador em pessoa o tinha feito jurar silêncio, e Primo sempre tinha sido fiel a seus juramentos, mas ultimamente suas lealdades pareciam cambalear. Tinha presenciado a coragem de seu senhor na China, tinha observado sua integridade e sua honra no trabalho. E acaso não tinha conseguido Sebastiano libertá-los da «hospitalidade» do imperador chinês?

Franziu o sobrecenho. Estava acostumado a lutar com homens, não com dilemas morais.

—«Me faça chamar quando considerar oportuno, estimado Quinto — concluiu—, e te facilitarei um relatório mais detalhado, depois do qual não duvido que estará de acordo em que meu senhor tem mais de vítima que de traidor e insistirá o César a ser indulgente com ele. “Seu sincero servidor, Primo — Fez uma pausa e, depois de decidir que um pouco de humildade não estava de mais, acrescentou—: Fidus.»

E o secretário sorriu entre dentes.

Ulrika se virou para a tenda de Primo, cujo interior aparecia iluminado pela luz de uma lamparina. Sabia que estava com um convidado da cidade, um homem importante a julgar pelas vestimentas de franjas, o chapéu em forma de cone e a caixa de madeira, parecida com a dos advogados, com que tinha chegado. Perguntou-se o que podia querer o administrador de Sebastiano de um civil.

Dirigiu a vista à escuridão do deserto e vislumbrou um resplendor avermelhado no horizonte: Babilônia. A cidade que nunca dormia.

Tinha um mau pressentimento. Sentiu um formigamento na nuca. Era o tipo de sensação que alguém experimentava antes de uma tempestade ou uma tormenta de pó iniciada em desertos remotos, onde se dizia que gênios místicos agitavam o vento para atormentar à humanidade.

Onde estava Sebastiano? Tinha que já ter voltado. Partiu pela manhã para uma reunião urgente com o supremo sacerdote.

Tinham passado os últimos dias tentando convencer as pessoas que partissem. Em lugar disso, tinham chegado mais. Era tal a multidão, que Sebastiano tinha dado ordens a Primo de levantar um pequeno acampamento e apostar guardas com o passar do perímetro.

Não tinham acontecido mais milagres desde que a menina fora curada de sua paralisia. Não obstante, essa só demonstração das propriedades mágicas do lugar bastava para gerar e sustentar a fé. Já não havia empurrões nem protestos. Miriam e sua família, Timónides e os homens de Primo, asseguravam-se de que os visitantes se comportassem de forma civilizada no que todos chamavam «o santuário de Judá».

Mas não podiam ficar ali. O povo tinha que partir.

Ulrika observou o deserto e sentiu um calafrio nos braços. Aí fora havia algo, e estava se aproximando...

O cavaleiro atravessava o deserto a uma velocidade vertiginosa, com a lua como guia, a capa ondeando sobre suas costas e o corcel levantando nuvens de areia. Sebastiano tinha utilizado seus poderosos e influentes contatos, além de generosas doações de dinheiro, para aplacar a cólera dos sacerdotes de Marduk. Mas já não havia nada que fazer. Tudo tinha terminado. Tinha que acautelar Ulrika e os outros.

Não havia tempo a perder. A guarda do templo estava em caminho.

Enquanto aguardava com impaciência a chegada de Sebastiano, Ulrika contemplou a concentração de pacíficos fiéis e lamentou ter proporcionado aquele lugar sagrado unicamente para pô-los em perigo.

Tinha curado Judá à menina? Sabia que com o passar do vasto mundo existiam crenças diferentes e que os milagres eram possíveis.

O vento do deserto no rosto lhe trouxe a memória outro deserto, outro vento, o das margens do mar de Sal. E de repente pensou no lugar onde Raquel e Almah a encontraram: sobre uma tumba. Ulrika acreditou então que Raquel tinha enterrado seu marido em chão sagrado, mas agora, ao ver as pessoas rezarem ao venerável Judá, perguntou-se se não teria sido ao reverso, se não teria sido Jacob quem tinha convertido em sagrado aquele chão.

Recordando, também, que Jacob e Judá tinham sido «irmãos» sob seu Mestre da Galiléia, perguntou-se se Jacob não seria outro Venerável.

Na tenda de Primo, o secretário guardou seus úteis de escritura e disse:

—Assegurarei-me que a carta chegue à residência do embaixador Publio na primeira hora da manhã.

Depois de ler a carta a Primo, fazer as correções pertinentes e passá-la a limpo, tinha enrolado o papiro, vertido lacre e permitido que Primo o selasse com seu anel.

—Bom trabalho. —Primo se dispunha a tirar as moedas de sua bolsa quando ouviu som de cascos de cavalo que se aproximavam a galope. Apareceu e viu Sebastiano entrar como uma flecha no acampamento—. Espere aqui — disse ao babilônio—. Pode ser que haja mais.

Sebastiano saltou do cavalo e correu para Ulrika.

—Não me foi possível falar com o supremo sacerdote — soprou—. Negou-se a me receber. Fui ver o governador, mas não pode fazer nada. Ulrika, nem sequer meu amigo Hasheem, o poderoso cambista, pode nos ajudar. Ordenei a meus escravos que preparem a caravana. Partiremos amanhã ao amanhecer.

Olhou assustada a multidão — mães com meninos pequenos, homens com as pernas inutilizadas, cegos, doentes— e baixou a voz.

—O supremo sacerdote vem para cá. Contaram-me que o acompanham guardas. Ulrika, acredito que posso fazer entrar em razão, mas temos que evitar que estenda o pânico. Se conseguirmos que o povo conserve a calma e a ordem e trate com respeito os sacerdotes de Marduk, acredito que nos permitirá retornar à cidade sem problemas.

—Sebastiano. —Ulrika pousou uma mão em seu braço—. Devo ir a Judéia. Olhou-a estupefato.

—A Judéia? Por quê?

—Acredito que o marido de Raquel é um Venerável e que me corresponde ir a Judéia para protegê-lo, tal como fiz com o rabino Judá. Além disso, Raquel me salvou a vida e foi uma de minhas professoras. Estou em dívida com ela.

Sebastiano meditou.

—Roma enviou mais legiões a Judéia. O descontentamento entre os rebeldes judeus não faz mais que aumentar.

—Jacob é muito valioso para permitir que caia em mãos de seus inimigos romanos. Devo ir a Judéia e encontrar um lugar seguro para ele e Raquel.

—Onde?

—Não sei, mas é preciso que Jacob, ao igual a Judá, seja lembrado. Esta vez atuarei de outra maneira. Não serei uma irresponsável. Pensarei atentamente no que devo fazer.

Primo se aproximou.

—Senhor, vai tudo bem?

Sebastiano se virou para seu administrador.

—O supremo sacerdote está a caminho com uma escolta armada. Não quero provocações. Arrumaremos isto pacificamente. Só o que queremos é que este povo se disperse e retorne à cidade, e isso é justo o que vamos fazer. Quero que amanhã se ocupe de que toda minha mercadoria e meu povo cheguem sem incidentes a Roma. Ponho-te ao comando da caravana.

Primo enrugou a testa.

—E que fará você, senhor?

—Vou a Judéia com Ulrika.

—Pensa abandonar a caravana? —O velho soldado mal podia falar. Não havia dúvida que seu senhor se achava sob o feitiço de uma bruxa.

—Já me ouviu.

—Deixe que te acompanhe a Judéia — disse Primo pensando com rapidez. O que tinha ouvido a moça dizer? Que tinham que resgatar algo de grande valor? E com dois judeus chamados Raquel e Jacob? Um ato de traição, sem sombra de dúvidas! De repente sentiu um forte desejo de defender seu senhor do castigo de César, embora isso significasse cometer uma traição.

—Necessitará de amparo, senhor. Na província da Judéia está começando uma revolução e o exército romano intensificou sua presença lá. Convém ao senhor ter um veterano das legiões no grupo, e ainda gozo de bons contatos.

—Necessito de um homem de confiança que dirija a caravana.

Timónides deu um passo à frente e disse:

—Eu levarei a caravana a Roma, senhor. É o mínimo que posso fazer depois da dor e do sofrimento que te causei.

Sebastiano meditou.

—De acordo — disse por fim—. Agora devemos ter pressa, pois o supremo sacerdote não demorará para chegar. Primo, dispõe seus soldados. Não lutaremos, mas temos que estar em guarda. Timónides, assim que termine este assunto quero que vá com meu cavalo até a caravana e fiscalize os últimos preparativos para a partida. Não há tempo a perder.

Ulrika foi ver Miriam.

—Vêm para cá alguns homens do templo de Marduk, mas não tema.

Sebastiano falará com o supremo sacerdote e depois enviaremos todo este povo para casa.

Fez uma pausa para observar o rosto roliço da mulher, o qual já não transmitia desespero, mas paz.

—Não pretendo honorável mãe, te dizer como dirigir sua fé, mas quando te enviei para cá, não era consciente das consequências de meu ato. Na intimidade de seu lar difunde a notícia sobre o venerável Judá a amigos e familiares, recorde dele sempre, pois isso foi o que depois de dar as devidas ordens a seu assistente, Primo retornou rapidamente à sua tenda, onde o secretário o aguardava com impaciência.

—Aconselho-o partir imediatamente — disse Primo —. A guarda do templo vem para cá e poderia te confundir com esses daí de fora.

O babilônio elevou o queixo.

—Já viu que me acompanham guardas armados. Uma precaução necessária, dado meu trabalho, pois levo documentos importantes. Adiantarão-se e informarão aos sacerdotes de minha presença. Conheço-os todos, pois sou célebre na cidade. Deixarão-me passar sem problemas. Tem algo que acrescentar a sua missiva antes de minha partida?

Ignorando seu desdém, Primo acrescentou um apêndice ao relatório:

—«Novidades, estimado Quinto. Tão enfeitado tem a bruxa a meu senhor que partimos imediatamente a Judéia para resgatar um tesouro que pertence aos inimigos

de Roma. “Não se trata de uma traição, pois meu senhor está hipnotizado pela bruxa e não é consciente de seus atos.»

A rede de comunicações romanas era um sistema rápido e eficiente apoiado em cavaleiros que cavalgava a toda velocidade pelas estradas faziam tão célebres os engenheiros romanos. Os cavaleiros escolhiam cavalos fortes e rápidos e iam de um posto avançado a outro, em uma vasta corrida de substituições, levando notícias, despachos e cartas para cidadãos importantes do imperador para baixo. Primo sabia que seu relatório chegaria a Nero muito antes que Sebastiano. O imperador e seus guardas estariam esperando-o e, com a sorte e o poder de Mitras, prenderiam à moça em lugar de seu senhor.

No que a Primo se referia, tinha uma última missão importante que cumprir. Em um último esforço para impedir que seu senhor cometesse uma traição, asseguraria-se de ser o primeiro em encontrar Raquel e Jacob e matá-los antes que Sebastiano pudesse chegar a eles.

—Senhor! —gritou alguém na escuridão da noite. Sebastiano e Ulrika se viraram e viram que Timónides corria para eles com suas roupas iluminadas espectralmente pela lua e um braço apontando para trás—. Senhor, os sacerdotes e seus guardas estão chegando! OH, senhor, somam centenas!

Sebastiano subiu à pilha mais alta dos escombros caídos do Castelo de Daniel muito tempo atrás e dessa posição estratégica divisou uma imagem surpreendente: uma fileira de tochas acesas avançando pelo caminho como um rio de lava líquida. Centenas de guardas, efetivamente, pensou alarmado. Todos a cavalo. Todos armados com clavas e lanças.

«Vêm dispostos a um açougue.»

Voltando-se para Ulrika e Timónides, disse em voz baixa:

—Subestimei o supremo sacerdote. Acredito que não veio negociar, mas castigar estas pessoas para que sirvam de exemplo aos cidadãos da Babilônia. Devemos manter as pessoas tranquilas. E ocultá-la atrás das ruínas. Primo e eu enfrentaremos cara a

cara e lutaremos. Pode ser que o supremo sacerdote se dê por satisfeito com uns poucos homens.

Ulrika se colocou ao lado de Sebastiano enquanto contemplavam o rio de fogo que avançava para o castelo. Atrás se ouviam as preces dos aterrorizados fiéis. Primo e seus soldados tinham as armas preparadas para atacar. O assobio do vento percorria o deserto.

Tantas vidas em jogo! Tinha que ter uma maneira de salvar a todo esse povo.

Ulrika virou o rosto para o vento, fechou os olhos e respirou fundo. Pousou uma mão sobre o muro frio do «castelo» e pensou: «Se realmente houver uma tumba debaixo destas ruínas, será o bastante espaçosa para albergar todas estas pessoas? Se não todas, pelo menos os meninos e doentes. —E se for uma tumba, possivelmente os guardas do templo sejam proibidos de entrar, como no caso da caverna do xamã, na Germânia, que os guerreiros germanos evitaram».

Com uma inspiração purificadora, Ulrika visualizou a chama interna de sua alma. «Espírito deste lugar — pedi em silêncio—, suplico-te que nos ajude.»

Aguardou uma visão. Como não chegava, concentrou-se mais intensamente na chama cintilante de sua alma e com a mão livre agarrou a concha que descansava sobre seu peito. Enviou de novo seu pedido.

Nada aconteceu, não obstante, o pânico começou a apropriar-se dela. Tinha a boca seca e as mãos úmidas. Tinha utilizado a meditação com êxito para beneficiar a outros, mas sempre de forma individual. Agora que havia centenas de pessoas em perigo, seria capaz de utilizar seu dom com todas elas? Ou só funcionava com uma pessoa de cada vez?

Consciente que o coração pulsava cada vez mais depressa, e que os guardas do templo estavam cada vez mais perto, redobrou seus esforços. Se for certo que o profeta Daniel estava enterrado ali, achava-se em um lugar sagrado. Tinha nascido para aquilo. Essa era sua vocação. Não devia permitir que o pânico a dominasse. Não devia permitir que o medo anulasse seus poderes.

Fechou seus sentidos um a um. Voltou-se surda às súplicas e desesperadas para centenas de pessoas, voltou-se cega às tochas que se aproximavam pelo deserto,

voltou-se insensível ao roce do vento e ao frio na pele, até que só foi consciente da pedra que descansava sob sua mão.

Abriu-se uma vez mais, libertou sua alma e implorou ao ser sagrado daquele lugar que lhe desse um sinal.

Ao fim seu espírito se moveu. Avançou pela rocha sólida do muro, pelo pó ancestral, pelos anos intemporais, até que Ulrika sentiu que tocava algo.

Franziu o sobrecenho. Justo diante dela havia algo, mas a diferença de outras visualizações só via escuridão. Por que tinha a visão interna bloqueada?

«Não, não está bloqueada. “A própria escuridão é a visão.»

Chegou-lhe um aroma de umidade, notou escombros e cascalho sob as sandálias, viu corredores longos com luzes tênues ao fundo, ouviu um estrépito de couraças e de pés pisando forte. E compreendeu...

—Sebastiano! —gritou—. Antes de ser uma tumba este lugar foi um posto avançado militar!

Sebastiano se virou rapidamente para ela.

—O que?

—Esta cidadela foi construída séculos atrás como defesa contra os invasores do sul — explicou Ulrika conforme a informação brotava em sua cabeça—. O rei enviava aqui seus soldados para que lançassem ataques surpresa. Sebastiano, debaixo de nós há túneis que conduzem a um oásis situado a uma milha daqui para o norte. Se pudesse dar com... — Colocando a outra mão sobre a áspera pedra, apalpou os muros das ruínas. A mão escorregou por uma greta—. Aqui!

Sebastiano chamou primo e outros homens fortes armados com lanças. Trabalhando à luz das tochas enquanto sentinelas vigiavam o avanço dos guardas do templo, introduziram as lanças na greta e, fazendo alavanca com todas suas forças, conseguiram levantar um dos blocos.

Uma rajada de ar rançoso os golpeou no rosto. Sebastiano agarrou uma tocha e a colocou pela abertura para dar uma olhada. Degraus de pedra cobertos de pó e pedrinhas desciam até perder-se na escuridão.

—Podemos fazê-lo — disse—, mas temos que atuar com rapidez. Se nos descobrirem nos perseguirão. Primo, você irá diante para iluminar o caminho.

—Está nos enviando a uma tumba, senhor!

—Ulrika diz que o túnel é espaçoso.

Primo torceu o nariz. Preferia lutar como um homem a morrer como um rato apanhado em uma boca de lobo. Mas obedeceria de todos os modos.

—Os meninos, os anciões e os coxos, todos aqueles que possam entorpecer a fuga, devem ser levados nos braços — disse Sebastiano—. Primo leve várias tochas e vá deixando — as com o passar do túnel para os que venham atrás.

Encabeçando a marcha, Primo e alguns soldados procederam a afastar obstáculos, colocar tochas e guiar os que vinham atrás. O resto desceu rápido, mas ordenadamente, os homens carregando meninos, as mulheres fortes dando sustento aos anciões. Sebastiano enviava soldados a intervalos com mais tochas. Ninguém falava, mas Ulrika podia ver os rostos cheios de terror quando o povo via o abismo.

—Não tenham medo — dizia—, mas avancem depressa. E não olhem para trás. Sigam à pessoa que têm na frente.

Desciam de um em um, os fortes auxiliando os fracos, baixando macas, ajudando os que caminhavam com muletas e guiando os cegos. Levavam tochas e abajures de azeite. A altura do teto permitia o caminhar erguido e ainda sobrava espaço sobre as cabeças. «O espaço justo — pensou Ulrika— para os elmos dos soldados do rei.»

Timónides vigiava o caminho. Os sacerdotes e os guardas montados estavam se aproximando perigosamente.

—Chega de tochas —murmurou Sebastiano— ou as verão.

Quando um menino começou a chorar, sua mãe lhe tampou a boca com a mão e se apressou a baixá-lo.

—Já estão quase aqui — disse Timónides reunindo-se com Ulrika e Sebastiano na entrada do túnel—. Terá que ir mais depressa.

Dois homens que levavam uma maca com um menino escorregaram e perderam sua carga. Sebastiano recolheu rapidamente ao pequeno e o entregou a um dos homens.

—Rápido! —disse—. Agora devem correr!

Por fim todos tinham descido, mas as palmeiras já brilhavam com as luzes dos guardas. Os cavalos de batalha relinchavam, as couraças e as armas chocavam ameaçadoramente.

—Desça, velho amigo — sussurrou Sebastiano a Timónides—. Depressa! Já estão aqui!

Timónides obedeceu.

—Agora você, Ulrika. Ajude os atrasados.

Ulrika desceu e ao se virar descobriu que Sebastiano não tinha descido com ela, mas sim estava fora, devolvendo a pedra a seu lugar.

—Sebastiano! —gritou alargando um braço.

—É a única maneira de selar a entrada. Reunirei-me contigo na caravana.

Amo você, Ulrika.

—Sebastiano!

—Oxalá nos acompanhasse Raquel — disse a esposa do pastor. Era a última família que abandonava o oásis depois de ter optado por levar seu pequeno rebanho de ovelhas a Jericó, onde acreditavam que estariam a salvo da iminente guerra.

Com o aumento, durante as últimas semanas, da presença militar romana, ninguém duvidava que ia estourar uma luta.

—Obrigado, Mina —disse Raquel—, mas fico.

—Sentiremos sua falta. —Mina recolheu um cordeiro extraviado e o sustentou contra seu generoso peito—. Nós adorávamos suas histórias. Todos. Terá que ver como desfrutavam contigo os viajantes que se detinham para descansar aqui. Acredito que ficavam tão cativados que permaneciam mais tempo do que tinham pensado.

Raquel tinha desfrutado muito contando histórias aos habitantes do oásis, tal como fez com uma moça chamada Ulrika anos atrás. Fiava relatos inspiradores de fé e heroísmo para um público atento de pastores, coletores de tâmaras, carreteiros e viajantes que paravam para descansar.

—Não deveria ficar aqui só — disse Mina enquanto seu marido fazia gestos, impaciente. Tinham que chegar a Jericó antes do anoitecer—. Agora que Almah já não está, que descanse em paz.

—Tudo irá bem — repôs Raquel—. A guerra passará e o povo voltará para oásis. Vá tranquila.

Primo observou o céu e divisou abutres voando em círculo sobre as severas colinas da Judéia.

«Esconde-se aí. “A mulher chamada Raquel.»

Não disse nada a seus companheiros, que estavam rastreando o desolado oásis, habitado por várias famílias fazia só uns dias. Primo tinha decidido que a fim de evitar que seu senhor cometesse uma traição ao resgatar à viúva de um criminoso executado, tinha que encontrá-la primeiro. E uma vez que a encontrasse, a mataria e não contaria a ninguém. Depois poderiam continuar até Roma com Sebastiano livre de toda suspeita.

—Raquel e eu vínhamos aqui uma vez por semana para nos banhar e pegar água — explicou Ulrika contemplando o lago de água doce alimentado por um poço artesiano. Na superfície se refletiam as palmeiras e os olivais dos arredores e um céu azul —. Conversávamos com o povo que vivia aqui e os viajantes nos punham em dia com as últimas novidades. —Passeou pela erva esmagada, antes ocupada por tendas—. Parece que não faz muito tempo que se foram.

—E o fizeram depressa e correndo — observou Sebastiano, suspeitando do motivo. As tropas romanas levavam semanas cruzando o vale para instalar-se na próxima e elevada praça forte de Casa de campo—. Acha que Raquel partiu com eles?

Sem afastar a vista dos abutres para memorizar o lugar sobre o que voavam, Primo disse:

—Meus homens e eu rastrearemos a zona. Pode ser que esteja escondida.

Deteve seus arreios e a orientou para as colinas interrompidas por milhares de penhascos, gargantas, desfiladeiros e leitos temporariamente secos. Observou a paisagem vespertina enquanto pensava nos estranhos giros do destino. Nesse momento seu senhor deveria estar em um navio com destino a Roma, não entrando em uma região politicamente instável em uma busca desleal! A estas alturas já sabia que não tinham vindo resgatar um marido e uma esposa, mas só à esposa.

Tinham abandonado a Babilônia apressadamente e não voltariam, a não ser que o supremo sacerdote mudasse de parecer e decidisse converter em mártires os seguidores de Judá. A caravana de Sebastiano Galo, dirigida por Timónides, continuou para o oeste pela principal rota comercial, enquanto que Sebastiano e Ulrika se puseram rumo ao sul com Primo, seis soldados e um punhado de escravos. Os homens viajavam a cavalo e Ulrika sobre um camelo com uma cômoda cadeira acolchoada. Impaciente por

chegar a Judéia antes que estalasse uma revolta, viajaram sem pausa, detendo-se unicamente para comer e descansar.

Primo prestou atenção à direção em que giravam os pescoços descarnados dos abutres, o ponto concreto que pareciam estar espreitando. Em seguida entrou com sua égua em um desfiladeiro rochoso onde reinava um silêncio denso, quebrado unicamente pelo som dos cascos de seus arreios. Estava inspecionando umas cavernas de calcário quando ouviu um ruído: pedrinhas rodando pelo pendente rochoso, como se alguém tivesse escorregado. Desmontou e continuou a pé pelo cânion, tão estreito agora que tinha que caminhar de lado. As paredes do cânion não deixavam passar a luz do sol, por isso avançava na penumbra, com apenas um rastro de céu no alto. Suas sandálias de tachinhas trituravam as pedrinhas que cobriam o chão. Parou para escutar e seu instinto de soldado lhe disse que algo se escondia perto —um animal grande ou uma pessoa—, alerta, contendo o fôlego, preparado para saltar.

Avançando com cautela, inspecionou cada greta e cada fissura aberta nas paredes. De repente ouviu um grito afogado e outra avalanche de pedrinhas. Apareceu em uma brecha e viu uma figura agachada em seu interior.

Primo sorriu. Tinha encontrado Raquel.

—Acha que será capaz de localizar a tumba? —perguntou Sebastiano—.

Passaram nove anos.

Ulrika colocou sobre os ombros o véu azul que cobria a cabeça e virou lentamente em círculo, tentando recordar pontos de referência de sua breve estadia naquele lugar. A paisagem parda parecia implacável e inclemente. As flores da primavera tinham murchado e secado. Divisou ao longe a cinta de água celeste, o mar de Sal onde desembocava o rio Jordão.

—Sim — respondeu.

Sebastiano observou a desolada paisagem, o vale plano e as pronunciadas colinas salpicadas de cavernas, e olhou de novo sua esposa. Bela, forte, decidida. Quanto a amava e admirava! Como tinha utilizado seu dom espiritual no Castelo de Daniel para salvar a todo esse povo!

Depois de descer aos túneis descobertos por Ulrika, Sebastiano havia devolvido a pedra a seu lugar e ido ao encontro do supremo sacerdote para explicar que os cidadãos se dispersaram e não tinham a mínima intenção de ofender a Marduk. O supremo sacerdote cravou nele um olhar penetrante mas só formulou uma pergunta:

—Pensa ficar muito tempo na Babilônia?

—Parto de volta a Roma pela manhã.

O supremo sacerdote olhou em redor, as tendas desocupadas, os restos de comida pulverizados pelo chão, os abajures de azeite agonizantes: a evidência do êxodo recente e apressado de uma grande multidão.

—Marduk vela por todos nós — disse—. Confia que seu povo retorne ao templo e a beneficência de seu poder supremo. Boa viagem, Sebastiano Galo.

Para assombro de Sebastiano, os sacerdotes e a guarda do templo deram meia volta e empreenderam sua volta solene à Babilônia. Sebastiano compreendeu então por que. Os sacerdotes não queriam converter em mártires os seguidores de Judá, pois isso ganharia a simpatia popular.

Sebastiano se perguntava se a memória de Judá sobreviveria. Embora Ulrika tivesse insistido com todos para recordá-lo, o povo sempre necessitava de templos, ídolos e sacerdotes. Pensou no velho altar de sua terra natal, situado em um lugar que os romanos chamavam Finisterre, «o fim do mundo». Uma antecessora chamada Gaia tinha construído o altar muitos séculos atrás, e houve um tempo, conforme lhe tinham contado, em que chegavam gente de todas as partes para render adoração. Os peregrinos seguiam rotas ancestrais, dizia-se que de terras tão longínquas como a Gália e a Germânia, para orar frente ao altar de conchas de Vieira. Mas os bandidos e foragidos tinham adquirido o costume de esperar os indefesos caminhantes para roubar e inclusive tirar vidas, por isso as peregrinações foram minguando com o tempo e o altar de Gaia caiu no esquecimento.

Ocorreria o mesmo com Babilônia? Conseguiria os sacerdotes, como os bandidos, atemorizar os fiéis o suficiente para fazê-los abandonar o rabino Judá?

Primo desembainhou a espada e a levantou para dar um golpe mortal. A mulher, não obstante, ficou em pé, retirou o véu que lhe cobria o cabelo cinza e disse em voz baixa:

—Rogo isso, nobre senhor, vá em paz. Não sou inimiga de Roma.

O deserto da Judéia desapareceu bruscamente, os anos retrocederam e Primo se viu de novo naquele povoado da Galiléia, rodeado de homens encolerizados decididos a acabar com ele. Não reconhecia o rosto, mas a voz, o acento de seu dialeto, as palavras que utilizava.

Afogou um grito. Não podia ser ela, a jovem mãe. Mas parecia muito...

Ficou petrificado, apanhado em dois olhos implorantes, escuros e frágeis.

Uma mecha de cabelo revoou sobre a bochecha da mulher. Uma lembrança longínqua revoou, como a mecha de cabelo, na mente de Primo: sua mãe passando o pente pelas grossas tranças sob o atento olhar de Fidus. Estava chorando e tinha os ombros cobertos de hematomas. O pente era de madeira e faltavam alguns dentes. Fidus desejou poder comprar um pente novo. Desejou poder matar o homem que a tinha utilizado.

Começou a tremer — não então, aos nove anos, mas nesse momento, no deserto da Judéia— ao cair na conta da verdade. Sua mãe tinha feito o possível para sobreviver, como essa mulher chamada Raquel. Sua mãe, uma mulher sem educação, sem família, que tinha posto em seu filho o nome de vira-lata sem saber, em sua ingenuidade, que com isso o estava destinando a uma vida de crueldade.

Tinha querido a ele à sua maneira e ele, em troca, tinha adorado-a.

Quase gritou ao sentir como passavam os anos, como os dores abandonavam suas articulações, fazendo-o se sentir de novo forte e viril. Deixou a sala infestada de ratos que compartilhava com sua mãe e chegou até a primavera de sua vida, quando uma moça intercedeu em favor de um desconhecido. A lembrança desse gesto amável — misturado com um renovado sentimento de ternura por sua mãe— começou a derreter o muro de pedra que protegia seu coração. Por culpa de sua fealdade e de como as mulheres reagiam ante ele, Primo sempre tinha acreditado que ninguém podia amá-lo. Mas a imagem daquela mulher de falar doce e o muito que recordava o amor de uma mãe o fizeram compreender que estava enganado.

Em um instante questionou toda sua vida. Sua carreira militar. Possivelmente fosse mais fácil obedecer ordens cegamente que as questionar. Era mais fácil trair um senhor que um César. Mais fácil odiar às mulheres que desejar seu amor.

Baixou a espada.

—Se for Raquel, a viúva de Jacob, viemos te resgatar.

—Me resgatar!

—Uma mulher chamada Ulrika, seu marido, alguns soldados e eu.

Raquel franziu o sobrecenho.

—Ulrika? O nome me é familiar... Sim, agora recordo. Anos atrás uma jovem

viveu um tempo comigo. Chamava-se Ulrika.

Primo assentiu.

—É ela.

Raquel ficou atônita.

—Está aqui?

—Viemos para te levar a um lugar seguro.

—Um lugar seguro...

—Não tem nada que temer de mim. —Primo embainhou a espada com um nó de emoção na garganta e lhe ofereceu a mão—. Juro pelo sangue sagrado de Mitras, querida senhora, que não permitirei que te aconteça nada.

Encontraram Ulrika e Sebastiano em um cânion próximo e as duas mulheres se abraçaram entre lágrimas. Levaram Raquel ao acampamento levantado pelos escravos de Sebastiano e lhe deram água, pão e tâmaras, que ingeriu pausadamente apesar a ser evidente que estava faminta. As perguntas voavam.

—Chegou a Babilônia?

—Por que não foi com as famílias quando deixaram o oásis?

—Como pode viver aqui, completamente sozinha, agora que Almah não está?

Mais tarde, quando as sombras procederam a subir pelo vale e todas as perguntas foram respondidas, Ulrika falou com Raquel de sua meditação concentrada, das respostas que obteve em Shalamandar e de sua busca dos Veneráveis. Falou-lhe de Miriam e Judá, e do milagre no Castelo de Daniel.

—Acredito que Jacob, seu marido, é um Venerável e que é preciso proteger seus restos.

—Como?

—Proponho —interveio Sebastiano— que venha a Roma conosco.

—Não posso ir a Roma. Devemos estar aqui quando retornar o Mestre. E não demorará, pois Jesus prometeu que voltaria em nosso tempo. Por isso não fui com os outros.

—Muitos seguidores de sua fé estão agora em Roma. Miriam me falou de um homem chamado Simão Pedro, que conheceu na Galiléia, e me disse que estava em Roma como chefe da congregação. Levaremos você para junto dele.

Raquel pôs os olhos como pratos.

—Simão está em Roma? Meditarei e suplicarei conselho.

Primo não podia conciliar o sono.

Rodou sobre suas costas, olhou as estrelas e viu, pela posição da lua, que a alvorada estava perto. Jogou a manta a um lado e se levantou. Os outros ainda dormiam, Sebastiano e Ulrika em sua tenda, Raquel em outra, os escravos e os soldados sob as estrelas.

Esquadrinhou o deserto, frio e árido, e se deu conta que tinha mudado. Não era o mesmo homem de umas poucas horas atrás.

Raquel. Tão parecida com a mãe daquele povo...

O oásis tinha várias lagunas. Raquel e Ulrika se banharam ao entardecer em uma situada atrás de uns arbustos. Fazendo guarda de costas às mulheres, Primo tinha escutado o suave sussurro da água, os delicados sons da ligeira destilação, e imaginado a pele e as curvas femininas por onde a dita água descia. E nesse momento compreendeu por que Sebastiano tinha atuado como tinha feito durante todos esses meses. Era, simplesmente, um homem apaixonado.

Caminhou pela areia fresca até o lugar onde, segundo Raquel, estava enterrado seu marido. A tumba não tinha marcas. Ulrika tinha convencido Raquel de que os restos de seu marido já não estavam a salvo ali e que a congregação de Roma os protegeria.

Com uma brisa cortante soprando entre seus espaçados cabelos, Primo pensou no relatório que tinha enviado a Quinto Publio e que o mensageiro imperial faria chegar ao imperador Nero muito antes que eles atracassem a Roma. Nero iria querer saber mais coisas sobre a bruxa que tinha enfeitiçado Sebastiano e se interessaria de maneira especial pelo tesouro que mencionava Primo. E provavelmente esperaria com ânsia a legendária reserva de ouro que se rumoreava tinha desaparecido do Templo de Jerusalém antes que os babilônios o destruíssem.

Nero estava obcecado com dinheiro. Cada vez que o pequeno grupo se detinha em um oásis ou um acampamento de caravanas, ouviam histórias sobre a crescente instabilidade e conduta irracional do imperador. Acusava falsamente de traição a homens enriquecidos e logo os executava para poder confiscar deste modo suas propriedades.

«Quando ler meu relatório — pensou Primo—, pensará que levo um tesouro fabuloso, quando não são mais que os ossos de um criminoso executado. Mandará destruir. Não posso permitir que isso ocorra. “Raquel renunciou a sua vida para protegê-los.»

Fez uma inspiração longa e profunda e sentiu que seu coração cobrava vida. Como um pássaro estendendo as asas, expandiu-se em seu peito até recuperar seu tamanho normal e começou a pulsar com paixão, transbordante de vida e sentimento. Já não via o mundo em branco e negro, mas em todos os tons e cores do arco-íris. Porque Primo, que tinha vivido atendo-se a um código de honra e lealdade sabia agora que existia uma lealdade superior a de seu senhor ou seu imperador, e era a lealdade ao amor.

Ulrika despertou de repente com uma visão: um papiro enrolado e lacrado. Primo afundando seu anel no lacre.

«Ele é o traidor que pressenti em torno de Sebastiano.»

Colocou a capa e saiu para buscá-lo. Encontrou-o sentado frente à fogueira, contemplando os rescaldos negros.

—Em Antioquia tive uma visão em que aparecia você — disse—. Vi você traindo Sebastiano. Entretanto, não o traíste.

Primo a olhou com os olhos de um homem que não dormiu. Com uma voz curiosamente suave para um indivíduo de sua grosseria, explicou uma história surpreendente de juramentos e imperadores, espiões e relatórios secretos. Quando terminou, Ulrika ficou pensativa, contemplando o nariz deformado e o rosto marcado do romano. Finalmente disse:

—É um homem de honra, Primo, e de grande força. Desde que deixamos Roma sofreste a carga de um dilema moral e não contou a ninguém. Agora acredito que a visão que tive em Antioquia não foi a de um traidor, mas a de um homem que temia trair sua lealdade. Julguei-te mal.

—E eu a você — disse calmamente Primo—. No momento em que te vi pensei que seria daninha para meu senhor, mas compreendi que, em realidade, foste boa para ele, o ajudou a tirar sua própria força. Teríamos que ter sido amigos todo este tempo. Agora eu lamento.

—Eu também. —Ulrika sorriu—. Devemos contar a Sebastiano a verdade sobre o Nero.

Despertou os escravos e ordenou que acendessem uma fogueira. Logo despertou Sebastiano, que imediatamente pôs a capa e saiu ao frio cortante da alvorada. Alertada pelas vozes, Raquel apareceu a cabeça e ao ver seus companheiros reunidos em torno do fogo, envolveu-se em sua própria capa e se uniu a eles.

—Nobre Galo — começou Primo, surpreendendo Sebastiano com sua formalidade e fazendo que se perguntasse que extraordinária confissão se dispunha a ouvir —. Sempre te fui leal, mas como soldado pensava que minha lealdade a meu imperador estava acima. Vi-me apanhado entre ambos e em meu esforço desesperado por servir a meus dois senhores, isto é, por contentar a César e te salvar da acusação de traição, joguei a culpa em Ulrika e enviei um relatório onde contava ao imperador que se achava sob o feitiço de uma bruxa.

—O feitiço de uma bruxa! —exclamou Sebastiano.

—E acusei Ulrika de ser a bruxa.

Ulrika o olhou atônita. Continuando, seu sangue gelou.

Em Roma era legal que um marido obrigasse sua esposa a abortar se suspeitasse que o menino não era dele ou se simplesmente não desejasse ter um filho. Mas era ilegal que uma mulher procurasse um aborto pela razão que fosse. Assim, mulheres procuravam a ajuda de quem conhecia os métodos para pôr fim a uma gravidez. Parteiras, curadoras e herboristas, todas eram suspeitas de praticar abortos. Quando descobriam seu crime, chamavam-nas «bruxas» e o castigo era a morte por lapidação.

Primo olhou Ulrika e disse:

—Sinto muito.

—Tinha suas razões — se ouviu dizer ela apesar de estar paralisada pelo medo. Era assim como abandonaria este mundo? Atada a um poste no Grande Circo antes de fazer os trinta anos enquanto gladiadores a apedrejavam até matá-la?

—Senhor, devemos pegar um navio em Alexandria —se apressou a dizer Primo— e encontrar um lugar ao qual o imperador não possa chegar. Protegerei a todos sobre meu juramento de soldado.

Sebastiano negou com a cabeça.

—Devo ir a Roma limpar meu nome, o nome de minha família. Mas levará às mulheres a Alexandria.

Ulrika pousou uma mão em Sebastiano.

—Não deixarei que enfrente Nero sozinho, meu amor. Além disso, eu também devo limpar meu nome, não só por mim, mas sim por minha mãe. Esteja ela onde estiver, é uma médica de reputação irrepreensível. Se sua filha for condenada e executada por bruxaria, isso poderia ter terríveis consequências para ela.

Falou então Raquel.

—E eu levo muito tempo me escondendo. Chegou a hora que me reúna com os meus. Unirei-me à congregação de Simão Pedro.

Por último, Sebastiano disse a Primo:

—Nesse caso, salve você, velho amigo, pois agora é parte da traição e não cumpriu seu juramento ao César. —Não obstante, apesar de suas palavras, sabia que Primo retornaria a Roma com eles.

Enquanto os primeiros raios da alvorada apareciam sobre as colinas do leste e os quatro sentiam a promessa de um dia quente, cada um ficou a refletir sobre o destino que os aguardaria em Roma.

LIVRO 9

Roma, 64 D.C.

—Aí está — sussurrou Sebastiano quando vislumbrou o acampamento. Contou vinte legionários ao redor de sua caravana, uma coorte de elite com o peitilho lustroso, não só custodiando suas tendas, camelos e produtos da China, mas, estava seguro, à caça do chefe da caravana com a ordem de acorrentá-lo e levá-lo ante o imperador.

Ocultou-se de novo atrás da tenda do ferreiro, cujos golpes metálicos alagavam o ar da manhã, e disse a Ulrika:

—Parece que o imperador também confiscou a caravana.

Assim que chegaram a Roma foram à vila de Sebastiano e a encontraram rodeada de guardas, com um letreiro na porta que a declarava propriedade do Senado e do Povo de Roma.

—Tenho que ter em conta que meus amigos provavelmente também se achem sob vigilância no caso de que queira ir vê-los para pedir ajuda.

Ulrika se sentia invadida por uma onda de emoções. Tinham passado quase dez anos desde a última vez que esteve em Roma e a cidade lhe trazia numerosas lembranças de sua juventude. Pensou em velhas amigas que já estariam casadas e com filhos, Julia, Luzia, Sérvia.

Do outro lado dos altos muros, no labirinto de ruas e estradas que cobriam as colinas de Roma, Ulrika tinha vivido com sua mãe em uma casa. Ali aprendeu sobre a Germânia e sentiu o desejo de conhecer o povo de seu pai, mas também nessa casa falou com dureza à sua mãe e se desculpou em uma carta que esta nunca chegou a ler.

«Retornou minha mãe a Roma? Está aqui?»

—O que fazemos? —perguntou, procurando uma cara familiar entre a multidão. Ainda tinham que encontrar Timónides.

O acampamento de caravanas do sul de Roma era vasto e ruidoso, com camelos bramando, asnos zurrando e cães brincando de correr por um chão coberto de esterco lamacento e palha. A fumaça acre dos fogos das panelas e o fedor dos animais suados alagavam o ar. O acampamento inteiro fervia de atividade, rodeado de soldados romanos para que ninguém se aproximasse do tesouro do imperador.

Finalmente Ulrika encontrou um rosto conhecido.

—Timónides! —gritou.

Aproximava-se pela porta do sul retorcendo as mãos e com semblante preocupado. Olhando os soldados para assegurar-se que não a ouviam, Ulrika o chamou de novo. O velho deteve seus passos, Virou-se e pôs-se a trotar para eles com o rosto iluminado.

Abraçaram-se à sombra da tenda do ferreiro, Timónides com as bochechas cobertas de lágrimas.

—Pensava que não voltaria a ver-te, senhor — soluçou sobre o peito de Sebastiano—. Como me alegro de ver os dois.

—Está bem, velho amigo? —perguntou Sebastiano enxugando suas próprias lágrimas.

—Estou bem, senhor, embora haja permanecido escondido enquanto aguardava sua chegada. Nero está furioso!

—Mas a caravana chegou intacta, não?

—Sim, embora muito tarde para seu gosto. Veio pessoalmente para revistar tudo, mas não encontrou nada de seu agrado.

—Mas os tesouros que contém!

—Não do tipo que deseja Nero. Dizem que agora tem uma nova paixão. As pedras preciosas! Leva sempre consigo uma esmeralda e olha o mundo através dela. Necessita de dinheiro. Suponho que se inteirou do terrível incêndio que destruiu grande parte da cidade. Corre o rumor que o próprio Nero o provocou para dar lugar a novos edifícios. Senhor, não pode ir à sua casa! Está rodeada de soldados que têm ordem de te prender. Venho todos os dias ao acampamento com a esperança de te encontrar antes dos soldados.

—Estou sabendo de tudo, velho amigo.

As sobancelhas brancas de Timónides saltaram disparadas para cima.

—Sabe das acusações de traição e bruxaria?

Sebastiano pousou uma mão no ombro do velho astrólogo.

—É uma longa história.

Timónides se virou para Ulrika.

—Enquanto aguardava sua chegada não estive ocioso. Fiz indagações e averigui que uma reconhecida médica chamada Selene vive agora em Éfeso, onde exerce seu ofício.

—Encontrou minha mãe? —Mas Ulrika não se surpreendeu. Selene tinha gozado de excelente reputação em Roma. Era lógico que a notícia sobre seu paradeiro tivesse chegado à cidade que tanto a tinha querido.

—Pode escrever. Sei aonde enviar a carta.

—OH, Timónides, que grande notícia!

—Que tal sua viagem a Judéia?

Sebastiano contou que encontraram Raquel no oásis do mar de Sal e que ele e Primo trasladaram os restos de Jacob com supremo cuidado na pequena arca de cedro na qual Raquel guardava sua roupa. Dali foram à costa para cruzar o Grande Verde em um navio mercante e chegaram a Brundisium uma semana atrás, o primeiro dia de outubro, onde compraram cavalos, carros e provisões e tomaram a via Apia, a estrada que conectava os principais centros da península itálica. A cinquenta milhas de Roma se separaram de Primo e Raquel: acreditavam que sozinhos correriam menos perigo, e Primo tinha um velho amigo, um centurião retirado debaixo de cujo mando tinha servido e que podia lhes dar refugio em seu vinhedo.

—Aonde pensam levar as relíquias? —perguntou Timónides.

—Tínhamos pensado em um homem chamado Simão Pedro, amigo de Raquel.

Timónides meneou a cabeça.

—Sua amiga Raquel não estará a salvo aqui. Ouvi falar desse Simão. Dirige um grupo de judeus que espera a chegada do Messias. Como se trata de um grupo fechado e fanático, Nero decidiu culpá-los pelo incêndio que destruiu grande parte da cidade. Prenderam todos e aguardam sua execução na arena.

—Nos fale do incêndio — disse Ulrika.

—Foi terrível! Aconteceu há três meses, a noite de 18 de julho. Iniciou-se no extremo sudeste do circo máximo, em postos que vendiam produtos inflamáveis. O fogo

se estendeu com rapidez e ardeu durante mais de cinco dias. Centenas de casas e comércios ficaram reduzidas a cinzas. Nero iniciou imediatamente a reconstrução, mas se trata de projetos desmesurados. Está construindo uma residência esplêndida chamada a Casa de Ouro, um projeto que, como podem imaginar pelo nome, não há dúvida que esvaziará as arcas públicas. Sabia que Nero se proclamou deus? Insiste em que deve ser adorado junto a Júpiter e Apolo. Venham comigo. Levarei vocês a um lugar seguro.

Sebastiano se virou para Ulrika.

—Vá com Timónides. Enviarei uma missiva a Primo e Raquel dizendo que este lugar já não é seguro para eles.

—E você?

—Tenho uma entrevista com nosso imperador. Ulrika, vá com Timónides...

Ulrika sacudiu a cabeça.

—Irei com você.

—E eu, senhor — interveio Timónides—. Desencaminhei-te por culpa de meus horóscopos falsos. Se acusarem alguém de traição, esse alguém tem que ser eu. É algo que devo fazer.

—Muito bem, mas temos que encontrar uma maneira de entrar no palácio imperial.

—Aquilo é uma casa de loucos, senhor. Este mês Nero faz aniversário e chegaram emissários de todas as partes com presentes. É impossível aproximar-se sequer. Seria preferível deixar que te levasse um desses. —Timónides assinalou a guarda romana.

—Não penso me apresentar encadeado ante o imperador — repôs Sebastiano—. E ainda menos permitir que minha esposa seja exibida desse modo. Somos cidadãos de Roma, livres e merecemos ser escutados antes de ser declarados culpados. — esfregou a barba dourada de três dias—. O problema é como vamos entrar no palácio sem correr o risco que nos prendam, porque se nos prenderem poderíamos apodrecer na prisão dias e inclusive semanas antes que nos levasse ante o César para lhe expor nosso caso. Só temos que cruzar a porta, mas como?

—Sebastiano — disse Ulrika—, Primo nos contou que em seu relatório explicava a Nero que tinha ido a Judéia em busca de um tesouro oculto. Bastaria que se apresentasse na entrada e desse seu nome. Se Nero estiver tão necessitado de dinheiro, com certeza te receberá imediatamente.

—Mas não tem nada que oferecer — assinalou Timónides—. Observei os visitantes que chegam ao palácio, e o fazem levando obséquios fantásticos. Não o permitirão entrar com as mãos vazias.

Sebastiano sorriu.

—Tenho um presente para o César. Algo estranho e único que só eu posso lhe dar.

Timónides enrugou o nariz.

—O que é?

—Você mesmo me deu a ideia, velho amigo, com algo que acaba de dizer.

Mas não há tempo a perder.

Pararam primeiro em uma estalagem, onde tomaram um banho e se vestiram com roupa que Timónides tinha comprado no mercado. Sebastiano queria que ele e sua esposa se apresentassem ante o imperador com seus melhores ornamentos. Ulrika vestia um vestido de várias capas com as cores de um pôr do sol e um véu de cor amarela narcisista sobre a cabeça que chegava até os pés e pendia delicadamente de seu braço direito. Sebastiano vestia uma túnica negra até o joelho, debruada com um bordado dourado, e uma toga a jogo sobre os ombros. Depois de acrescentar sandálias atadas ao redor das panturrilhas e cinturões de suave pele de cabrito, decidiu que ele e Ulrika formavam um casal bastante aristocrático para passar o escrutínio de qualquer camareiro do palácio. E agora que Timónides tinha recuperado a saúde perdida na China e vestia impecáveis roupagens brancas que davam realce a seu cabelo branco e esponjoso, passava pela servente refinação de um casal Patrício.

Antes de abandonar a estalagem, Sebastiano tomou o rosto de Ulrika entre suas mãos e a beijou nos lábios.

—Aconteça o que for hoje, meu amor, recorde que sempre te amarei. Independentemente do que nos proporcione o futuro te levarei sempre em meu coração. Agora me escute. Deixe-me falar. Não se dirija ao César. Não tente se defender. Encontrarei a maneira de te exonerar da acusação de bruxaria. Sobre tudo, não revele a Nero seu dom ou irá te reter. Dizem que está obcecado com os deuses e a predição do futuro. Ulrika, se descobrir seu dom espiritual, manterá você prisioneira no palácio e te torturará com sua loucura. Prometa-me que não falará.

—Sebastiano, que presente leva a César? Apropriou-se de tudo. Não fica nada salvo as roupas que vestimos.

—Não tema, meu amor. Pelo que ouvi de nosso imperador, é algo ao que não poderá resistir.

Não estavam longe do foro e do monte Palatino, mas a ampla avenida aparecia abarrotada de gente que contemplava boquiaberta o rio de visitantes que chegavam com a esperança de conseguir uma audiência com o imperador. Sebastiano conseguiu atravessar com seus dois acompanhantes o labirinto de visitantes e entrar finalmente no palácio.

A sala de espera, situada frente ao salão de audiências imperial, acolhia a tantas pessoas e animais que era virtualmente impossível abrir passo. Os visitantes esperavam impressionar o imperador trazendo presentes magníficos e desatinados; enchendo o espaço de colunas de um alegre espetáculo formado por miúdos disfarçados com cômicos trajes e correias douradas, companhias de bailarinos com tambores e tochas, cães adestrados vestidos de leões e tigres, baús gigantes repletos de plumas de aves e peles de animais curiosos, e estátuas do imperador. A sala retumbava com o fragor de incontáveis vozes que se mesclavam com os latidos, uivos e grasnidos dos exóticos animais que aguardavam ser apresentados ao imperador. Os camareiros, enquanto isso comprovava as listas de nomes, quais eram bem-vindos e os quais deviam ser rechaçados. Sebastiano Galo e Ulrika não estavam em nenhuma das duas.

Apostado na enorme porta de duas folhas, o gordo camareiro que tinha a última palavra os olhou de cima abaixo. Na mão sustentava uma bengala longa de ébano, com a manga de ouro, que golpeava contra o chão para solicitar silêncio.

—Diz que traz um presente para o César? Eu não vejo nada.

—Só o César pode vê-lo — replicou Sebastiano.

O homem esperou, sugou um dente e trocou a pesada bengala de mão.

—Não vou subornar-te — continuou Sebastiano—. Simplesmente farei saber ao César que devido à negligência e avareza de certo camareiro, reconhecível por uma marca vermelha no pescoço, impediu-se um dos amigos mais antigos e queridos de César apresentar-se ante ele com um obséquio que supera a todos outros.

O camareiro sustentava o olhar com a atitude de quem tinha tido que lutar com numerosos visitantes arrogantes e ameaçadores.

—E nos acompanhará pessoalmente — acrescentou Sebastiano.

O camareiro arqueou as sobrancelhas com franco assombro. Sugou de novo o dente, avaliando ao insólito trio, e por fim disse:

—Acredito que em lugar disso chamarei a guarda. Não vejo nenhum presente para o César e ainda menos algo que supere isso dali. —E assinalou a turma de escravos africanos com enormes presas de elefante sobre os ombros.

—Supõe-se —respondeu Sebastiano com calma— que mantém uma relação o suficientemente estreita com nosso imperador para saber o que é ele que aprecia por cima de todas as coisas.

Cravou o olhar no camareiro, que manteve o pulso um instante antes de titubear e desviar os olhos com um pigarro.

—Me sigam.

Cruzaram com ele uma porta pequena e o seguiram até o salão de audiências, que recordavam de dez anos atrás, para somar-se a uma aglomeração ruidosa de gente pitoresca. Os convidados de Nero eram em sua maioria patrícios romanos, a julgar pelos elegantes vestidos e togas e os penteados das damas, que pareciam competir em altura e número de cachos. Murmuravam entre eles, voltavam-se cada vez que um novo convidado era admitido e contemplavam com inveja os presentes depositados aos pés de Nero. Jovens escravos com túnicas celestes e chapeadas passeavam entre os convidados com fontes que continham taças de vinho ou saborosos bocados como pardais assados e tâmaras inundadas em mel.

Ulrika recordou a última vez que tinha estado nesse salão, dez anos atrás. Recordava ter tido a mesma visão que teve no bosque aos doze anos, a mulher que corria com a boca aberta em um grito silencioso e os braços e as mãos cobertas de sangue. Naquele tempo não soube por que tinha tido essa visão no salão de audiências e agora continuava sem sabê-lo. Mas no caso de que voltasse a tê-la, esta vez saberia controlá-la e compreenderia seu significado.

O salão estava abarrotado de gente, por isso Sebastiano deixou que Timónides e Ulrika seguissem primeiro o camareiro; ele fecharia a marcha e os protegeria de

cotoveladas e pisões. Ulrika tentou espiar o imperador, sentado na outra ponta do salão, mas a aglomeração impedia.

Um personagem, entretanto, atraiu sua atenção.

As virgens vestais que via eram sacerdotisas de Vesta, deusa do lar, patrona e protetora de Roma. As vestais estavam isentas da obrigação de casar-se e ter filhos e faziam voto de castidade para dedicar-se por inteiro a custodiar e manter aceso o fogo sagrado de Vesta. A vestal maior, que tinha reparado em Ulrika, estava sentada em um trono alto rodeada de servas e usava um deslumbrante vestido formado por numerosas capas em tom azul, água-marinha e verde. Era a sacerdotisa mais poderosa de Roma e a via sempre nos acontecimentos destacados, como as corridas de bigas, ou passeando por Roma em seu palanquín privado a caminho de algum assunto importante.

Sob uma coroa alta e pesada, seu rosto inexpressivo, coberto por um véu de cor verde clara que lhe caía sobre os ombros, observava o espetáculo alheio aos dois camareiros que tinham começado a discutir sobre o protocolo.

Ulrika deduziu pelos gestos do mais importante dos dois camareiros — alto e magro, com uma curiosa túnica com mangas e uma saia vincada— que os três recém chegados deviam esperar seu turno.

—Senhor — murmurou Timónides—, se nos obrigarem a esperar poderiam passar vários dias.

Mas se achavam perto do imperador e podiam ver o trono dourado, o soalho que o elevava por cima das pessoas, os homens vestidos com túnicas brancas e togas debruadas de arroxeadado que o rodeavam. Ulrika reparou que a imperatriz Popea Sabina não estava ali e se perguntou por que.

Nero parecia irritado.

—Não necessito de anões nem bailarinos! —espetava—. É que ninguém pode entender minha situação? Devemos devolver a beleza a Roma. Pretendem que ajude semelhante proeza com contas e plumas?

A caminho do palácio, Ulrika tinha visto as ruínas carbonizadas deixadas pelo incêndio. Equipes de escravos estavam retirando os escombros à carreira, e junto aos edifícios calcinados se erigia a toda pressa construções novas com andaimes de duvidosa resistência sobre os que trabalhavam os trabalhadores de pedreira, pedreiros, carpinteiros e

pintores. Inclusive o palácio imperial estava sendo submetido a uma renovação completa, e a um ritmo igualmente frenético, como se o imperador Nero estivesse tentando manter-se na frente de um desastre iminente. O salão de audiências onde Ulrika se encontrava também tinha mudado; custava acreditar que uma estadia tão esplêndida pudesse ganhar em esplendor. Contemplou o teto que, dez anos antes, tinha sido uma abóbada de quadros geométricos e que agora mostrava um céu noturno com um Nero no centro sentado em seu trono e rodeado dos signos zodiacais. O mosaico de Nero era multicolorido, enquanto que as constelações estavam feitas com telhas de ouro e prata. Ulrika se perguntou quanto tempo teria necessitado para levar a cabo essa obra, pois não podia imaginar Nero mostrando paciência com o processo.

Também o ambiente tinha mudado. Ulrika notava a tensão no ar. Longe ficava o otimismo gerado pelo novo e jovem imperador. O povo olhava a um lado e outro com desconfiança e nervosismo enquanto Nero se sentava em seu novo trono de ouro maciço, sob um dossel arroxeadado com borlas e franjas douradas. Ainda conservava sua beleza atraente, pensou Ulrika, com seu imponente nariz, seu cabelo encaracolado e essa elegante barba que cobria o pescoço, mas deixava descoberta a mandíbula. Ia embelezado com uma túnica, uma toga morada de seda e uma coroa de louro de ouro. Era o homem mais poderoso da terra e tinha vinte e seis anos.

Sebastiano e seus companheiros observavam a discussão dos dois camareiros. Finalmente, Sebastiano se adiantou aos guardas e camareiros, parou diante de Nero e declarou:

—Sebastiano Galo te saúda, nobre César!

—Um momento! —gritaram os apurados camareiros enquanto membros do guarda pretoriana corriam para ele.

—Galo! —Nero elevou uma mão para aplacar aos guardas e examinou o insolente visitante através de seu célebre monóculo de esmeralda—. Sebastiano Galo é um traidor do povo de Roma. Por que não está acorrentado?

O camareiro com a marca vermelha no pescoço desapareceu e o resto guardou silêncio. A vestal maior virou lentamente a cabeça, como se sua imensa coroa carregasse o

peso da própria Roma, e observou Sebastiano com o olhar entreaberto quando este disse em tom imperioso:

—Vim voluntariamente, grande César, e me apresento ante ti não só como amigo, mas sim como o embaixador das longínquas terras da China por você mesmo escolhido. Minha missão foi um êxito, César, e volto com um presente.

Nero indicou aos pretorianos que não baixassem o guarda.

—E que presente é esse, Sebastiano Galo?

—Saudações pessoais para o honorável César de sua Magnificência Celestial, o imperador da China.

Nero o olhou atônito.

—Só isso? Isso é tudo quanto me traz? Uma saudação?

—O imperador Ming de Há convida César a enviar os deuses de Roma a China. Erigirão-se santuários para albergá-los. Isso incluiria seu ser divino, César, para que seja venerado por muitos chineses.

Nero soltou um grunhido.

—É um povo atrasado. Não quero ter relações com a China.

—Acreditava que César se agradaria ser venerado por outra raça.

—Pois acreditava errado, Galo. Repito que mais me traz?

—examinou os bens de minha caravana, César. Viu e ouviu tudo o que trouxe da China.

—Alguma pedra preciosa? —Nero levou o monóculo de esmeralda ao olho.

—Jade...

—O jade carece de valor! —Nero se inclinou para frente e pousou um cotovelo no braço do trono de ouro—. Sebastiano Galo, contaram-nos que se entretive na Babilônia sem razão alguma enquanto fazia esperar seu imperador. Seu imperador, que tão necessitado está. Como explica isso? E por que não deveríamos considerar um ato de traição?

—Meu senhor é inocente, grande César!

Nero desviou sua atenção ao homem de barba branca que acompanhava Galo.

—Quem é você? —gritou o imperador.

—Timónides, o astrólogo de meu senhor. Por razões pessoais e egoístas falsifiquei os horóscopos de meu senhor e o obriguei a desviar do caminho que conduzia a Roma. Sebastiano Galo não é culpado de traição, só de confiar em um velho servente.

—E o que me diz da Judéia? Disse a seu senhor que fosse ali?

Ao ver que Timónides titubeava, surpreso pela pergunta, Sebastiano interveio.

—Fui a Judéia sozinho, grande César, por um assunto pessoal.

—De todos é sabido que não sou querido na Judéia, e que Roma é ali desprezada. Por que alguém leal a seu imperador quereria visitar um lugar que se mostra desleal com dito imperador? A menos que fosse para resgatar um tesouro, em cujo caso não seria um ato de traição.

—Não havia nenhum tesouro, César. Fui a Judéia para ajudar um amigo.

—Acredito que se lembre. Todo mundo sabe que o Templo de Jerusalém estava repleto de ouro e pedras preciosas e que os judeus trasladaram o tesouro a um lugar seguro quando foram invadidos pelos babilônios. Você o encontrou e o escondeu em alguma parte.

—Não havia nenhum tesouro, César — repetiu Sebastiano.

O camareiro maior se aproximou do soalho e murmurou algo aos assessores de Nero, quem a sua vez sussurraram algo no ouvido do imperador. Nero assentiu com a cabeça e nesse momento se abriu uma porta lateral. Para espanto de Ulrika, Primo e Raquel entraram no salão maniatados e seguidos de um soldado que transportava a pequena arca de cedro de Raquel.

—Meus agentes os viram em Brundisium e os seguiram até Roma —disse Nero a Sebastiano—. Realmente acreditava que podia retornar sem que seu imperador se inteirasse e manter ocultos seus traidores?

—São só amigos, César — disse Sebastiano—. Aqui não há traidores.

Nero assinalou o arca.

—E o que há aí?

—Os ossos de um homem que desejava ser enterrado com os seus.

Nero ordenou abri-lo sob o olhar espectador de todos os presentes. Dizia-se que o legendário tesouro judeu era tão magnífico que até as cadeias dos escravos eram de ouro.

Quando o pretoriano elevou a tampa, Nero se levantou e olhou avidamente o arca.

—O que contém? —perguntou secamente—. O que vê?

—O que disse Galo, César. Somente ossos.

Com gesto irritado, o imperador voltou a sentar-se em seu trono.

—Pagará por seu engano, Sebastiano Galo, e por acreditar que podia roubar a seu imperador.

—Se me permite falar, César — interveio Primo dando um passo à frente—. Sou Primo Fidus e servi muitos anos nas legiões de Roma antes de me retirar e entrar em

serviço de Sebastiano Galo. Foi meu relatório, redigido por mim e enviado a Quinto Publio, seu embaixador em Babilônia, o que te fez acreditar que meu senhor foi a Judéia em busca de um tesouro. Mas me equivocava. Estava mal informado.

—Li o relatório — disse Nero—. Também te equivocou com respeito à bruxa?

Primo lançou um olhar fugaz a Ulrika.

—Sim, César.

—Muitos enganos para um homem que saiu ileso de tantas campanhas estrangeiras. Surpreende-me que siga vivo. —O povo estalou em gargalhadas—. Onde está essa mulher a que chamou erroneamente de bruxa? Encontra-se em Roma?

Já que Primo não respondia, Nero fez um sinal com a mão direita e um pretoriano se aproximou do velho soldado e deu-lhe um golpe na cabeça com o extremo de sua lança. Primo caiu de joelhos e o sangue brotou imediatamente de seu couro cabeludo.

—Onde está a bruxa? —repetiu Nero.

O pretoriano se preparou para outro golpe.

—Sou eu, César. —Ulrika deu um passo à frente e parou junto a Sebastiano e Timónides—. Mas não sou bruxa. É um rumor que se iniciou na Babilônia. Este homem não tem culpa.

Reparou que o imperador a observava com as pálpebras entreabertas.

—Tem o cabelo claro de uma Bárbara — assinalou—. Acaso não sabe que estamos em guerra com os insurgentes bárbaros?

—O povo de meu pai vivia na Germânia — disse Ulrika com o coração agitado. O que diria se perguntasse sobre sua mãe? A verdade? Que foi boa amiga de Cláudio César, o anterior imperador ao que Nero assassinou?

Preparou-se para a pergunta, mas em lugar disso Nero disse em tom desdenhoso:

—Sei que é querusca. Dizia o relatório desse tosco. A menos que também se equivocasse nisso!

Mais risadas.

—Não negue que na Babilônia assegurava poder falar com os mortos. —Nero assinalou Ulrika com o dedo—. Sei por que esse bruto não era o único que me mantinha informado. Recebi um relatório mais detalhado de suas atividades na Babilônia de meu

embaixador, que falava de milagres e curas. Diga-me como falas com os mortos. Faça-me uma demonstração.

—Não é tão singelo, César. —Ulrika, recordou a advertência de Sebastiano que se mostrasse seu talento, Nero a reteria para seu próprio entretenimento—. Mas não sou bruxa. Não lanço malefícios nem...

Nero agitou uma mão com impaciência.

—Isso não me interessa. Pode falar com os mortos ou não? Responda.

Nesse momento um escravo jovem se aproximou do trono com uma bandeja de cogumelos fritos com alho e aguardou pacientemente que o imperador reparasse nela. Nero examinou o oferecimento, agarrou o garfo de prata de dois dentes e, com a rapidez de um raio, cravou-o no abdômen do moço.

Um grito afogado emergiu da multidão, mas ninguém emitiu outro som enquanto Nero se inclinava para diante para ver morrer o jovem.

Em seguida, ergueu-se e disse a Ulrika:

—Está morto. Fale com ele, pergunte algo.

Ulrika estava muito horrorizada para poder falar.

—Talvez seja você que fala da tumba? —continuou Nero com o garfo ensanguentado em alto—. Se te matasse agora mesmo, falaria-me? Depois de tudo sou um deus.

Ulrika tentou pensar em uma resposta que satisfizesse o imperador quando, de repente, Sebastiano disse:

—O grande César não me permitiu terminar meu relatório, pois trago outro presente além das saudações da China. Perguntaste-me trouxe alguma pedra preciosa. Tenho uma pedra que vale mais que a esmeralda que sustenta frente a seu olho.

Nero o olhou com cepticismo.

—Por que não disse antes?

—Pediu gemas, grande César. O que eu te ofereço não é uma gema.

—E, entretanto é mais valiosa? Como é possível?

—Sebastiano, não... —começou Ulrika.

Sebastiano deu um passo à frente com o braço estendido.

—Vê este bracelete de ouro? Tem engastada uma pedra de aspecto corrente, mas em realidade é um fragmento de estrela.

Nero se endireitou com o rosto iluminado.

—Sério?

—Faz uns anos caiu uma chuva de estrelas sobre minha terra, no norte da Espanha, e quando entrei no campo onde se produziu encontrei este fragmento ainda quente pelo voo.

Nero olhou um por um a seus assessores, que confirmaram que isso era possível.

—Se a pedra for realmente o que diz, aceito seu presente.

—Eu gostaria de chegar a um trato contigo, César. Darei-te este bracelete por algo em troca.

—E o que seria esse algo?

—A liberdade desta mulher.

Os espectadores prorromperam em risadas, exclamações e murmúrios.

—Esta estrela que caiu dos céus será tua, César, se deixar livre minha esposa.

—O que me impede de arrebatá-la sem mais?

—Esta pedra, César, foi um presente dos deuses. A menos que a dê de presente voluntariamente, o homem que me roube estará ofendendo os deuses, o que significa muitos anos de má sorte.

Nero meditou.

—Comprovaremos sua autenticidade. Se seu bracelete levar, em efeito, um fragmento de estrela e me dá de presente isso voluntariamente, a mulher será tua e os dois poderão partir.

—Essas pessoas não têm feito nada mau, César — acrescentou Sebastiano assinalando Raquel e Primo—. Como pode ver, pertencem ao povoado plano que tanto te adora. Se os deixar livres junto com os restos do marido da viúva, confirmará o que toda Roma já sabe: nosso imperador é o protetor e benfeitor das massas.

Nero agitou uma mão.

—Podem ir todos. Que mais me dá? Mas primeiro meu astrônomo examinará a pedra.

O astrônomo maior, seus três ajudantes e três respeitadíssimos astrólogos foram conduzidos ante Nero. Agarraram o bracelete e desapareceram atrás de uma porta sem adornos, da que de vez em quando saíam para fazer perguntas. Onde caiu exatamente a pedra? Qual foi a data e a hora exata? Por onde chegou a chuva de estrelas e quanto durou?

Sebastiano aguardou com calma o veredicto. Sabia que Nero aceitaria o bracelete porque era justo o que a Esquenta de Babilônia tinha prognosticado, que Sebastiano se separaria de sua posse mais apreciada.

Os astrônomos reapareceram ao fim e confirmaram a autenticidade da pedra, pois os arquivos mostravam que a mencionada chuva de estrelas se produziu exatamente nesse lugar e a essa hora. Os astrônomos estavam, além disso, familiarizados com a textura, o peso e a aparência das estrelas caídas do céu.

—Quero que esta pedra seja minha — disse Nero—, pois provavelmente contém um poder que a converte, como bem disse, em um pouco mais valioso ainda que qualquer de minhas gemas.

—Nesse caso, dou-a de presente voluntariamente — disse Sebastiano.

Nero deslizou o bracelete por sua mão e enquanto o admirava disse:

—Sebastiano Galo, declaro você culpado de traição e ordeno que seja executado na arena.

—Mas... tínhamos um trato!

—Você mesmo disse que esta pedra provém dos deuses, e posto que agora sou um deus, não faço mais que recuperá-la em nome de meus companheiros divinos. Pensarei num entretenimento divertido para as massas que, segundo você, tanto me quer. É certo, o povo plano me quer. Baixei os impostos, baixei o preço dos mantimentos, dou-lhes pão grátis e diversão grátis na arena, e nada gosta tanto ao povo como ver cair os poderosos. Um homem de seu prestígio e riqueza atrairá multidões sem precedentes ao Grande Circo. A metade da população de Roma se apertará nos degraus para presenciar sua execução.

Antes que Sebastiano pudesse replicar, Ulrika disse:

—Poderoso César, pediu uma demonstração de meus poderes. Estou disposta a fazer isso, mas unicamente se deixar livre a este homem.

—O que é isto? —brincou Nero—. Dia de mercado? De repente me regateiam como se fosse um vendedor de vinho.

Seus assessores riram.

Ulrika não se alterou.

—Tal como lhe contaram, César, posso me comunicar com os mortos. Mas isso tem um preço. Se minha demonstração te satisfizer e acreditar que meu dom é

genuíno, ficarei aqui e serei seu canal com o reino dos mortos. Mas só se deixar livre Sebastiano Galo.

—Entrega um homem morto em troca de um homem vivo? —disse maliciosamente Nero.

Um de seus assessores, um senador fornido com uma toga debruada de arroxeadado, acrescentou:

—O homem morto é invisível, César. Como saberá que o intercâmbio é justo? Seus colegas riram.

—Ao melhor a garota «vê» com seu terceiro olho! —disse outro.

—Bem dito, Marco.

Ulrika se virou para o indivíduo chamado Marco e o olhou fixamente enquanto sustentava a concha, acalmava a respiração e imaginava a chama interior de sua alma. Depois de uma concentração intensa, disse:

—Então, como explica o moço que vejo seu lado, de uns dez ou onze anos?

Está me falando. Diz que se chama Fausto.

O assessor chamado Marco piscou e o sorriso se esfumou de seus lábios

—Continuo? —perguntou Ulrika.

Nero agitou uma mão.

—Está inventando isso! É impossível demonstrar o que diz.

Mas Ulrika advertiu que Marco já não ria.

—Pode ler objetos? —perguntou Nero—. Entre meus videntes há um homem que pode ver o futuro quando sustenta um objeto pessoal.

—Tenho experiência, César.

—Fará-me uma leitura, e conto para isso com o objeto idôneo — assegurou o imperador, satisfeito consigo mesmo e com aquele novo entretenimento.

Entregou seu monóculo de esmeralda a um ajudante e este o passou a Ulrika.

—Pode ver o futuro? —perguntou Nero com impaciência.

Ulrika embalou em suas mãos o cristal verde. Estava dentro de um engaste de filigrana de ouro com uma manga longa de marfim. Enquanto examinava a gema, todos os olhos se cravaram nela e pouco a pouco se foi fazendo o silêncio.

A superfície da esmeralda era áspera em uns lugares e suave em outros. Tinha forma irregular e pontos turvos no interior. Mas Ulrika jamais tinha visto um verde igual, e os pequenos espaços limpos irradiavam reflexos cativantes.

«Espírito da esmeralda — pediu em silêncio—, me envie uma mensagem, por favor, um sinal ou alguma palavra que possa transmitir a este homem em cujas mãos está a vida de meu amado marido.»

O salão de audiências imperial desapareceu de sua vista periférica e outra visão se cristalizou ante seus olhos.

Tecidos suaves... painéis de material diáfano... tapeçarias sobre a entrada. Ulrika está no outro lado, contemplando um dormitório luxuoso. Há uma mulher sentada frente a uma penteadeira, limpando a maquiagem do rosto. Agripina, viúva de Cláudio e mãe de Nero. De repente se sobressalta. Alguém entrou. Interrompe-a. Um homem. Com uma adaga. Agripina se levanta de um salto. Desafiante, não assustada. Sabe que o homem veio matá-la. Volta-se para ele e lhe diz com desdém: «Se tiver que fazê-lo, carrega contra minha matriz e destrói essa parte de meu corpo que deu a luz a tão abominável filho».

A visão se desvaneceu bruscamente. Ulrika cambaleou e Sebastiano correu para segurá-la. Levando uma mão à frente, Ulrika respirou fundo e recuperou o equilíbrio.

Nero se inclinou para diante.

—E bem? —disse—. O que viu?

Ulrika tremia. Sabia que tinha visto o assassinato da imperatriz Agripina e que seu filho o tinha presenciado oculto atrás das cortinas do dormitório. Veio-lhe à memória o rumor que Nero tinha contratado um assassino para que matasse a sua mãe e que logo tinha matado a este com suas próprias mãos para que não falasse.

Ninguém sabe o que Agripina disse em seus últimos momentos exceto Nero.

«E agora também eu...»

Olhou Sebastiano, Timónides, Primo e Raquel. Sentia centenas de olhos pousados nela e o olhar suspicaz do imperador. Não sabia o que dizer. Nero queria que lhe dissesse algo que só ele soubesse para demonstrar que seu dom era autêntico. Mas o que a esmeralda tinha contado era perigoso; se o imperador chegasse a suspeitar sequer que Ulrika sabia que tinha mandado assassinar a Agripina, sua vida correria perigo.

—Fale! —bramou Nero—. O que te disse a esmeralda?

«Mas a demonstração de meus poderes deixará livre a Sebastiano, pois Nero não poderá negar que me comuniquei realmente com o mundo dos espíritos.»

—Grande César — começou Ulrika—, vejo uma mulher...

Nesse momento o grande portão do salão de audiências se abriu bruscamente e todas as cabeças se voltaram para ele.

Quando os legionários entraram martelando o chão com suas sandálias de tachinhas, Nero se levantou de um salto e gritou:

—Quem os deixou entrar sem ser anunciado e sem minha permissão?

Ulrika abriu os olhos como pratos quando um homem imponente apareceu atrás da unidade de soldados com um elmo lustroso corado de plumas encarnadas. Levava um peitilho de couro branco com um leão gravado no centro e uma túnica da mesma cor debruada em ouro. As perneiras e distintivos também eram de ouro, o que fazia que deslumbrasse enquanto avançava a grandes pernadas, erguido e seguro de si mesmo, com a mão direita sobre o punho da espada.

—Sebastiano... — sussurrou Ulrika—, é o comandante Vatinio!

Nero olhou estupefato ao militar.

—Vatinio? O que significa tudo isto? Entraste sem ser convidado nem anunciado. Explique-se!

—Trago um presente especial para o César — declarou o comandante com uma voz que alcançou o teto abobadado.

Dando a volta, alargou um braço e uma segunda unidade de soldados irrompeu no salão de audiências com um prisioneiro encadeado no centro.

—Grande César — disse Vatinio—, em honra a seu quarto de século te faço entrega do bárbaro insurgente que leva trinta anos dirigindo campanhas contra Roma. Wulf, que assegura ser filho de Arminio!

Ulrika se agarrou a Sebastiano quando o prisioneiro foi obrigado a avançar entre a multidão. Encheu-se os olhos dele. Era alto e de costas largas. Tinha o cabelo longo e loiro, cheio de enredos e tranças e salpicado de cinza, e uma barba longa e cinza. Vestia uma túnica marrom feita à mão, malhas de couro e botas de couro até os joelhos. De cinquenta anos longos, caminhava ereto e com o queixo elevado. Não olhava nem a direita nem a esquerda, mas diretamente a César.

Ulrika custava respirar. Aí estava o homem com o que tinha sonhado e fantasiado desde menina, o homem ao que tanto tinha desejado conhecer, que tinha enchido seus pensamentos de adolescente e adquirido dimensões heroicas em sua imaginação. Tinha ido a sua busca. Haviam-lhe dito que tinha morrido.

Ao reparar no rosto de satisfação de Nero sentiu náuseas. Sabia o que esse sorriso malvado significava.

Toda Roma falava da incapacidade de Nero para conseguir vitórias. A guerra com a Partia tinha terminado um ano antes com uma trégua aceita por Roma, e embora Nero tivesse conseguido sufocar a revolta na Britania dirigida pela rainha Baodiceia, seu suicídio o impediu de celebrar a vitória. Todos os presentes no salão de audiências compreendiam a importância do presente surpresa de Vatinio.

Nero não voltou a sentar-se, mas sim se aproximou da comandante com grande solenidade.

—Por que não fui informado disso?

Vatinio sorriu.

—A captura é recente, César, e os poucos homens que estavam à corrente juraram discrição. Queria que fosse uma surpresa.

—Bom trabalho, nobre Vatinio! —Nero rodeou ao prisioneiro e o olhou de cima abaixo com satisfação—. Celebrarei jogos em sua honra. É um herói do império.

Os espectadores prorromperam em ovações e Ulrika sentiu que o pânico a paralisava.

—Para ti, bárbaro — disse Nero com regozijo—, teremos um castigo especial na arena. Pode ser que te faça medir forças com Sebastiano Galo. Um bárbaro contra um patrício romano. A ver com vontade!

Ulrika olhou angustiada seu pai. Queria correr junto a ele, o abraçar, proteger.

«Trinta e três anos atrás meu pai foi feito prisioneiro durante uma batalha na Germânia e vendido no mercado de escravos. Três anos mais tarde deixou minha mãe na Pérsia, por insistência dela, para retornar à Germânia e lutar contra o comandante Vatinio. Faz apenas dez anos o comandante Vatinio se encontrava jantando em casa de tia Paulina, alardeando de sua estratégia militar contra meu pai e jurando que acabaria com a insurgência germana de uma vez por todas. E agora aqui estamos.

»“Isto não pode terminar assim.»

Recuperando a voz, disse:

—Grande César, a esmeralda me falou. Há aqui uma mulher que deseja ser escutada. Uma mulher muito poderosa que tem uma mensagem para ti, mas agora devo te exigir um preço maior.

Vatinio se virou e cravou nela um olhar perplexo.

O bárbaro se virou também e durante um longo instante contemplou o rosto de Ulrika com o desconcerto refletido em seus olhos azuis. Ulrika viu que movia os lábios e leu a palavra que estes pronunciaram em silêncio: «Selene...?».

Irritado pela interrupção, mas intrigado também, Nero enrugou a testa.

—Eu não faço acordos. Se conseguir me convencer que possui os poderes que falas, mantere-te no palácio como meu canal com o mundo dos espíritos.

Ulrika negou com a cabeça.

—Não, César. A mim não pode me roubar como fez com o fragmento de estrela de Sebastiano Galo. Não pode me obrigar a utilizar meu dom contra minha vontade. Tenho uma mensagem para ti do mundo dos espíritos. Se deseja escutá-lo, insisto em que deixe livre Sebastiano Galo. Logo, se está convencido que tenho o poder de falar com os mortos, que sou uma mensageira entre este mundo e o seguinte, ficarei de bom grado neste palácio e te servirei o resto de meus dias. Mas, como já disse, meu preço subiu. Não só peço a liberação de Sebastiano Galo, grande César, mas sim do bárbaro. Em troca falarei com os mortos para ti e te transmitirei suas mensagens. Mostrarei-te o futuro. Direi-te em quem pode confiar e em quem não.

Quando o comandante Vatinio começou a protestar, Nero fez gestos para que se calasse.

—Me mostre o que pode fazer. Se me satisfizer, cumprirei seu desejo e deixarei ir a esses homens. Quem é essa poderosa mulher que me envia uma mensagem?

«Perdoe-me, Sebastiano — pensou Ulrika—. “Possivelmente seja esta a razão que a Deusa tenha me trazido para este lugar e neste momento, para liberar você e meu pai.»

—Grande César — disse enquanto os presentes no salão aguardavam espectadores a mensagem procedente do mundo dos espíritos. Quando se estava preparando para a reação do imperador às últimas palavras de sua mãe («Carrega contra minha matriz»), percebeu movimento com a extremidade do olho. Tinha dado alguém um passo à frente? Virou-se.

Sentado ao lado de seu pai estava o lobo, com seus olhos amarelos cravados nela.

Ulrika o olhou. Era realmente seu lobo-espírito?

—Fala de uma vez! —gritou Nero.

Sim, era, porque ninguém mais podia vê-lo.

Estava ali por alguma razão...

Olhou seu pai e pensou: «chama-se Wulf. E vinte e nove anos atrás, quando nasci, puseram-me o nome de Ulrika, que significa “o poder do lobo”. “Existia um motivo, e agora sei qual era esse motivo».

Todas as coisas estão conectadas. Nós estamos conectados.

E nesse momento se lembrou de outro lobo e soube que os deuses tinham ido em sua ajuda.

Respirou fundo. Aquele era o momento para o que tinha nascido. Da hora de seu nascimento na Pérsia, todas as milhas percorridas, todas as pessoas às que tinha conhecido, tanto as benéficas como as daninhas, toda a aprendizagem, o despertar, o amor do melhor homem da terra, haviam a trazido até esse momento crucial.

E de repente não era Agripina com quem estava conectada.

—E bem? —disse impaciente, Nero.

—Grande César, estamos sobre um lugar sagrado. Seu palácio foi construído no lugar mais sacrossanto de Roma. Uma loba amamentou Rômulo e Remo nesta colina.

—Até os meninos sabem isso —espetou Nero, fazendo referência à lenda dos gêmeos dos quais se dizia que eram filhos do deus Marte e uma virgem vestal. Como sua mãe tinha quebrado o voto de castidade, os recém-nascidos foram colocados em uma cesta e jogados nas águas do rio Tibre. A corrente os conduziu até a margem, onde uma loba os encontrou. Em lugar de matá-los, cuidou deles e os amamentou com seu leite. Cresceram até se tornarem homens e se converteram nos fundadores da cidade de Roma.

—A mulher que está aqui —disse Ulrika— e que deseja ser escutada... tem um nome que não me é familiar e fala um latim arcaico.

—Como se chama o espectro? —perguntou Nero em tom suspicaz.

—Chama-se Rhea Silvia, e traz uma mensagem.

—Pare!

Todas as cabeças se voltaram para a vestal maior, que estava assinalando Ulrika.

—Se aproxime.

Quando Ulrika parou frente a ela, a sacerdotisa disse:

—Diz que está em contato com a primeira vestal maior de Roma?

—Ela está em contato comigo, honorável senhora. E tem uma mensagem.

—Sussurre-me isso ao ouvido para que ninguém mais possa escutá-lo — ordenou a sacerdotisa.

Inclinou-se para diante, Afastando o véu da orelha, e escutou a mensagem. A vestal maior empalideceu.

Depois de reclinar-se de novo em seu trono, cruzou as mãos sobre o colo e disse com voz grave:

—O que acaba de me dizer só sabem as Vestais. Está registrado em nossa crônica sagrada, o Livro das Profecias, transmitida de geração em geração. Nós, as Vestais, somos escolhidas para guardar os segredos de Roma. Entende?

—Sim.

—E sabe que se difundisse o que acaba de descobrir o desastre cairia sobre Roma. A cidade se inundaria no caos. Entende-o?

Ulrika assentiu solenemente com a cabeça.

—Então deve me jurar pelo mais sagrado para ti que jamais pronunciará uma palavra a respeito.

—Mas, honorável senhora, devo mostrar meus poderes ao imperador para que deixe livre a meu marido.

—Eu me encarregarei que seu marido fique livre, e também seus amigos e o bárbaro.

Ulrika sabia que a vestal maior tinha tal poder. Olhou Sebastiano e, jurando pelo amor que sentia por ele, disse:

—Tem minha palavra. O segredo de Roma está seguro comigo.

A sacerdotisa se virou para Nero.

—César, deve liberar estas pessoas e deixar que partam em paz. —virou-se para Ulrika e, baixando a voz, acrescentou—: Uma vez que saia deste palácio já não estará segura. Meu amparo termina aqui. Deve abandonar Roma e não retornar jamais.

—Sim... — começou Ulrika.

Mas nesse momento Nero se levantou e disse:

—Não penso libertar esse povo. São culpados de traição. E esse bárbaro — assinalou Wulf— é um conhecido inimigo do império.

—Não pode ir contra os desejos de Vesta — repôs a sacerdotisa com semblante abatido—. Se o fizer, trará a desgraça a nosso povo. Vesta nos retirará seu amparo se a ofender.

—Eu sou mais poderoso que Vesta — declarou Nero, e um murmúrio afogado percorreu a multidão. Os do fundo e os mais próximos à porta começaram a retroceder em busca de uma saída rápida—. Levem os prisioneiros! —ordenou ao chefe do

guarda pretoriana assinalando com o braço Ulrika e Sebastiano, a Timónides, Raquel, Primo e Wulf—. Os julguei e declarei culpados. Serão executados no Grande Circo!

A multidão se moveu intranquila, trocou sussurros e olhares. O abatimento da vestal maior era agora evidente. A má sorte desceria sobre Roma.

E de repente se ouviu um estrondo longínquo, como se tivesse estalado um trovão sobre as sete colinas de Roma. O chão do salão de audiências começou a tremer, seguido das paredes, e um rugido surdo alagou o ar. As estátuas cambaleavam e caíam ao chão. O povo gritava. Nero se levantou de um salto e, protegendo a cabeça com os braços, correu para esconder-se atrás de uma gigantesca estátua de mármore de Minerva. Quando um busto de ônix tremeu em um nicho situado a suas costas, ameaçando cair em cima, o comandante Vatinio correu a proteger a seu imperador e o separou da trajetória do busto no momento em que este se estrelava contra o chão.

Raquel caiu de joelhos para abraçar o arca de cedro. Primo se ajoelhou a seu lado e a protegeu com seu grosso torso da chuva de entulhos.

Enquanto o povo corria de um lado a outro procurando uma saída para evitar ser esmagados pelas estátuas, empurrando e pisoteando os que caíam, Wulf escapou de seus guardas e saiu disparado para o terraço onde as árvores em vasos de barro se balançavam e a água salpicava fora das fontes. Com as mãos ainda encadeadas, subiu no corrimão para saltar, mas de repente parou e olhou para trás. Seus olhos procuraram Ulrika. Ao vê-la, titubeou. Desceu do corrimão. Quando retornou ao interior do salão se agarrou a uma parede, mas o chão tremeu. Perdeu o equilíbrio e teve que abraçar-se a um pilar para não cair.

Nesse momento as telhas de prata e ouro que decoravam o teto começaram a se desprender.

Sebastiano levantou a vista e viu fragmentos rutilantes que desciam como uma chuva de prata. Atraiu Ulrika para si e a cobriu com sua toga. Ulrika apertou o rosto contra o peito de seu amado enquanto imaginava o imenso palácio desmoronando ao seu redor. Sebastiano não podia afastar os olhos do teto. As constelações estavam se desfazendo. Os fragmentos de prata e ouro se separavam da abóbada e caíam. Os signos

zodiacais estavam se desintegrando, mostrando o gesso cinza que havia debaixo, enquanto o Nero entronizado no centro rachava e caía em pedaços rutilantes.

—Ulrika! —disse Sebastiano—. Olhe!

Ulrika apareceu a cabeça por baixo da capa e elevou a vista.

—É uma chuva de estrelas!

—Como a da noite em que morreu Lucio — disse Sebastiano.

Nero César começou a gritar:

—Longe daqui! São livres! Todos! E levem com vocês o maldito bárbaro!

—César! —gritou o comandante Vatinio—. Não pode fazer isso!

—Que Vesta nos proteja! —uivou Nero, e se agarrou ao militar como um homem a ponto de afogar-se.

—Por aqui! —gritou a vestal maior. Apertou-se contra uma parede e retirou uma pesada tapeçaria atrás da qual se ocultava uma porta.

O terremoto perdeu força e finalmente cessou, embora ainda caíssem telhas e pó sobre as poucas pessoas que ficavam no salão. Sebastiano se aproximou de Wulf para tirar as cadeias e Primo recolheu a arca. Os seis se dirigiram correndo à porta, onde a vestal maior lhes disse:

—Por aqui chegarão ao santuário do templo de Vesta. Depressa.

Estavam cobertos de diminutos fragmentos de telha e o cabelo e as roupas brilhavam. Quando saíram ao corredor, onde as tochas ardiam em seus suportes e os bustos e as estátuas continuavam em seus nichos de mármore, Ulrika se precaveu que o terremoto não aconteceu nesse lugar. E quando chegaram ao final, onde o corredor dava a um silencioso santuário, viram através de uma janela aberta que o terremoto não tinha afetado à cidade. Roma estava intacta.

—Por aqui! —disse Sebastiano.

Sob o olhar atônito das sacerdotisas, atravessaram o templo de colunas e desceram a escada para mesclar-se com a multidão do foro. Sebastiano viu que pelos degraus que subiam pelo monte Palatino até o palácio imperial baixavam guardas pretorianos.

—Vatinio os enviou atrás de nós.

—Me sigam — disse Primo, e os cinco puseram-se a correr atrás do veterano militar, que se desviava das pessoas do mercador com a arca de cedro nos braços. Sebastiano se assegurou que Raquel não ficasse atrasada enquanto que Wulf se ocupava de Ulrika e do ancião Timónides.

Localizado no centro de Roma, entre os Montes Palatino e Capitólio, o foro romano era um retângulo rodeado de templos e edifícios estatais. Lugar de desfiles triunfais e eleições governamentais, de discursos públicos e acordos comerciais, o foro era o coração do império. Estátuas e monumentos comemoravam aos grandes homens da cidade assim como seus deuses e deusas. Era também um mercado onde os postos se apertavam entre os edifícios de mármore para vender desde livros até tapetes.

Seguido por seus companheiros, Primo tomou a concorrida via Sagrada, deixou atrás a Cúria e o Senado e rodeou o muro lateral do templo de Castor e Polux, onde encontrou uma pequena gruta escavada na ladeira da colina com uma fonte e uma cortina de parreiras. Construído na rocha havia um altar antigo com uma placa de terracota que no alto mostrava um homem jovem montado sobre um touro e a lenda: SOL INVICTUS MITHRAS. Era o santuário de Mitras, e dali podia seguir o progresso dos pretorianos sem ser vistos.

—Selene — disse uma voz profunda. Ulrika se virou para uns olhos azuis cheios de perguntas—. Parece com ela. E, entretanto não...

Embora Ulrika estivesse a muito tempo sem falar a língua germânica, esta em seguida retornou a seus lábios.

—Selene é minha mãe e você é meu pai. —Era incrivelmente bonito, de aspecto forte e heroico, como se convivesse com Thor e Odín. Era fácil entender por que sua mãe se apaixonou por ele.

Seu pai a olhou com genuíno assombro.

—Sou seu pai? —Passeou os olhos pelos cabelos e as feições de Ulrika—. Sim, é filha de Selene, mas agora também vejo os olhos e o queixo de minha mãe. Não sabia...

Atraiu-a para si e a estreitou com força. Teve-a um longo momento abraçado enquanto Ulrika ouvia os batimentos regulares de seu coração de guerreiro. Logo Wulf se afastou e disse:

—Sua mãe está bem? Nosso tempo juntos foi breve, mas especial.

—Minha mãe está em Éfeso e acredito que está bem. Como te capturou Vatinio?

Sorriu.

—Já não tenho a rapidez de antes.

—Este é Sebastiano, meu marido. — Ulrika apresentou então a Timónides, Primo e Raquel, e enquanto explicava como tinham ido parar ante o imperador Nero, pensou: «Formamos uma mescla realmente curiosa: um rico comerciante procedente da Espanha, um veterano do exército romano, um astrólogo grego, uma viúva judia, um herói da revolta germana e eu, uma moça perdida que encontrou seu caminho».

—Aonde vão? —perguntou Wulf em um latim entrecortado.

—A minha terra, no norte da Espanha — respondeu Sebastiano.

—Se não encontrarmos um esconderijo melhor não iremos a nenhuma parte — murmurou Primo—. Os pretorianos estão se aproximando.

O olhar de Wulf se escureceu.

—É a mim que querem, não a você e a seus amigos. Vatinio não descansará até que me recapturem. Se me separar de vocês, irão atrás de mim e poderão seguir tranquilamente seu caminho.

—Não!

—Ulrika, eu devo retornar à Germânia e você deve partir com este homem que é seu marido.

—Wulf, meu amigo — disse Sebastiano—, viaje conosco até o porto da Ostia. Ali poderei te disfarçar, te prover e te encomendar ao chefe de uma caravana de confiança. Conheço todos, e são muitos os que me devem favores.

Wulf assentiu com a cabeça e se uniu a Primo, que estava vigiando às multidões que abarrotavam o foro e aos guardas pretorianos que procuravam entre elas.

Ulrika foi ver como estava Raquel e descobriu que Timónides estava cuidando dela, quem tinha limpado de folhas outonais um banco de mármore para instalar comodamente à viúva. O arca de cedro com seu inestimável conteúdo descansava contra o altar de Mitras.

Virou-se então para Sebastiano, que também estava observando o movimento da multidão entre os templos e os edifícios estatais.

—Por que vamos a Galícia? —perguntou-lhe.

Na intimidade da pequena e antiga gruta, Sebastiano agarrou Ulrika pelos ombros e a olhou fixamente nos olhos antes de dizer:

—Ulrika, alguém poderia dizer que o que provocou a queda dessas telhas foi a coincidência de um terremoto com um trabalho de má qualidade, mas eu digo que é um milagre, pois as telhas caíram formando uma chuva de estrelas idêntica a que caiu em

minha terra no dia em que Lucio morreu. Não só evitou a morte de todos nós, Ulrika, mas sim nos assinalou o caminho. Acredito que é um sinal que devo retornar a casa depois de tantos anos de vida errante. Também nos mostrou o lugar ao que devemos levar as relíquias de Jacob. Ao altar da Gaia, que é um sítio sagrado.

Ulrika se virou para Raquel.

—Não estará a salvo em Roma.

Raquel assentiu.

—Levaremos Jacob a esse lugar sagrado.

—Senhor — disse Primo—, temos que nos pôr em marcha. Não podemos continuar aqui. Os pretorianos estão rastreando os arredores do edifício do Tesouro. É um bom momento para fugir.

—Mas aonde vamos? —perguntou Timónides levantando do banco—. Nero confiscou suas propriedades e sua caravana. Deixou-te na miséria.

—Não tema, tenho muitos amigos que me ajudarão.

—E eu — disse Primo.

—Também os membros de minha fé nos ajudarão — acrescentou Raquel.

Ulrika abriu a mão e descobriu, para seu assombro, que continuava agarrada à esmeralda. Timónides soltou um assobio.

—Darão uma boa soma por ela!

—Não com Nero atrás — repôs sombriamente Primo—. cedo ou tarde lamentará nos ter deixado ir e enviará as legiões.

Mas Ulrika contemplou o coração verde da gema e negou com a cabeça.

—Nero não irá atrás de nós — disse—. Depois do acontecido hoje, sua popularidade cairá com rapidez. Quando correr o rumor de como tratou o comandante Vatinio, de que lhe privou de um desfile vitorioso com seu prisioneiro encadeado, o exército se voltará contra o imperador. Em quatro anos será tão impopular que o Senado o declarará inimigo público e ordenará sua execução. Nero morrerá com uma adaga na garganta dirigida por sua própria mão.

—É hora de ir — disse Sebastiano ao pequeno grupo—. Os pretorianos não nos verão. Um homem que vive no norte da cidade nos acolherá durante um tempo. Fiz-lhe um favor em uma ocasião...

—Já chegamos! —gritou Sebastiano enquanto, com Ulrika cavalgando entre seus braços, esporeava seu cavalo.

Tinham cruzado o Grande Verde desde a Ostia e desembarcado na colônia romana de Rajado, situada na costa nordeste da Espanha. Dali a caravana de cavalos, mulas, carros e pessoas tinha posto rumo ao oeste seguindo as novas estradas romanas e os velhos atalhos abertos por antepassados caídos no esquecimento. Passaram por aldeias diminutas e granjas dispersadas, por vilas romanas isoladas e algum outro posto militar. O terreno diferia entre plano e montanhoso, verde e rochoso, sob um céu azul intenso atravessado por nuvens grandes e esponjosas. Os caprichosos ventos açoitavam rostos e costas, as noites brilhavam de frio e os dias resplandeciam de calor. Pelo longínquo norte se divisava a imponente cadeia montanhosa batizada com o nome da princesa mitológica Pirene, ao outro lado da qual se estendia a terra dos galos.

Depois de várias semanas de viagem cansativa a caravana tinha alcançado a crista da última colina, da qual agora podiam divisar, a seus pés, uma paisagem de um verde tão vivo que Ulrika pensou que não podia ser real. Levantadas entre as ladeiras havia casas caiadas rodeadas de pastos e hortas. Estavam afastadas entre si, com atalhos que as conectavam, e ao fundo se vislumbrava um buliçoso mercado com uma ferraria, pequenas oficinas de metal e alvenaria e uma fortaleza de madeira que albergava a soldados romanos. Um assentamento a caminho de converter-se em povoado. No horizonte se perfilavam outras colinas salpicadas de casinhas, pastos e hortas.

Nos lombos de seu cavalo, Sebastiano encheu os olhos de lágrimas e durante uns instantes foi incapaz de falar. Ulrika contemplava a paisagem em silêncio.

—Aquele ali é a casa de minha família — disse por fim, assinalando uma vila formada por vários edifícios, hortas e animais cercados—. E lá — prosseguiu assinalando o oeste— se encontra o fim do mundo, que os romanos chamam Finisterre. Está a um dia de viagem a pé. Do promontório rochoso pode contemplar um oceano interminável. Depois disso não há mais terra.

Ulrika esboçou um sorriso radiante.

—Desde Luoyang até Finisterre. Abrangeste o mundo.

Sebastiano se dispunha a dar à caravana o sinal de avançar quando um grito atravessou o ar da tarde.

—Olhe ali, senhor! —exclamou Timónides, sentado escarranchado sobre um asno. Atrás viajava Raquel em um carro puxado por bois—. Aproxima-se alguém!

—Minha irmã pequena. —Sebastiano desmontou e ajudou Ulrika a descer—. Vejo que esteve fazendo bolos. Espero que você goste das cerejas, Ulrika — disse com um sorriso—. Meu cunhado está muito orgulhoso de suas hortas.

Ulrika abriu muito os olhos, pois correndo para eles colina acima, elevando a saia por cima da erva, ia a moça gordinha de sua visão. Advertiu que não fugia de nada, mas sim corria para algo, que a boca aberta era um grito de sorte e não de medo, e que o «sangue» das mãos era suco de cerejas.

Irmão e irmã se fundiram em um emotivo abraço rindo e chorando ao mesmo tempo.

—Recebemos sua mensagem faz uns dias e após estivemos preparando sua volta! —declarou Luzia quase sem fôlego.

Depois de desembarcar em Rajado, Sebastiano tinha enviado um cavaleiro veloz, acompanhado de um guarda armado, com saudações para sua família e o anúncio de que voltava para casa. Ulrika conhecia os nomes e a história de todos os membros da família, que eram muitos, pois suas três irmãs viviam na extensa vila com seus maridos, filhos e vários parentes.

Luzia parecia próspera, pensou Ulrika, e podia ver a semelhança com seu irmão, os reflexos acobreados em seus longos cabelos. A jovem se virou para Ulrika com olhar radiante. Falava latim com um forte acento e Ulrika compreendeu que ia ter que aprender o dialeto dessa região. As cunhadas se abraçaram enquanto outras pessoas foram chegando, homens com túnicas curtas, mulheres com vestidos longas, meninos e cães, todos felizes com a volta de seu irmão e tio.

A caravana continuou e chegou à vila em meio de uma gritaria de recebimentos e apresentações onde todos falavam ao mesmo tempo. A isto seguiu um alegre festim que se prolongou até bem entrada a noite e que compreendia música e baile, grande quantidade de vinho, generosas rações de mexilhões ao vapor, polvo cozido e calamares fritos, e um desdobramento interminável de bolos de cereja.

Mais tarde, enquanto Ulrika jazia nos braços de Sebastiano na sala que este tinha compartilhado com seu irmão Lucio, pensou na carta que tinha enviado a sua mãe de

Ostia, deixando-a a cargo de um capitão que zarpava para Éfeso, que prometeu que a entregaria em mãos. Ulrika tinha enchido a carta com todos os acontecimentos destacáveis de sua vida e a tinha terminado rogando a Selene que viajasse àquele rincão do noroeste da Espanha para uma longa visita.

Por fim a família de Ulrika estava completa. Tinha viajado de Roma até a Ostia com seu pai, e durante o trajeto ficaram conhecendo suas vidas e Ulrika pôde conhecer o grande Wulf.

No dia seguinte tocou o passeio de rigor pela vila, entre meninos que corriam e saltavam, e logo a comida do meio-dia, depois da qual Sebastiano declarou que tinha chegado o momento de visitar o velho altar.

Seguindo um antigo atalho rodeado de álamos, carvalhos e abetos, foram sozinhos à colina arborizada que se elevava brandamente até o topo, um paraíso silvestre que recordava a Ulrika o lugar onde tinha visto os Lagos Cristalinos de Shalamandar. Ninguém teria adivinhado que a confusão de pedras e conchas situadas no final do atalho era o altar de Gaia, tal era o abandono que sofria. Ulrika, não obstante, fechou os olhos, enviou seu espírito a esse claro protegido, e soube que se achavam sobre chão sagrado.

—Daremos sepultura ao venerável Jacob aqui — disse—. Reconstruiremos o altar e erigiremos um santuário para que o povo possa vir solicitar a ajuda e o consolo da deusa e apresentar seus respeitos ao homem santo que aqui descansa.

Colocando a mão sobre o altar, fechou os olhos, acalmou a respiração, sussurrou seu mantra e recebeu uma visão.

—Nos anos vindouros —disse— se levantará uma magnífica casa de oração sobre este lugar e milhões de peregrinos virão desde todos os rincões da terra para render comemoração aos restos do venerável Jacob, a quem conhecerão como Sant Yago. E este lugar será recordado pelas estrelas que caíram nos campos próximos, o *campus stellae*.

—Farei que o caminho de peregrinação volte a ser seguro — disse Sebastiano —. Porei sinais e construirei lugares de descanso. Colocarei guardas ao longo da rota para que patrulhem os caminhos, pois agora sei que meu destino é ser o protetor dos peregrinos.

Heis aí o verdadeiro motivo de que fosse enviado a China, para aperfeiçoar minhas habilidades dirigindo caravanas e aprender a garantir a segurança dos viajantes.

Ao pensar em sua viagem a China, que agora lhe parecia quase um sonho, Sebastiano compreendeu que, devido à loucura de Nero, não teria mais expedições a essas terras. Pelo menos durante muitos anos ou inclusive séculos. Sempre recordaria essa época com carinho. Tinha caminhado pela terra amarela de Luoyang, tinha trocado ideias com um imperador sábio, tinha conhecido amigos como Nobre Garça e Pequeno Pardal. Mas de agora em diante devia olhar para o futuro.

—Ulrika, durante muito tempo acreditei que estava destinado a ansiar explorar novas terras e desejar ao mesmo tempo voltar para minha casa. Mas agora estou em casa e me disponho a empreender minha verdadeira missão. Também compreendi agora — acrescentou — que no mundo há ordem e previsibilidade, mas há deste modo azar. A vida não é nenhuma coisa nem outra. Do mesmo modo que há estrelas fixas e estrelas que caem, em nosso coração estamos seguros de algumas coisas e duvidamos de outras. Pode ser que nunca entendamos por que, só o que sabemos é que enquanto caminhamos por esta terra, fazemos o melhor que podemos e vivemos com paz e amor.

Ulrika tirou a concha que pendia do pescoço e a depositou sobre o altar.

—Este é o final de meu caminho, pois eu serei a guardiã do santuário. Quando o povo vier em busca de distração e respostas, ensinarei a minha meditação. Pode ser que todo mundo possua o dom da profecia e que só terei que encontrá-lo e aproveitá-lo. Ou pode ser que, depois de tudo, a profecia não tenha nada a ver com lugares sagrados, mas encontrar o sagrado dentro de nós mesmos.

Uma voz familiar sussurrou em seu ouvido:

«Fez um bom trabalho, filha. “Não voltarei a te visitar, pois já não necessita do meu conselho.»

«Uma pergunta, Honorável Senhora — disse Ulrika para si—. Por que recorreu para mim? Por que não a Sebastiano dado que é sua antecessora e este é também seu destino?»

«Porque não sou a antecessora dele, mas a sua. A família Galo chegou tarde a esta terra, e embora nascesse de mãe romana e pai germano, sua linhagem se perde na noite dos tempos, na costa rochosa desta parte do mundo onde construí um altar de

conchas. Você é meu descendente, Ulrika da Galícia. E embora não voltará a me ver, tenha a certeza que sempre estarei contigo. “Adeus, filha, e se lembre de guardar o segredo do Livro das Profecias.»

O segredo críptico que Rhea Shiva tinha irradiado e que Ulrika tinha sussurrado por sua vez à vestal maior: o reino dos deuses de Roma se aproximava de seu fim. Ulrika se perguntou se o fato de sepultar Jacob naquele lugar era parte dessa mudança, pois tinha sido seguidor de uma fé nova, tinha acreditado em um só deus e agora descansava em um chão sagrado para a deusa. Possivelmente não uma mudança, pensou, nem um final, mas uma união.

Ulrika tomou a mão de Sebastiano e disse:

—Faz tempo fiz uma pergunta a uma profetisa. «Onde é meu lugar? Defina este quem sou?» Não me respondeu, mas agora sei que quem se é não depende de onde se está. Quem se é levamos conosco onde quer que vamos.

Sebastiano sorriu.

—E agora estamos aqui. Em casa...

FIM

NT.

¹**Pitonisa** (*serpente*) era a sacerdotisa do templo de Apolo

²Palanquín: Espécie de cadeira usada antigamente para transporte.

³O monte **Esquilino** é uma das sete colinas de Roma.

Galícia foi uma província romana na Espanha, a noroeste da Península Ibérica, que corresponde ao território onde se encontra a norte de Portugal. A cidade mais importante e capital histórica era Bracara Augusta, a atual cidade portuguesa de Braga.

A **Pax Romana**, expressão latina para "a paz romana", é o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo, experimentado pelo Império Romano que iniciou-se quando Augusto, em 29 a.C., declarou o fim das guerras civis e durou até o ano da morte de Marco Aurélio, em 180 d.C..

Os **Queruscas** (em alemão: "*Cherusker*") eram uma tribo germânica que habitava a região da Baixa Saxônia ("*Niedersachsen*" em alemão) num ponto que ia de Osnabrück até Hamburgo, durante o século I a.C. e o século I. Posteriormente foram absorvidos pela confederação tribal dos Saxões. O seu nome refere um veado ou cervo (alemão: *Hirsch*), mais precisamente o seu chifre, que em gaulês (nação à que pertenceriam originalmente) se dizia *kern*.

Hécate era uma divindade noturna, da vida e da morte. Acreditava-se milagroso um elixir fabricado com casca de salgueiro, uma árvore habitada por um poderoso espírito.

A **Caxemira** ou, mais raramente, **Caxemir** é uma região do norte do subcontinente indiano, hoje dividida entre a Índia e o Paquistão. Uma parte foi anexada pela China.

Um **zigurate** é uma forma de templo, criada pelos sumérios e comum para os babilônios e assírios, pertinente à época do antigo vale da Mesopotâmia e construído na forma de pirâmides terraplanadas. O formato era o de vários andares construídos um sobre o outro, com o diferencial de cada andar possuir área menor que a

plataforma inferior sobre a qual foi construído — as plataformas poderiam ser retangulares, ovais ou quadradas, e seu número variava de duas a sete construções..

*Ebooks distribuídos sem fins lucrativos e de fãs para fãs.
A comercialização deste produto é estritamente proibida.*

